



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

DIOCLES IGOR CASTRO PIRES ALVES

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM MINAS GERAIS
NOS DADOS DO ALiB**

SALVADOR, 2022

DIOCLES IGOR CASTRO PIRES ALVES

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM MINAS GERAIS
NOS DADOS DO ALiB**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia,
como requisito parcial para a obtenção do título de
doutor em Língua e Cultura.

Área de Concentração: História e funcionamento das
línguas naturais.

Linha de Pesquisa: Dialetologia e Sociolinguística.

Orientadora: Professora Doutora Jacyra Andrade Mota

SALVADOR, 2022

Ficha catalográfica pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo autor

Alves, Diocles Igor Castro Pires.

As vogais médias pretônicas em Minas Gerais nos dados do ALiB / Diocles Igor Castro Pires
Alves. - 2022.

277 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2022.

1. Sociolinguística - Brasil. 2. Dialetoлогия - Brasil. 3. Língua portuguesa - Regionalismos - Minas Gerais. 4. Língua portuguesa - Dialectos - Minas Gerais. 5. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. I. Mota, Jacyra Andrade. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 469.798151

CDU - 81'282(815.1)

DIOCLES IGOR CASTRO PIRES ALVES

AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM MINAS GERAIS
NOS DADOS DO ALIB

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Língua e Cultura.

BANCA EXAMINADORA

JACYRA ANDRADE MOTA – Orientadora
Doutora em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal da Bahia

CLÁUDIA DE SOUZA CUNHA
Doutora em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

VERA PACHECO
Doutora em Linguística, Universidade de Campinas
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

SILVANA SOARES COSTA RIBEIRO
Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

GREDSON DOS SANTOS
Doutor em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

VERA PEDREIRA DOS SANTOS PEPE
Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Estadual de Feira de Santana

LILIANE PEREIRA BARBOSA (Suplente)
Doutora em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Estadual de Montes Claros

MARCELA MOURA TORRES PAIM (Suplente)
Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

JULIANA ESCALIER LUDWIG GAYER (Suplente)
Doutora em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Universidade Federal da Bahia

À Alícia,

meu amor incondicional e fonte da minha felicidade

À Ana,

meu amor infinito, fonte da minha inspiração

À Deth (em meu coração),

meu amor transcendental, fonte da minha existência

*À minha professora Jacyra Mota pela dedicação, competência e
paciência no percurso da orientação desse trabalho*

MEUS AGRADECIMENTOS

*Depois de tanto tempo/Eu continuo de pé/Depois de tanto tempo/Me voltou a fé
Que eu tinha perdido em mim/Eu sei que é difícil/Não é tão simples assim/Eu não
consequia respirar/Parecia meu fim eu ia me afogar/ Sozinho eu não ia
conseguir/Você mostrou o caminho por onde dava pra ir/Me ajudou a levantar depois
que eu caí.*

(Capital Inicial, Gratidão, 2004)

Desde a graduação já me interessava pela variação linguística observando as diferenças de sotaques entre as cidades de Carinhanha/BA (minha terra natal) e Januária/MG (onde comecei os estudos). Quando apresentei – ainda no mestrado - minha pesquisa sobre as vogais nasais em comunidades quilombolas no norte de Minas, em um evento sobre Dialetologia, conheci *Jacyra Mota* e *Suzana Cardoso* que falavam sobre o ALiB. E foi nesse evento que me apaixonei e vi a importância que era o Projeto ALiB. Então, no doutorado, tinha que juntar todas essas paixões: a Dialetologia, as vogais, Minas Gerais e o ALiB personificado em *Jacyra* e *Suzana*.

A minha gratidão à professora *Jacyra Mota* pelo profissionalismo de como executou a orientação desse trabalho. Foi de um cuidado, um primor, um zelo tanto por mim, quanto pela pesquisa. Demonstrou a cada momento ter um coração gigante em lidar com as adversidades que surgiram no decorrer do caminho. E nessas adversidades (foram muitas) as suas atitudes (fizeram toda diferença) sempre me remetia à música “Meus tempos de criança” de Ataulfo Alves, me fazendo viajar no tempo e reencontrar a Cecília do maternal, minha primeira professora doce, firme e paciente em ensinar. “Que saudade da professorinha, que me ensinou o beabá, onde andar?” na UFBA, no PPGLinC, no ALiB.

Os momentos em que pude conviver com a professora *Suzana Cardoso* (*em nossos corações*) ficarão para sempre em minha memória. Contagiava a todos pelo otimismo e paixão pela Dialetologia. Uma vez disse que se divertir trabalhando era fundamental pra desenvolver uma boa pesquisa. Foi dessa diversão que surgiu a máxima “Do Oiapoque ao Chuí só dá Vanderci”. Ela não poderia perder essa rima na conclusão da coleta de dados do Projeto ALiB. A minha gratidão à *Suzana* por todas as boas lembranças, o seu conhecimento compartilhado e o exemplo de pesquisadora pragmática.

A professora *Silvana* também é um modelo a ser seguido. Seu perfeccionismo e sua sensatez em lidar com tudo ao seu redor é invejável. Que memória! Suas aulas são elucidativas, visionárias e necessárias. A minha gratidão à *Silvana* pelo aprendizado adquirido em sala de aula. Seu instinto maternal se traduz numa preocupação real com todos os alibianos. Se dedica

com esmero em resolver os problemas de cada um ao seu redor. É um pilar importante no/para o ALiB.

Por nos fazer seguir trilhas, percorrer caminhos e proporem os falares que demarcam e marcam territórios e dialetos, agradeço a *Antenor Nascentes* e *Mário Roberto Zágari*.

Por todo suporte técnico-metodológico na elaboração da pesquisa, agradeço à toda família ALiB em especial a *Jacyra Mota*, *Suzana Cardoso* (*em nossos corações*), *Silvana Ribeiro*, *Marcela Paim*, *Ana Regina Teles* (*em nossos corações*) e *Ana Rita*.

Por percorrer Minas Gerais e garimpar as preciosidades das falas dos informantes mineiros, agradeço ao Comitê Nacional do ALiB nas pessoas das professoras inquiridoras *Silvana Ribeiro*, *Vanderci Aguilera*, *Greize Alves*, *Fabiane Altino* e *Ana Paula Rocha*.

Por cederem suas histórias de vidas, suas palavras repletas de significados e seus conhecimentos de mundo, agradeço aos *informantes mineiros* do ALiB. A partir das suas falas espontâneas e dirigidas conseguimos visualizar as vogais pretônicas no território de Minas Gerais.

Por contribuírem para o embasamento teórico e metodológico da pesquisa, agradeço aos professores do PPGLinC *Jacyra Mota*, *Suzana Cardoso*, *Silvana Ribeiro*, *Marcela Paim*, *Célia Telles*, *Ariadne Almeida*, *Juliana Gayer*, *Américo Venâncio*, *Alícia Duhá*, *Denise Scheyerl*, *Gredson dos Santos*, *Gilvan Müller*, *Edvalda Araújo*, *Edleise Mendes*, *Iracema Souza* e *Silvia Anastácio*. As suas aulas elucidaram dúvidas e acrescentaram conhecimento.

Pelas interlocuções vocálicas e técnicas do *GoldVarb X*, agradeço a *Liliane Barbosa*, *Jailma Almeida*, *André Pedro* e *Amanda Silva*. Foram trocas importantes para enxergar o comportamento do fenômeno investigado e a realização estatística dos dados.

Pelo apoio e ajuda nas horas difíceis, momentos alegres, diálogos intensos e interlocuções linguísticas que compartilhamos em salas de aulas, biblioteca, eventos, pátios da UFBA, sala do ALiB, lotação, caronas, praça de alimentação, agradeço aos amigos do PPGLinC, em especial a *Lydia Brandão*, *Leandro Almeida*, *Geysa Andrade* e *Jailma Almeida*. Com vocês tudo ficou mais leve.

Pelas contribuições necessárias para o bom andamento da tese, agradeço a banca de qualificação constituída pelas professoras *Mirian Silva* e *Silvana Ribeiro*. Os seus olhos de águia viram coisas e apontaram caminhos que estavam despercebidos.

A todos meus amigos peço desculpas pelas ausências físicas (encontros anuais, festas, carnavais, passeios, viagens, barzinhos, churrascos...) e dos meios digitais/eletrônicos (telefonemas demorados, áudios extensos, vídeos e mensagens...) causadas tanto pelo

doutorado, quanto pela Covid-19. A compreensão de vocês e os poucos momentos juntos nesse período me deram acolhimento e a vontade para seguir em frente.

Aos meus familiares e parentes: tias, tios, primos, irmãos, sobrinhos, afilhados, sogros, cunhados meus agradecimentos. Em especial a *Tia Lígia, Titia Cida e Vó Nena* que sempre entenderam a minha ausência nos encontros familiares em todo o percurso do doutorado. Tenho certeza que seus pensamentos positivos e orações me deram todo apoio para continuar a ultrapassar os obstáculos e perseguir os objetivos.

À minha mãe *Deth (em meu coração)*, que mesmo não estando aqui fisicamente sempre me enviou boas vibrações e energias positivas. Sua ausência física na conclusão dessa jornada deixou um vazio enorme no meu peito. Mas a minha gratidão será eterna pelos seus ensinamentos, caráter e exemplo de vida. Obrigado por ser minha mãe, me aceitar como seu filho e me amar gigante!

À minha esposa *Ana Cristina*, companheira de estrada, mãe da minha filha e mulher da minha vida. Com você todos os dias são mais leves, divertidos e nunca repetitivos. A sua genialidade, perspicácia, agilidade em lidar com todos os temas da vida pessoal e profissional só me orgulha. As nossas interlocuções amorosas, filosóficas, políticas, acadêmicas e linguísticas só me fazem crer que alma gêmea existe. Obrigado minha geminiana raiz, minha multifacetada por ser você!

À minha filha *Alícia*, minha boneca, minha lindeza, meu amor maior. O que define você é liberdade e alegria de viver. Tão pequena, mas me ensina tanto. Você me mostrou um tipo de amor que eu não conhecia: o amor incondicional, aquele que é capaz de tudo. Foi tão difícil viajar pra estudar e deixar você com cólica, febre, já que você nasceu pra mim no mesmo ano que comecei o doutorado. Quem escolheu seu nome foi sua mãe, mas da sua boneca nova de aniversário serei eu: ela vai se chamar “Tese”. Obrigado filhota por me fazer feliz todos os dias!

Em todo o percurso quando me deparei com as perdas, as dores, os dissabores, as despedidas, as tristezas necessitei de forças espirituais, físicas e emocionais para continuar. Recorri às *forças do universo, às energias positivas, à natureza, aos Deuses* (Jesus, Javé, Zeus, Odin, Buda, Alah, Oxalá, Vishnu, Rá, Shiva, Jeová e a todos os santos e santas) que de alguma forma me deram equilíbrio para sempre continuar e jamais desistir. Obrigado meu *Deus*! Senhor da vida e do amor!

A todos, que de uma forma direta ou indireta contribuíram para a realização desse trabalho, minha gratidão!

Aqui encontrei a paz
Aqui eu vivo feliz sabe por que?
Eu moro em Minas Gerais
E não há lugar melhor pra se viver
Suas belas paisagens
Alegram o meu coração
Seu clima é tão perfeito
Como voz e violão
Além do horizonte tem
Um belo vale pra gente olhar
São tantas cachoeiras que
Nem faz falta o mar
Minas das violas
Do queijo e do diamante
Minas sem fronteiras
Minas de Belo Horizonte
(César Menotti & Fabiano, Minas das Violas, 2009)

Pátria
Pátria é o fundo do meu quintal
É broa de milho e o gosto de um bom café, é cheiro em colo de mãe,
É roseira branca que a avó semeou no jardim, e se o mundo é grande demais
Sou carro de boi, sou canção e paz, sou montanha entre a terra e o céu
Sou Minas Gerais
Sou águas, montanhas, e um fogão a lenha
A cerâmica, o canto do jequitinhonha
São igrejas, são minas, é o barroco, ouro preto, é a maria fumaça
Êta trem bão mineiro
(Marcus Viana, *Pátria Minas*, 2007)

Eu nasci no celeiro da arte
No berço mineiro
Sou do campo, da serra
Onde impera o minério de ferro
Eu carrego comigo no sangue um dom verdadeiro
De cantar melodias de Minas
No Brasil inteiro
Sou das Minas de ouro
Das montanhas Gerais
Eu sou filha dos montes
E das estradas reais
Meu caminho primeiro
Vem brotar dessa fonte
Sou do seio de Minas
Desse estado um diamante
(Paula Fernandes, *Seio de Minas*, 2010)

Oh, Minas Gerais
Oh, Minas Gerais
Quem te conhece não esquece jamais
Oh, Minas Gerais
(De Moraes, *Oh, Minas Gerais*, 1942)

São, assim, duas diretrizes, dois caminhos, no exame do fenômeno linguístico, que se identificam nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico. Se as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais é porque, na abordagem dos fatos, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços geográficos, exatamente porque o falante é indissociável no seu existir e no seu agir, no seu ser e no seu fazer, do lócus em que se situa.

(CARDOSO, 2016 p.17).

ALVES, Diocles Igor Castro Pires Alves. **As vogais médias pretônicas em Minas Gerais nos dados do ALiB**. Orientadora: Jacyra Andrade Mota. 2022. 273 f. il. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

RESUMO

Esta pesquisa, de natureza dialetológica, investiga o abaixamento das vogais médias pretônicas em Minas Gerais, a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Para investigar as vogais médias pretônicas nos falares de Minas Gerais (Cf. NASCENTES, 1953; Cf. ZÁGARI, 1998), adotamos os modelos teóricos-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional (THUN, 1998, 2000; CARDOSO, 2010) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; FERNÁNDEZ, 1998). Nosso objeto de investigação é o uso das vogais médias pretônicas /E/ e /O/ pelos falantes do português brasileiro (PB) de Minas Gerais em contextos em que estamos considerando como de abaixamento da vogal [e] e da vogal [o], como em p[ɛ]cado e c[ɔ]ração. De acordo com a metodologia do ALiB, o *corpus* se constitui a partir de um tripé metodológico: a) Rede de pontos (250 localidades por todas as regiões brasileiras, incluindo 25 capitais); b) Aplicação de questionários (fonético-fonológico (QFF), semântico-lexical (QSL), morfossintático (QMS), temas para discursos semidirigidos, perguntas de metalinguística e texto para leitura); c) Número de Informantes (1.100 informantes) estratificados quanto ao sexo (homem/mulher), faixa etária (18-30 anos/50-65anos) e o nível de escolaridade (fundamental - em todas as localidades/universitário - somente nas capitais). Para este trabalho consideramos: a rede de pontos do ALiB com 23 localidades distribuídas por Minas Gerais: Januária (127), Janaúba (128), Pedra Azul (129), Unaí (130), Montes Claros (131), Pirapora (132), Teófilo Otoni (133), Diamantina (134), Uberlândia (135), Patos de Minas (136), Campina Verde (137), Belo Horizonte (138), Ipatinga (139), Passos (140), Formiga (141), Ouro Preto (142), Viçosa (143), Lavras (144), São João del-Rei (145), Muriaé (146), Poços de Caldas (147), Juiz de Fora (148), Itajubá (149). Selecionamos os inquiridos dos questionários fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL). Foram 92 informantes (4 informantes por localidade), controlados por variáveis sociais tais como idade (18 a 30 anos/50 a 65 anos) e sexo (homem/mulher). Os dados das vogais obtidos foram rodados no programa estatístico *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) com a finalidade de analisar a frequência e os pesos relativos das variáveis linguísticas (vogal tônica, contexto consonantal etc) sociais (sexo e faixa etária) e diatópica (localidades) nessa área, que atuam na realização das vogais fechadas ou abertas. Verificamos, a partir dos resultados encontrados em Minas Gerais, uma frequência de 24,3% da vogal média anterior aberta [ɛ], em posição pretônica, e 19,9% para a vogal média posterior aberta [ɔ]. As variáveis consideradas foram: a variável diatópica – localidade; as variáveis linguísticas – contexto vocálico seguinteônico e átono, contexto consonantal seguinte e precedente, posição da vogal pretônica; as variáveis sociais – faixa etária e sexo; e a variável linguístico-discursiva – questionários. Os resultados mostraram que, na fala dos informantes mineiros, predomina a realização das vogais pretônicas médias altas porém com a presença considerável da variante média baixa, especialmente na área setentrional do estado mineiro. A partir da variável diatópica verificamos a divisão de Minas Gerais em duas áreas dialetais.

Palavras-chave: Vogais médias pretônicas. Dialetologia Pluridimensional. Sociolinguística Variacionista. Projeto ALiB. Minas Gerais.

ALVES, Diocles Igor Castro Pires Alves. **Pretonic mid vowels in Minas Gerais based in the data of ALiB**. Thesis advisor: Jacyra Andrade Mota. 2022. 273 s. ill. Thesis (Doctorate in Language and Culture) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

ABSTRACT

This research, of a dialectological nature, investigates the lowering of pretonic mid vowels in Minas Gerais, based on data from the Project Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). To investigate the pretonic mid-vowels in the speech of Minas Gerais (Cf. NASCENTES, 1953; Cf. ZÁGARI, 1998), we based this research on the theoretical-methodological models of Pluridimensional Dialectology (THUN, 1998, 2000; CARDOSO, 2010) and Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]; FERNÁNDEZ, 1998). This investigation object is the use of the pretonic mid vowels /E/ and /O/ by Brazilian Portuguese (BP) speakers from Minas Gerais in contexts in which we are considering as lowering of the vowel [e] and the vowel [o], such in p[ɛ]cado and c[ɔ]ração. According to the ALiB methodology, the corpus is built from a methodological tripod: a) Network of points (250 locations across all Brazilian regions, including 25 capitals); b) Application of questionnaires (phonetic-phonological (QFF), semantic-lexical (QSL), morphosyntactic (QMS), themes for semi-directed speeches, metalinguistic questions and text for reading); c) Number of informants (1,100 informants) stratified by sex (male/female), age group (18-30 years/50-65 years) and level of education (fundamental - in all locations/university - only in capitals). For this research were considered: the ALiB network of points with 23 locations distributed throughout Minas Gerais: Januária (127), Janaúba (128), Pedra Azul (129), Unaí (130), Montes Claros (131), Pirapora (132), Teófilo Otoni (133), Diamantina (134), Uberlândia (135), Patos de Minas (136), Campina Verde (137), Belo Horizonte (138), Ipatinga (139), Passos (140), Formiga (141), Ouro Preto (142), Viçosa (143), Lavras (144), São João del-Rei (145), Muriaé (146), Poços de Caldas (147), Juiz de Fora (148), Itajubá (149). We selected the phonetic-phonological (QFF) and semantic-lexical (QSL) questionnaires. For our purpose, 92 informants (4 informants per location), classified in social variables such as age (18 to 30 years/50 to 65 years) and sex/gender (male/female). The vowel data obtained were run in the Goldvarb X statistical program (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) in order to analyze the frequency and relative weights of linguistic variables (stressed vowel, consonantal context, etc.), social (sex/gender and age) and diatopic (localities) in this area, which act in the realization of closed or open vowels. The results showed a frequency of 24.3% of the open front mid vowel [ɛ], in pretonic position, and 19.9% for the open back mid vowel [ɔ]. As for the variables considered were: the diatopic variable – locality; the linguistic variables – stressed and unstressed following vowel context, posterior and anterior consonant context, position of the pretonic vowel; social variables – age group and sex/gender; and the linguistic-discursive variable – questionnaires. As results, we noticed that in the speech of the informants from Minas Gerais, is prevalent the realization of high-medium pretonic vowels, but with a considerable presence of the low-medium variant, especially in the northern area of Minas Gerais. From the diatopical variation, we verified the division of Minas Gerais into two dialectal areas.

Keywords: Pretonic mid vowels. Pluridimensional Dialectology. Variationist Sociolinguistics. ALiB project. Minas Gerais

ALVES, Diocles Igor Castro Pires Alves. **Les voyelles moyennes prétoniques à Minas Gerais selon les données de l'ALiB**. Conseiller: Jacyra Andrade Mota. 2022. 273 d. il. Thèse (Doctorat en langue et culture) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

RESUMÉ

De nature dialectologique, cette recherche analyse l'abaissement des voyelles moyennes prétoniques dans l'État de Minas Gerais ayant pour base les données collectées par le Projet de l'Atlas linguistique du Brésil (ALiB). En vue d'analyser les voyelles moyennes prétoniques dans les parlers de Minas Gerais (Cf. NASCENTES, 1953; cf. ZÁGARI, 1998), on a adopté les modèles théorico-méthodologiques de la dialectologie pluridimensionnelle (THUN, 1998, 2000; CARDOSO, 2010) et de la Sociolinguistique variationnelle (LABOV, 2008 [1972]; FERNÁNDEZ, 1998). L'objet d'étude porte sur l'usage des voyelles moyennes prétoniques /E/ et /O/ par des locuteurs du portugais brésilien (PB) de Minas Gerais dans des contextes où on considère comme abaissement de la voyelle [e] et de la voyelle [o], comme dans les mots « p[ɛ]cado » et « c[ɔ]ração ». D'après la méthodologie de l'ALiB, le *corpus* se constitue à partir d'un trépied méthodologique : a) Réseau de points (250 localités dans toutes les régions brésiliennes, y compris 25 capitales des États ; b) application des questionnaires linguistiques (phonétique-phonologique (QFF), lexico-sémantique (QSL), morphosyntaxique (QMS), thématiques pour des discours semi-dirigés, questions de métalinguistique et un texte pour lecture) ; c) Nombre d'informateurs (1.100 informateurs) stratifiés par rapport au sexe (homme/femme), tranche d'âge (18-30 ans/50-65 ans) et le niveau de scolarité (fondamental – dans toutes les localités/universitaire – seulement dans les capitales). Pour ce travail, on a considéré : le réseau de points de l'ALiB avec 23 localités distribuées dans Minas Gerais : Januária (127), Janaúba (128), Pedra Azul (129), Unaí (130), Montes Claros (131), Pirapora (132), Teófilo Otoni (133), Diamantina (134), Uberlândia (135), Patos de Minas (136), Campina Verde (137), Belo Horizonte (138), Ipatinga (139), Passos (140), Formiga (141), Ouro Preto (142), Viçosa (143), Lavras (144), São João del-Rei (145), Muriaé (146), Poços de Caldas (147), Juiz de Fora (148), Itajubá (149). On a sélectionné des questionnaires phonétique-phonologique (QFF) et lexico-sémantique (QSL). On a pris 92 informateurs (4 informateurs par localité), contrôlés par des variables sociales comme l'âge (18 à 30 ans/50 à 65 ans) et sexe (homme/femme). Les données des voyelles obtenues ont été insérées dans le logiciel de statistique *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) dans le but d'analyser la fréquence et les poids relatifs des variables linguistiques (voyelle tonique, contexte des consonnes, etc.) sociales (sexe et tranche d'âge) et diatopiques (localités) de cette zone qui participent à la réalisation des voyelles ouvertes ou fermées. Après les résultats rencontrés dans Minas Gerais, on a vérifié une fréquence de 24,3% de la voyelle moyenne antérieure ouverte [ɛ], en position prétonique et 19,9% pour la voyelle moyenne postérieure ouverte [ɔ]. Comme des variables à considérer, on a : la variable diatopique – localité ; les variables linguistiques – contexte vocalique suivant tonique et atone, contexte des consonnes suivantes et précédentes, position de la voyelle prétonique ; les variables sociales – tranche d'âge et sexe et la variable linguistique-discursive – questionnaires. Les résultats ont démontré que dans le parler des informateurs *mineiros* on a la prédominance de la réalisation des voyelles prétoniques moyennes élevées, mais avec la présence considérable de la variable moyenne basse, spécialement dans la région septentrionale de l'état de Minas Gerais. C'est à partir de la variable diatopique qu'on vérifie que Minas Gerais se divise donc en deux régions dialectales.

Mot-clé : Voyelles moyennes prétoniques. Dialectologie Pluridimensionnelle. Sociolinguistique variationnelle. Projet ALiB. Minas Gerais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Hipóteses sobre a origem das vogais pretônicas abertas no Brasil	40
Figura 2 –	Distribuição das vogais médias anteriores, em posição pretônica, nas capitais brasileiras conforme os dados do ALiB	47
Figura 3 –	Distribuição das vogais médias posteriores, em posição pretônica, nas capitais brasileiras conforme os dados do ALiB	48
Figura 4 –	Cidades mineiras em que foram realizados estudos sobre as pretônicas	61
Figura 5 –	Mapa das regiões geográficas de Minas Gerais	69
Figura 6 –	Mapa rodoviário de Minas Gerais	70
Figura 7 –	Mapa hidrográfico de Minas Gerais	71
Figura 8 –	Localização de Minas Gerais no Brasil	72
Figura 9 –	Localização de Januária em Minas Gerais	74
Figura 10 –	Localização de Janaúba em Minas Gerais	75
Figura 11 –	Localização de Pedra Azul em Minas Gerais	76
Figura 12 –	Localização de Unaí em Minas Gerais	78
Figura 13 –	Localização de Montes Claros em Minas Gerais	80
Figura 14 –	Localização de Pirapora em Minas Gerais	82
Figura 15 –	Localização de Teófilo Otoni em Minas Gerais	83
Figura 16 –	Localização de Diamantina em Minas Gerais	85
Figura 17 –	Localização de Uberlândia em Minas Gerais	87
Figura 18 –	Localização de Patos de Minas em Minas Gerais	88
Figura 19 –	Localização de Campina Verde em Minas Gerais	89
Figura 20 –	Localização de Belo Horizonte em Minas Gerais	91

Figura 21 –	Localização de Ipatinga em Minas Gerais	93
Figura 22 –	Localização de Passos em Minas Gerais	94
Figura 23 –	Localização de Formiga em Minas Gerais	96
Figura 24 –	Localização de Ouro Preto em Minas Gerais	97
Figura 25 –	Localização de Viçosa em Minas Gerais	99
Figura 26 –	Localização de Lavras em Minas Gerais	100
Figura 27 –	Localização de São João del-Rei em Minas Gerais	101
Figura 28 –	Localização de Muriaé em Minas Gerais	102
Figura 29 –	Localização de Poços de Caldas em Minas Gerais	104
Figura 30 –	Localização de Juiz de Fora em Minas Gerais	105
Figura 31 –	Localização de Itajubá em Minas Gerais	107
Figura 32 –	Fases dos estudos dialetais no Brasil	117
Figura 33 –	Mapa dos seis subfalares do Brasil segundo Nascentes (1953)	119
Figura 34 –	Cartograma representativo do subfalar baiano	120
Figura 35 –	Cartograma representativo do subfalar fluminense	120
Figura 36 –	Cartograma representativo do subfalar mineiro	121
Figura 37 –	Cartograma representativo do subfalar sulista	121
Figura 38 –	Mapa final do registro da divisão dialetal de Nascentes (1953)	122
Figura 39 –	Os três falares mineiros segundo Zágari (1998)	123
Figura 40 –	Localidades dos pontos do EALMG	129
Figura 41 –	Carta orvalho do EALMG	132
Figura 42 –	Carta sereno do EALMG	132

Figura 43 – Carta mormaço do EALMG	133
Figura 44 – Carta neblina do EALMG	134
Figura 45 – Carta veranico do EALMG	135
Figura 46 – Carta relâmpago do EALMG	135
Figura 47 – Carta isófono do [ɛ] e do [ɔ]	136
Figura 48 – Mapa da bacia hidrográfica do rio São Francisco	176
Figura 49 – Mapa da estrada real	180
Figura 50 – Isófono do [ɛ] e [ɔ] do EALMG	239
Figura 51 – Carta 5 do EALMG	268
Figura 52 – Carta 6 do EALMG	269
Figura 53 – Carta 8 do EALMG	270
Figura 54 – Carta 11 do EALMG	271
Figura 55 – Carta 15 do EALMG	272
Figura 56 – Carta 19 do EALMG	273
Figura 57 – Vocábulos Seleccionados	275

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Distribuição temporal da coleta de dados do ALiB em Minas Gerais	153
Gráfico 2 –	Distribuição das áreas de atuação dos informantes em Minas Gerais conforme o <i>corpus</i> do ALiB	157
Gráfico 3 –	Frequência das vogais médias pretônicas em Minas Gerais	167
Gráfico 4 –	Cidades de Minas Gerais com pesos favoráveis para o uso da vogal [ɛ]	171
Gráfico 5 –	Cidades de Minas Gerais com pesos desfavoráveis para o uso da vogal [ɛ]	172
Gráfico 6 –	Abaixamento de [e], conforme a faixa etária	194
Gráfico 7 –	Abaixamento de [e], conforme cruzamento de faixa etária e localidade	200
Gráfico 8 –	Cidades de Minas Gerais com pesos favoráveis para o uso da vogal [ɔ]	207
Gráfico 9 –	Cidades de Minas Gerais com pesos desfavoráveis para o uso da vogal [ɔ]	208
Gráfico 10 –	Abaixamento de [o], conforme cruzamento de faixa etária e localidade	228

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Vogais orais do Português do Brasil	37
Quadro 2 –	Resumo dos resultados das pesquisas em Minas Gerais	62
Quadro 3 –	Propostas dos falares nas áreas geográficas	125
Quadro 4 –	Pontos em comuns do Projeto ALiB e do EALMG	130
Quadro 5 –	Resumo dos resultados das variáveis que favorecem o abaixamento de [e] e [o]	231
Quadro 6 –	Perfil dos informantes por localidade	260
Quadro 7 –	Pontos e localidades do <i>Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais</i>	266

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Frequência das vogais médias anteriores	168
Tabela 2 –	Distribuição diatópica da vogal [ɛ] em localidades mineiras	170
Tabela 3 –	Abaixamento de [e], conforme o contexto vocálico seguinte tônico	182
Tabela 4 –	Abaixamento de [e], conforme a altura da vogal tônica	184
Tabela 5 –	Abaixamento de [e], conforme a cavidade bucal e nasal	184
Tabela 6 –	Abaixamento de [e], conforme o contexto consonantal seguinte: ponto de articulação	186
Tabela 7 –	Abaixamento de [e], conforme o contexto consonantal precedente: ponto de articulação	188
Tabela 8 –	Abaixamento de [e], conforme o contexto vocálico seguinte átono	190
Tabela 9 –	Abaixamento de [e], conforme tonicidade da vogal seguinte	191
Tabela 10 –	Abaixamento de [e], conforme a posição da vogal	191
Tabela 11 –	Abaixamento de [e], conforme a faixa etária do informante	193
Tabela 12 –	Abaixamento de [e], conforme o sexo do informante	195
Tabela 13 –	Abaixamento de [e], conforme o cruzamento de faixa etária e sexo	196
Tabela 14 –	Abaixamento de [e], conforme o cruzamento de localidade e faixa etária	198
Tabela 15 –	Abaixamento de [e], conforme o cruzamento de localidade e sexo	201
Tabela 16 –	Abaixamento de [e], conforme o tipo de sílaba	203
Tabela 17 –	Abaixamento de [e], conforme o tipo de questionário	204
Tabela 18 –	Frequência das vogais médias posteriores	205
Tabela 19 –	Distribuição diatópica da vogal [ɔ] em localidades mineiras	206
Tabela 20 –	Abaixamento de [o], conforme o contexto vocálico seguinte tônico	211
Tabela 21 –	Abaixamento de [o], conforme a altura da vogal	212
Tabela 22 –	Abaixamento de [o], conforme a cavidade bucal e nasal	212
Tabela 23 –	Abaixamento de [o], conforme o contexto consonantal precedente: ponto de articulação	215
Tabela 24 –	Abaixamento de [o], conforme o contexto consonantal seguinte: ponto de articulação	217

Tabela 25 –	Abaixamento de [o], conforme o contexto vocálico seguinte átono	218
Tabela 26 –	Abaixamento de [o], conforme tonicidade da vogal seguinte	219
Tabela 27 –	Abaixamento de [o], conforme a posição da vogal	220
Tabela 28 –	Abaixamento de [o], conforme o tipo de sílaba	221
Tabela 29 –	Abaixamento de [o], conforme o tipo de questionário	222
Tabela 30 –	Abaixamento de [o], conforme a faixa etária do informante	223
Tabela 31 –	Abaixamento de [o], conforme o sexo do informante	223
Tabela 32 –	Abaixamento de [o], conforme o cruzamento de faixa etária e sexo	224
Tabela 33 –	Abaixamento de [o], conforme o cruzamento de localidade e faixa etária	226
Tabela 34 –	Abaixamento de [o], conforme cruzamento de localidade e sexo	229

LISTA DE CARTAS

Carta 1 –	Inquiridores dos informantes por localidade em Minas Gerais	153
Carta 2 –	Rede de pontos de Minas Gerais	154
Carta 3 –	Cidades mineiras que favorecem e desfavorecem a abertura de /E/ em posição pretônica	175
Carta 4 –	Cidades mineiras que favorecem e desfavorecem a abertura de /O/ em posição pretônica	210
Carta 5 –	Distribuição de <i>orvalho</i> nas duas sincronias: EALMG x ALiB	234
Carta 6 –	Distribuição de <i>sereno</i> nas duas sincronias: EALMG x ALiB	236
Carta 7 –	Distribuição de <i>neblina</i> nas duas sincronias: EALMG x ALiB	237
Carta 8 –	Distribuição de <i>relâmpago</i> nas duas sincronias: EALMG x ALiB	238
Carta 9 –	Isófona do [ɛ] e do [ɔ] em Minas Gerais, a partir dos dados do ALiB	249
Carta 10 –	Frequência das vogais médias pretônicas anteriores em Minas Gerais, conforme ALiB	264
Carta 11 –	Frequência das vogais médias pretônicas posteriores em Minas Gerais, conforme ALiB	265

LISTA DE SÍMBOLOS

[]	Transcrição fonética
//	Transcrição fonológica
C	Consoante
V	Vogal
[ɛ]	Articulação da vogal média-baixa anterior não arredondada
[e]	Articulação da vogal média-alta anterior não arredondada
[i]	Articulação da vogal alta anterior não arredondada
[a]	Articulação da vogal baixa central não arredondada
[ɔ]	Articulação da vogal média-baixa posterior arredondada
[o]	Articulação da vogal média-alta posterior arredondada
[u]	Articulação da vogal alta posterior arredondada
[ĩ]	Articulação da vogal alta anterior nasal
[ẽ]	Articulação da vogal média anterior nasal
[ɐ̃]	Articulação da vogal baixa central nasal
[õ]	Articulação da vogal média posterior nasal
[ũ]	Articulação da vogal alta posterior nasal
/E/	Arquifonema da vogal média anterior não arredondada oral
/O/	Arquifonema da vogal média posterior arredondada oral

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALP	Atlas Linguístico da Paraíba
ALF	Atlas Linguistique de La France
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
ALS II	Atlas Linguístico de Sergipe II
ALAP	Atlas Linguístico do Amapá
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALECE	Atlas Linguístico do Estado do Ceará
ALMS	Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALPR II	Atlas Linguístico do Paraná II
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALISPA	Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará
APFB	Atlas Prévio do Falares Baianos
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
A./T.	Aplicação/Total
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INF	Informante
INQ	Inquiridor
MG	Minas Gerais
P.R.	Peso relativo
PIB	Produto Interno Bruto
PB	Português do Brasil
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QMS	Questionário Morfossintático

QP	Questões de Pragmática
QSL	Questionário Semântico-Lexical
RCT	Regra Categórica de Timbre
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	31
2	VOGAIS MÉDIAS EM POSIÇÃO PRETÔNICA NO PORTUGUÊS DO BRASIL	36
2.1	O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL	36
2.2	ESTUDOS SOBRE AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL	41
2.2.1	Silva (1989): vogais médias pretônicas em Salvador/BA	42
2.2.2	Araújo (2007): vogais médias pretônicas em Fortaleza/CE	43
2.2.3	Graebin (2008): vogais médias pretônicas em Formosa/GO	44
2.2.4	Dias (2012): vogais médias pretônicas na região norte do Brasil – dados do ALiB	45
2.2.5	Lopes (2013): vogais médias pretônicas em Sergipe – dados do ALiB	46
2.2.6	Souza (2018): vogais médias pretônicas em Goiás – dados do ALiB	46
2.2.7	Mota e Lopes (2022): vogais médias pretônicas nas capitais brasileiras – dados do ALiB	47
2.3	ESTUDOS SOBRE VOGAIS PRETÔNICAS ABERTAS NOS FALARES MINEIROS	49
2.3.1	Guimarães (2007): vogais médias pretônicas nas regiões Norte e Sul de Minas	50
2.3.2	Almeida (2008): vogais médias pretônicas em Machacalis	51
2.3.3	Dias (2008): vogais médias pretônicas em Piranga e Ouro Branco	52
2.3.4	Alves (2008): vogais médias pretônicas em Belo Horizonte	53
2.3.5	Viana (2008): vogais médias pretônicas em Pará de Minas	55
2.3.6	Tondineli (2010): vogais médias pretônicas em Montes Claros	55
2.3.7	Rezende (2013): vogais médias pretônicas em Monte Carmelo	56
2.3.8	Dias (2014): vogais médias pretônicas em Machacalis, Piranga e Ouro Branco	57
2.3.9	Tondineli (2015): vogais médias pretônicas no Norte de Minas	59
2.3.10	Costa (2017): vogais médias pretônicas em Uberlândia	60
3	MINAS GERAIS: AS LOCALIDADES INVESTIGADAS	68
3.1	O ESTADO DE MINAS GERAIS	68

3.2	AS LOCALIDADES MINEIRAS	72
3.2.1	Januária	72
3.2.2	Janaúba	74
3.2.3	Pedra Azul	75
3.2.4	Unaí	76
3.2.5	Montes Claros	78
3.2.6	Pirapora	80
3.2.7	Teófilo Otoni	82
3.2.8	Diamantina	84
3.2.9	Uberlândia	86
3.2.10	Patos de Minas	87
3.2.11	Campina Verde	88
3.2.12	Belo Horizonte	89
3.2.13	Ipatinga	91
3.2.14	Passos	93
3.2.15	Formiga	95
3.2.16	Ouro Preto	96
3.2.17	Viçosa	98
3.2.18	Lavras	99
3.2.19	São João del-Rei	100
3.2.20	Muriaé	101
3.2.21	Poços de Caldas	103
3.2.22	Juiz de Fora	104
3.2.23	Itajubá	105
4	QUADRO TEÓRICO – CIÊNCIAS DA VARIAÇÃO	108
4.1	DIALETOLOGIA	108
4.1.1	Conceitos básicos	111
4.1.2	Fases dos estudos dialetais no Brasil	115
4.1.3	Propostas da divisão das áreas dialetais do Brasil e de Minas Gerais	117
4.1.4	Os atlas linguísticos	126
4.1.4.1	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais	128
4.1.4.2	Atlas Linguístico do Brasil	137
4.2	SOCIOLINGUÍSTICA	141

4.2.1	Variação e mudança linguística	142
4.2.2	Estudos da mudança em tempo real e tempo aparente	145
4.2.3	Variáveis extralinguísticas	147
5	METODOLOGIA	152
5.1	O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	152
5.1.1	A rede de pontos	154
5.1.2	Os questionários	154
5.1.3	Os informantes	157
5.2	AS VARIÁVEIS	158
5.2.1	Variáveis linguísticas	159
5.2.2	Variável linguístico-discursiva	162
5.2.3	Variáveis sociais	162
5.2.4	Variável diatópica	165
5.3	CRITÉRIOS ADOTADOS PARA A SELEÇÃO DOS DADOS	163
5.4	PROCEDIMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS	164
6	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	166
6.1	ANÁLISE DA VOGAL [ɛ]	168
6.1.1	Variável diatópica	169
6.1.1.1	Localidade do informante	169
6.1.2	Variáveis linguísticas	181
6.1.2.1	Contexto vocálico seguinte tônico	181
6.1.2.2	Contexto consonantal seguinte: ponto de articulação	185
6.1.2.3	Contexto consonantal precedente: ponto de articulação	188
6.1.2.4	Contexto vocálico seguinte átono	189
6.1.2.5	Posição da vogal pretônica	191
6.1.3	Variáveis sociais	192
6.1.3.1	Faixa etária do informante	192
6.1.3.2	Sexo do informante	195
6.1.3.3	Cruzamento de faixa etária e sexo	196
6.1.3.4	Cruzamento da variável diatópica e variável social	197
6.1.4	Variáveis não selecionadas pelo <i>Goldvarb X</i>	202
6.1.4.1	Tipo de sílaba	203
6.1.4.2	Tipo de Questionário	203

6.2	ANÁLISE DA VOGAL [ɔ]	204
6.2.1	Variável diatópica	205
6.2.1.1	Localidade do informante	205
6.2.2	Variáveis linguísticas	211
6.2.2.1	Contexto vocálico seguinteônico	211
6.2.2.2	Contexto consonantal precedente: ponto de articulação	214
6.2.2.3	Contexto consonantal seguinte: ponto de articulação	216
6.2.2.4	Contexto vocálico seguinte átono	218
6.2.3	Variáveis não selecionadas pelo <i>Goldvarb X</i>	220
6.2.3.1	Posição da vogal pretônica	220
6.2.3.2	Tipo de sílaba	221
6.2.3.3	Tipo de questionário	222
6.2.3.4	Faixa etária do informante	222
6.2.3.5	Sexo do informante	223
6.2.3.6	Cruzamento de faixa etária e sexo	224
6.2.3.7	Cruzamento da variável diatópica e variável social	225
6.3	EALMG E ALiB: DOIS MOMENTOS E O MESMO ESPAÇO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS	233
6.3.1	Análise comparativa entre o EALMG e ALiB	233
6.3.1.1	Orvalho	234
6.3.1.2	Sereno	235
6.3.1.3	Neblina	236
6.3.1.4	Relâmpago	238
6.3.1.5	Isófono do [ɛ] e do [ɔ]	239
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	244
	REFERÊNCIAS	247
	APÊNDICES	260
Apêndice A	Quadro 6 – Perfil dos informantes por localidade	260
Apêndice B	Carta 10 – Frequência das vogais médias pretônicas anteriores em Minas Gerais, conforme ALiB	264
Apêndice C	Carta 11 – Frequência das vogais médias pretônicas posteriores em Minas Gerais, conforme ALiB	265
	ANEXOS	266

Anexo A	Quadro 7 – Pontos e localidades do <i>Esboço de um do Atlas Linguístico de Minas</i>	266
Anexo B	Figura 51 – Carta 5 do EALMG	268
Anexo C	Figura 52 – Carta 6 do EALMG	269
Anexo D	Figura 53 – Carta 8 do EALMG	270
Anexo E	Figura 54 – Carta 11 do EALMG	271
Anexo F	Figura 55 – Carta 15 do EALMG	272
Anexo G	Figura 56 – Carta 19 do EALMG	273

1 INTRODUÇÃO

Tudo é diverso no universo. Inclusive, os usos da língua. Em todas interações, os usuários da língua convivem com a variação, que é uma propriedade inerente a qualquer língua (viva) e pode observar-se quer sincronicamente, manifestando-se quer como diversidade dialetal ou sociolinguística, quer historicamente, revestindo, então, a feição de mudança linguística.

(PAIM, 2019, p. 29).

As vogais em processo de variação sempre instigaram a curiosidade de estudiosos da Fonética, Fonologia, Sociolinguística e da Linguística em geral e/ou áreas afins. Diante da diversidade de fenômenos vocálicos em variação, surgem pesquisas envolvendo as vogais do Português do Brasil (doravante PB) com o intuito de explicar esses fenômenos recorrentes.

Para esta pesquisa, selecionamos como objeto de investigação as vogais orais médias, em posição pretônica - [ɛ, e, ɔ, o] – e em contextos silábicos como em CV, CCV, CVC. Analisamos os contextos que as vogais médias pretônicas anterior /E/ e posterior /O/ se realizam como aberta - *p[ɛ]cado/c[ɔ]ração, pr[ɛ]sépio/pr[ɔ]grama, f[ɛ]rvendo/c[ɔ]rcunda* ou/e fechada - *p[e]cado/c[o]ração, pr[e]sépio/pr[o]grama, f[e]rvendo/c[o]rcunda*.

Analisamos o abaixamento das vogais médias pretônicas nos falares do estado de Minas Gerais, em 23 (vinte e três) localidades que integram a rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Na parte setentrional (noroeste, norte, vales do Jequitinhonha e Mucuri do estado) temos as localidades e os pontos: Januária (127), Janaúba (128), Pedra Azul (129), Unaí (130), Montes Claros (131), Pirapora (132), Teófilo Otoni (133) e Diamantina (134). Na parte meridional (oeste, centro, sul do estado) temos: Uberlândia (135), Patos de Minas (136), Campina Verde (137), Belo Horizonte (138), Ipatinga (139), Passos (140), Formiga (141), Ouro Preto (142), Viçosa (143), Lavras (144), São João del-Rei (145), Muriaé (146), Poços de Caldas (147), Juiz de Fora (148) e Itajubá (149). Nessas localidades investigadas estudamos os padrões de comportamento linguístico das vogais médias pretônicas e é a partir dessas comunidades que constatamos a heterogeneidade do sistema linguístico.

Adotamos os modelos teóricos e os princípios metodológicos da Dialectologia – Ferreira e Cardoso (1994), Thun (1998, 2000), Cardoso (2010) – e da Sociolinguística – Labov (2008 [1972]), Chambers e Trudgill (1994 [1980]), Moreno Fernández (1998). Consideramos adequado dar um tratamento quantitativo aos dados, utilizando o programa estatístico *Goldvarb*

X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005)¹ observando quais os fatores são estatisticamente relevantes na explicação do fenômeno e qual o componente social contribui para influenciar a variação e a mudança linguística. Questionamos se há diferenças entre vogais em posição pretônica na pronúncia dos falantes e que cada caso envolve informações linguísticas e não linguísticas como o sexo, a idade e a distribuição geográfica do informante.

Nosso objetivo geral foi analisar o comportamento das vogais médias pretônicas nos falares de Minas Gerais, a partir de dados do Projeto ALiB, fundamentados na Dialetologia Pluridimensional e na Sociolinguística Variacionista. E nossos objetivos específicos estão assim formulados:

- Descrever e analisar o comportamento linguístico das vogais pretônicas médias em vocábulos do PB falado em Minas Gerais;
- Fazer um mapeamento geolinguístico/dialetológico do falar mineiro através das vogais pretônicas investigadas nos dados do ALiB;
- Verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem a ocorrência de vogais médias abertas;
- Comparar as cartas fonéticas e isófonas do [ɛ] e do [ɔ] do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* com os dados do Projeto ALiB, de modo a verificar possíveis mudanças em tempo real de curta duração;
- Verificar com os dados do ALiB se se confirma a divisão de Minas Gerais em duas áreas de acordo com as vogais pretônicas.

Os resultados de uma pesquisa em tempo aparente são mais confiáveis se complementados com estudos em tempo real. Além de verificarmos os indícios de mudança das vogais médias pretônicas a partir do tempo aparente, com base nas diferenças das faixas etárias dos mais jovens e dos mais velhos, para termos uma projeção do fenômeno linguístico, também verificamos a mudança em tempo real de curta duração em duas épocas, quando comparamos as cartas fonéticas do *Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al., 1977) com os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB, 2009).

¹ O *Goldvarb* é um programa elaborado especialmente para a quantificação dos dados e posterior análise sociolinguística. Ele surgiu a partir do pacote de programas tradicionalmente conhecido como Varbrul (do inglês Variable Rules), o qual tinha um programa específico para cada ação. *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Em consonância com os objetivos específicos, esta tese foi norteada pelas seguintes perguntas:

- Os dados linguísticos documentados em Minas Gerais distinguem, do ponto de vista do timbre das vogais médias pretônicas, dois falares, conforme a proposta apresentada por Nascentes (1953, p. 25-26) e Ribeiro et al. (1977)?
- As regras fonológicas que se aplicam em áreas do Nordeste, determinando a abertura das vogais médias pretônicas (Cf. SILVA, 1989), aplicam-se também na área mineira do “falar baiano”?
- Fatores sociolinguísticos (sexo, faixa etária, escolaridade) podem favorecer o timbre aberto ou fechado das vogais médias pretônicas?
- A presença de vogais médias pretônicas abertas, na parte da região Norte do estado de Minas Gerais, deve relacionar-se aos núcleos povoadores dessa área, admitindo-se que fatores históricos podem explicar a ocorrência dessas vogais?
- Ocorrem mudanças entre os jovens e os mais velhos na abertura das vogais médias pretônicas no falar de Minas Gerais?

A escolha do objeto deu-se por as vogais médias pretônicas demarcarem áreas dialetais e porque as regiões que compõem os falares mineiros possuem uma diversidade linguística, como observa Zágari (1998, p. 35):

Ao estabelecer essas fronteiras, diga-se ser impossível demarcá-las como definitivas, quer por não se poder balizá-las sem intercruzamentos, quer porque aqui e ali elas se tocam desordenadamente, quer porque o tempo mostrará que elas se movem, quer porque o que existe são fenômenos fonéticos e lexicais cuja difusão, muitas vezes ou sempre, operam de forma independente. (ZÁGARI, 1998, p. 35).

Os dados que utilizamos nesta pesquisa, referentes à amostra do estado de Minas Gerais, foram extraídos das falas dos informantes mineiros documentados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

O presente trabalho está estruturado em sete seções assim divididas: essa primeira, a Introdução, apresenta nosso objeto de estudo, nossa justificativa para o desenvolvimento deste trabalho, define os objetivos e levanta questões que devem ser respondidas.

Na segunda seção, descrevemos as variáveis dependentes, estabelecendo uma comparação com o que ocorre em outras áreas do Português do Brasil e de Minas Gerais. Trazemos uma breve síntese de alguns estudos importantes e de referência sobre as pretônicas

na perspectiva da Teoria da Variação e da Dialectologia no Brasil, como Silva (1989), Araújo (2007) entre outros, e aqueles realizados especialmente em Minas Gerais como Guimarães (2007), Almeida (2008), Tondineli (2010), Carneiro (2011), Dias (2014), Costa (2017), entre outros.

Na terceira seção, apresentamos as localidades de Minas Gerais que serão investigadas - Januária, Janaúba, Pedra Azul, Unaí, Teófilo Otoni, Diamantina, Uberlândia, Patos de Minas, Campina Verde, Belo Horizonte, Ipatinga, Passos, Formiga, Ouro Preto, Viçosa, Lavras, São João del-Rei, Muriaé, Poços de Caldas, Juiz de Fora e Itajubá - com informações que podem contribuir no contexto da pesquisa tais como: número populacional, aspectos políticos, econômicos e culturais, distribuição geográfica no estado, hidrografia e rodovias de Minas, origem e povoamento.

Na quarta seção, descrevemos o quadro teórico adotado para desenvolver esta pesquisa: a Dialectologia Pluridimensional e a Sociolinguística Variacionista. Na subseção da Dialectologia trazemos a noção de dialeto, as isoglossas, as fases dos estudos dialetais no Brasil, os atlas linguísticos regionais brasileiros, o Projeto ALiB, proposta da divisão das áreas dialetais do Brasil e de Minas Gerais, conforme Nascentes (1953) e Zágari (1998) com a finalidade de situar as áreas do estudo. E no quadro da Sociolinguística discutimos sobre a variação e a mudança linguística, o estudo da mudança em tempo real e tempo aparente e as variáveis extralinguísticas.

Na quinta seção, descrevemos os métodos e as técnicas utilizadas para desenvolvermos a pesquisa. Discorremos sobre os métodos utilizados para compor a amostra da pesquisa, a partir das falas dos informantes mineiros: a rede de pontos do estado de Minas Gerais; as perguntas elaboradas e as respostas obtidas utilizadas a partir dos questionários Fonético-Fonológico e Semântico-Lexical; o número de informantes estratificados em sexo e faixa etária; o processamento dos dados das variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Na sexta seção, analisamos o abaixamento das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores a partir do quadro teórico proposto. Apresentamos os resultados e análise do abaixamento da vogal anterior [e] e em seguida da vogal posterior [o] a partir das variáveis investigadas: diatópica, linguísticas, sociais e linguístico-discursiva. E também traçamos um paralelo entre os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e os do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al., 1977), a partir das cartas fonéticas, com a finalidade de verificar possíveis mudanças em tempo real de curta duração em relação às vogais médias pretônicas no território mineiro.

Apresentamos as considerações finais sobre o trabalho em que se apontam os limites registrados para a pesquisa e se delineiam os caminhos a serem seguidos e perseguidos para continuar a busca pela descrição da variação das vogais médias pretônicas nas áreas investigadas em Minas Gerais na perspectiva da descrição do Português do Brasil.

Esta tese está inserida em projeto maior, de âmbito nacional, o ALiB, cujo principal objetivo é descrever a realidade linguística brasileira no tocante à Língua Portuguesa. A tese foi elaborada com materiais coletados para o projeto ALiB realizado com dados ainda inéditos e obteve autorização de pesquisa concedida pelo comitê nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

O trabalho se encerra com as referências utilizadas na pesquisa, os Apêndices e os Anexos.

A seguir, na seção 2, revisitamos a literatura sobre as vogais médias pretônicas no Português do Brasil, na perspectiva da Teoria da Variação.

2 AS VOGAIS MÉDIAS EM POSIÇÃO PRETÔNICA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

As vogais pretônicas constituem, ao lado da entoação, uma das principais marcas dos dialetos brasileiros e, por que não dizer, entre a variedade brasileira e a portuguesa pelo menos desde o fim do século XVIII (...). A língua portuguesa, na variedade brasileira, de fato apresenta uma alternância fonética que caracteriza o falar de cada região. Trata-se da tripla possibilidade de realização na fala das vogais orais /O/ e /E/ quando precedem a sílaba acentuada da palavra. Podem-se ouvir, por exemplo, c[u]légio, c[o]légio, c[ɔ]légio, r[i]vista, r[e]vista ou r[ɛ]vista. (...) Essa diferença de altura das vogais pré-acentuadas se constitui numa forte marca regional, mas não caracteriza socialmente (...).

(SILVA, 2021, p. 30).

Nesta seção apresentamos o objeto de estudo desta pesquisa que são as vogais orais médias pretônicas em contexto variacional. E trazemos, também, uma breve síntese de alguns estudos importantes e de referência sobre as pretônicas do Português do Brasil, especialmente aqueles realizados em Minas Gerais com discussões dos estudos sistemáticos pautados na propagação da variação das vogais médias pretônicas a partir da perspectiva da Dialetologia e Sociolinguística no tocante ao abaixamento das vogais [e] e [o].

2.1 O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Com uma ampla área territorial e com tanta diversidade cultural, étnica e socioeconômica, o Brasil possui diferenças fonéticas que marcam regiões e demarcam comunidades linguísticas. O abaixamento e a elevação das vogais são fenômenos linguísticos que ocorrem no sistema vocálico do português do Brasil. E nessa pesquisa investigamos o abaixamento das vogais médias /E/ e /O/, em posição pretônica, por ser um fenômeno que consideramos distinguir dialetologicamente regiões em Minas Gerais.

As vogais orais faladas no Português podem ser tônicas – quando recebem o acento primário, pretônicas – quando precedem a vogal tônica, e postônicas – quando seguem a vogal tônica.

Câmara Jr. (2001[1970]) apresenta sete vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ em posição tônica no português do Brasil, cinco vogais /i, E, a, O, u/ em posição pretônica e três vogais /I, a, U/ em posição postônica final. Os segmentos vocálicos são produzidos sem obstrução no trato vocálico e classificados quanto à altura da língua, anterioridade/posterioridade da língua e arredondamento dos lábios.

Vejamos o Quadro 1, que mostra as posições e classificações das vogais orais do Português do Brasil:

Quadro 1- Vogais orais do Português do Brasil

	TÔNICA		
	Anterior	Central	Posterior
Alta	<i>/i/</i> men[i]no <i>/u/</i> mist[u]ra		
Média-alta	<i>/e/</i> s[e]de <i>/o/</i> ch[o]ro		
Média-baixa	<i>/ɛ/</i> s[ɛ]de <i>/ɔ/</i> ch[ɔ]ro		
hBaixa	<i>/a/</i> m[a]la		
	PRETÔNICA		
	Anterior	Central	Posterior
Alta	<i>/i/</i> m[i]stura <i>/u/</i> m[u]lher		
Média	<i>/E/</i> s[e]dento <i>/O/</i> m[o]lhado		
Baixa	s[ɛ]dento m[ɔ]lhado <i>/a/</i> m[a]lhado		
	POSTÔNICA		
	Anterior	Central	Posterior
Alta	<i>/I/</i> pot[i]~[e] <i>/U/</i> mist[u]~[o]		
Média			
Baixa	<i>/a/</i> mal[e]		

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Câmara Jr. (2001 [1970], p. 43)

O Quadro 1, mostra as vogais tônicas, pretônicas e postônicas do Português do Brasil. Quando a vogal está em posição tônica como em *s[e]de* (vontade de beber) e *s[ɛ]de* (matriz) ou como em *ch[o]ro* (pranto) e *ch[ɔ]ro* (verbo chorar) ocorre uma oposição. Temos vocábulos diferentes conforme a altura da vogal. Já em posição átona a oposição distintiva das vogais [e ~ ɛ], [o ~ ɔ] como em *s[e]dento* ~ *s[ɛ]dento* (com sede exagerada) ou como em *m[o]lhado* e *m[ɔ]lhado* (umedecido) será neutralizada, ou seja, não haverá alteração de significado quando houver a alternância das vogais. Já à posição átona final a neutralização se dá entre três vogais, pois, tendem nesta posição, as vogais médias a acontecerem sem valor distintivo. Isso ocorre porque o sistema vocálico sofre uma drástica redução, ou seja, as sete vogais da posição tônica passam a três na posição átona final.

Na posição pretônica temos as cinco vogais, que são pronunciadas pelos falantes do PB. Câmara Jr. (2001[1970]) argumenta que

(...) quanto à neutralização ela é diversa segundo a modalidade de posição átona. Nas vogais médias antes de vogal tônica (pretônicas) desaparece a oposição entre 1º e 2º grau, com prejuízo daquele na área cujo centro é o Rio de Janeiro. Assim, há uma distinção, em posição tônica entre *forma* (com /ò/ tônico) e *forma* (com /ô/ tônico); mas não obstante, o adjetivo derivado do primeiro desses substantivos (*forma* com /ò/ tônico) é *formoso* em que se tem /for/ por causa da posição átona (pretônica) da sílaba. (CÂMARA JR., 2001[1970], p.43).

A variação que ocorre entre essas vogais possui comportamentos distintos tanto para as vogais fechadas [e, o] quanto para as vogais abertas [ɛ, ɔ]. E para analisar as vogais médias pretônicas é que nos pautamos nas observações de Câmara Jr. (2001[1970]) sobre as características dessas vogais e que buscamos quais os fatores responsáveis por essa variação.

As vogais médias pretônicas podem sofrer regras de variação ou fenômenos que desencadeiam alternâncias nessa posição, resultando em três formas, quais sejam: médias altas [e] e [o], médias baixas [ɛ] e [ɔ] e altas [i] e [u].

Sobre a redução vocálica², observa Câmara Jr. (2015, p. 43),

[...] o que essencialmente caracteriza as posições átonas é a redução do número de fonemas. Isto é, mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois. É o que Trubetzkoy tornou um conceito clássico em fonologia com o nome de *neutralização*. (CÂMARA JR., 2015, p.43).

² Conforme Trask (1996, p. 384), “redução vocálica refere-se a qualquer processo fonológico da fala que torna uma vogal mais curta, menos sonora, mais baixa em termos de sua entonação ou mais central em qualidade, ou que neutraliza alguns contrastes vocálicos em sílabas não acentuadas”.

A neutralização ocorre quando em certos contextos, dois traços (como +bx e -bx) que se opõem no sistema deixam de se opor, e o falante pode usar um ou outro. Como exemplos de neutralização na sílaba pretônica temos *p[ɛ]cado* - *p[e]cado*. Esse /E/ pretônico pode ser aberto ou fechado fazendo com que os falantes possam variar entre os fones/sons sem mudar o sentido. A neutralização motiva a redução do sistema vocálico, ou seja, quanto menos distinção houver entre as vogais, mais reduzido o sistema ficará.

A harmonia vocálica é um

fenômeno em que um ou mais traços de uma vogal se propagam para outros segmentos vocálicos em um domínio, por exemplo, uma palavra [...] as vogais pretônicas compartilham a mesma propriedade de abertura vocálica da vogal tônica.[...] Se a vogal tônica for média-baixa, as vogais pretônicas serão médias-baixas, como em: *p[ɛ]r[ɛ]r[ɛ]ca*, *p[ɔ]r[ɔ]r[ɔ]ca*. (SILVA, 2011, p. 131).

A vogal pretônica, nesses exemplos, assimila o traço de altura da vogal tônica e, ao se harmonizarem, ficam com traços idênticos.

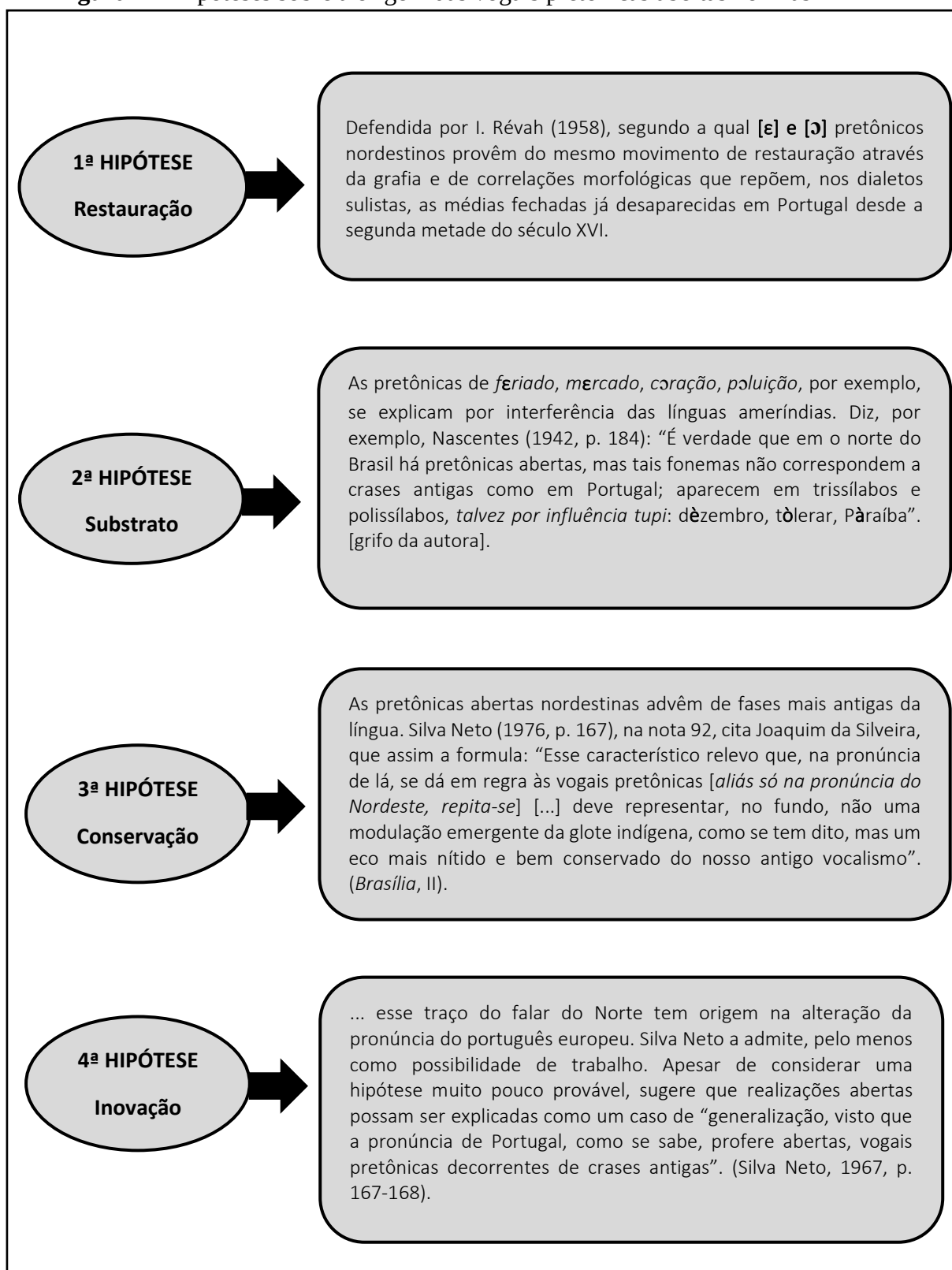
Quando as vogais /E/ e /O/ se realizam com um timbre mais fechado, [e] e [o], temos a manutenção, como em *d[e]fesa* e *r[o]dovia*. Já quando as vogais /E/ e /O/ se realizam como [i] e [u], temos a regra do alçamento³, como em *m[i]nino* e *b[u]nito*.

E nos casos em que as vogais se realizam com um timbre mais aberto, [ɛ] e [ɔ], as vogais sofrem abaixamento, como em *p[ɛ]cado* e *c[ɔ]ração*. Utilizamos nessa pesquisa o termo abaixamento que diz respeito ao “fenômeno fonológico caracterizado pelo abaixamento da posição da língua na articulação de uma vogal. Relaciona-se, portanto, ao abaixamento da propriedade de altura dos segmentos vocálicos” (SILVA, 2011, p.43). Ainda podemos encontrar o termo abertura vocálica para designar a classificação das vogais abertas ou fechadas no que diz respeito aos graus de abertura da boca a partir da posição da mandíbula na articulação dessas vogais.

No tocante à origem das vogais abertas, no Brasil, Silva (2013) apresenta quatro hipóteses. Vejamos a Figura 1:

³No Português do Brasil o alçamento pode ocorrer tanto em posição postônica quanto em posição pretônica. O alçamento é um “fenômeno fonológico que envolve a elevação da propriedade de altura da língua das vogais médias-altas [e] e [o] que se realizarão como as vogais altas [i] e [u]”. (SILVA, 2011, p. 49).

Figura 1 – Hipóteses sobre a origem das vogais pretônicas abertas no Brasil



Fonte: Elaborada pelo autor com base em Silva (2013, p. 124)

Com base na Figura 1 temos quatro hipóteses sobre a origem das vogais pretônicas abertas. As hipóteses mencionadas por Silva (2013) restauração (grafia, correlação morfológicas), substrato (interferências das línguas ameríndias), conservação (fases mais antigas da língua), inovação (origem na alteração da pronúncia do Português Europeu) colaboram para compreender a origem das vogais abertas, embora não encontremos um consenso sobre essa origem.

Ainda na tentativa de explicar a presença das vogais fechadas na região do Sul do Brasil, e o uso das vogais abertas na região Nordeste, Silva (2013) afirma que a história das cidades não fornece sustentação para explicar a predominância das vogais abertas no Norte e fechadas no Sul, porém admite a possibilidade de se levantar a hipótese de que o

Nordeste – sem a presença da colonização açoriana, sem a coexistência de outras línguas estrangeiras e com melhores condições de preservar-se da interferência do padrão oral lisboeta do século XVIII, já pela distância da Corte no Rio de Janeiro já pelo uso que lá se fazia da língua portuguesa, ditado pelos gramáticos da Metrópole – tivesse, de algum modo, reinterpretado os dados herdados dos imigrantes dos séculos anteriores de modo distinto do Sul. (SILVA, 2013, p. 128).

Para Silva (2013, p. 135) os contextos não fonéticos são mais facilmente descartados pelas gerações seguintes, de modo especial isso ocorre em situação de transplantação linguística. A autora ressalta que provavelmente foi o que se verificou na língua do Brasil herdada de Portugal, com rearranjos distintos nos dialetos do Norte e do Sul. E que no Nordeste o rearranjo fonético se fez em favor das médias abertas, no Sul, das médias fechadas.

Silva (2013) ainda ressalta que não é fácil elucidar porque as duas regiões brasileiras fizeram opções diferentes para o uso das vogais pretônicas. A autora questiona se a interferência dos sistemas fonológicos das línguas indígenas não tupi e as línguas das nações africanas contribuiu para o processo de generalização de pretônicas abertas no Nordeste iniciado na Europa. E se o uso duradouro da língua geral, a colonização portuguesa tardia, ou ainda a presença da Corte no Rio de Janeiro no início do século XIX no Sul teria favorecido uma reação à generalização em favor das variantes abertas que ocorreu sobretudo nos falares do Nordeste.

2.2 ESTUDOS SOBRE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Não pretendemos realizar uma exposição cronológica dos estudos desenvolvidos sobre as pretônicas no Português do Brasil⁴. Mas lembramos que os estudos sistemáticos pioneiros de Mota (1979), Bisol (1981), Viegas (1987), Silva (1989), entre outros, são referências nos trabalhos sobre as vogais pretônicas no Brasil e desde então várias pesquisas entre projetos, artigos, dissertações e teses foram feitos e publicados acerca da temática.

A maioria dos estudos das vogais pretônicas investigam três possíveis formas de realizações: a manutenção, o alçamento e o abaixamento das vogais médias altas /E/ e /O/. Porém, como o nosso foco é o abaixamento das vogais médias pretônicas /E/ e /O/, apresentamos somente os resultados referentes a essas realizações.

E, na expectativa de compreendermos as vogais médias pretônicas de maneira mais abrangente no Português do Brasil e de avaliarmos avanços teóricos e metodológicos, apresentamos a revisão bibliográfica de alguns trabalhos (SILVA, 1989; ARAÚJO, 2007; GRAEBIN, 2008, DIAS, 2012, LOPES, 2013, SOUZA, 2018, MOTA; LOPES, 2022) sobre as vogais médias pretônicas. E como nosso foco é o falar mineiro e o abaixamento da vogal, discorreremos, em seguida, sobre os trabalhos realizados no estado de Minas Gerais sobre o tema.

2.2.1 Silva (1989): vogais médias pretônicas em Salvador/BA

A primeira tese de doutorado sobre as vogais médias pretônicas da região Nordeste foi defendida por Silva (1989), intitulada *As pretônicas no falar baiano – a variedade culta de Salvador*. A autora investigou a variação entre as vogais altas, médias-altas e médias-baixas (/E/: *r[i]vista ~ r[e]vista ~ r[ɛ]vista* - /O/: *c[u]légio ~ c[o]légio ~ c[ɔ]légio*) no dialeto de Salvador, descrevendo a realização das vogais médias pretônicas.

O estudo contou com 24 informantes com ensino superior completo, dados estes do Projeto de Estudo da Norma Culta de Salvador - NURC⁵. Utilizou enquanto dados secundários

⁴ Para mais informações sobre os estudos das pretônicas pelo Brasil indicamos a tese de Chaves (2013) que faz um levantamento de 28 dissertações e 10 teses sobre o fenômeno e traça um panorama dos estudos das vogais pretônicas no Português do Brasil entre os anos de 1980 a 2012. E o livro de Silva (2021) “Vogais pretônicas no Brasil: uma proposta de descrição a partir de Salvador” que discute sobre o fenômeno e continua o levantamento das pesquisas a partir de 2012.

⁵ O Projeto NURC - Norma Urbana Linguística Culta - teve início em 1970 por iniciativa e por proposição de Nelson Rossi, apresentada em reunião do Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idioma no México, em 1968. Visou o estudo da fala culta e habitual, através de uma documentação sonora em cinco capitais brasileiras e foi coordenado pelos professores José Brasileiro Vilanova, da Universidade Federal de Pernambuco; Nelson Rossi, da Universidade Federal da Bahia; Celso F. da Cunha, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Isaac

a pesquisa de Mota (1979) e o *Atlas prévio dos falares baianos* (ROSSI, 1963). Para análise, utilizou os Programas *Swaminc* (NARO; VOTRE, 1980) e *Varbrul-2* (CEDERGREN; SANKOFF, 1974), observando: a) Fatores sociais (sexo - homens/mulheres), faixa etária (25-35, 36-55, acima de 55) e procedência social (pais com curso superior e pais sem curso superior); b) Fatores internos: ponto de articulação da variável dependente, distância da variável dependente em relação à sílaba tônica, ponto de articulação da consoante precedente e seguinte, altura da vogal acentuada, altura da vogal inacentuada da sílaba subsequente, nasalidade da vogal acentuada, nasalidade da vogal inacentuada da sílaba subsequente, caráter átono da vogal da variável dependente.

De acordo com Silva (1989), as variantes baixas são mais favorecidas pelo contexto nasal e os dados parecem indicar que a nasalidade da vogal contextual favorece as variantes baixas e atua no sentido contrário em relação às vogais média-alta e altas. As vogais médias mantêm entre si uma relação de complementaridade que só se altera no contexto de vogal alta, pois a vogal média-alta só ocorre antes de média-alta e a vogal média-baixa antes de vogais baixas [ɛ], [ɔ], [a] e de vogais nasais.

Silva (1989) estabeleceu um conjunto de regras categóricas e variáveis de elevação e timbre em que [o] passa a [u] e [e] passa a [i], seguidas por vogal alta em determinados contextos que se referem ao alteamento (que não serão aqui apresentadas). Sobre o abaixamento Silva (1989) apresenta a regra categórica de timbre (RCT-3) - $V \rightarrow [+bx] / xci^2 \text{ ___ } ci^2$ em que uma vogal pretônica não-alta, ou recuada e arredondada ou não-recuada e não arredondada (/O/ ou /E/, respectivamente) realiza-se como baixa ([ɔ] ou [ɛ]) quando precede qualquer outra vogal, exceto nos casos citados na RCT-1 (Cf, *fechar, planejar*) e RCT-2 (Cf. *cereja, orelha*), exemplos: *esp[ɔ]rtivo, [ɔ]casião, pr[ɔ]ibido, ap[ɛ]lar, [ɛ]clipse, id[ɛ]al, pr[ɔ]priedade*.

As médias pretônicas do dialeto baiano pareceram estar sujeitas a uma regra variável de harmonia vocálica em que a pretônica assimila o traço de altura da vogal da sílaba seguinte. A *Regra categórica de timbre* é a responsável pelo traço regional que caracteriza o dialeto baiano como pertencente à região norte e o diferencia do falar do Sul, ou seja, essa regra explica a predominância das variantes baixas na cidade de Salvador/BA.

2.2.2 Araújo (2007): vogais médias pretônicas em Fortaleza/CE

A tese de Araújo (2007), *As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista*, investigou as vogais pretônicas no dialeto de Fortaleza – CE, a partir dos pressupostos da teoria de variação e mudança linguística. A autora estuda os inquéritos de 72 informantes (36 homens e 36 mulheres), extraídos do Banco de dados do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPORFOR)⁶. A amostra é estratificada em: faixa etária (1- 15 a 25 anos, 2- 26 a 49 anos e 3- 50 anos em diante); escolaridade (A- nenhuma a 4 anos, B- 5 a 8 anos e C- 9 a 11 anos) e sexo (masculino e feminino).

Sobre a abertura de [e] em Fortaleza, Araújo (2007) ressaltou que os fatores favorecedores foram: a) vogal tônica: vogais baixas [a, ε, ɔ] (*liberdade, merece, negócio*) e vogais nasais não-altas [ẽ], [õ], [ẽ] (*pertence*); vogal átona contígua: vogais baixas [a, ε] (*libertação, seleção*) e vogais nasais não-altas [ẽ], [õ], [ẽ] (*responder*); consoante precedente: velares (*quebrar*) e aspiradas (*relação*); consoante subsequente: velares (*pegaram*) e aspiradas (*maternal*); estrutura silábica: travada por /R/ (*termina*) e travada por /S/ (*pesquisa*); idade: 50 anos em diante.

Sobre a abertura de [o] os fatores favorecedores foram: Vogal tônica: vogais baixas [a, ε, ɔ] (*jogar, projeto, forró*), e vogais nasais não-altas [ẽ], [õ], [ẽ] (*cobrança*); vogal átona não-contígua: vogais baixas [a, ε, ɔ] (*coração, proteção, colocar*), e vogais nasais não-altas [ẽ, õ, [ẽ] (*potencial*); consoante precedente: alveolar (*dotar*), palatal (*jornalista*), aspirada (*rodando*); consoante subsequente: velar (*trocar*); estrutura da sílaba: travada por /R/ (*nordeste*), travada por /S/ (*mostrar*).

2.2.3 Graebin (2008): vogais médias pretônicas em Formosa/GO

A pesquisa de Graebin (2008), *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*, descreveu a realização das vogais médias [e] e [o] em posição pretônica na cidade

⁶ Sediado na Universidade Estadual do Ceará (UECE), o projeto NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), iniciado em 2004, por influência do Projeto NURC (cf. nota 5), busca documentar o português falado em Fortaleza. O projeto NORPORFOR apresenta três tipos de registro: a entrevista entre informante e documentador (DID); a elocução formal (EF), isto é, pregações e palestras; e o diálogo entre dois informantes (D2).

de Formosa, no estado de Goiás. A autora pesquisou o abaixamento, a manutenção e o alçamento nessas vogais.

Graebin (2008) utilizou dados de fala de quatorze participantes, que foram estratificados de acordo com três variáveis extralinguísticas, a saber: sexo (feminino – masculino), classe socioeconômica (alta – média - baixa) e nível de escolaridade (até 8 anos de estudo – de 8 a 11 anos de estudo – acima de 11 anos de estudo). Outro critério selecionado foi o contato que os habitantes de Formosa tinham com a cidade de Brasília (diário – esporádico). Após a estratificação dos dados de fala, a pesquisadora rodou os dados no programa estatístico *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE, 2005).

Em relação aos fatores favorecedores do abaixamento de [e]: a) vogal seguinte: vogal oral [ɛ] (*detesto*), vogais nasais [ẽ], [ẽ̃], [ĩ], [õ] (*restante, crescendo, termina, vergonha*); b) segmento seguinte: dental (*metade*), pós-alveolares palatais (*alojamento*), glotal (*terrível*), coda em /R/ (*serviço*); c) segmento precedente: labiodental (*federal/velado*), pós-alveolares (*digestão/chegar*), velares (*querendo/questão*), glotal (*recurso/redoma*); d) classe socioeconômica: classe média; e) tipo de discurso: diálogo; f) nível de escolaridade: até 11 anos de estudos; g) sexo: feminino

Quanto aos fatores favorecedores do abaixamento de [o]: a) vogal seguinte: vogal oral [ɛ], [ɔ], [a] (*começa, coloca, afogada*) vogais nasais [ẽ], [ẽ̃] (*chorando, correndo*); b) segmento seguinte: dental (*totalmente*), glotal (*horrível*), coda em /R/ (*orgulho*), bilabial (*sobradinho*); c) classe socioeconômica: classe média.

2.2.4 Dias (2012): vogais médias pretônicas nas capitais da região norte do Brasil – dados do ALiB

Nesse trabalho, *As vogais médias pretônicas nas Capitais da região norte do Brasil*, Dias (2012) descreve o comportamento das vogais médias pretônicas /E/ /O/ com base no falar de informantes de seis capitais da região norte do Brasil controlados pelo Projeto ALiB⁷: Belém-PA, Manaus-AM, Rio Branco-AC, Macapá-AP, Porto Velho-RR, e Boa Vista-RO. Foram utilizados dados dos questionários fonético fonológico e do questionário semântico lexical do Projeto Atlas Linguístico de Brasil. Com base nos resultados o autor afirmou que a

⁷ Em razão dos princípios metodológicos adotados pelo Projeto ALiB, consideram-se 25 capitais, uma vez que não se incluem Brasília (DF), capital do país, que data de 1960, nem Palmas, capital de Tocantins, criada em 1989.

manutenção de /E, O/ (vogais fechadas), considerando as capitais da região do norte do Brasil, é regra predominante em termos gerais.

Os fatores linguísticos que atuam no abaixamento de [e] e [o] não são os mesmos. A vogal baixa na sílaba tônica eleva a probabilidade de ocorrer o abaixamento. A vogal tônica é a principal motivadora do abaixamento, sendo a vogal baixa a favorecedora do fenômeno. O grupo sexo do informante indicou que o sexo feminino realiza mais o abaixamento.

Conforme Dias (2012), os resultados mostraram que ocorre maior probabilidade das vogais [ɛ] e [ɔ] nas capitais da região Norte: Rio Branco-AC, Porto Velho-RO, Manaus-AM, na parte da região norte.

2.2.5 Lopes (2013): vogais médias pretônicas em Sergipe – dados do ALiB

A pesquisa *Pretônicas na língua falada em Sergipe: dados do Projeto ALiB* de autoria de Lopes (2013) também utilizou os dados do ALiB e investigou as pretônicas na rede de pontos de Sergipe: Propriá, Aracaju e Estância. A abertura das vogais em Propriá obteve uma frequência de 71,4%, em Aracaju de 59,9% e em Estância de 59,4. Em Propriá, segundo os resultados encontrados pelo autor, é a cidade que favorece a abertura das vogais pretônicas.

Em relação à variável social diageracional, os dados apontam uma diferença significativa entre as gerações: os mais velhos favorecem o abaixamento das vogais. Em Aracaju revelou maior uso das variantes abertas para os homens. Em Propriá foram as mulheres que favoreceram o abaixamento vocálico.

Os dados revelaram que as vogais médias abertas, tanto para a série das anteriores (62,6%), quanto para a série das posteriores (54,8%) predominam em posição pré-acentuada. A vogal tônica é a principal motivadora do abaixamento, sendo as vogais [ɛ, ɔ, õ, ã] favorecedoras do fenômeno.

2.2.6 Souza (2018): vogais médias pretônicas em Goiás – dados do ALiB

Em sua pesquisa, intitulada *As vogais médias pretônicas na fala de Goiás com base nos dados do Projeto ALiB*, Souza (2018) analisou a distribuição diatópica das vogais médias pretônicas nas localidades do estado de Goiás: Porangatu, São Domingos, Aruanã, Formosa, Goiás, Jataí, Catalão, Quirinópolis.

Segunda a autora o índice das vogais fechadas foi maior no estado de Goiás do que das vogais abertas – as vogais anteriores com 58% e as posteriores com 57%. Quando se comparado com as localidades do Nordeste o estado de Goiás possui alta frequência de vogais fechadas, no entanto, quando se comparado as localidades do Sul/Sudeste o estado possui baixa frequência das vogais fechadas.

Souza (2018) afirma que as localidades de Porangatu, São Domingos e Formosa fazem parte do subfalar baiano, enquanto Aruanã, Goiás, Jataí, Catalão e Quirinópolis pertencem ao subfalar sulista.

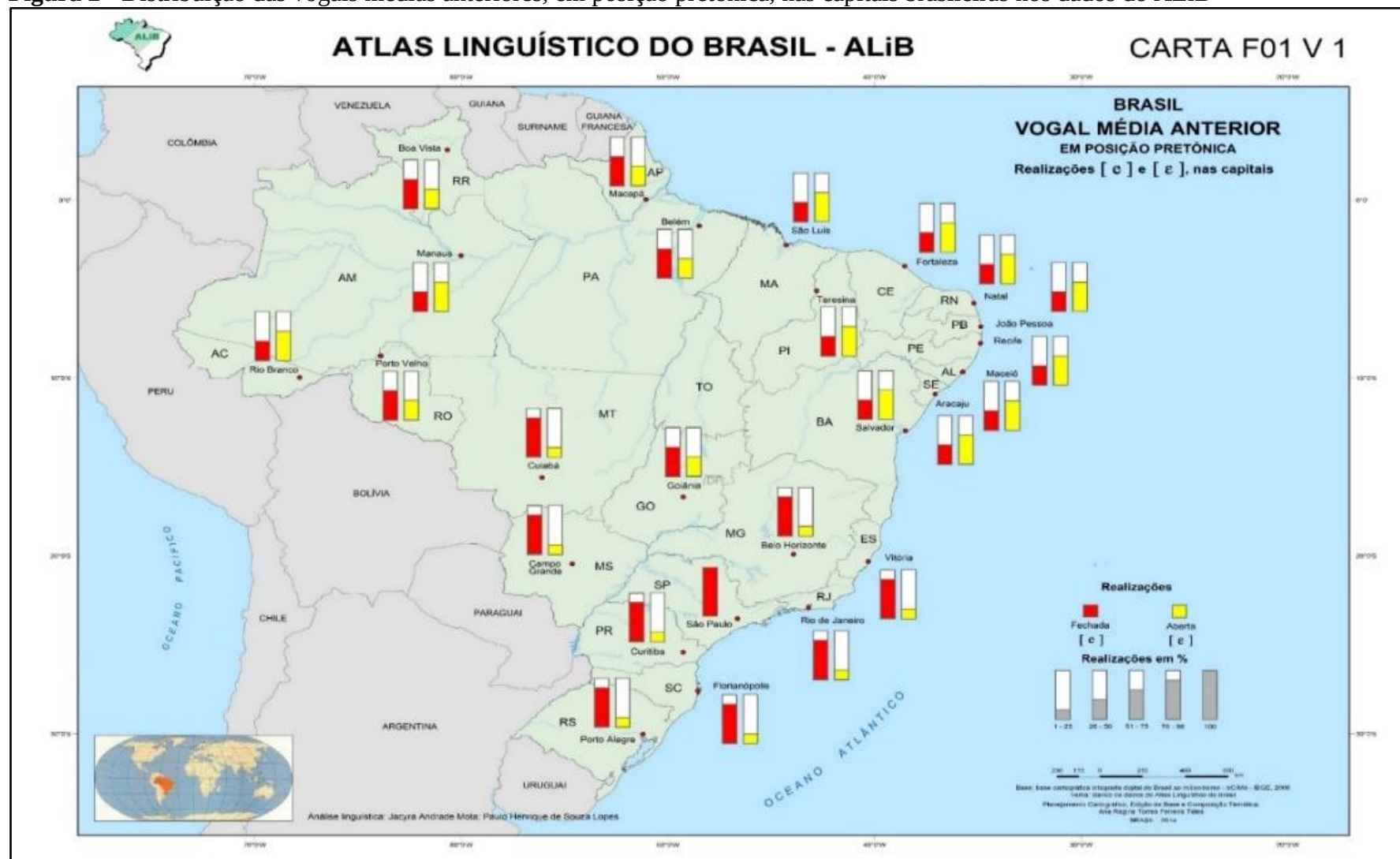
Em relação aos fatores sociais os mais jovens favorecem as vogais fechadas ao contrário dos mais velhos. De acordo com o sexo, as mulheres apresentaram o peso relativo próximo ao ponto neutro. O resultado dos cruzamentos da variável sexo e faixa etária mostrou maior favorecimento das vogais fechadas para o grupo de mulheres jovens. O estado de Goiás obteve uma frequência de 42% das vogais abertas.

2.2.7 Mota e Lopes (2022? No prelo): vogais médias pretônicas nas capitais brasileiras – dados do ALiB

O estudo, *As vogais médias pretônicas*, de autoria de Mota e Lopes faz parte do volume 3 do *Atlas Linguístico do Brasil – comentários às cartas linguísticas 1* (MOTA; LOPES, 2022? No prelo). Os autores fazem comentários sobre as cartas fonéticas do volume 2 (CARDOSO et al., 2014, p. 70-79) e uma análise sobre as vogais pretônicas distribuídas nas capitais brasileiras. O estudo contempla a diatopia, sexo, faixa etária e nível de escolaridade do informante que integram o volume 2 do ALiB (CARDOSO et al., 2014b).

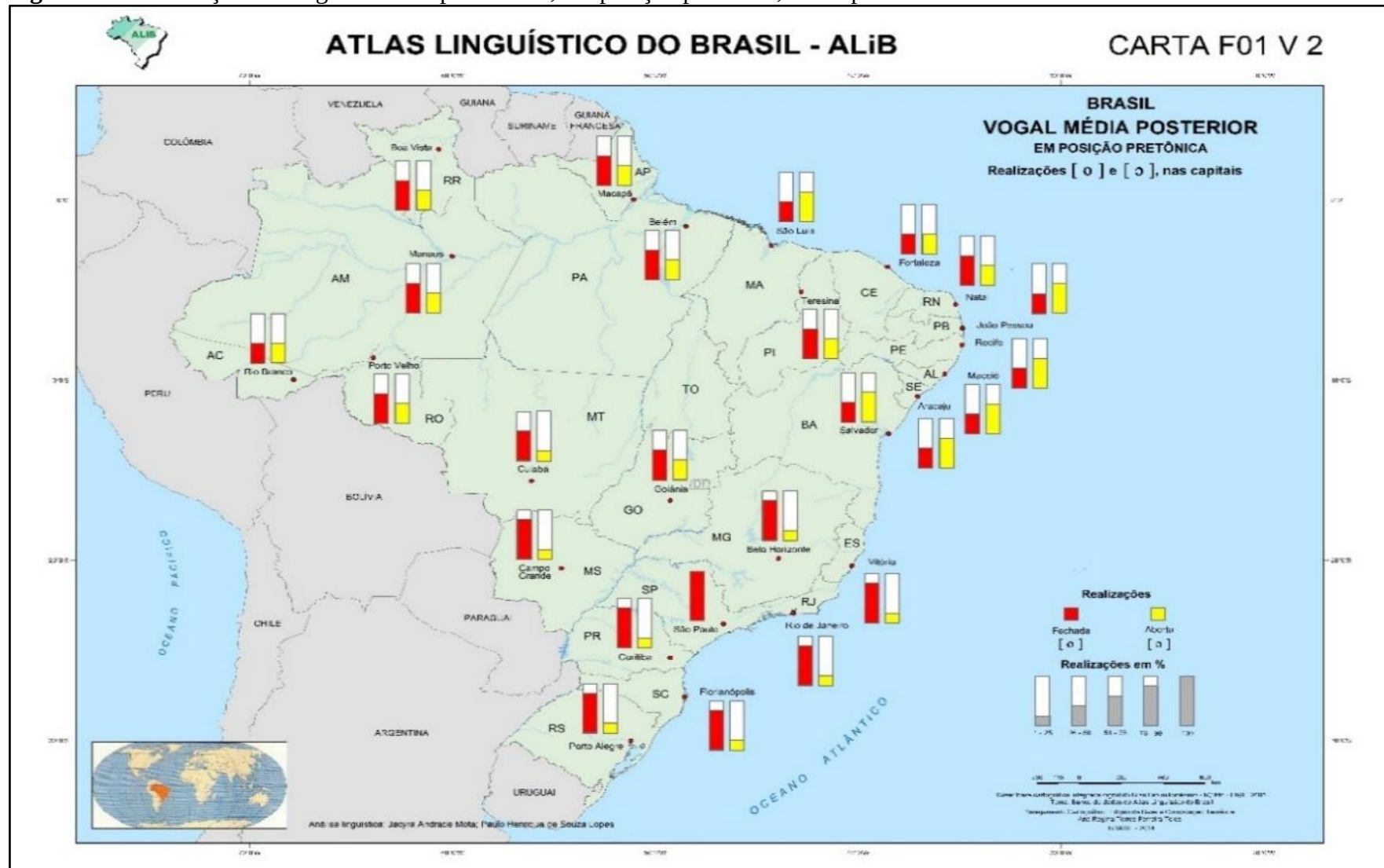
Vejamos as Figuras 2 e 3 que mostram a distribuição das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores nas capitais brasileiras (exceto, Palmas/TO e Brasília/DF - não incluídas, devido à metodologia do ALiB).

Figura 2 - Distribuição das vogais médias anteriores, em posição pretônica, nas capitais brasileiras nos dados do ALiB



Fonte: Cardoso et al. (2014b, p. 71)

Figura 3 - Distribuição das vogais médias posteriores, em posição pretônica, nas capitais brasileiras nos dados do ALiB



Fonte: Cardoso et al. (2014b, p. 74)

Na região Norte (Figura 2), conforme Mota e Lopes, a vogal anterior fechada apresenta índices percentuais mais elevados nas capitais de Boa Vista, Macapá, Porto Velho, Belém, exceto em Rio Branco e Manaus que apresentam mais as vogais abertas. Quanto à vogal posterior (Figura 3), além de Boa Vista, Macapá, Porto Velho e Belém, Manaus também apresenta índices percentuais elevados para a vogal fechada. A vogal posterior só tem o mesmo valor para a fechada e aberta em Rio Branco.

Na região Nordeste (Figura 2), a predominância é de vogais abertas anteriores em todas as capitais: São Luis, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracajú e Salvador. Quanto à vogal posterior (Figura 3), apresenta índice percentual mais elevado para a abertura nas capitais: São Luis, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju, Salvador. Já as capitais Teresina e Natal apresentam índices elevados para o fechamento das vogais. A vogal posterior só tem o mesmo valor para a fechada e aberta em Fortaleza.

Nas regiões Centro-Oeste (Figura 1 e 2) (capitais Cuiabá, Campo Grande e Goiânia), Sudeste (Belo Horizonte, Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre) são elevados os índices de frequência das vogais fechadas, tanto para as vogais anteriores quanto as posteriores.

Enquanto nas capitais das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul foram registradas a predominância das vogais fechadas, nas capitais do Nordeste registraram a predominância de vogais abertas. Nas regiões Norte e Nordeste verificam-se indícios de mudanças em curso, em direção às variantes fechadas, de maior prestígio no país.

De acordo com Mota e Lopes (2022) “os dados analisados, com base no *corpus* do ALiB, de modo geral, confirmam, do ponto de vista diatópico, as análises anteriores, delineando, no país, duas grandes áreas, cujos limites ainda não foram totalmente demarcados”. Quanto aos fatores sociais, nas regiões em que predominam as vogais abertas, encontram-se valores um pouco mais elevados para as fechadas em informantes da faixa etária I, de escolaridade universitária e do sexo feminino, indícios de mudanças em curso em direção às variantes de prestígio.

2.3 ESTUDOS SOBRE VOGAIS PRETÔNICAS ABERTAS NOS FALARES MINEIROS

Nesta subseção, apresentamos os estudos desenvolvidos sobre as vogais médias pretônicas no estado de Minas Gerais, dando ênfase na área da Dialetologia e Sociolinguística, utilizadas para interpretar os processos das variáveis em estudo.

As pesquisas investigaram o abaixamento em localidades inseridas nos falares mineiros. Tal orientação epistemológica é uma proposta de Zágari (1998) a partir dos dados do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al., 1977), que apresenta a diversificação linguística do território de Minas Gerais sob a forma de três falares: (i) *falar baiano* (localizado na região norte do estado); (ii) *falar mineiro* (localizado na região metropolitana de Belo Horizonte - capital – e sul do estado); (iii) *falar paulista* (localizado no triângulo mineiro – oeste do estado)⁸.

A maioria das pesquisas que trabalham com as vogais pretônicas analisa o alçamento e manutenção de [e] e [o] (VIEGAS, 1987, 2001; CASTRO, 1990; BISINOTTO, 2011; CARNEIRO, 2011; FELICE, 2012; LEMOS, 2018). No entanto, como já dito, o nosso foco é o abaixamento e para tal daremos prioridade a Guimarães (2007), Almeida (2008), Dias (2008, 2014), Alves (2008), Viana (2008), Tondineli (2010, 2015), Rezende (2013), Costa (2017).

2.3.1 Guimarães (2007): Vogais médias pretônicas nas regiões Norte e Sul de Minas

A pesquisa de Guimarães (2007) apresentou uma abordagem diferente em relação aos estudos sobre as pretônicas, pois faz intermediação entre a abordagem variacionista e a teoria fonológica da Otimalidade. A dissertação de Guimarães intitulada *Variação das vogais médias na posição pretônica nas regiões norte e sul de Minas Gerais: uma abordagem à luz da Teoria da Otimalidade* objetivou mostrar em que medida os traços linguísticos atuam no fenômeno de variação da vogal pretônica. A investigação girou em torno das diferentes variações, ambientes fonológicos que atuam determinando as escolhas dos falantes e o autor discute a adequação dessa teoria para os fenômenos de variação.

A pesquisa foi realizada em três cidades do Norte de Minas: Bocaiúva, Montes Claros e Mirabela, cidades que se incluem no falar baiano (Cf. ZÁGARI, 1998) e três do Sul de Minas:

⁸ O enfoque sobre a proposta da divisão dos falares é apresentado na seção 4, sobre Dialetologia, da subseção 4.1.6 em que desenvolvemos a proposta da divisão das áreas dialetais do Brasil e de Minas Gerais (Cf. NASCENTES, 1953 e ZÁGARI, 1998).

Bom Sucesso, Lavras e Três Corações, cidades que se incluem no falar mineiro (Cf. Zágari, 1998).

Guimarães (2007) trabalhou com 3.055 dados, com os quais realizou a quantificação no programa *Goldvarb* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Houve um índice maior de ocorrência de vogais médias baixas [ɛ, ɔ] na região norte (13,5%) e pouquíssima ocorrência na região sul (1,5%). Segundo o autor, há dois processos fonológicos atuando nas duas regiões, em que ora se preservam as vogais médias [e, o], e ora ocorre a redução vocálica. Apenas na região norte ocorre o abaixamento da vogal média pelo processo de harmonia vocálica.

O autor apresentou um conjunto de palavras em que ocorrem exclusivamente as vogais médias-altas como em *v[o]cê, ir[o]nia, c[o]mendador, fid[e]lidade, pr[o]fessora, cr[e]tino, s[o]corro, n[o]gueira, c[e]bola, int[e]resse, s[e]nador, g[o]zador*. E um outro conjunto de palavras em que ocorre variação vogal média-alta / vogal média-baixa na região Norte de Minas como em *in[ɔ]cente/in[o]cente, j[ɔ]rnal/j[o]rnal, r[ɛ]ação/r[e]lação, m[ɔ]mento/m[o]mento, c[ɔ]lar/c[o]lar, r[ɛ]alidade/r[e]alidade, c[ɔ]ração/c[o]ração, hip[ɔ]pótamo/hip[o]pótamo, carr[ɔ]ssel/carr[o]ssel, r[ɛ]lógio/r[e]lógio, pr[ɛ]sentes/pr[e]sentes, [ɛ]rradas/[e]rradas, m[ɛ]tade/m[e]tade, v[ɛ]lórios/v[e]lórios, v[ɛ]lados/v[e]lados, fr[ɛ]quência/fr[e]quência, imp[ɔ]rtante/imp[o]rtante*.

Guimarães (2007) verificou que os seguintes contextos favorecem a vogal média-baixa em comparação com a vogal média-alta no Norte de Minas: a) a vogal tônica ser aberta como em *hip[ɔ]pótamo, r[ɛ]lógio, carr[ɔ]ssel, v[ɛ]lório*; b) caso a sílaba pretônica seja fechada pelo arquifonema /R/, a vogal média que constitui o pico silábico tende a ser média-baixa como em *j[ɔ]rnal, imp[ɔ]rtante, gov[ɛ]rnador, c[ɛ]rteza*; c) sílaba tônica constituída com /eN/ ou /oN/ favorece a presença de vogal pretônica média-baixa como em *fr[ɛ]quência, pr[ɛ]sentes, m[ɔ]mento, in[ɔ]cente*.

Guimarães (2008) concluiu que na região Norte de Minas Gerais, a variação entre as produções dos falantes é maior. O autor exemplificou como em ‘moeda’ se pode ter até três possíveis variantes, ou seja, *m[o]eda, m[u]eda e m[ɔ]eda*. Nesse caso, atuam, respectivamente, a preservação da estrutura, a redução vocálica e a harmonia vocálica. Já em relação à harmonia vocálica, esta ocorre somente quando temos na sílaba tônica a presença de uma vogal média-baixa. Em relação à vogal média-alta da sílaba pretônica, a mesma assimila o traço da vogal média-baixa na sílaba tônica, tornando-se média-baixa. O abaixamento pode ocorrer quando a vogal da sílaba subsequente à da vogal média for baixa, a sílaba pretônica for fechada pelo arquifonema /R/ e a sílaba tônica constituída de /eN/ ou /oN/.

Em relação à região Sul, os dados apontaram para um sistema uniforme naquilo que tange à escolha entre vogal média-baixa e vogal média-alta. Guimarães verificou, através das análises, que, em posição pretônica, as vogais médias realizam-se essencialmente como médias-altas, ou seja [e] e [o]. As vogais médias-baixas [ɛ, ɔ] obtiveram uma frequência de 1,5% e as vogais médias-altas [e, o] de 98,5%.

Em relação à variedade dialetal pesquisada no sul de Minas, Guimarães (2007) ressaltou que as palavras estudadas, mesmo as passíveis de ocorrência de média-baixa, apresentaram-se com [e, o] em posição pretônica.

2.3.2 Almeida (2008): vogais médias pretônicas em Machacalis

Nesse trabalho, intitulado *A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis*, Almeida (2008) estudou as vogais pretônicas [e] e [o], [ɛ] e [ɔ], [i] e [u], como em *m[ɛ]nino*, *m[e]nino*, *m[i]nino* e em *c[ɔ]mércio* ~ *c[o]mércio* ~ *c[u]mércio*, em Machacalis, cidade situada na região do Vale de Jequitinhonha/Mucuri que faz parte da área do falar baiano de Minas Gerais (Cf. ZÁGARI, 1998).

Para esta pesquisa a autora considerou os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e para análise estatística dos dados utilizou o programa *modelo de regressão multinomial*, incluído no *software* SPSS⁹ (NIE; HULL; BENT; 1984).

Almeida (2008) entrevistou 16 informantes, sendo oito informantes da região rural e oito da região urbana estratificados em sexo (masculino/feminino) e faixa etária (jovens -18 a 24 anos e adultos – 40 a 60 anos).

Sobre a abertura do /E/ Almeida (2008) destacou os fatores favorecedores: a) vogal da sílaba tônica: [a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], [ẽ], [õ], [ĩ], [ũ]; b) vogal entre a vogal da variável e a tônica: [a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], [ẽ], [õ]; c) morfema em que a vogal esteja inserida: prefixos – *pre-/per-/re-*; d) modo precedente: líquidas, fricativas; e) ponto precedente: dorsais; f) modo seguinte: líquidas, tepe; g) ponto seguinte: dorsal [h]; h) paradigma com vogal aberta: com paradigma; i) sexo: feminino. Já os fatores que favorecem a abertura do /O/ foram: a) vogal da sílaba tônica: [a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], [ẽ], [õ], [ĩ], [ũ]; b) modo seguinte: líquidas; c) ponto seguinte: dorsal [h]; d)

⁹Para analisar os dados, estatisticamente, foi utilizado o pacote estatístico para ciências sociais: o modelo logístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*). SPSS é um software aplicativo (programa de computador) do tipo científico que inclui aplicação analítica e transforma os dados em informações. Foi inventado por Norman H. Nie, C. Hadlai Hull e Dale H. Bent em 1984.

morfema em que a vogal esteja inserida: prefixos *co-*, *pro-*; e) paradigma com vogal aberta: com paradigma; f) sexo: feminino.

Almeida (2008) concluiu que ocorreu a neutralização da oposição e/ε em favor de [ε] com as vogais [a], [ε], [ɔ], [ẽ] na sílaba seguinte. Ocorreu, também, a neutralização da oposição o/ɔ em favor de [ɔ] como resultado da harmonia vocálica do grau de abertura com as vogais [a], [ε], [ɔ], [ẽ] na sílaba seguinte. A autora ressaltou que há também a influência das consoantes adjacentes constituindo um processo de assimilação entre vogais e consoantes.

2.3.3 Dias (2008): vogais médias pretônicas em Piranga e Ouro Branco

Nesse trabalho, intitulado *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco*, Dias (2008) estudou as vogais pretônicas [e] e [o], [ε] e [ɔ], [i] e [u], em Piranga e Ouro Branco, cidades situadas na região do sul de Minas que fazem parte da área do falar mineiro de Minas Gerais (Cf. ZÁGARI, 1998). Para essa pesquisa a autora considerou os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e para análise estatística dos dados utilizou o programa *modelo de regressão multinomial*, incluído no *software* SPSS.

Conforme Dias (2008, p. 23), o objetivo foi “descrever e fazer o encaixamento linguístico dos aspectos fonético-fonológicos das vogais médias pretônicas” nos dois municípios e ainda “descrever e analisar aspectos sociolinguísticos que influenciam a variabilidade ocorrida na fala dessas comunidades”. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, leitura de palavras e textos e teste de produção e percepção. Foram 16 informantes, estratificados por gênero, faixa etária e origem. A autora selecionou 11 fatores linguísticos.

Sobre a abertura de [e] em Ouro Branco, Dias (2008) ressaltou que os fatores favorecedores foram: a) vogal da sílaba tônica: [a], [ε], [ɔ]; b) paradigma com vogal aberta: com paradigma; c) sexo: feminino. Já para a abertura de [o] os fatores favorecedores foram: a) vogal da sílaba tônica: [a], [ε], [ɔ]; b) vogal entre a vogal da variável e a tônica: ausência, [a], [ε], [ɔ]; c) paradigma com vogal aberta: com paradigma.

Sobre a abertura de [e] em Piranga, os fatores favorecedores segundo Dias (2008) foram: a) vogal da sílaba tônica: [a], [ε], [ɔ], [ẽ], [ê], [ô]; b) vogal entre a vogal da variável e a tônica: [a], [ε], [ɔ], [ẽ], [ê], [ô]; c) morfema em que a vogal esteja inserida: prefixos *re-/pre-/per*; d) paradigma com vogal aberta: com paradigma; e) sexo: masculino; f) faixa etária: jovens - início de progressão. E para abertura de [o] os fatores favorecedores foram: a) vogal da sílaba

tônica: [a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], [ê], [õ]; b) vogal entre a vogal da variável e a tônica: [a], [ɛ], [ɔ], c) morfema em que a vogal esteja inserida: prefixos *pro*; d) paradigma com vogal aberta: com paradigma.

Em relação à abertura Dias (2008) concluiu que, em Piranga, ocorreu também a neutralização da oposição em favor de [ɛ], quando a vogal seguinte era [ẽ], [õ]. A manutenção de [e] alcançou o maior percentual geral, bem significativo quando seguido de [e, o]. A abertura não foi estigmatizada em nenhuma das duas cidades.

2.3.4 Alves (2008): vogais médias pretônicas em Belo Horizonte

Alves (2008) em sua tese intitulada *As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte: estudo da variação à luz da teoria da otimalidade*, investigou no dialeto de Belo Horizonte, cidade que se inclui no falar mineiro (Cf. ZÁGARI, 1998), a pronúncia das vogais médias em posição pretônica nos substantivos. A autora observou apenas os fatores linguísticos motivadores para a elevação e o abaixamento bem como o que influencia processos fonológicos como harmonia vocálica e redução. Estudou a variação linguística a partir da teoria da otimalidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993).

Alves (2008) constatou que as vogais médias no dialeto de Belo Horizonte apresentam um comportamento que ela identifica como bastante complexo em posição pretônica, uma vez que há três formas fonéticas distintas para a sua realização: a) com o timbre fechado, *c[o]brança*; b) com o timbre aberto, *pr[ɔ]jeto*; e c) como vogal alta, *m[u]tivo*. Além disso, os falantes deste dialeto apresentam variação da vogal média em casos específicos. Esta variação ocorre sob dois formatos: a) variação entre a vogal média fechada e a vogal média aberta, como em *c[o]légio ~ c[ɔ]légio* e b) variação entre a vogal média fechada e a vogal alta, como em *p[e]squisa ~ p[i]squisa*. O que vimos é que as três formas fonéticas distintas para a realização das vogais pretônicas não ocorrem somente no dialeto de Belo Horizonte, mas também no Português do Brasil.

A maioria das palavras, isto é, 77,8% do total, foi realizada com o timbre fechado da vogal média. Isto ocorre devido à tendência de os falantes do dialeto de Belo Horizonte optarem pela vogal média fechada em posição pretônica. Outro grupo menor ainda apresentou a vogal média aberta em posição pretônica, 3,2% dos casos.

Quanto aos fatores favorecedores do abaixamento da vogal média posterior Alves (2008) averiguou que a presença da vogal média aberta em posição tônica e a presença da vogal

baixa em posição tônica e na sílaba imediatamente seguinte são os fatores mais determinantes para que o abaixamento ocorra. E que os fatores que motivam a produção da vogal média aberta anterior são os mesmos fatores que motivam a produção da vogal média aberta posterior. Neste caso, a vogal média aberta e a vogal baixa em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte favorecem a realização do timbre aberto da vogal média em posição pretônica.

A tendência dos falantes do dialeto de Belo Horizonte, segundo Alves (2008), é pela realização fechada da vogal média pretônica, o que foi confirmado também nos resultados do Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso et al., 2014b, p. 71-72). Os fatores linguísticos que favorecem o abaixamento da vogal média anterior e da vogal média posterior são os mesmos, ou seja, a presença da vogal média aberta em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte e a presença da vogal baixa em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte. O travamento silábico por /R/ também é um fator favorecedor da realização da vogal média aberta anterior em posição pretônica.

2.3.5 Viana (2008): vogais médias pretônicas em Pará de Minas

A dissertação de Viana (2008), intitulada *As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística*, estudou as vogais pretônicas - [e] e [o] – *socorro* e *cerveja*; [i] e [u] – *pulícia* e *ricibo*; [ɛ] e [ɔ] – *colégio* e *remédio* - em Pará de Minas, cidade que se inclui no falar mineiro (Cf. ZÁGARI, 1998) em Minas Gerais.

Viana (2008) adotou em seu trabalho a teoria-metodológica da Variação e Mudança Linguística e para análise estatística a autora utilizou o programa *Goldvarb X*. Foram utilizados 33 informantes estratificados em sexo (masculino, feminino), faixa etária (<25 anos, 30-50, >60 anos), escolaridade (analfabeto, médio, superior), classe social (baixa, média) e estilo (formal, informal).

Os fatores favorecedores do abaixamento de [e] foram: átona permanente, distância 1 da tônica, consoantes posteriores precedentes, consoantes não coronal e anteriores seguintes. Enquanto os fatores favorecedores do abaixamento de [o] foram: vogais tônicas baixas, vogais tônicas nasais, consoantes nasais, fricativas e laterais precedentes, pausa como contexto precedente, consoantes laterais e fricativas seguintes, segmentos sonoros seguintes.

Viana (2008) concluiu que a manutenção da vogal fechada é o processo mais frequente em Pará de Minas. A autora demonstrou evidências de uma atuação lexical relacionada à variação das vogais médias pretônicas.

2.3.6 Tondineli (2010): vogais médias pretônicas em Montes Claros

A dissertação de Tondineli (2010), *A variação fonética das vogais médias pré e postônicas na variedade linguística de Montes Claros/MG*, investigou as vogais a partir dos pressupostos da teoria de variação mudança linguística e do modelo da difusão lexical na cidade de Montes Claros, Norte de Minas Gerais, cidade que se inclui no falar baiano (Cf. ZÁGARI, 1998). Apresentou como variável dependente os fenômenos de alçamento, manutenção e rebaixamento.

Foram analisados 5.058 dados de [e] e 3.299 de [o] apresentando um índice muito baixo de realização aberta. Em relação à vogal média anterior, a autora encontrou 28% de alçamento, 71% de manutenção e apenas 1% de rebaixamento. Para a posterior, 14% de alçamento, 82% de manutenção e apenas 4% de rebaixamento.

Sobre o abaixamento de [e] os fatores favorecedores foram: a) vogal da sílaba seguinte: vogais anteriores [ɛ, e, i]; b) contexto fonológico precedente: fricativa (*severa*); c) contexto fonológico seguinte: oclusiva (*setembro*), tepe (*interessa*); d) escolaridade: 1º grau.

Sobre o abaixamento de [o] os fatores favorecedores foram: a) vogal da sílaba seguinte: vogais [ɛ], [ɔ] (*novela/gostosa*); b) contexto fonológico precedente: fricativa, nasal, lateral (*fotografia, novela, floresta*); c) contexto fonológico seguinte: fricativa, oclusiva, lateral (*gostosa, Copacabana, colega*); d) faixa etária jovem de 15 a 30 anos.

2.3.7 Rezende (2013): vogais médias pretônicas em Monte Carmelo

A pesquisa de Rezende (2013), *O processo variável do abaixamento das vogais médias pretônicas no município de Monte Carmelo/MG*, investigou a cidade de Monte Carmelo que se inclui no falar paulista (Cf. ZÁGARI, 1998). Rezende (2013) objetivou descrever e analisar o abaixamento das vogais médias [e] e [o] na posição pretônica no dialeto de Monte Carmelo, em palavras como: *n[ɛ]gócio ~ n[e]gócio* e *m[ɔ]rar ~ m[o]rar*. A autora adotou os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e os dados referentes à manutenção e ao abaixamento das vogais médias altas [e] e [o] na posição pretônica para, enfim, submetê-los ao pacote de programas *Goldvarb X*.

Foram utilizados na pesquisa 24 informantes, que fazem parte do banco de dados do Grupo de Estudos em Fonologia (GEFONO)¹⁰, da Universidade Federal de Uberlândia

¹⁰A escolha das células seguiu a proposta do Grupo de Estudos em Fonologia (GEFONO), coordenado pelo professor Dr. José Sueli Magalhães (Universidade Federal de Uberlândia), o qual está vinculado ao Projeto de

estratificados em sexo (masculino/feminino); faixa etária (entre 15 e 25 anos/ 26 e 49 anos/ acima de 50 anos); grau de escolaridade (entre 0 e 11 anos de estudo e com mais de 11 anos de estudo).

Sobre o abaixamento de [e] que obteve a frequência de 13,7% os fatores favorecedores foram: a) modo de articulação do contexto precedente – líquidas (*religião*); b) modo de articulação do contexto seguinte – tepe (*diferente*), líquidas (*inteligente*), nasal (*enorme*), oclusiva (*negócio*); c) altura da vogal da sílaba tônica – vogal média baixa (*dezenove*), vogal baixa (*elevado*); d) qualidade da vogal da sílaba tônica – vogal nasal (*cerâmica*); e) distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica – distância Ø (*declínio*); f) tipo de sílaba pretônica – sílaba pesada (*verdade*); g) item lexical – adjetivos (*legal*), verbos (*levar*); h) sexo - masculino; i) faixa etária – com mais de 49 anos de idade; j) escolaridade – entre 0 a 11 anos de estudo.

Em relação ao abaixamento de [o] que obteve uma percentagem de 17,4% os fatores favorecedores foram: a) modo de articulação do contexto precedente – nasal (*morar*), oclusiva (*pastoral*), pausa (*#opção*); b) ponto de articulação precedente – pós-alveolar (*jornal*), labiodental (*formar*), palatal (*melhorar*), alveolar (*professor*); c) modo de articulação do contexto seguinte – tepe (*coração*); d) altura da vogal da sílaba tônica – vogal média baixa (*novela*), vogal baixa (*formar*); e) qualidade da vogal da sílaba tônica – vogal nasal (*profissão*); f) distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica – distância Ø (*coragem*); g) tipo de sílaba pretônica – sílabas pesadas (*normal*); h) sexo – masculino; faixa etária – com mais de 49 anos de idade; i) escolaridade – entre 0 a 11 anos de estudo.

Rezende (2013) concluiu, sobre a vogal [o], que os resultados foram semelhantes aos encontrados para a vogal [e], inclusive as variáveis referentes à altura e a à qualidade da vogal da sílaba tônica também apresentaram os resultados semelhantes em relação à vogal média posterior. Assim como ocorreu para a vogal [e], a análise de [o] revelou que as vogais nasais e as vogais médias baixas, posição tônica, favorecem a realização do [ɔ] na sílaba pretônica, o que representa, novamente, um caso de harmonia vocálica. Os dados revelaram que a vogal [o] favoreceu mais a aplicação da regra de abaixamento do que a vogal [e]. A manutenção das vogais médias altas na sílaba pretônica foi bem mais frequente do que o abaixamento no dialeto de Monte Carmelo.

2.3.8 Dias (2014): vogais médias pretônicas em Machacalis, Ouro Branco e Piranga

A tese intitulada *Estudo comparativo da variação das vogais médias pretônicas em falares mineiros* de Dias (2014) descreveu as vogais médias pretônicas de algumas variedades mineiras e estudou os processos fonológicos pelos quais passam essas vogais nas cidades de Piranga, Ouro Branco (cidades que se incluem no falar mineiro (Cf. ZÁGARI, 1998)) e Machacalis (cidade que se inclui no falar baiano (Cf. ZÁGARI, 1998)).

Dias (2014) adotou o modelo teórico da Teoria da Variação e Mudança Linguística, o modelo da Fonologia Autossegmental e da Geometria de Traço. Para o tratamento estatístico, foi utilizado o modelo de regressão logística, presente no *software* SPSS.

O *corpus* utilizado foi constituído com dados da fala de 24 informantes que foram selecionados considerando os fatores sociais: origem (Ouro Branco, Piranga, Machacalis), sexo (masculino e feminino) e faixa etária (jovens – 18 a 24 anos e adultos – 40 a 60 anos).

Sobre o abaixamento das vogais Dias (2014) mostrou que as variáveis que favoreceram a abertura do [e] foram: a) vogais tônicas [ɛ] e [ɔ] (como em *r[ɛ]médio*), [ẽ] e [õ] (como em *d[ɛ]pende*) e a vogal [a] (como em *t[ɛ]clado*); b) fricativas do modo seguinte - [f], [v], [s], [z], [h], [ʃ] (como em *l[ɛ]varam*) e as oclusivas - [p], [b], [t], [k], [g] (como em *p[ɛ]gava*). Enquanto as variáveis que favoreceram a abertura do [o] foram: a) vogais da sílaba tônica [ɛ], [ɔ] – (como em *c[ɔ]lega*), [ẽ] (como em *pr[ɔ]blema*) e [a] (como em *n[ɔ]rma*); b) as fricativas [s], [v], [h], [z] do modo seguinte (como em *g[ɔ]stamos*); c) a primeira sílaba da distância do início da palavra (como em *n[ɔ]vela*); sexo feminino.

Dias (2014) concluiu em Machacalis que os únicos contextos vocálicos desfavorecedores da abertura são aqueles que favorecem a manutenção e as consoantes que são desfavorecedoras do alçamento favorecem a abertura. A autora evidenciou o papel das vogais nasais nos processos: com as vogais [ẽ], [õ] na sílaba tônica prevalece a forma média baixa da pretônica em Machacalis, pois [ẽ], [õ] são mais baixas do que [e], [o].

Os fatores favorecedores da abertura da vogal [e] em Ouro Branco foram: a) vogal tônica [a] - *p[ɛ]sado* [ɛ], [ɔ] - *n[ɛ]gócio*; b) classe gramatical nomes - *v[ɛ]rdade*; c) sexo feminino; d) faixa etária adulto. E os fatores favorecedores da abertura de [o] foram: a) vogal tônica [ɛ], [ɔ] - *c[ɔ]loca* [a] - *m[ɔ]rava*; b) Paradigma com vogal aberta - *ch[ɔ]rava*.

Os fatores favorecedores da abertura de [e] em Piranga foram: a) vogal tônica [ɛ], [ɔ] - *r[ɛ]cebe* [a] - *ch[ɛ]gada*; b) distância do início da palavra: 1ª sílaba - *pr[ɛ]cária*; c) paradigma com vogal aberta - *r[ɛ]zava*; d) sexo - masculino; e) faixa etária - de jovem e adulto. Já os

fatores favorecedores da abertura de [o] foram: a) vogal tônica [a] - *g[ɔ]stava* [ɛ], [ɔ] - *m[ɔ]derno*; b) Modo seguinte - fricativas [s], [v], [h], [f], [ʒ] - *pr[ɔ]cesso*.

Após analisar os itens lexicais para abertura, Dias (2014) observou que houve casos em que a vogal tônica era favorecedora da abertura e o item não apresentou realização aberta, casos em que a abertura ocorreu em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorreu.

Dias (2014) concluiu que a realização da manutenção é categórica nas cidades investigadas e que os processos envolvidos na abertura das vogais anteriores são mais significativos para a distinção dos falares em questão do que o alçamento.

Em Ouro Branco, prevaleceu a manutenção, mesmo com vogal tônica favorecedora da abertura. Já em Piranga, o percentual de abertura nesse contexto é muito alto. Dias (2014) constatou que em Piranga há indícios de progressão da abertura no contexto de vogal tônica [ẽ], [õ], mas na regressão esse contexto não deu significativo. Piranga parece caminhar na direção do falar baiano.

Dias (2014) ressalta que se levar em consideração todos os fatores favorecedores, Ouro Branco pertenceria ao *falar mineiro* e Piranga estaria numa área de transição entre o *falar mineiro* e o *falar baiano*.

2.3.9 Tondineli (2015): vogais médias pretônicas no Norte mineiro

Tondineli (2015),¹¹ em sua tese intitulada *A variação das vogais médias pretônicas na mesorregião do Norte de Minas sob a ótica da teoria dos sistemas complexos*, investigou as vogais pretônicas no falar de moradores da mesorregião do Norte de Minas Gerais nas localidades de Montes Claros, Bocaiúva, Brasília de Minas, Januária e Janaúba, cidades que se incluem no falar baiano (Cf. ZÁGARI, 1998). Utilizou as Teoria da Variação e dos Sistemas Complexos para analisar o comportamento do sistema vocálico pretônico.

Em sua pesquisa foram entrevistados 40 informantes, sendo oito informantes de cada uma das localidades, escolhidos aleatoriamente, tendo por base o preenchimento dos seguintes parâmetros extralinguísticos: sexo (feminino e masculino); faixa etária (até 30 anos e de 31 anos acima); escolaridade (falantes com até o 1º grau de instrução, falantes cursando ou com o 2º grau completo e falantes com o 3º grau concluído ou em curso).

¹¹ Em sua dissertação de 2010, Tondineli investigou as vogais a partir dos pressupostos da teoria de variação e mudança linguística e do modelo da difusão lexical na cidade de Montes Claros. Já na sua tese de 2015, a autora acrescenta mais localidades (Brasília de Minas, Januária, Janaúba e Bocaiúva) e trabalha tanto com teoria da variação linguística e mudança linguística como a teoria dos sistemas complexos.

A autora identificou 13.475 ocorrências da vogal [e] em posição pretônica. Sendo que 67,9 %, referem-se à manutenção da pretônica [e], 29,9 %, do alçamento de [e] em posição pretônica, e 2,2 %, ao rebaixamento. Tondineli (2015) também apresentou o resultado entre a manutenção das vogais e o rebaixamento: foram 9445 ocorrências em posição pretônica, sendo 96,9% referente à manutenção e 3,1% ocorrências ao rebaixamento.

As variáveis que favoreceram o abaixamento, segundo Tondineli (2015), foram: a) a distância da vogal média pretônica em relação à sílaba tônica com vogal média pretônica na sílaba anterior à tônica, como em *s[ɛ]tembro*; b) tipo de sílaba constituída por vogal, como em *[ɛ]létrica* e a sílaba constituída por vogal + consoante, como em *[ɛ]strada*; c) vogal da sílaba seguinte com a vogal média [e], como em *v[ɛ]rmelho*; d) o contexto fonológico posterior/modo de articulação nasal, como em *m[ɛ]mória*; e) contexto fonológico precedente (modo de articulação), como em *d[ɛ]rrota* e a f) faixa etária do falante acima de 30 anos.

As localidades de Brasília de Minas e Montes Claros favorecem o rebaixamento da pretônica [e], enquanto as localidades de Januária, Bocaiúva e Janaúba desfavorecem o processo.

Sobre o rebaixamento Tondineli (2015) verificou que o fenômeno condiz com a Harmonização Vocálica, em que a vogal pretônica assimila o traço da vogal tônica, como em *p[ɛ]rc[ɛ]bi*, *m[ɛ]m[ɔ]ria*, *lab[ɔ]rat[ɔ]rio*.

2.3.10 Costa (2017): vogais médias pretônicas em Uberlândia

Em sua dissertação, *As vogais médias pretônicas no falar de Uberlândia: um estudo variacionista*, Costa (2017) investigou o abaixamento variável das vogais médias pretônicas no município de Uberlândia/MG, cidade que se inclui no falar paulista (Cf. ZÁGARI, 1998).

A autora pautou o estudo nos pressupostos teórico-metodológicos de Labov (2008) e o *corpus* desta pesquisa foi composto por 24 entrevistas que fazem parte do banco de dados do Grupo de Estudos em Fonologia (GEFONO) da Universidade Federal de Uberlândia. Os informantes foram estratificados de acordo com três variáveis extralinguísticas: sexo (masculino e feminino); faixa etária (entre 15 e 25 anos, entre 26 e 49 anos e acima de 49 anos de idade); grau de escolaridade (entre 0 e 11 anos de estudo e com mais de 11 anos de estudo). Os dados foram codificados e submetidos ao programa de análise estatística *Goldvarb X*.

As variáveis linguísticas consideradas foram: modo de articulação do contexto precedente à vogal pretônica; ponto de articulação do contexto precedente; modo de articulação do contexto seguinte à vogal pretônica; ponto de articulação do contexto seguinte; altura da

vogal tônica; qualidade da vogal tônica; distância da vogal tônica em relação à vogal da sílaba pretônica; distância da vogal pretônica em relação ao início da palavra e tipo de sílaba pretônica.

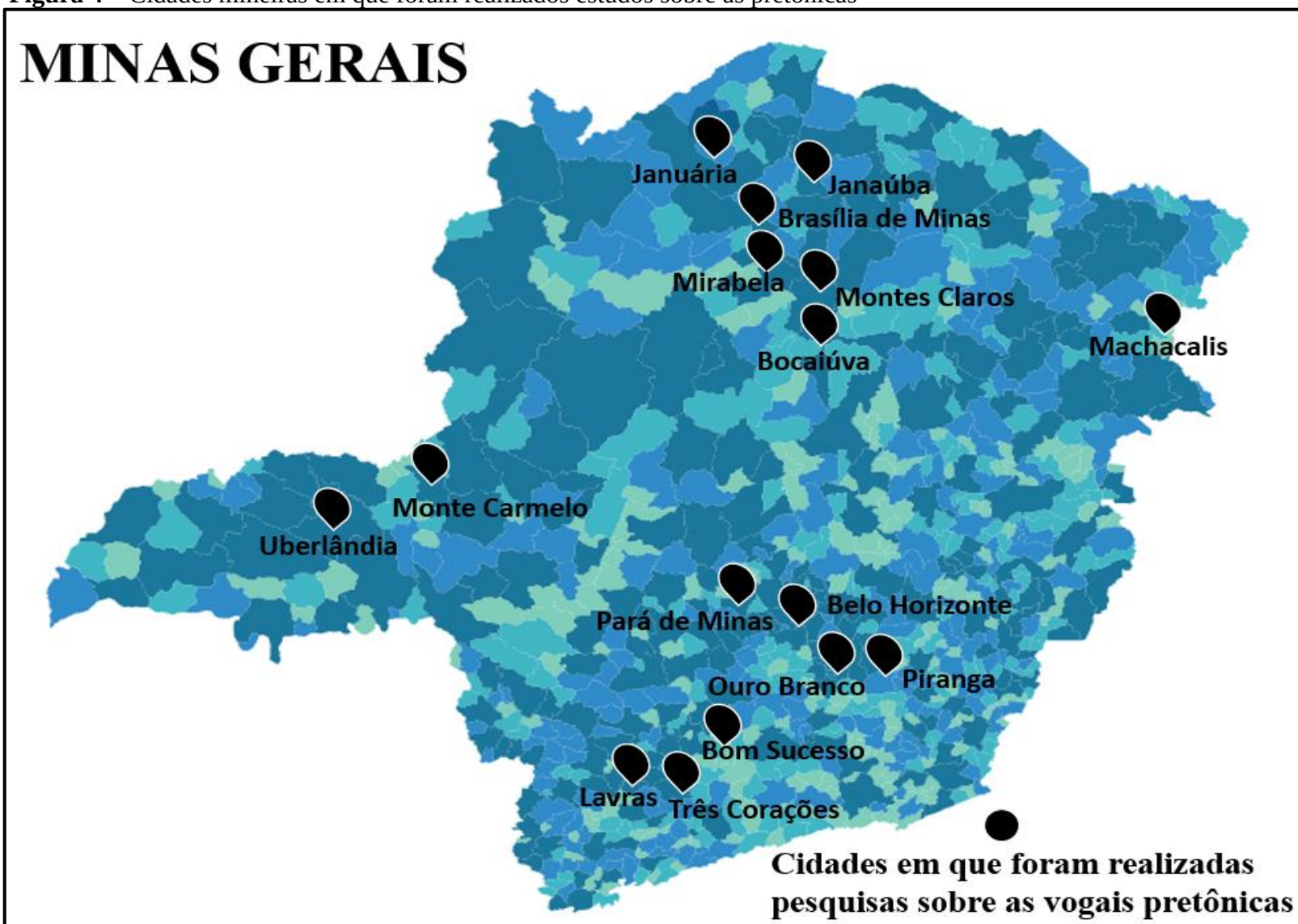
Sobre o abaixamento de [e], que obteve a frequência de 18,5%, os fatores que favoreceram foram: a) altura da vogal tônica - vogais médias baixas (*m[ɛ]lhor*); b) tipo de sílaba pretônica - sílabas leves (*s[ɛ]vera*); c) contexto fonológico precedente à vogal pretônica (modo de articulação) - tepe (*pr[ɛ]ciso*), líquidas (*mul[ɛ]cagem*); d) contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (modo de articulação) - líquidas (*n[ɛ]rvosa*), fricativas (*d[ɛ]zessete*); e) qualidade da vogal tônica - vogais nasais (*[ɛ]vento*); f) contexto fonológico precedente à vogal pretônica (ponto de articulação) - labiodentais (*dif[ɛ]rente*); g) distância entre o início da palavra e a sílaba pretônica - distância zero (*m[ɛ]trópole*); h) contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (ponto de articulação) - velares (*n[ɛ]gócio*), palatais (*m[ɛ]lhor*); i) sexo – masculino

Em relação ao abaixamento de [o], que obteve uma percentagem de 18,7%, os fatores favorecedores foram: a) altura da vogal tônica - vogais médias baixas (*f[ɔ]foca - d[ɔ]méstica*) b) contexto fonológico precedente à vogal pretônica (ponto de articulação) - pós-alveolares (*j[ɔ]rnal*) c) tipo de sílaba pretônica - sílabas leves (*n[ɔ]vela*); d) contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (modo de articulação) - líquidas (*tecn[ɔ]lógica*); e) contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (ponto de articulação) - velares (*pr[ɔ]curaram*); f) sexo – masculino.

Costa (2017) concluiu que, nas falas dos uberlandenses, predomina a realização das vogais médias altas pretônicas, porém, com a presença considerável da variante média baixa, o que demonstra a variabilidade do fenômeno investigado. A autora constatou que o principal fator favorecedor para aplicação de regra de abaixamento das vogais médias pretônicas [e] e [o] foi o contexto onde há presença de uma vogal média pretônica baixa na sílaba tônica.

Na figura 4, a seguir, temos o mapa de Minas Gerais (disponível no site do IBGE) no qual destacamos as cidades que foram realizadas as pesquisas sobre as vogais pretônicas. E no Quadro 2 apresentamos o resumo dos resultados das pesquisas mineiras.

Figura 4 – Cidades mineiras em que foram realizados estudos sobre as pretônicas



Fonte: Elaborado pelo autor.

QUADRO 2 – Resumo dos resultados das pesquisas em Minas Gerais (continua)

FALARES EM MINAS (Cf. Zágari, 1998)	LOCALIDADES	RESULTADOS GERAIS	PESQUISAS
		Favorecem o abaixamento de [e] e de [o]	
B A I A N O	MONTES CLAROS	- Contexto vocálico seguinte tônico: vogais [ɛ] e [ɔ]; - Contexto vocálico seguinte átono: vogais [ɛ] e [ɔ]; - Contexto fonológico seguinte: arquifonema /R/, nasal, fricativa, oclusiva; - Contexto fonológico precedente: fricativa e nasal; - Escolaridade: fundamental completo; - Faixa etária: jovem entre 15 a 30 anos e acima de 30 anos.	Guimarães (2007) Dissertação
			Tondineli (2010) Dissertação
			Tondineli (2015) Tese
	BOCAIÚVA	- Contexto vocálico seguinte tônico: vogais [ɛ] e [ɔ]; - Contexto vocálico seguinte átono: vogais [ɛ] e [ɔ]; - Contexto fonológico seguinte: arquifonema /R/ e sílaba tônica nasal; - Faixa etária: acima de 30 anos.	Guimarães (2007) Dissertação
			Tondineli (2015) Tese
	JANAÚBA	- Contexto vocálico seguinte tônico: vogais [a], [ɛ], [ɔ]; - Contexto vocálico seguinte átono: vogais [ɛ], [ɔ]; - Faixa etária: acima de 30 anos.	Tondineli (2015) Tese
	MACHACALIS	- Contexto vocálico seguinte tônico: vogais [a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], [ẽ̃], [õ], [a]; - Contexto vocálico seguinte átono: vogais [a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], [ẽ̃], [õ]; - Contexto fonológico seguinte: líquidas e dorsal /h/; - Contexto fonológico precedente: fricativas e as oclusivas; - Sexo: feminino.	Almeida (2008) Dissertação
			Dias (2014) Tese
	JANUÁRIA	- Contexto vocálico seguinte tônico: vogais [a], [ɛ], [ɔ]; - Contexto vocálico seguinte átono: vogais [ɛ], [ɔ];	Tondineli (2015) Tese
	BRASÍLIA DE MINAS		
	MIRABELA	- Contexto vocálico seguinte tônico: vogais [a], [ɛ], [ɔ]; - Contexto vocálico seguinte átono: vogais [ɛ], [ɔ]; - Contexto fonológico seguinte: arquifonema /R/ e sílaba tônica nasal.	Guimarães (2007) Dissertação

Fonte: Elaborado pelo autor

QUADRO 2 – Resumo dos resultados das pesquisas em Minas Gerais (continuação)

FALARES EM MINAS (Cf. Zágari, 1998)	LOCALIDADES	RESULTADOS GERAIS	PESQUISAS
		Favorecem o abaixamento de [e] e de [o]	
M I N E I R O	PIRANGA	- Contexto vocálico seguinte tônico: [a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], [ẽ̃], [õ]; - Contexto vocálico seguinte átono: [a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], [ẽ̃], [õ]; - Morfema em que a vogal esteja inserida: prefixos <i>pro</i>; - Contexto fonológico seguinte: fricativas [s], [v], [h], [f], [ʒ]; - Sexo: masculino; - Faixa etária: jovem e adulto.	Dias (2008) Dissertação
			Dias (2014) Tese
	BELO HORIZONTE	- Contexto vocálico seguinte tônico: [a], [ɛ], [ɔ]; - Contexto vocálico seguinte átono: [a], [ɛ], [ɔ]; - Contexto fonológico seguinte: travamento silábico por /R/.	Alves (2008) Tese
	PARÁ DE MINAS	- Contexto vocálico seguinte tônico: [a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], [ẽ̃], [õ]; - Distância: primeira sílaba antes da tônica; - Contexto fonológico precedente: nasais, fricativas e laterais; - Contexto fonológico seguinte: laterais, fricativas, não coronal e anteriores; - Categoria gramatical: nomes.	Viana (2008) Dissertação
	OURO BRANCO	- Contexto vocálico seguinte tônico: vogais [ɛ], [ɔ], [a]; - Classe gramatical: nomes; - Sexo: feminino; - Faixa etária: jovem e adulto.	Dias (2008) Dissertação
			Dias (2014) Tese
	BOM SUCESSO	- Contexto vocálico seguinte tônico: vogais [ɛ] e [ɔ]; - Contexto vocálico seguinte átono: vogais [ɛ] e [ɔ]; - Contexto fonológico seguinte: arquifonema /R/ e sílaba tônica nasal.	Guimarães (2007) Dissertação
	TRÊS CORAÇÕES		
	LAVRAS		

Fonte: Elaborado pelo autor

QUADRO 2 – Resumo dos resultados das pesquisas em Minas Gerais (conclusão)

FALARES EM MINAS (Cf. Zágari, 1998)	LOCALIDADES	RESULTADOS GERAIS	PESQUISAS
		Favorecem o abaixamento de [e] e de [o]	
P A U L I S T A	MONTE CARMELO	▪ Contexto vocálico seguinte tônico: [a], [ɛ], [ɔ]; ▪ Qualidade da vogal da sílaba tônica: vogal nasal; ▪ Tipo de sílaba pretônica: sílaba pesada; ▪ Contexto fonológico precedente: líquidas, nasal, oclusiva, pós-alveolar, labiodental, palatal e alveolar; ▪ Contexto fonológico seguinte: tepe, líquidas, nasal, oclusiva; ▪ Categoria gramatical: adjetivos e verbos; ▪ Sexo: masculino; ▪ Faixa etária: com mais de 49 anos de idade; ▪ Escolaridade: entre 0 a 11 anos de estudo.	Rezende (2013) Dissertação
	UBERLÂNDIA	▪ Contexto vocálico seguinte tônico: [a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], [ê], [ô]; ▪ Tipo de sílaba pretônica: sílabas leves; ▪ Contexto fonológico precedente: líquida, labiais, labiodentais, pós-alveolares; ▪ Contexto fonológico seguinte: líquidas, fricativas, velares, palatais; ▪ Distância entre o início da palavra: distância zero; ▪ Sexo: masculino.	Costa (2017) Dissertação

Fonte: Elaborado pelo autor

As pesquisas expostas aqui estudaram o abaixamento das vogais [e] e [o] no Português do Brasil. O estado de Minas Gerais apresenta um número substancial de pesquisas realizadas sobre as vogais pretônicas. Seleccionamos 10 (dez) pesquisas distribuídas no falar de Minas Gerais: Guimarães (2007), Almeida (2008), Dias (2008, 2014), Alves (2008), Viana (2008), Tondineli (2010, 2015), Rezende (2013), Costa (2017).

Para analisar os dados estatisticamente as pesquisas utilizaram o *Goldvarb*, modelo logístico SPSS e/ou o teste qui-quadrado de Pearson, sendo que a maioria das pesquisas optou pelo *Goldvarb*.

Em geral as pesquisas variacionistas trabalharam com as variáveis extralinguísticas sexo, faixa etária e grau de escolaridade e as variáveis linguísticas mais seleccionadas foram: i) contexto vocálico seguinte tônico; ii) contexto vocálico seguinte átono; iii) contexto fonológico seguinte iv) contexto fonológico precedente; v) distância da sílaba tônica; vi) classe gramatical;

As investigações mostraram que os fatores que favorecem ou desfavorecem [ɔ] não são sempre os mesmos que favorecem [ɛ], ainda que as vogais sofram o mesmo processo de variação, sendo que a vogal baixa e a nasalidade na sílaba tônica atuam no abaixamento da pretônica. A pretônica se realiza preferencialmente de duas maneiras diferentes: preservada como fechada ou rebaixada como aberta, dependendo da localidade estudada.

Sobre as abordagens sociolinguísticas as pesquisas tentaram explicar o abaixamento e o alçamento pretônico por meio da proposta de variação e mudança de segmentos ou de traços distintivos. Em algumas pesquisas foi possível confirmar as frequências e/ou os pesos relativos das vogais pretônicas abertas e fechadas em determinadas localidades.

Em alguns estudos o fenômeno é visto como uma regra variável de harmonia vocálica em que um ou mais traços de uma vogal se propagam para outros segmentos vocálicos em um domínio.

Com os resultados encontrados nas pesquisas sobre as pretônicas pretendemos saber como as vogais abertas se comportam e estão distribuídas, especialmente em Minas Gerais. E também como as vogais se comportam nas falas dos homens e das mulheres e na fala dos jovens e dos idosos.

Os resultados encontrados nas falas dos informantes das localidades situadas na região Norte registraram as vogais abertas em posição pretônica e no sul do estado predominaram as vogais fechadas. A maioria das pesquisas realizadas em Minas Gerais destacou que os fatores extralinguísticos não se mostraram tão significativos na análise estatística, já as pesquisas que trabalharam com a variável diatópica apontaram ser esse o fator de maior significância entre as

variáveis linguística e social no que diz respeito ao uso das pretônicas, revelando assim ser mais um fenômeno diatópico que social.

No que diz respeito aos fatores linguísticos que favorecem o abaixamento é consenso entre os autores, (que pesquisaram as localidades do norte e do sul) a ocorrência do abaixamento quando a) a vogal da sílaba subsequente à da vogal média é baixa, b) a sílaba pretônica é fechada pelo arquifonema /R/ e c) a sílaba tônica constituída de /eN/ ou /oN/. E conforme as pesquisas realizadas no sul do estado de Minas Gerais as vogais médias pretônicas tendem a ser preservadas, ou seja, há uma tendência pela manutenção da vogal média fechada na parte meridional do estado.

A partir do levantamento dessas pesquisas sobre as pretônicas poderemos comparar os resultados com os dados do Projeto ALiB de Minas Gerais e tentar responder as seguintes questões:

- A pretônica copia o traço de altura da vogal tônica, imediatamente vizinha?
- Os contextos consonânticos precedentes e seguintes, o tipo silábico, a vogal da sílaba tônica podem exercer influência no comportamento da variável vogais médias pretônicas?
- A atuação das consoantes seria, pois, relevante, uma vez que criam condições diferenciadas no comportamento das vogais médias pretônicas?
- Teremos, sob o ponto de vista das vogais pretônicas uma mudança linguística em progresso em Minas Gerais?
- Quem lidera uma possível mudança em direção à forma [ɛ] e [ɔ] em Minas Gerais ou em parte do estado?

Com o intuito de responder essas perguntas anteriormente propostas utilizamos as teorias da Dialectologia e Sociolinguística. A variação diatópica é tão importante nessa pesquisa, quanto a variação social e nos interessa comparar o fenômeno e investigar se há indícios de progressão do abaixamento da pretônica, como também verificar a distribuição das vogais médias pretônicas nas localidades investigadas e/ou regiões do estado de Minas Gerais.

Como já dito na Introdução, este trabalho tem como objetivo principal investigar e mapear as vogais orais médias pretônicas, com os dados do Projeto ALiB, nas áreas dialetais propostas por Nascentes (1953) e Zágari (1998) que estão dentro do estado de Minas Gerais. E, também, confrontar as cartas fonéticas sobre as vogais pretônicas do *Esboço do Atlas*

Linguístico de Minas Gerais (EALMG) produzido por Ribeiro et al. (1977) com os dados do Projeto Atlas Linguístico Brasil (ALiB) (2009).

Nesse intervalo de tempo de mais de 30 anos entre essas pesquisas, questionamos:

- Continuamos com a predominância das vogais médias pretônicas abertas no *falar baiano*, na área setentrional do estado de Minas Gerais?
- Poderemos distinguir Minas Gerais em duas áreas distintas sob o ponto de vista das vogais pretônicas como fez Zágari (1998)?
- Será que as vogais médias pretônicas abertas avançaram em outros *falares mineiros*?

E a seguir, na seção 3, apresentamos o contexto socio-histórico das localidades investigadas.

3 MINAS GERAIS: AS LOCALIDADES INVESTIGADAS

(...) Há bastante variação em Minas Gerais - o que torna Minas um estado-chave para a pesquisa linguística. Estudando os vários falares mineiros, em projeção, talvez possamos falar em português do Brasil (PB).

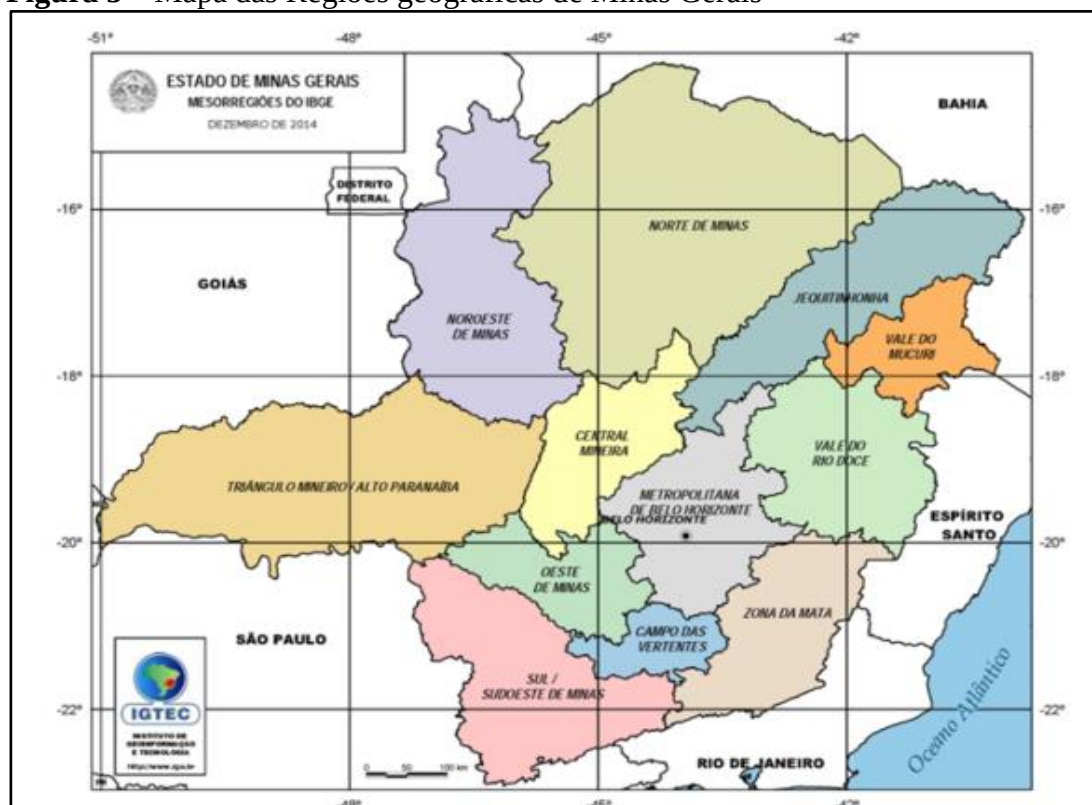
(VIEGAS, 2001, p.11).

Nesta seção discorreremos sobre as principais informações a respeito das cidades mineiras com o intuito de contribuir no contexto da pesquisa e análise das vogais médias pretônicas, tais como: número populacional, aspectos políticos, econômicos e culturais, distribuição geográfica no estado, hidrografia e rodovias de minas, origem e povoamento, educação, indústria, mídias televisivas.

Descrevemos as 23 (vinte e três) localidades pesquisadas em Minas Gerais que fazem parte da rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Januária, Janaúba, Pedra Azul, Unaí, Montes Claros, Pirapora, Teófilo Otoni, Diamantina, Uberlândia, Patos de Minas, Campina Verde, Belo Horizonte, Ipatinga, Passos, Formiga, Ouro Preto, Viçosa, Lavras, São João del-Rei, Muriaé, Poços de Caldas, Juiz de Fora, Itajubá.

3.1 O ESTADO DE MINAS GERAIS

Minas Gerais é um estado da região Sudeste da República Federativa do Brasil, com 853 municípios e com uma população estimada em 21.292.666 habitantes. Possui 12 regiões intermediárias (Noroeste de Minas, Norte de Minas, Vale do Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Vale do Rio Doce, Zona da Mata, Sul de Minas, Sudeste de Minas, Triângulo Mineiro, Alto Parnaíba, Central Mineira, Oeste de Minas) sendo que a capital mineira Belo Horizonte está situada na região Central do estado. Minas Gerais possui 586.852,35 km² de área e faz limite com os estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Figura 5 – Mapa das Regiões geográficas de Minas Gerais

Fonte: <https://www.mg.gov.br/>

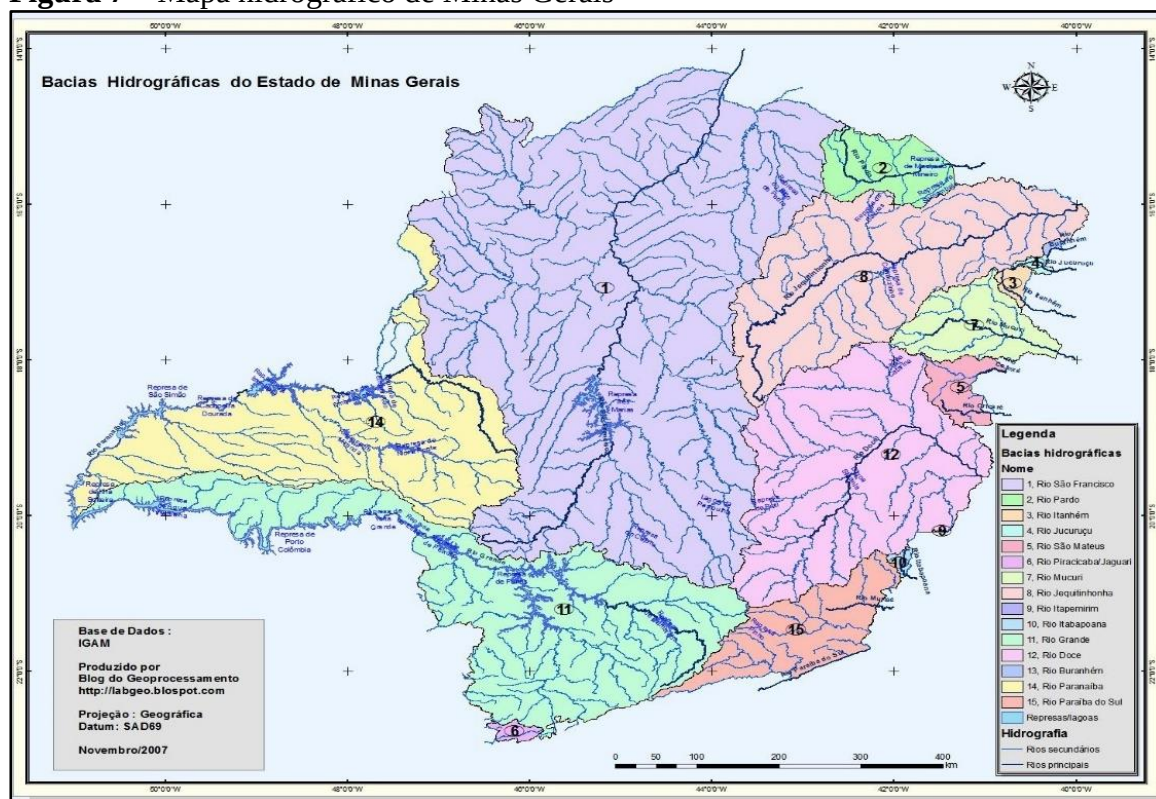
O estado possui o Produto Interno Bruto (PIB) de 576 bilhões de reais e uma renda per capita de 27 mil reais. No setor agropecuário se destaca na criação de bovinos, sendo o maior produtor nacional de leite. É líder na produção de feijão, além de ser responsável por 50% da safra de café no país. Outros importantes cultivos são o de milho, soja e cana-de-açúcar. Ainda abriga o terceiro maior parque industrial do Brasil, com destaque para o segmento automobilístico. Outros segmentos importantes são o alimentício, têxtil, eletroeletrônico, mecânica, metalúrgico, siderúrgico, construção civil, autopeças e mineradoras.

Os indicadores de acordo do IBGE (2015) apontam em Minas Gerais uma expectativa de vida de 77 anos, mortalidade infantil de 11,4 %, alfabetização de 92,3%, e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,731.

Sobre a Educação Básica, de acordo com o IBGE (2018), o número de matrículas no ensino fundamental é de 2.511.483 alunos, no ensino médio é de 821.349. Os docentes do ensino fundamental são 143.977 e do ensino médio 60.729. E os números de estabelecimentos de ensino fundamental e médio são 13.912 em todo o estado mineiro. Em 2017, o estado alcançou o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) dos anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) de 6,3, enquanto os anos finais do ensino fundamental alcançou o IDEB de 4,3.

O estado ainda possui 138 rodovias estaduais sendo 6 radiais, 27 longitudinais (norte-sul), 26 transversais (leste-oeste), 18 diagonais e 61 de ligação. A principal hidrovia contida no estado é a Hidrovia de São Francisco, cujo curso d'água é navegável desde a cidade de Pirapora até Juazeiro, na Bahia.

Figura 7 – Mapa hidrográfico de Minas Gerais



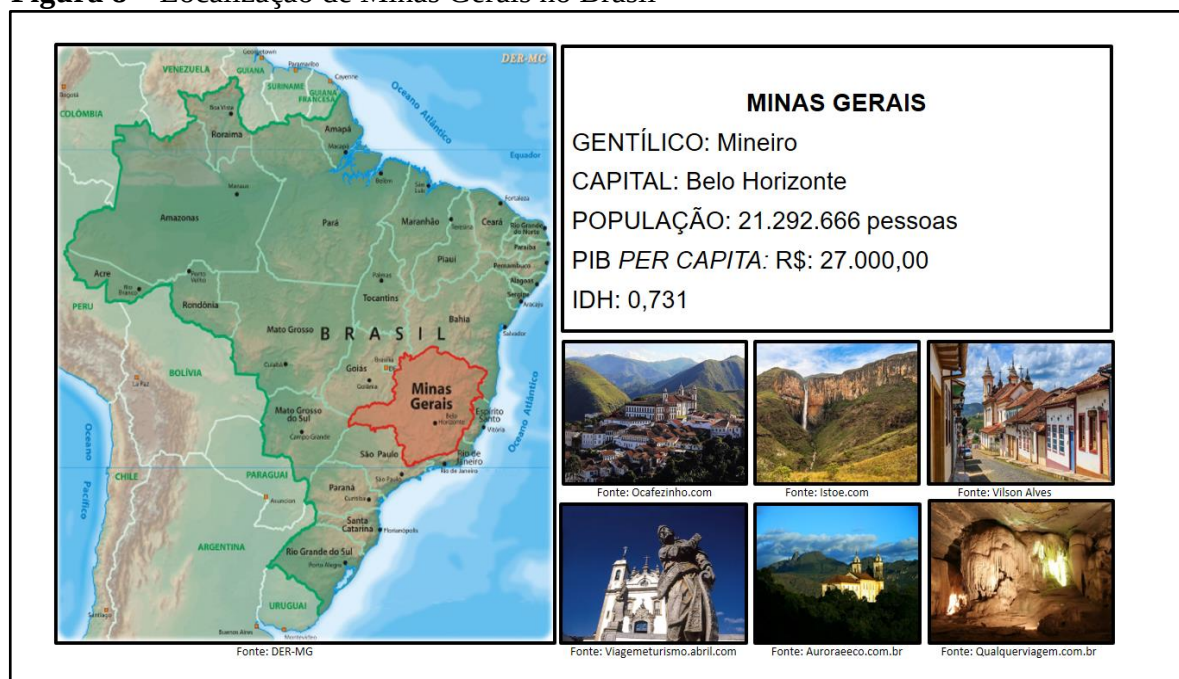
Fonte: <https://brasilminingsite.com.br/>

E as ferrovias ativas são utilizadas para transporte de cargas de minérios de Minas Gerais ao estado do Espírito Santo e transporte de passageiros de Belo Horizonte a Vitória (ES).

De acordo com o censo de 2010 do IBGE, pouco menos da metade (45,4%) da população mineira se autodeclara branca, enquanto outra parcela (44,3%) se autodeclara parda, uma parcela menor (9,2%) se autodeclara negro e uma pequena parcela (1,1%) se autodeclara amarelo ou indígena.

No aspecto da religiosidade 71,7% das pessoas se consideram católicos, 20,8% se consideram evangélicos (em sua maioria das igrejas: Assembleia de Deus, Batista, Evangelho Quadrangular), 2,2% se consideram Espiritas Kardecistas, 0,1% se consideram Candomblecistas e Umbandistas, 4,8% se consideram sem religiões, 0,4 se consideram Ateus e 0,04 se consideram agnósticos.

Figura 8 – Localização de Minas Gerais no Brasil



Fonte: Elaborada pelo autor

Passemos, a seguir, a descrever cada localidade que integra a rede de pontos do Projeto ALiB em Minas Gerais.

3.2 AS LOCALIDADES MINEIRAS

As principais informações sobre as cidades foram obtidas no banco dados do IBGE Cidades. Outras informações complementares foram consultadas em *sites* das prefeituras das cidades, do turismo do estado e das páginas históricas mantidas pelos historiadores da região. As figuras apresentadas em cada localidade constituem a localização da cidade no estado de Minas Gerais, descrição básica em números e uma imagem¹² que identifica o município.

A seguir apresentamos as cidades conforme a ordem da rede de pontos do ALiB.

¹² A imagem selecionada para identificar os municípios diz respeito à principal igreja do lugar. A escolha se deu: i) a maioria das localidades surgiu a partir e em volta de uma igreja católica; ii) todas as cidades possuem uma igreja matriz ou catedral; iii) a igreja é o principal ponto de referência tanto nas cidades grandes, quanto nas cidades pequenas; iv) o principal símbolo cultural, histórico e turístico das cidades são as igrejas; v) as igrejas demarcam o aspecto arquitetônico da cidade sendo o principal ponto de reconhecimento do local.

3.2.1 Januária

A cidade de Januária está localizada no Norte do estado de Minas Gerais na região do Médio São Francisco, do lado esquerdo do rio São Francisco. Está situada a 603 km da capital mineira com população estimada em 67.852 habitantes, sendo a 3º em população geral do Norte de Minas.

Januária é uma das principais cidades do Norte de Minas, sendo cidade-polo da microrregião do alto médio São Francisco e tem como municípios limítrofes as cidades de São Francisco, Chapada Gaúcha, Pedras de Maria da Cruz, Itacarambi, Bonito de Minas, Conego Marinho e estado da Bahia. Conta com uma infraestrutura de cidade de porte médio, com um hospital regional, superintendência regional de ensino, pelotão do corpo de bombeiros, polícia civil, estação de tratamento de água e esgoto, rodoviária, habitações populares, condomínios, parque de exposição. A cidade tem 68 bairros, divididos em quatro regiões (Sul, Norte, Leste, Oeste). O acesso a cidade se dá pela rodovia federal – BR 135.

No que se refere à Educação a taxa de escolarização de 6 a 14 anos é de 96%, O IDEB dos anos iniciais do ensino fundamental é de 5,5 e dos anos finais é de 4,2. Possui uma rede de professores para ensino fundamental e médio de aproximadamente 865 pessoas.

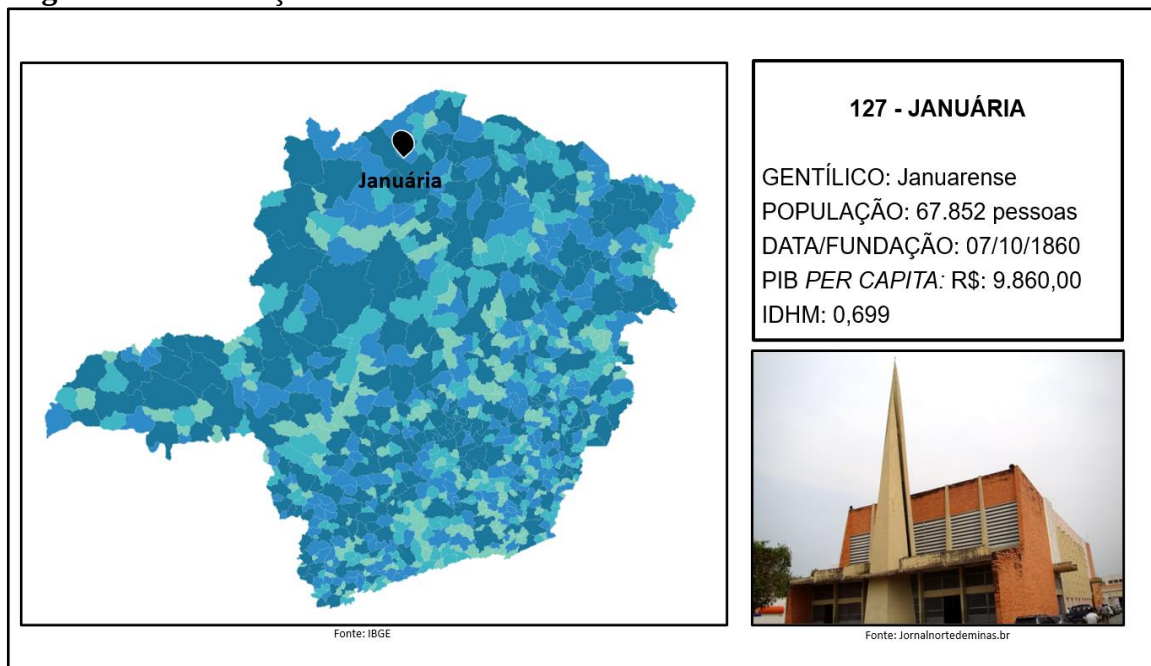
Em 2017, o salário médio mensal da população era de 1,8 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 9,1%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 47% da população nessas condições. O PIB per capita em 2016 se aproximava de 92.830,74, já o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) foi de 0,699.

O município é considerado uma cidade universitária, pois conta com um *campus* do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), um *campus* avançado da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Universidade do Norte do Paraná, Faculdades do Norte de Minas. O setor econômico concentra-se na agricultura, sendo produtora de cana-de-açúcar e da tradicional cachaça mineira. Também tem na pecuária e nos serviços gerais um grande suporte na economia.

O artesanato é comercializado na Casa do Artesão, Casa da Memória, Centro de Artesanato e Mercado Municipal. O folclore está alicerçado em festas de Folia de Reis, Reisado, Cavalgada. Como pontos turísticos destacam-se: Parque Nacional de Caverna do Peruaçu, Praia de água doce do Rio São Francisco, Balneário do Catulé, Grutas do Brejo do Amparo.

A cidade de Januária é uma das principais cidades do Norte de Minas, sendo cidade – polo da microrregião do alto médio São Francisco, recebe o sinal da afiliada Rede Globo – InterTV e da afiliada ao SBT, a TV Alterosa.

Figura 9 – Localização de Januária em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

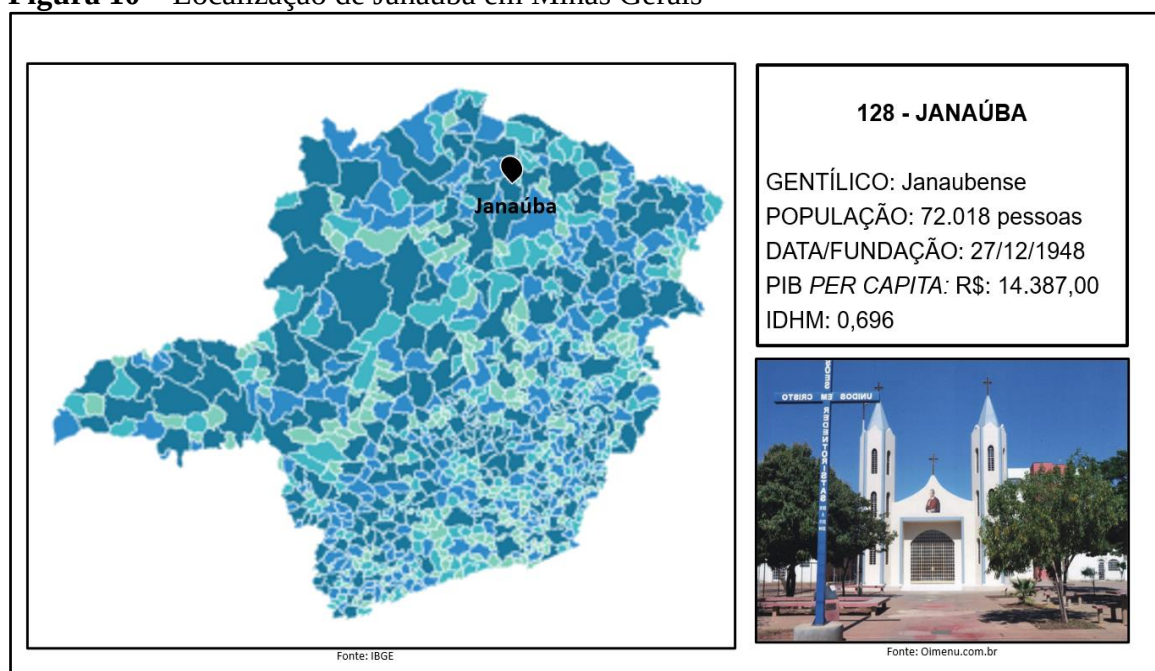
3.2.2 Janaúba

O município de Janaúba está localizado no Norte de Minas Gerais. Os relatos históricos narram que até o século XVI, a região era ocupada pelos índios Tapuias. Por viver nas proximidades do rio Gortuba os índios começaram a se miscigenar com os escravos negros fugitivos da região dando formação ao povo gurutubano que sobreviviam da pesca, do cultivo de algodão.

A cidade de Janaúba conta com uma infraestrutura de cidade de porte médio e possui uma população de 72.018 pessoas. A distância entre a cidade de Janaúba e a capital Belo Horizonte é de 558 km. Tem, como rodovias, a MG-122, que a liga ao sul à região de Montes Claros e Belo Horizonte; ao norte, comunica Janaúba à Espinosa e região do Sudoeste da Bahia destino a Guanambi, Vitória da Conquista, rumo à BR-116 e a BR-101 e a rodovia MG-401, que liga o norte da cidade às cidades de Verdelândia, Jaíba e Matias Cardoso, dando acesso também ao rio São Francisco e ao Projeto de Irrigação do Jaíba, da qual é a principal rota de escoamento.

Em 2017, conforme dados do IBGE o salário médio mensal era de 1,7 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 17,5%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 40,9% da população nessas condições, a renda anual per capita é de aproximadamente 14.387,85 e o IDHM é de 0,696. No quesito educação, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos é de 98%, o IDEB nos anos iniciais é de 6,4 e nos anos finais é de 4,3. A cidade possui *campus* avançado da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Universidade Federal dos Vales de Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) e faculdades particulares como a Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR) e Faculdade Verde Norte (FAVENORTE). Janaúba está inserida na mesorregião do Norte de Minas, sendo uma das principais cidades do Norte de Minas, possui jornal impresso e digital e recebe o sinal da afiliada Rede Globo – InterTV e da afiliada ao SBT a TV Alterosa e diversos rádios.

Figura 10 – Localização de Janaúba em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

3.2.3 Pedra Azul

Pedra Azul é um município mineiro localizado no nordeste do estado de Minas Gerais, na região do vale do rio Jequitinhonha. Sua população é de 24.329 habitantes.

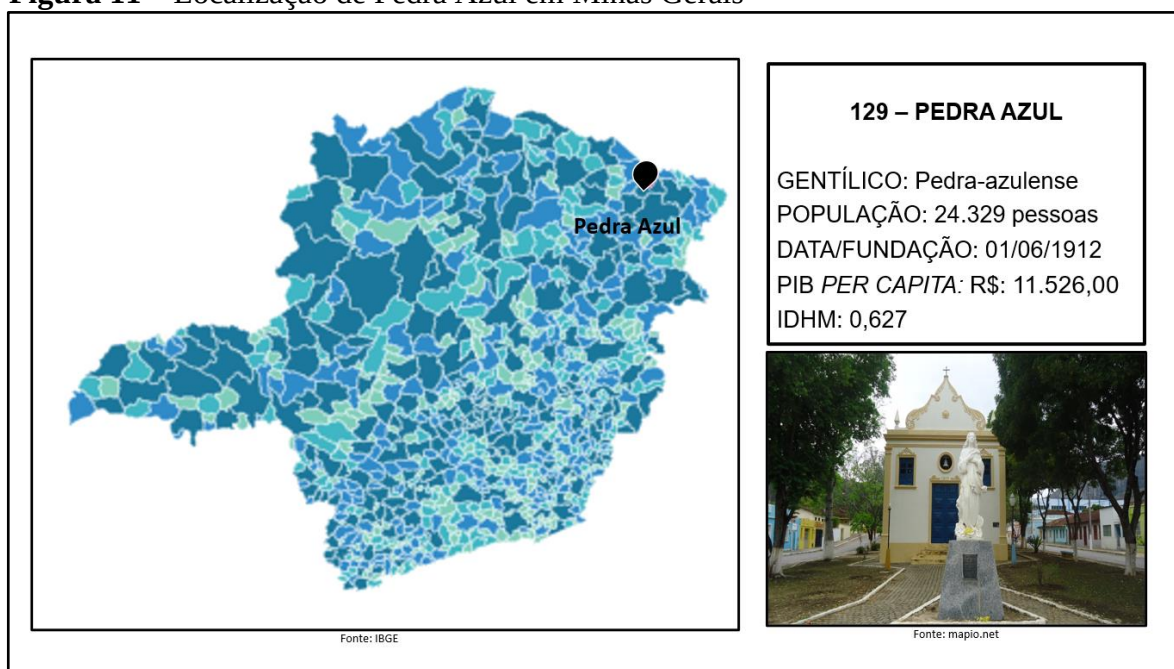
Nas questões que evidenciam a economia em 2018, conforme IBGE, o salário médio mensal era de 1,8 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população

total era de 10,6%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 46,7% da população nessas condições e o IDHM é de 0,627.

No contexto educacional a taxa de escolarização de 6 a 14 anos é de 98,7%, o IDEB nos anos iniciais é de 5,5 e nos anos finais é de 3,9. O número total de professores ativos nos ensinos fundamental e médio é de 214 docentes. No que se refere à saúde pública a taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 16,72 para 1.000 nascidos vivos. A cidade conta apenas com 13 instalações de saúde vinculadas ao Sistema Único de Saúde (SUS).

Pedra Azul tem como atrativo turístico seu acervo arquitetônico urbano, um centro histórico tombado em sua totalidade pelo Patrimônio Histórico Cultural, e a escalada nas montanhas rochosas Pedra Cabeça Torta, Pedra da Conceição, Pedra da Montanha, Pedra da Rocinha e Toca dos Caboclos. Também conta com festas regionais, artesanato popular, jornais e rádios e recebe o sinal das afiliadas da rede Globo, a Inter-TV e da TV alterosa, TV Brasil. O acesso ao município se dá pelas rodovias BR-116, BR-251, MG-105, MG-406, MG-610.

Figura 11 – Localização de Pedra Azul em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

3.2.4 Unai

Unai é um município do estado de Minas Gerais, situado na região Sudeste do país, fundada em 1873 com a denominação de Rio Preto e, em 1943, foi elevado a cidade e seu nome mudado para Unai. Sua população, conforme a estimativa do IBGE para 2020, é de 84.930

habitantes. A história de Unaí encontra-se fortemente vinculada à ocupação do Centro-Oeste brasileiro, bem como ao desenvolvimento do município de Paracatu. A palavra "Unaí" é uma anagrama feito a partir da palavra Tupi-Guarani - "Iuna", nome dado pelos índios ao rio que corta a região, cujo significado é Água-Escura. Em Unaí destaca-se o sítio arqueológico Gruta do Gentio II, que registra vestígios de povos caçadores-coletores de mais de 10.000 anos, e de povos horticultores de quase 4.000 anos. No município, se tem o registro da mais antiga cerâmica brasileira fora da Amazônia, datada de 3.500 anos.

O município está situado na mesorregião do Noroeste de Minas Gerais com Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,736. Sua economia ancorada na agricultura e pecuária, sendo um dos maiores produtores de grãos do Brasil tendo destaque ora como maior de feijão, ora como maior produtor de milho, além de um grande volume de soja, arroz, sorgo, trigo e outras culturas. Na pecuária o destaque é a criação de gado de corte e leiteiro. No que diz respeito ao gado de corte, a região de Unaí conta com inúmeras propriedades rurais que se dedicam à criação de gados, tendo sua produção comercializada nos mercados interno e externo. Já com relação à pecuária leiteira, o destaque vem para o manejo e criação de gado leiteiro, o que faz da cidade a terceira maior bacia leiteira do Brasil.

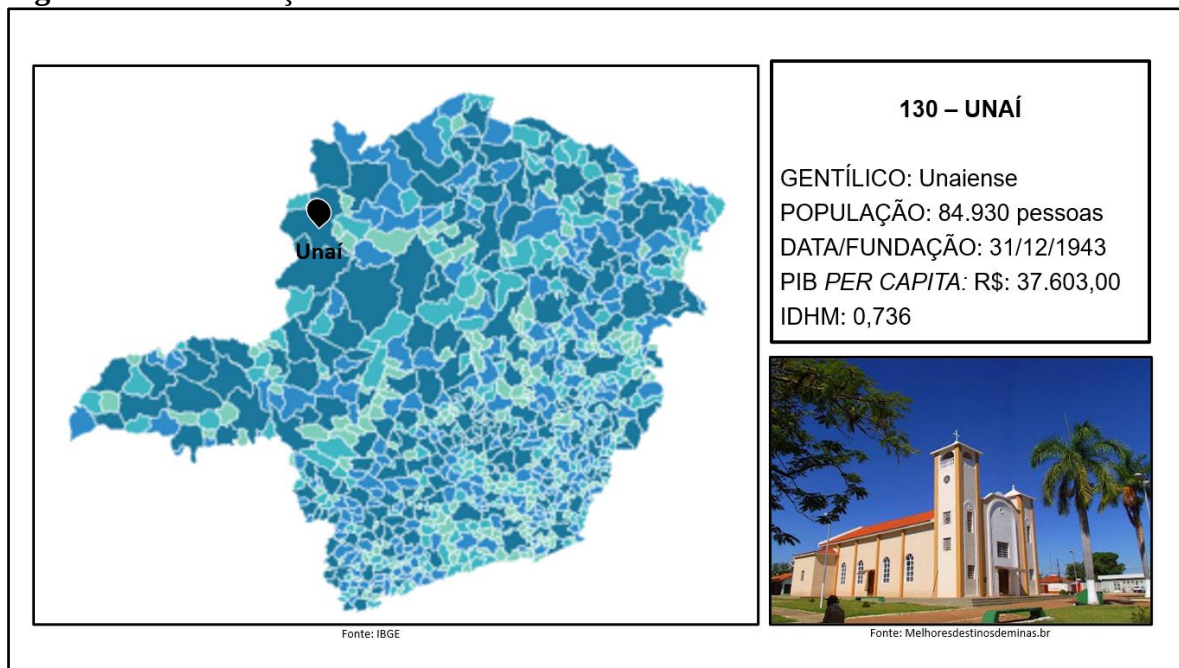
Conforme dados do IBGE em 2018, o salário médio mensal era de 2,2 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 20,3%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 35,4% da população nessas condições. E o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) 0,736.

Na educação tem seu IDEB para anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) 6,0 e nos anos finais do ensino fundamental (Rede pública) 4,5. Conta com 791 docentes no ensino fundamental e médio, com 41 escolas da rede pública de ensino. No ensino superior tem faculdades particulares (Faculdade CNEC Unaí; FACTU; FACISA) e duas universidades públicas, a Universidade Estadual de Montes Claros, (UNIMONTES – *campus* Unaí) e a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

A natureza é um dos atrativos turísticos como: Gruta do Tamboril, com aproximadamente 1.178 metros de desenvolvimento; Gruta do Gentio; Lapa do Sapezal ou Gruta da Moeda; Cachoeira da Jiboia (140 metros de queda livre); Cachoeira do Queimado; Cachoeira do Rio Preto (dois quilômetros do centro do município); Gruta do Quilombo e Serra Geral do Rio Preto.

O acesso a Unaí se dá pela BR-251 (Unaí/Brasília); MG-188 (Unaí/Paracatu) MG-628 (Unaí/Arinos). A cidade recebe sinal das afiliadas da rede Globo (INTER-TV) e SBT (ALTEROSA).

Figura 12 – Localização de Unaí em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

3.2.5 Montes Claros

Montes Claros é um município mineiro situado no norte do estado de Minas Gerais a 422 km da capital. Sua população, conforme estimativa do IBGE de 2019, era de 413.487 habitantes. A cidade foi emancipada no século XIX, tendo a indústria e o comércio como importantes atividades econômicas, sendo considerada um polo industrial regional. Atualmente é formada por dez distritos e subdividida ainda em cerca de 200 bairros e povoados. Conta com diversos atrativos naturais, históricos ou culturais, como os Parques Municipal Milton Prates, Guimarães Rosa e Sapucaia, que são importantes áreas verdes preservadas.

O município possui fácil acesso à BR-135, que liga o meio norte do Brasil (Maranhão) à capital mineira, Belo Horizonte; à BR-365, que liga Montes Claros a Pirapora e Uberlândia; à BR-251, que se estende do estado da Bahia até o estado de Mato Grosso; e à BR-122, que começa no estado do Ceará, em Fortaleza, e termina em Montes Claros, no trevo da BR-251.

Em Montes Claros houve um grande processo de industrialização a partir da década de 1970. A atividade industrial, implantada a partir de incentivos fiscais e financeiros do poder público (federal, estadual e municipal) através da Superintendência de Desenvolvimento do

Nordeste (SUDENE), fez com que a cidade se tornasse foco de um intenso fluxo migratório, o que gerou um crescimento urbano desordenado. De acordo com a divisão regional vigente desde 2017, instituída pelo IBGE, o município pertence às Regiões Geográficas Intermediária e Imediata de Montes Claros. Até então, com a vigência das divisões em microrregiões e mesorregiões, fazia parte da microrregião de Montes Claros, que por sua vez estava incluída na mesorregião do Norte de Minas. O município pertence à Bacia do rio São Francisco e é banhado pelos rios do Vieira, do Cedro, Verde Grande, Pacuí, São Lamberto e Riachão. No solo de Montes Claros predomina uma formação com ocorrência de saltito, ardósia, calcários, calcita, galena, minério de ferro, azorato de potássio, cristal de rocha e ouro de aluvião.

Conforme o IBGE em 2018, o salário médio mensal era de 2,2 salários mínimos. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal é de 0,777. De acordo com o IBGE a composição ancestral da população de Montes Claros é a seguinte: 39% de contribuição africana, 52% de contribuição europeia e 9,0% de contribuição indígena.

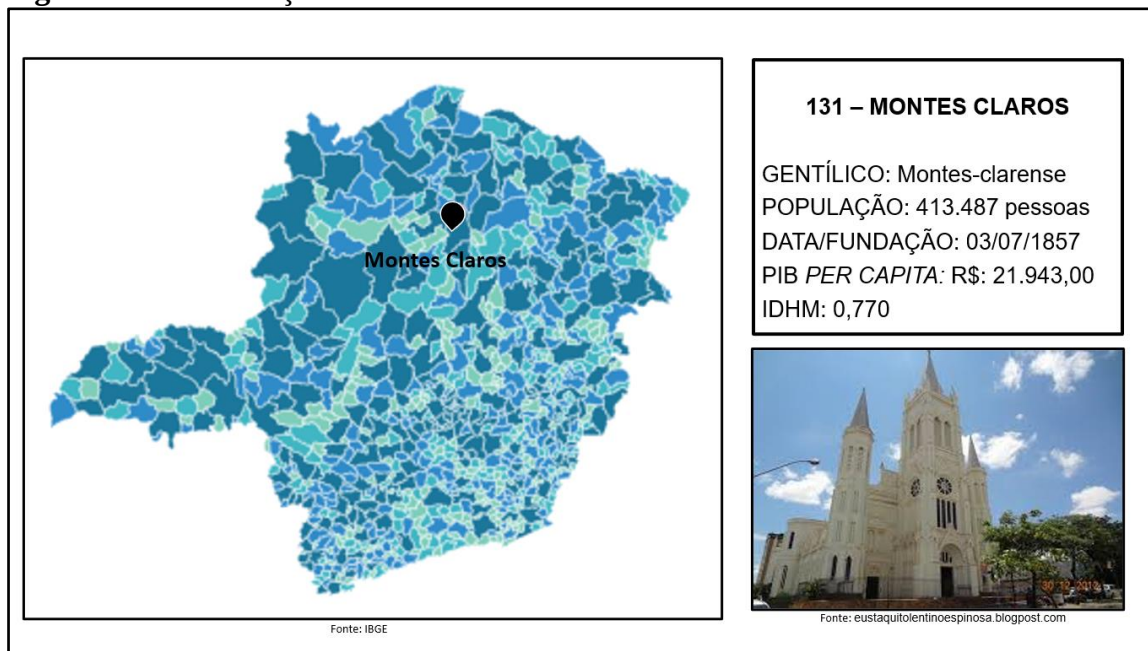
O Produto Interno Bruto (PIB) de Montes Claros é o maior de sua microrregião, destacando-se na área de prestação de serviços. A principal fonte econômica está centrada no setor terciário, com seus diversos segmentos de comércio e prestação de serviços de várias áreas, como na educação e saúde. Em seguida, destaca-se o setor secundário, com complexos industriais de grande porte, além das unidades produtivas de pequeno e médio portes como a Coteminas, Lafarge, Novo Nordisk, Nestlé, Petrobras e Alpargatas.

A cidade de Montes Claros exerce grande importância não só para a região, como também para todo o estado mineiro. Na área da educação superior, a cidade se destaca com várias instituições públicas e privadas e cursos em diversas áreas para graduação e também pós-graduação. Considerada um polo universitário conta com a presença de duas universidades públicas: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por meio do Instituto de Ciências Agrárias (ICA), o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) - *Campus* Montes Claros e diversas faculdades privadas: Faculdades Santo Agostinho; Instituto de Ciências da Saúde; Faculdades integradas do Norte de Minas; Faculdade de Ciência e Tecnologia de Montes Claros; Instituto Superior de Educação Ibituruna; Faculdade de Saúde Ibituruna, Faculdade de Computação de Montes Claros; Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros; Faculdade de Ciências Gerenciais e Empreendedorismo; Faculdade de Tecnologia de Ensino Superior; Faculdades Prisma; Faculdade Presidente Antônio Carlos de Montes Claros que oferecem cursos nas diversas áreas.

O município conta ainda com jornais impressos em circulação e jornais digitais. Possuem oito emissoras de rádio e emissoras de TV (Globo, Record, SBT). A cultura tem cunho

regional sertanejo, com festas folclóricas de destaque como as Festas de Reis, de Agosto, e Festa do Pequi. As peças tradicionais de artesanato é a forma espontânea da expressão cultural montes-clarense.

Figura 13 – Localização de Montes Claros em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

3.2.6 Pirapora

Pirapora é um município brasileiro do estado de Minas Gerais, localizado a aproximadamente 340 quilômetros da capital Belo Horizonte. É o segundo maior polo industrial do norte de Minas Gerais, 33ª economia exportadora do estado e 2º PIB norte-mineiro e com população estimada de 56.640 pessoas. A Microrregião do município é constituída por nove cidades: Buritizeiro, Várzea da Palma, Ibiaí, Jequitaiá, São Romão, Lassance, Riachinho, Santa Fé de Minas e Lagoa dos Patos. Inserida na microrregião Norte do estado de Minas Gerais, na margem direita da zona do Alto Médio São Francisco, ocupando uma área territorial de 582 km² e se destacando como polo microrregional, Pirapora encontra-se inserida na área de jurisdição da Agência de Desenvolvimento do Nordeste e é representada pela Associação dos Municípios da Bacia do Médio São Francisco.

Conforme nos retratam os dados e informações do IBGE a história da população da cidade de Pirapora situada no Norte de Minas Gerais foi constituída de índios Cariris, que, por temer o avanço dos brancos e de outras tribos indígenas, teriam subido o rio São Francisco. Aportando na área hoje compreendida pelo município de Pirapora, fixaram-se defronte à

corredeira, estabelecendo sua aldeia justamente no local onde atualmente se situa a Praça Cariris. Aos poucos foram chegando garimpeiros, pescadores, pequenos criadores de gado e aventureiros que, residindo em casinhas de enchimento, cobertas de palha de buriti, construídas segundo a influência indígena, se dedicavam às diversas atividades. Destas, a de maior relevância era a pesca, sendo comercializado o peixe secado em varais, com tropeiros que demandavam outras regiões. Estes moradores pioneiros foram construindo a localidade, exercendo e desenvolvendo suas funções, constituindo suas famílias e, por fim, fixando suas residências, em definitivo, na região.

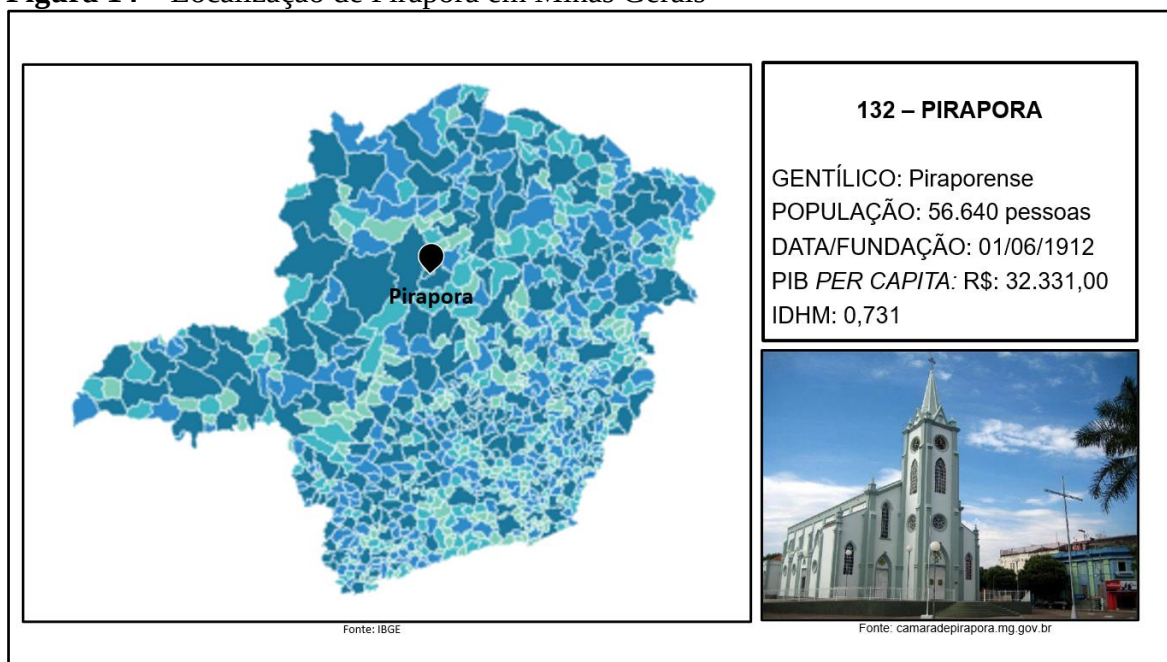
Destaca-se por ser o começo do trecho navegável do Rio São Francisco e por suas indústrias de ferro-silício, silício metálico, ferro-ligas, ligas de alumínio e tecidos que são os principais produtos exportados pelo município. O São Francisco foi, durante o ciclo da mineração, importante meio de transporte para o abastecimento da região das minas. As mercadorias saíam da Bahia subindo o rio e, quando terminava o trecho navegável, seguiam por terra até os centros mineradores. Favorecida por sua localização estratégica as margens da BR-365, da BR-496 e da Ferrovia Centro-Atlântica que liga o município ao Porto de Tubarão no estado do Espírito Santo, a cidade é destaque na produção e exportação de ferro silício, silício metálico, ferro-ligas, ligas de alumínio e tecidos.

Uma das atrações culturais e turísticas de Pirapora é a ponte Marechal Hermes que liga os municípios de Pirapora e Buritizeiro e foi inaugurada em 10 de novembro de 1922. E a mais procurada é o Rio São Francisco e o Vapor Benjamim Guimarães que é o único exemplar movido a lenha ainda em funcionamento no mundo e faz, rotineiramente, passeios públicos de ida e volta do porto de Pirapora até o encontro do Rio São Francisco com o Rio das Velhas, na Barra do Guacuí, distrito de Várzea da Palma. A população também tem herança indígena em seus artesanatos e culinária.

Na Educação tem o IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) 6,0 e IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) 4,1. A cidade tem 629 docentes distribuídos entre o ensino fundamental e médio, e com 40 escolas públicas. Conta com diversas instituições de ensino técnico e superior que qualificam a mão de obra local. Dentre elas estão as públicas: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES); Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG); Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC); Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Também tem faculdades particulares como: Centro Universitário Internacional; Faculdade de Ciência e Tecnologia da FUNAM; Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); Universidade Norte do Paraná; Universidade Paulista; Universidade Cesumar de Maringá.

As informações e dados do IBGE, em 2018, apontam, na questão da economia, que o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,731, e o salário médio mensal de 2 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total é de 26.2%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa há 37.9% da população nessas condições. O município conta ainda com jornais impressos em circulação e jornais digitais. Possui emissoras de rádio, e afiliadas da rede Globo, Record e SBT.

Figura 14 – Localização de Pirapora em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

3.2.7 Teófilo Otoni

Teófilo Otoni é o município mineiro localizado no vale do Mucuri, a nordeste da capital do estado a cerca de 450 km. Sua população foi estimada em 140.937 pessoas. A região que compreende o território do município de Teófilo Otoni começou a despertar a atenção dos portugueses, logo após o descobrimento do Brasil. A preocupação maior era constatarem a existência do ouro e do diamante na terra desconhecida. A região começou a ser desbravada no decorrer do século XVI, em expedições que visavam a encontrar ouro e diamante. Além de se destacar no setor de exploração mineral, Teófilo Otoni também possui alguns atrativos turísticos de valor cultural ou histórico, como a arquitetura e a feira de pedras preciosas. Tendo recebido uma considerável quantidade de imigrantes, principalmente alemães, com o passar do

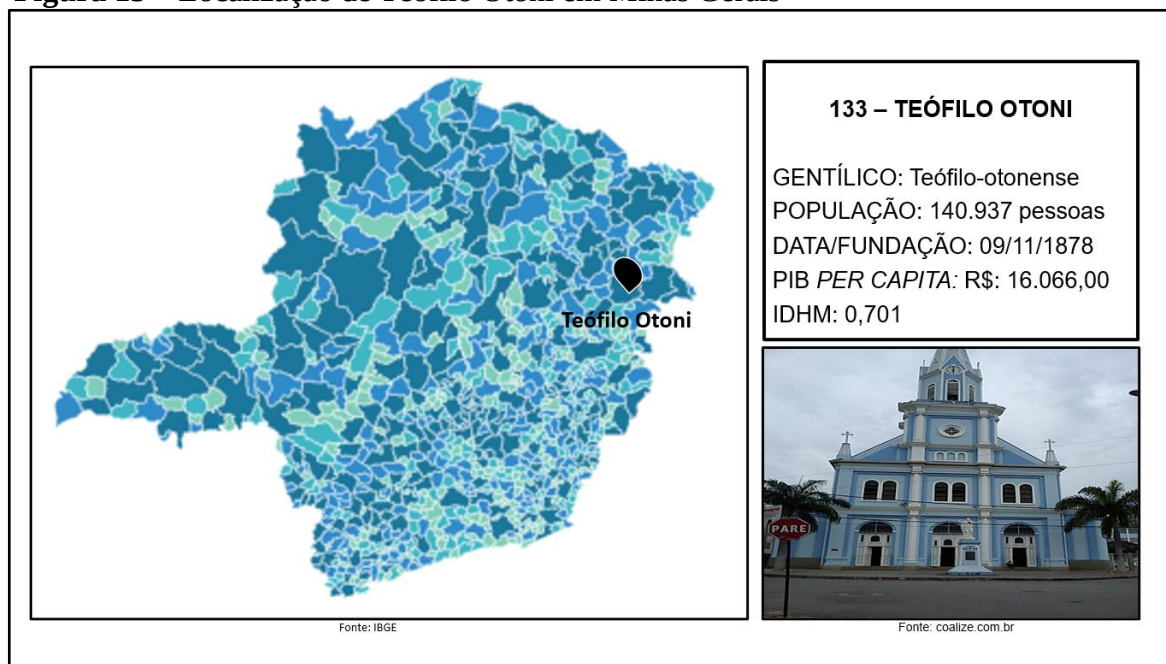
tempo o município descobriu sua vocação econômica para a exploração de pedras preciosas, sendo considerada hoje a "Capital Mundial das Pedras Preciosas".

Considerando os dados do IBGE o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Teófilo Otoni é considerado alto pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), é de 0,701. Conforme consta nos relatórios do IBGE em 2018, o salário médio mensal era de 1,8 salários mínimos.

Na área da educação, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) é de 5,7 e IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) de 4,1. Segundo o IBGE, das 97 escolas do ensino fundamental, 45 pertenciam à rede pública estadual, 36 à rede pública municipal e 16 eram escolas particulares. Dentre as 24 instituições de ensino médio, 17 pertenciam à rede pública estadual e 7 às redes particulares com aproximadamente 1611 docentes entre o ensino fundamental e médio.

Teófilo Otoni também se inscreve no cenário mineiro como um polo universitário, contando com diversas instituições de ensino superior, como um *campus* da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e um *campus* do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG).

Figura 15 – Localização de Teófilo Otoni em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

Em relação à mídia possui jornais, rádios e emissoras de TV como TV Imigrantes (afiliada à TV Brasil), TV Leste (Rede Record), TV Alterosa Leste (SBT) e InterTV (Rede Globo). O município é cortado por três rodovias federais e duas estaduais: BR-116, BR-342, BR-418, MG-217 e MG-409.

3.2.8 Diamantina

Diamantina é um município localizado na Mesorregião do Jequitinhonha. Sua população, conforme estimativa do IBGE, é 47.825 pessoas. O município localiza-se no Vale do Jequitinhonha, estando a 285 km de distância por rodovia da capital Belo Horizonte. Com mais de três séculos de fundação, passando de povoado a arraial até chegar a município, Diamantina é uma cidade rica em história e tradições.

Em 1938, o conjunto arquitetônico do Centro Histórico da cidade foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e, no final da década de 90, veio o reconhecimento mundial: Diamantina recebeu da UNESCO o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Atualmente, Diamantina é uma das cidades históricas mais conhecidas e visitadas do país. O casario colonial, de inspiração barroca; as edificações históricas; as igrejas seculares; a paisagem natural e uma forte tradição religiosa, folclórica e musical conferem uma singularidade especial à cidade.

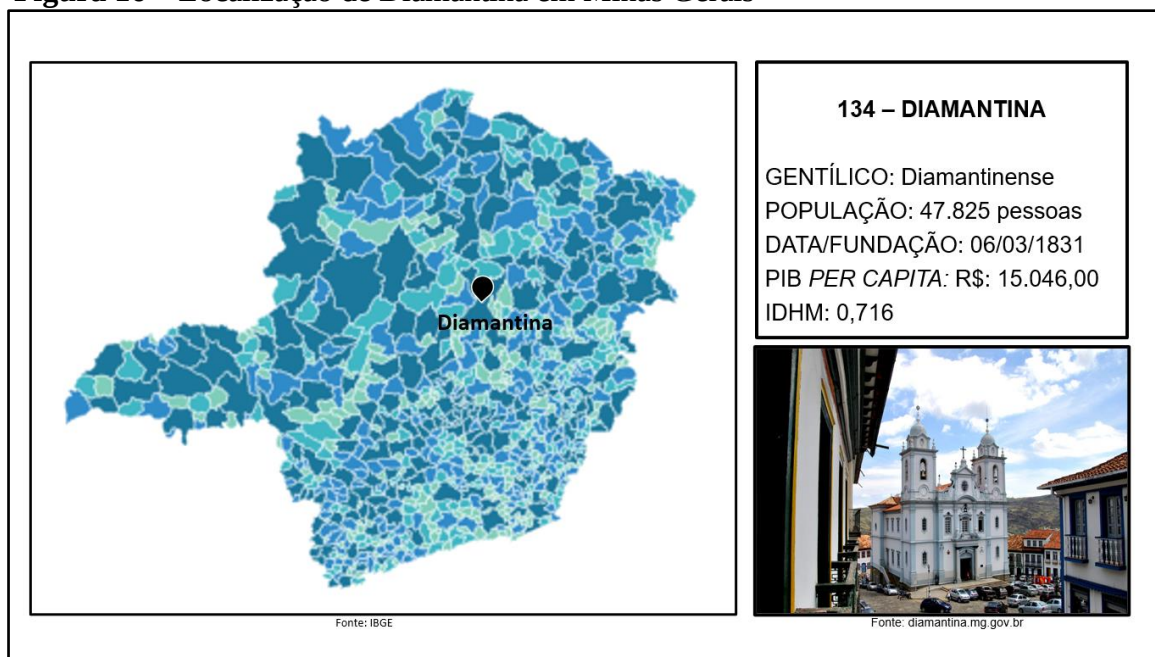
A cidade está situada a uma altitude média de 1.280 m, emoldurada pela Serra dos Cristais, na região do Alto Jequitinhonha. O município é banhado pelo rio Jequitinhonha e vários de seus afluentes, como o Ribeirão das Pedras e o Ribeirão do Inferno. A porção sudoeste do município é banhada por subafluentes do rio São Francisco, como o Rio Pardo Pequeno. Diamantina é o município mais populoso do Vale do Jequitinhonha.

A economia de Diamantina ainda está muito ligada ao turismo, a maior parte do intenso fluxo turístico focado na arquitetura e importância histórica, o município possui um rico e variado ecossistema em seu entorno, com cachoeiras, trilhas seculares e uma enorme área de mata nativa, que foi protegida com a criação de Parques Estaduais. A cidade é um dos destinos da Estrada Real, um dos roteiros culturais e turísticos do Brasil, e faz parte do circuito turístico dos Diamantes.

O perfil da economia da cidade mudou muito rápido devido à forte expansão da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) no fim da primeira década de 2000. A cidade conta ainda com Faculdades Federais Integradas de Diamantina (FAFEID) e a Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG).

Os dados do IBGE para setor econômico em 2018 apontam o salário médio mensal de 3,1 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total é de 21,2%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 38,4% da população nessas condições. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,716.

Figura 16 – Localização de Diamantina em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

Diamantina é também conhecida culturalmente por suas serestas e pela Vesperata, que é um evento em que os músicos se apresentam à noite, ao ar livre, das janelas e sacadas de velhos casarões, enquanto o público assiste das ruas. Um dos grandes impulsos turísticos de Diamantina é o famoso Parque Estadual do Biribiri, com suas águas cristalinas e cachoeiras, entre as quais se destaca a Cachoeira das Fadas e a Cachoeira do Telésforo, localizadas no distrito de Conselheiro Mata. Somando a toda magnitude da natureza ainda temos a Capela Nossa Senhora da Luz, a antiga casa de Intendência, Teatro Santa Izabel, Antiga Estação Ferroviária de Diamantina, Casa da Glória, Mercado velho, Casa de Juscelino Kubitschek, Casa Chica da Silva, Museu do Diamante.

Na educação tem o IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) de 6,5 e IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) de 3,9. No ensino fundamental e médio somam cerca de 633 docentes em 56 escolas públicas.

O acesso a Diamantina se dá pela BR- 367, BR-040, BR-135, BR-159, MG-140, MG-010 ou pela BR-381.

As emissoras de Tv que transmitem para Diamantina são a Inter-TV (afiliada da Globo) Alterosa (afiliada do SBT) e Record.

3.2.9 Uberlândia

O município de Uberlândia está situado na região do triângulo *mineiro* e é uma cidade que, como muitas, nasceu no entorno de uma capela. Hoje, Uberlândia possui uma população estimada de 699.097 pessoas, sendo o segundo município mais populoso de Minas Gerais e o quarto do interior do Brasil. Localiza-se a oeste da capital do estado, Belo Horizonte, numa distância de cerca de 537 quilômetros. É também a principal e maior cidade do Triângulo Mineiro. É privilegiada pela sua localização geográfica, já que, com a sua malha rodoviária, está ligada aos grandes centros nacionais, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Goiânia e Brasília. Os maiores centros econômicos do Brasil contam com Uberlândia como ponto de ligação.

Uberlândia conta ainda com tradição cultural, que vai desde o seu artesanato até o teatro, a música e o esporte. É destaque no turismo, com seus diversos atrativos culturais, naturais e arquitetônicos. Alguns dos principais são o Mercado Municipal, o Parque do Sabiá, Parque Municipal Victorio Siquierolli, Praça Clarimundo Carneiro, Praça Tubal Vilela, Praça da Bicota/Rosário e a famosa Avenida Rondon Pacheco. Uberlândia está localizada junto à bacia do rio Paranaíba, tendo em seu território várias sub-bacias de pequenos e médios córregos com papéis importantes em sua configuração. É drenado pela bacia hidrográfica do Rio Tejuco (o segundo maior afluente do rio Paranaíba), com sua bacia a sul e sudoeste do município, que possui como principais afluentes os Ribeirões Babilônia, Douradinho e Estiva, o Rio Cabaçal, estes localizados na zona rural, e o Rio Araguari.

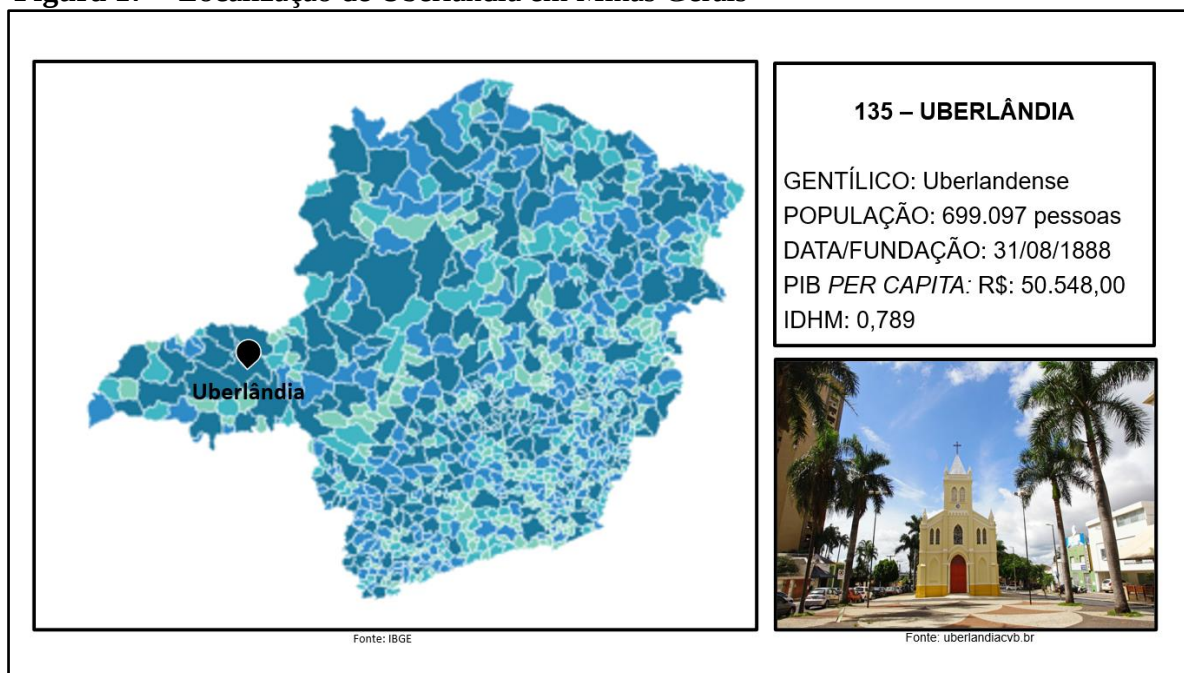
O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de Uberlândia é considerado elevado, seu valor é de 0,789, sendo o terceiro maior de todo estado de Minas Gerais. Conforme o IBGE, o IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) é de 6,1 e o IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) de 4,7. Em 2018, o salário médio mensal era de 2,7 salários mínimos.

O município conta ainda com jornais em circulação sendo que os principais são o Correio de Uberlândia, a Gazeta de Uberlândia, e o Tudo Já. Emissoras de rádio são mais de seis e as mais importantes são: América AM 580, Cultura HD 95,1, Paranaíba FM 100,7,

Visão FM 98,7, Extra FM 101,9 e a Líder FM 93,1. O município recebe também sinal de diversas emissoras de televisão: Rede Integração e afiliadas do SBT, da Rede Record e da Globo.

O município possui fácil acesso às principais malhas rodoviárias como: BR-050, BR-267; BR-365; BR-452 e BR-497.

Figura 17 – Localização de Uberlândia em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

3.2.10 Patos de Minas

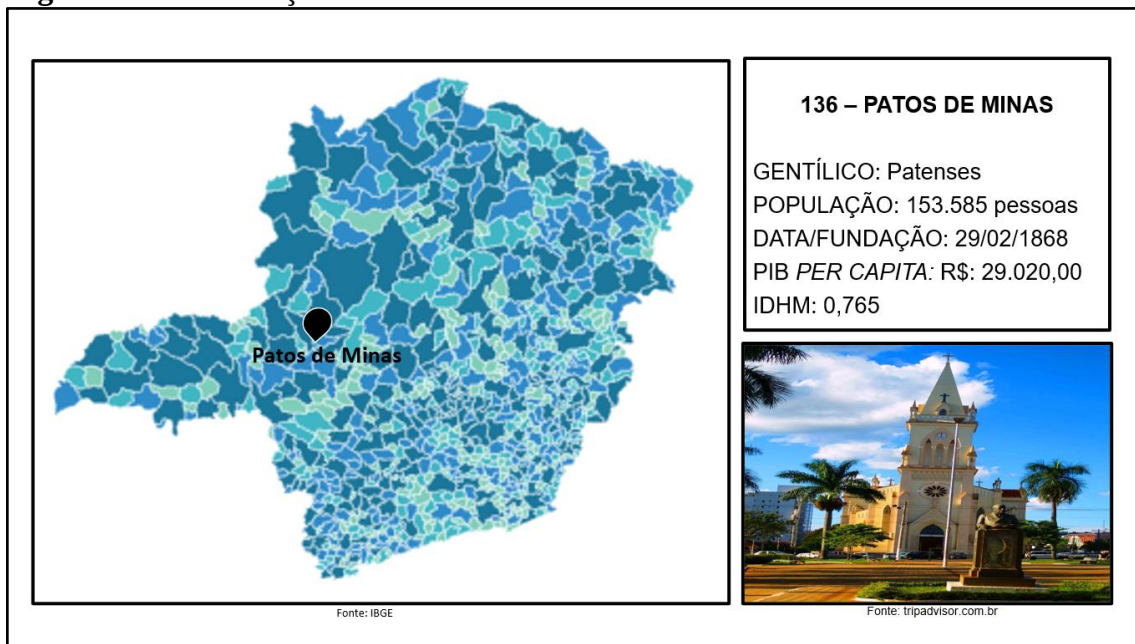
A cidade de Patos de Minas surgiu na segunda década do século XIX em torno da Lagoa dos Patos, onde segundo as descrições históricas, existia uma enorme quantidade de patos silvestres. Os primeiros habitantes foram lavradores e criadores de gado, sendo muito visitados por tropeiros. O povoado, à beira do rio Paranaíba, cresceu, virou arraial e depois vila, a devota vila de Santo Antônio dos Patos. Atualmente conta com população estimada de 153.585 pessoas.

Segundo o IBGE, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Patos de Minas é 0,765, sendo, portanto, classificado na faixa "alto". A cidade possui o 289º melhor índice dentre os 5.565 municípios do Brasil e o 20º dentre os 853 municípios de Minas Gerais, estando entre os 5,18% melhores do país, e os 2,23% melhores do estado.

A cidade abriga uma grande Colônia Gaúcha, grupo de agricultores, principalmente de descendência alemã, provenientes do Rio Grande do Sul. As terras de cerrado, então pouco exploradas para a agricultura, diversificaram a economia agrícola do município. Atualmente os principais produtos agrícolas do município são: milho, feijão, mandioca, soja e café. A cultura fez tanto sucesso que logo se espalhou por outras regiões do país e fez do Brasil o principal plantador de milho do mundo. Na cidade, se tornou a principal referência cultural com a criação, em 1958, da Festa Nacional do Milho, e com a elevação da cidade, através de decreto presidencial, à categoria de Capital Nacional do Milho.

O índice de desenvolvimento da educação – IDEB, Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) é de 7,2 e IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) é de 5,0, sendo considerados bons em relação aos índices das demais cidades do estado enquanto cidade de médio porte. Quatro instituições de ensino superior dispõem de *campus* na cidade de Patos de Minas: Fundação Educacional de Patos de Minas (FEPAM), Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), Faculdade Patos de Minas (FPM), *Campus* da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Figura 18 – Localização de Patos de Minas em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

Quatro rodovias federais (BR's- 365; 146; 352; 354) e uma estadual (MG- 354) cortam o município de Patos de Minas. A cidade conta com uma emissora de TV, a NTV; cinco rádios FM, a Clube FM, a FM Liberdade, a Nossa FM, a Jovem Pan e a Educadora FM; duas rádios AM, a Clube AM e a Radiopatos; um semanário, a Folha Patense; e nove portais de notícias, o

Patos Hoje, o Patos Notícias, o Clube da Notícia, o Patos Urgente, o Patos 1, o Patos Agora, o Patos em Destaque, o AG Esporte e o TV LUX.

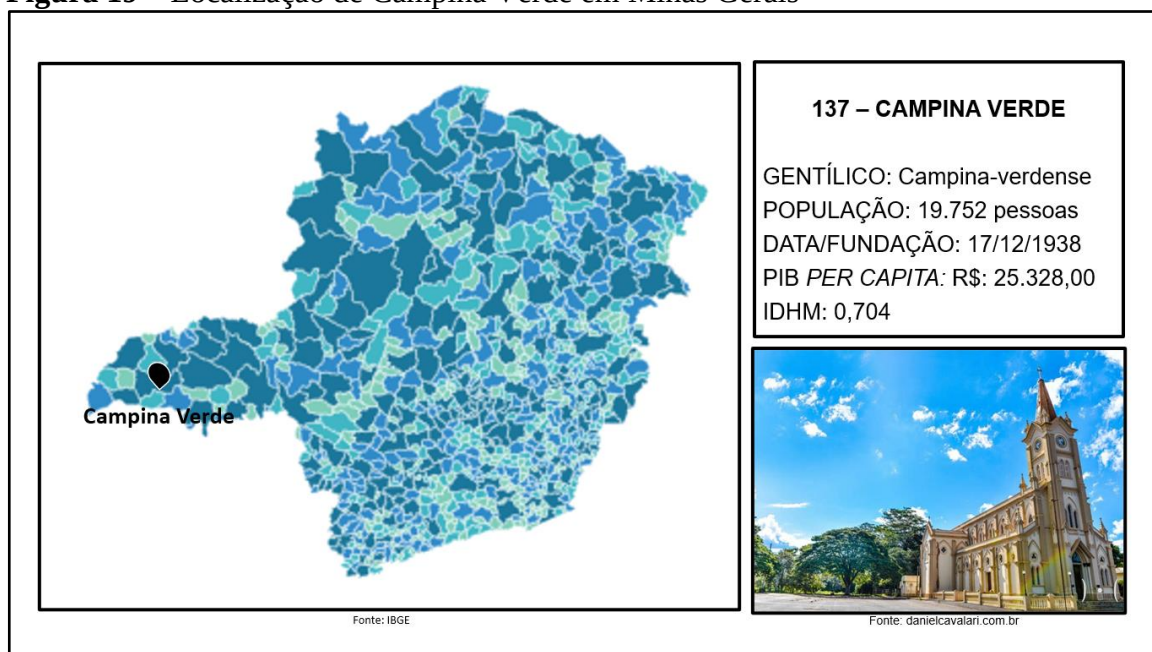
3.2.11 Campina Verde

O município de Campina Verde possui população estimada de 19.752 pessoas. Situado na região do Triângulo Mineiro, é próxima ao município de Frutal e está a 150 km de Uberlândia e 720 km de Belo Horizonte. O nome Campina Verde tem origem nas belas campinas existentes no município. É banhada pelo Rio Verde e tem foco na produção de gado. Os primeiros moradores se estabeleceram ao redor da capela construída pelos Lazaristas da Congregação das Missões, onde está a igreja matriz de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, sagrada em 1941.

No espaço educacional Campina Verde tem o IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) de 6,4, IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) de 5,0. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,704. A cidade não conta com estrutura educacional para ensino superior, os habitantes se deslocam para os municípios circunvizinhos para ter acesso ao ensino superior.

A cidade conta com retransmissores das seguintes emissoras de TV, todas elas transmitindo a partir da mesma torre localizada no Parque de Exposições Homero Santos: RecordTV (TV Paranaíba - Uberlândia), Rede Globo (TV Integração - Uberaba), SBT (TV Vitoriosa - Uberlândia), Rede Canção Nova canal, Band (Band Triângulo - Uberlândia).

Figura 19 – Localização de Campina Verde em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

3.2.12 Belo Horizonte

A capital mineira está situada na região sudeste do país. Apresenta a estimativa populacional de aproximadamente 2.521.564 pessoas. Situado geograficamente na Região sudeste do país, é o 6º município mais populoso do país, atrás de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Salvador e Fortaleza. É o terceiro mais populoso da Região Sudeste e a cidade mais populosa de seu estado. Moldada por belas paisagens, entre montanhas, serras e baixadas, é cercada pela Serra do Curral, que lhe serve de moldura natural e referência histórica. A cidade foi planejada e construída para ser a capital política e administrativa do estado mineiro, é uma cidade multirracial com intenso fluxo migracional advindo do interior de Minas e de outros estados da região sudeste. É considerada a metrópole com melhor qualidade de vida na América Latina. Belo Horizonte é a quarta cidade mais rica do Brasil com 1,54% do PIB nacional, atrás de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, respectivamente. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2013, seu PIB somou R\$ 81.426.708.267,07, o que equivale a aproximadamente 16,7% de toda produção de bens e serviços do estado.

O Índice de Desenvolvimento Humano Município é considerado alto (0,810), de acordo com dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Com 707 estabelecimentos de ensino fundamental, 587 estabelecimentos de ensino infantil, 268 escolas de nível médio e 5 instituições de nível superior, a rede de ensino da cidade é uma das mais extensas do país. O IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) é de 6,4 e o IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) é de 4,5. Ao total, são 639.352 matrículas e 153.284 docentes registrados.

Belo Horizonte conta também com 55 instituições de ensino superior que oferecem 704 cursos/habilitações. Destacam-se importantes universidades públicas e privadas, muitas delas consideradas centros de referência em determinadas áreas. As instituições públicas de ensino superior sediadas em Belo Horizonte são: a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), a Escola de Governo da Fundação João Pinheiro, a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e o Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Entre as instituições privadas, destacam-se instituições como a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e a Fundação Dom Cabral.

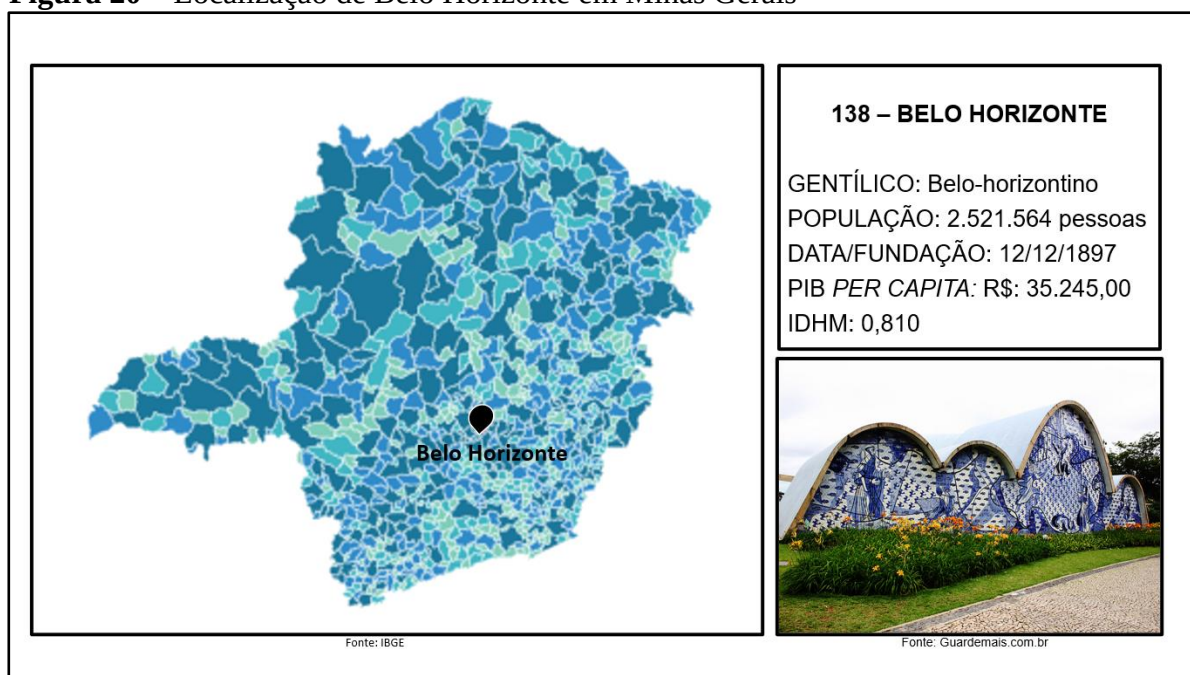
Ainda conforme o IBGE, em 2018, o salário médio mensal era de 3,6 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 58,2%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 27,8% da população nessas condições.

A capital mineira é mundialmente conhecida e exerce significativa influência nacional e até internacional, seja do ponto de vista cultural, econômico ou político. Conta com importantes monumentos, parques e museus, como o Museu de Arte da Pampulha, o Museu de Artes e Ofícios, o Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, o Circuito Cultural Praça da Liberdade, o Conjunto Arquitetônico da Pampulha, o Mercado Central e a Savassi.

O IBGE considera que o território da capital apresenta 96,2% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 82,7% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 44,2% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). Projetada pelo engenheiro Aarão Reis entre 1894 e 1897, Belo Horizonte foi uma das primeiras cidades brasileiras planejadas.

Belo Horizonte conta ainda com diversos jornais destacando-se Estado de Minas e o Super Notícia. Em Belo Horizonte está situada a sede da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, órgão oficial dos Poderes do Estado que publica formulários, documentos técnicos e impressos em geral para os órgãos e entidades do governo de Minas e para terceiros, bem como edições de natureza cultural. Também há diversas emissoras de rádios, são elas: Rádio Itatiaia, Rádio América, Grande BH, Globo AM, Guarani FM, Inconfidência, Antena 1, 98 FM. A cidade também sedia diversas emissoras de televisão como: TV Globo Minas, TV Bandeirantes Minas, TV Record Minas, Rede Minas, Rede Super, TV Alterosa Belo Horizonte e TV Horizonte.

Figura 20 – Localização de Belo Horizonte em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

3.2.13 Ipatinga

Município no interior do estado de Minas Gerais, localizado na região Sudeste do país, no Vale do rio Doce, pertence à Região Metropolitana do Vale do Aço, estando situado a cerca de 210 km a leste da capital do estado, e sua população está estimada em 265 409 habitantes, ocupando então o décimo lugar como município mais populoso do estado mineiro. A sede do município está localizada nas proximidades do local em que as águas do rio Piracicaba se encontram com o rio Doce.

A cidade é cortada pela BR-381, principal acesso à capital mineira e ao Espírito Santo e é onde se inicia a BR-458, ligação do Vale do Aço até a BR-116, e a MG-232, acesso a Santana do Paraíso e até à MG-010. A BR-381 foi disposta paralela ao traçado da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM) e o eixo formado por ambas contribuiu para distribuição da produção industrial da cidade.

A exploração da região e da atual cidade teve início no século XIX, no entanto, o povoamento só se intensificou entre as décadas de 1910 e de 1920, com a locação da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM). Em 1953, houve a criação do distrito, subordinado a Coronel Fabriciano, que na mesma década foi escolhido para sediar o núcleo industrial da Usiminas, acarretando um rápido crescimento populacional por pessoas vindas de várias partes do país. A Usiminas solicitou a construção de bairros para seus funcionários culminando na emancipação em 1964. O fluxo migratório da população é intenso e flutuante uma vez que Ipatinga tem um complexo industrial consolidado na região do vale do aço. O crescimento populacional não industrial induziu o surgimento de novas divisões sem relação com o núcleo da Usiminas no decorrer da segunda metade do século XX, apesar de a indústria ainda representar a principal fonte de renda municipal. A manutenção da atividade industrial na região contribuiu para a formação da Região Metropolitana do Vale do Aço, que corresponde a um dos principais polos urbanos do interior do estado. O índice de desenvolvimento urbano de Ipatinga é considerado alto pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), sendo que seu valor é de 0,771 (o 220º maior do Brasil e o 16º maior de Minas Gerais).

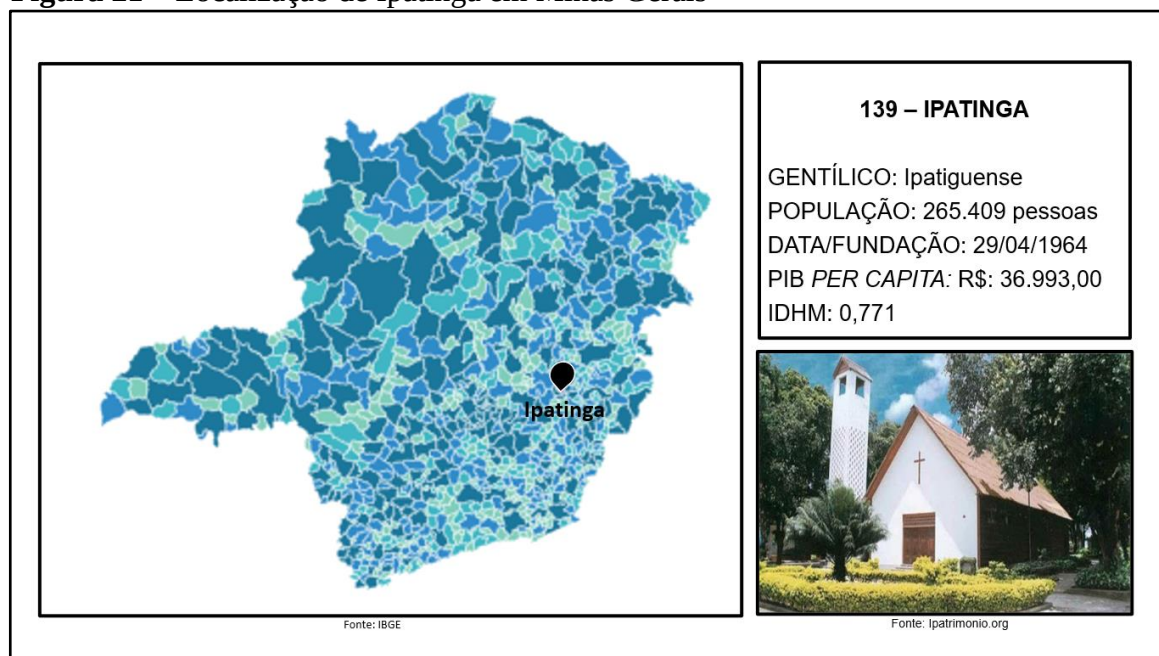
Sobre a questão educacional, Ipatinga possui o IDEB - Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) de 6,7, já o IDEB - Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) é de 5.3. Conforme IBGE o município possui aproximadamente 1528 docentes no ensino fundamental e 513 docentes no ensino médio, totalizando 76 estabelecimentos de ensino fundamental e 21 escolas no ensino médio. O município dispõe de nove unidades de ensino técnico e nove instituições particulares de ensino superior, sendo algumas delas os *campi* do

Centro Universitário Católico do Leste de Minas Gerais (UNILESTE), da Faculdade Pitágoras, da Faculdade de Direito de Ipatinga (FADIPA) e da Faculdade de Medicina do Vale do Aço (FAMEVAÇO). Em 2014, houve a instalação de um *campus* do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG).

As tradições culturais estão ancoradas no artesanato e o congado das comunidades rurais se fazem presentes no município, e toda forma e manutenção cultural está amparada pelos investimentos da Usiminas destinados à comunidade, cabendo ressaltar nesse ponto o Centro Cultural Usiminas. O município se encontra na bacia do rio Doce e é abrangido pela sub-bacia do rio Piracicaba.

Em relação à mídia, Ipatinga destaca-se por ser uma das sedes da InterTV dos Vales, afiliada à Rede Globo, cuja programação é gerada em Governador Valadares e sua cobertura alcança quase todo o Vale do Rio Doce e parte do Vale do Mucuri, a TV Cultura Vale do Aço filiada à TV Cultura e à Rede Minas. Entre os jornais locais impressos com circulação diária, destacam-se o Diário do Aço e Diário Popular. A cidade também conta com diversas emissoras de rádio as quais se destacam: Líder FM (antiga 95 FM), Jovem Pan Ipatinga, Grande Vale e Vanguarda.

Figura 21 – Localização de Ipatinga em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

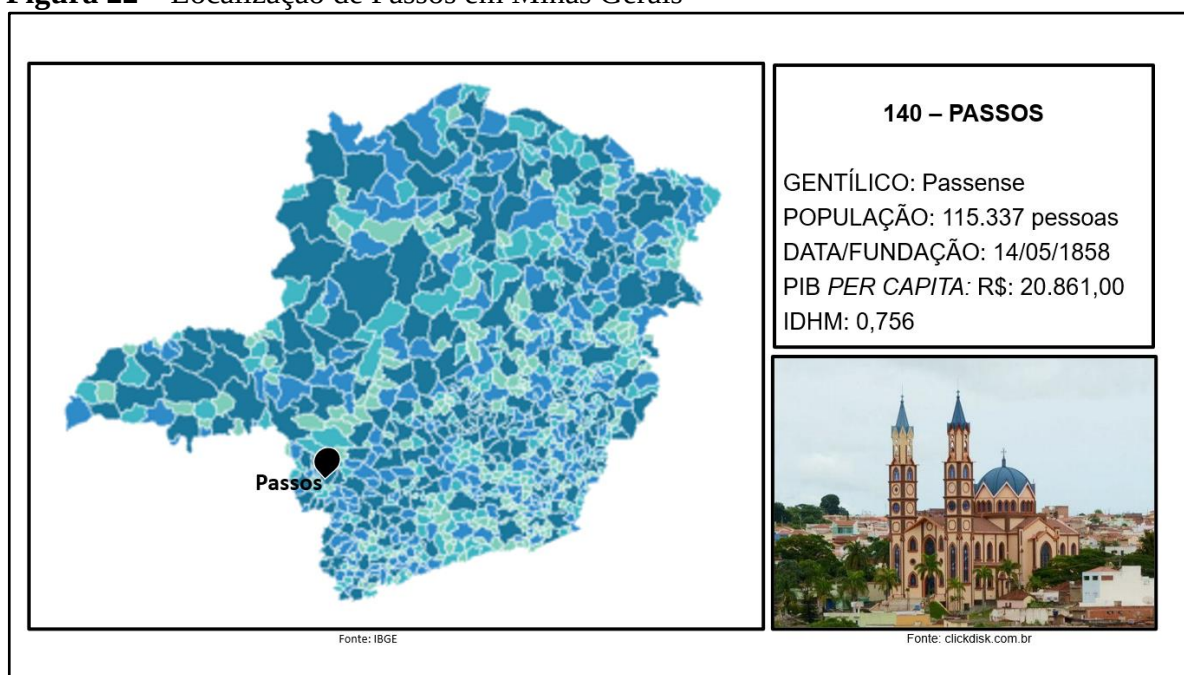
3.2.14 Passos

A cidade de Passos é um município mineiro localizado na Mesorregião do Sul e Sudoeste de Minas. Tem população estimada em 115.337 habitantes, e é o quarto município mais populoso de sua mesorregião e o 26º do estado. Situa-se a 384 km de distância da capital mineira. Passos surge enquanto localidade em meados do século XVIII, com as primeiras fazendas implantadas entre 1780 e 1830, sendo elevada à categoria de cidade no ano de 1858.

A cidade se destaca como polo regional, possuindo uma economia baseada principalmente na agropecuária e no agronegócio (açúcar, álcool, fermento, laticínios, cana, café, milho, gado de corte e de leite, avicultura de corte e de postura, suinocultura, etc.), o comércio tem pequenas indústrias de confecções e móveis, além de um forte setor de serviços. Nos transportes, a cidade é servida principalmente pelas rodovias MG-050 e pela BR-146.

Nas questões educacionais Passos tem o IDEB dos anos iniciais do ensino fundamental em 6,9 e dos anos finais de 4,9. Tem 15 escolas estaduais e 15 escolas municipais, e 7 escolas particulares. E no ensino superior e técnico as mais importantes são: Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade Passos, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Faculdade de Medicina Atenas, Instituto Educacional Máris Célis, Escola Técnica de Passos (ETEP).

Figura 22 – Localização de Passos em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

Conforme o IBGE, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal é de 0,756. Em 2018, o salário médio mensal dos habitantes em Passos era de 1,9 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 23,7%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 29,7% da população nessas condições, o que o colocava na posição 773 de 853 dentre as cidades do estado e na posição 4732 de 5570 dentre as cidades do Brasil. Passos apresenta 96,7% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 72,5% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 41,3% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio).

A cidade de Passos possui 8 rádios (AM/FM) e as afiliadas da Rede Globo, Record e SBT.

3.2.15 Formiga

Formiga é uma cidade situada na mesorregião do Oeste de Minas com população estimada em 67.822 pessoas e tem o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,755.

A origem do nome deriva de um senso comum entre os tropeiros, os quais, durante o ciclo da cana-de-açúcar, carregavam seus imensos fardos de açúcar e pousavam quase sempre às margens do rio que hoje corta a cidade. Certa vez, um dos carregamentos foi atacado por correições de formigas e os tropeiros obtiveram enorme prejuízo. A partir de então, o local foi denominado de Rio das Formigas, para que os viajantes que ali pousavam tomassem precauções contra os possíveis ataques dos insetos.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB - Anos iniciais é de 7,3 e das series finais de 5,0. A cidade de Formiga conta com 33 escolas entre públicas e particulares voltadas para o ensino fundamental e 09 entre públicas e particulares de ensino médio.

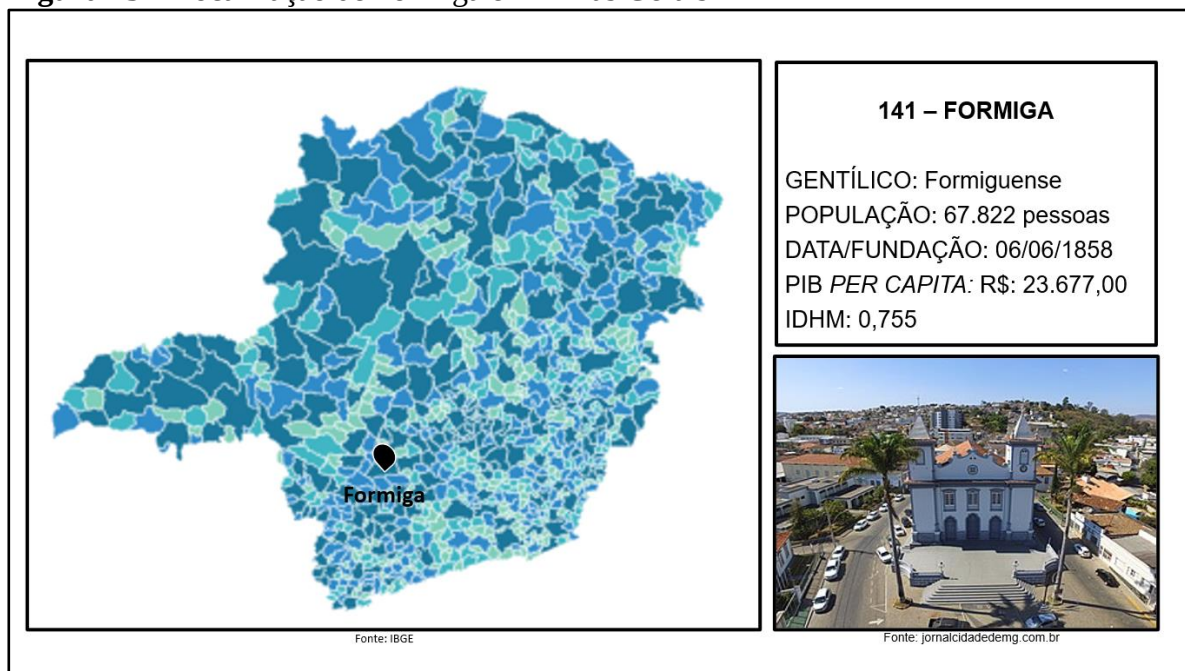
O município de Formiga possui cinco rádios (AM/FM) dois jornais impressos, sendo o mais importante o Oeste Notícias. Conta também com a TV Oeste e recebe sinal das afiliadas à Rede Globo - TV Integração, o SBT e à Rede Record.

Segundo IBGE, o município de Formiga, apresenta 90% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 34,2% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 20,4% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio)

Em 2018, o salário médio mensal era de 1,9 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 30,8%. Considerando domicílios com

rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 29,8% da população nessas condições. Formiga está situada a 196 km da capital mineira e o acesso é feito pela MG-050.

Figura 23 – Localização de Formiga em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

3.2.16 Ouro Preto

Ouro Preto é um município que está incluído na mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, localizado a 96 km da capital mineira, na região Sudeste do país, o acesso se dá pela MG-129 e pela BR 356 e 040.

A população estimada de Ouro Preto é 74.558 e sua origem está no arraial do Padre Faria, fundado pelo bandeirante Antônio Dias de Oliveira, pelo Padre João de Faria Fialho e pelo Coronel Tomás Lopes de Camargo, por volta de 1698. Pela junção desses vários arraiais, ao seu entorno, tornou-se sede de conselho, foi elevada à categoria de vila em 1711 com o nome de Vila Rica. Em 1720 foi escolhida para capital da nova capitania de Minas Gerais. Em 1823, após a Independência do Brasil, Vila Rica recebeu o título de Imperial Cidade, conferido por D. Pedro I do Brasil, tornando-se oficialmente capital da então província das Minas Gerais e passando a ser designada como Imperial Cidade de Ouro Preto.

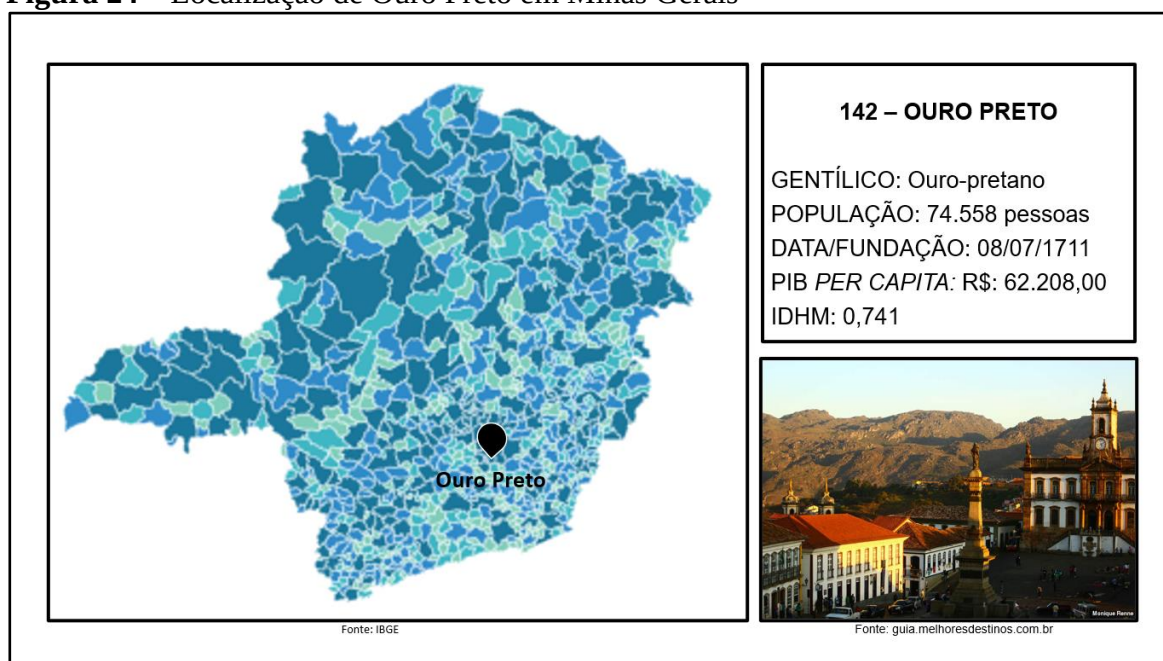
A antiga capital de Minas conservou grande parte de seus monumentos coloniais e em 1933 foi elevada a Patrimônio Nacional, sendo, cinco anos depois, tombada pela instituição que hoje é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em 5 de setembro de

1980, na quarta sessão do Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO, realizada em Paris, Ouro Preto foi declarada Patrimônio Cultural da Humanidade. Ouro Preto localiza-se em uma das principais áreas do ciclo do ouro.

Conforme dados do IBGE a cidade apresenta 75,6% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 18,9% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 30,6% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). A economia da cidade é fortemente impactada pela mineração, pelo turismo e pela área educacional. Em 2018, o salário médio mensal era de 3,2 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 26,2%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 35,1% da população nessas condições.

Ouro Preto é polo universitário tendo como mais importante a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e um *campus* do Instituto Federal de Minas Gerais. Além dessas, conta também com faculdades privadas como Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR), Centro Universitário Internacional (UNINTER) e Centro de Ensino Superior de Maringá (Unicesumar). No que se refere à educação básica Ouro Preto tem o IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) em 6,2 e o IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) 4,4.

Figura 24 – Localização de Ouro Preto em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

Ouro Preto tem emissoras de TV como a TV UFOP e outras afiliadas a rede Globo (Grande Minas) Rede Record, SBT, TV Cultura. A transmissão de Rádio é feita em AM/FM, e as mais importantes são: Radio Educativa UFOP; FM Ouro Preto; Rádio Itatiaia; Rádio Província; Rádio Real 90.1 e Rádio Sideral. Ainda possui jornal impresso como Jornal Tribuna Livre, Jornal Voz Ativa, Jornal O Liberal, Jornal O Mundo dos Inconfidentes, Notícias de Ouro Preto e os portais digitais Portal Mais Minas e Portal Ouro Preto.

3.2.17 Viçosa

Viçosa é um município no interior do estado de Minas Gerais, situado na região Sudeste do país. Localiza-se na Região Geográfica Intermediária de Juiz de Fora, e na Região Geográfica Imediata homônima, na região da Zona da Mata Mineira. Sua população está estimada em 79.388 habitantes.

A construção da capela é o marco inicial do processo de ocupação provido pela Igreja Católica, em detrimento de outras manifestações religiosas, que se tornaria vila de Santa Rita do Turvo, topônimo da ermida que marcou o início do povoado acrescido do nome do principal rio que atravessa a localidade - Turvo. Em 1876, a vila é elevada à categoria de cidade em homenagem ao bispo de Mariana, Dom Antônio Ferreira Viçoso.

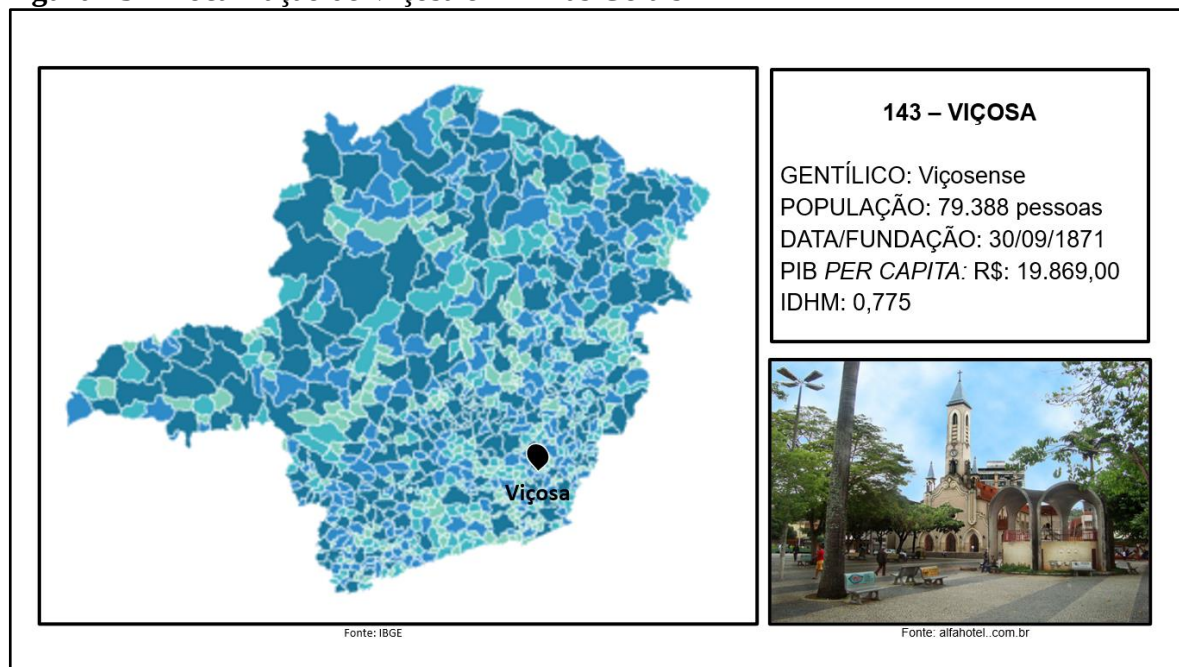
Sobre a educação básica Viçosa tem o IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) de 6,3 e o IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) de 4,2. São 8.543 alunos matriculados no ensino fundamental e 3.185 no ensino médio. O corpo docente para ensino fundamental é de 542 professores e para ensino médio de 229 professores, contando com 42 escolas entre ensino fundamental e médio (pública e particular).

Viçosa é um polo universitário e o destaque vai para a Universidade Federal de Viçosa (UFV), conceituada como uma das melhores da América latina, fundada em 1926 pelo então presidente da República Arthur da Silva Bernardes, nascido em Viçosa. Além da UFRV conta ainda com instituições de ensino superior privadas, acentuando ainda mais o caráter educacional da cidade.

Em 2018, o salário médio mensal era de 3,1 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 30,3%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 33,9% da população nessas condições. Viçosa apresenta 88,5% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 45,1% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 25,7% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-

fio. Sua economia é voltada para a prestação de serviços e para o fluxo de estudantes da cidade universitária.

Figura 25 – Localização de Viçosa em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

3.2.18 Lavras

A cidade de Lavras está situada a 242 km da capital mineira e localizada entre as três maiores regiões metropolitanas do país. É ligada a Belo Horizonte e a São Paulo pela rodovia Fernão Dias e ao Rio de Janeiro pelas rodovias BR-265 e BR-040. Sua malha rodoviária é uma das mais importantes, partindo do anel Rodoviário Presidente Tancredo Neves, a MG-335, a MG-354 e a MG-135 e as BR-381, BR-265 e BR-040. A População estimada é de 104.783 pessoas. Sua fundação foi na metade do século XVIII com o nome de Arraial de Sant'Ana das Lavras do Funil. Seus primeiros habitantes estavam empenhados na busca pelo ouro e posteriormente a escassez do metal fez com que a agricultura e a pecuária despontassem como as principais atividades da região.

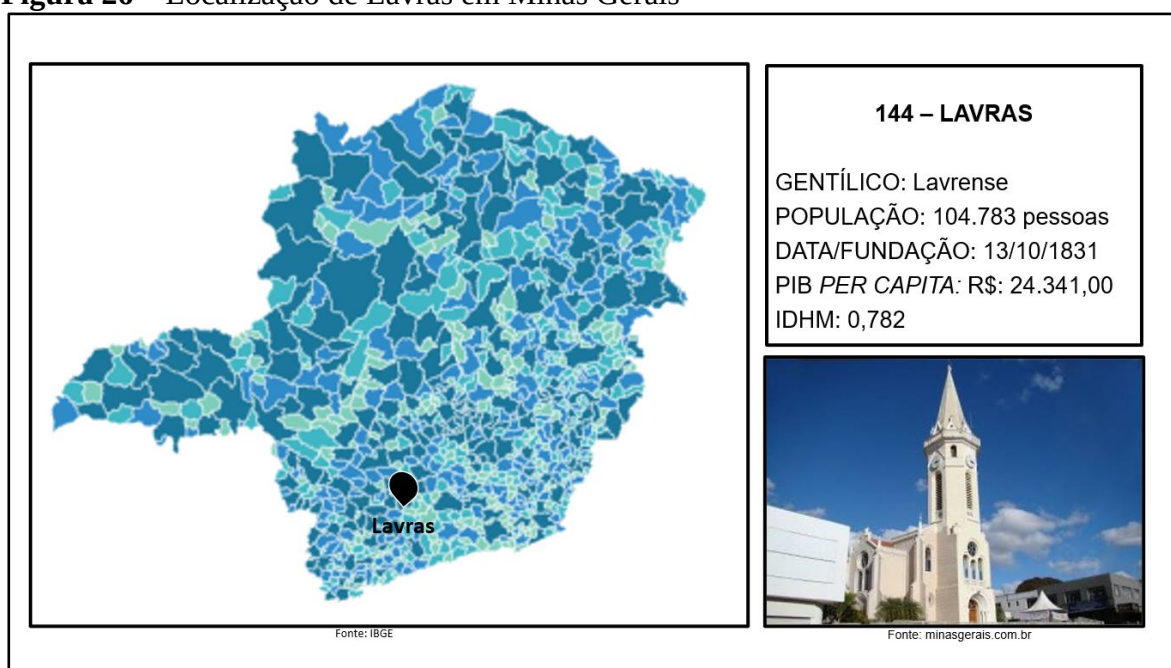
De acordo com dados do IBGE, a cidade conta com 18.671 alunos no Ensino Básico, sendo 11.275 matrículas no ensino fundamental e 7396 matrículas ensino médio. Ainda conta com 689 docentes no ensino fundamental e 306 do ensino médio, em 38 escolas do ensino fundamental e 17 para ensino médio.

No ensino superior temos a Universidade Federal de Lavras (UFLA), Centro Universitário de Lavras (UNILAVRAS), Faculdades Adventistas de Minas Gerais (FADMINAS), Faculdade Presbiteriana Gammon (FAGAMMON), Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), e Centro Universitário Internacional (UNINTER).

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal é de 0,782, sendo a 5ª cidade com o melhor IDH do estado de Minas Gerais.

As emissoras de TV são as afiliadas à rede Globo (EPTV), SBT, Record e Rede Universitária da UFLA. Jornais impressos são Tribuna de Lavras e Jornal A Gazeta.

Figura 26 – Localização de Lavras em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

3.2.19 São João del-Rei

São João del-Rei é um município mineiro da região do Campo das Vertentes sendo uma das maiores cidades setecentistas mineiras. A população estimada para o município é de 90.497 habitantes. Localizado na Bacia do Rio Grande, tem seu relevo formado pelas serras do complexo da Serra da Mantiqueira. A cidade de São João del-Rei possui vasta herança patrimonial, é uma cidade histórica, que tem a cultura e a arquitetura conservada.

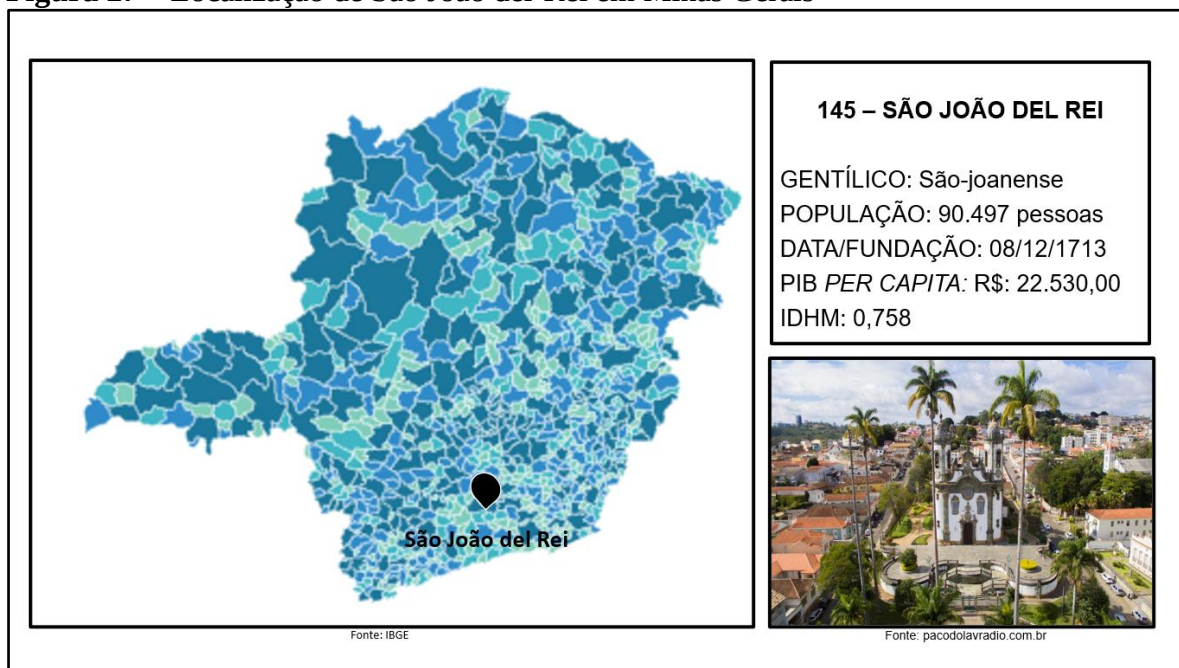
Segundo o IBGE, em 2018, o salário médio mensal era de 2,5 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 25,3%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 31,6% da

população nessas condições. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal é de 0,758 considerado alto para cidade do interior mineiro.

Na questão educacional o município conta com IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) 6,6 e IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) 4,3. Sobre o ensino superior o município de São João del-Rei possui Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais - *Campus* São João del-Rei (IFSULMINAS), Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN), Estácio (Polo São João del-Rei), Unicesumar - São João del-Rei.

A cidade conta ainda com as emissoras afiliadas da Rede Globo, SBT e Record. Os principais jornais são A Gazeta de São João del-Rei que surgiu em 1998 e se tornou o periódico de maior circulação durante duas décadas, concorrendo com a Folha das Vertentes e a Tribuna Sanjoanense. Com o curso acadêmico vieram ainda o jornal laboratório Ora-Pro-Nobis e a Vertentes Agência de Notícias (VAN), coordenados por professores e mantidos pelos alunos. Para acesso à cidade utilizam-se as rodovias BR-040 e 265.

Figura 27 – Localização de São João del-Rei em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

3.2.20 Muriaé

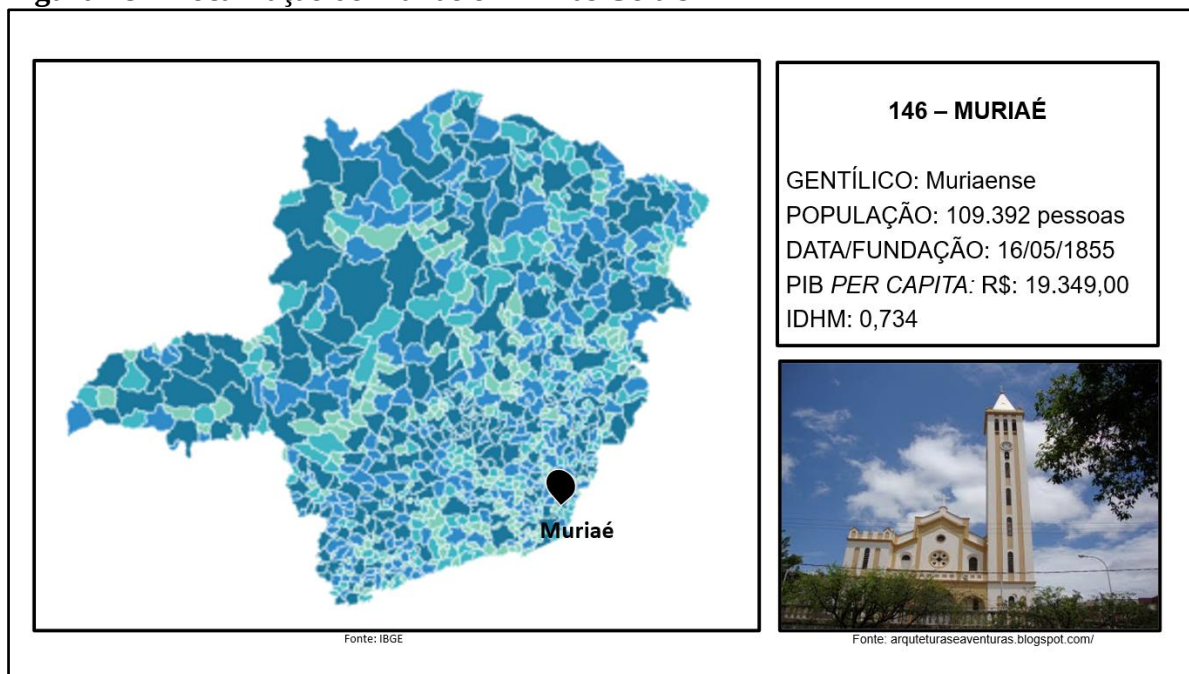
Muriaé é um município do estado de Minas Gerais, localiza-se na mesorregião da Zona da Mata e sua população estimada é de 109.392 habitantes. O município é o 29º mais populoso do estado e o 3º da Zona da Mata.

Após a Proclamação da República, a cidade de Muriaé aprimorou suas construções, erguendo a igreja matriz, praça com jardim e prédio executivo. Passou a ser um dos maiores produtores de café. A partir do governo Vargas, em 1939, é criada a estrada Rio-Bahia facilitando o fluxo de veículos o que torna Muriaé referência no ramo da retífica de motores.

Atualmente na economia Muriaé é uma cidade que se sustenta com serviços vinculados ao comércio, e conforme os dados do IBGE em 2018, o salário médio mensal era de 1,9 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 24,7%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 29,3% da população nessas condições. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,734.

Na educação apresenta um IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) de 6,6 e IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) de 5,0 considerado um índice alto. Teve 11.980 alunos matriculados no ensino fundamental e 3.874 matriculados no ensino médio em 2018. Somando docentes do ensino fundamental e médio na cidade de Muriaé temos 1.009 docentes que atuaram em 2018, em 68 escolas de ensino fundamental e médio.

Figura 28 – Localização de Muriaé em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

No ensino superior conta com a maioria de faculdades particulares como Universidade Estácio de Sá, Universidade de Franca (UNIFRAN), Centro Universitário FASM (UNIFAMINAS), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Marcelina, Universidade

Paulista e Centro de Formação Profissional Cezar Augusto Bianchi Botaro, SENAI/FIEMG e Instituto Federal do Sudeste de Minas - *Campus Muriaé*.

As emissoras de TV são: TV integração (Rede Globo), Alterosa (SBT), e Rede Record. Os jornais impressos e digitais que se destacam são: Jornal de Notícias, Jornal Gazeta, Diário Regional de Muriaé e Cidadã de Muriaé. A malha rodoviária de Muriaé consta como principal via de acesso a BR-116 e a BR-356.

3.2.21 Poços de Caldas

Poços de Caldas é um município situado a 419 km da capital mineira e na mesorregião do Sul/Sudoeste de Minas. Segundo estimativa do IBGE, é o 15º município mais populoso do estado com população estimada de 168.641 pessoas, ocupando o IDHM de 0,779 sendo a 6ª cidade do estado de Minas Gerais. Poços de Caldas também é conhecida pelo poder de cura das águas de suas nascentes que foram responsáveis por sua prosperidade.

A malha rodoviária da cidade consta da BR-459 (acesso de Poços de Caldas ao Vale do Paraíba, passando por cidades como Pouso Alegre, Itajubá e Lorena até o entroncamento com a Rodovia Presidente Dutra), BR-267 (acesso de Poços de Caldas a cidades como Machado, Alfenas e Varginha), BR-146 (liga Poços de Caldas a Andradas, Muzambinho, Guaxupé entre outras) e ainda tem uma ligação direta com Campinas, São Paulo, Ribeirão Preto e São Carlos pela SP-342.

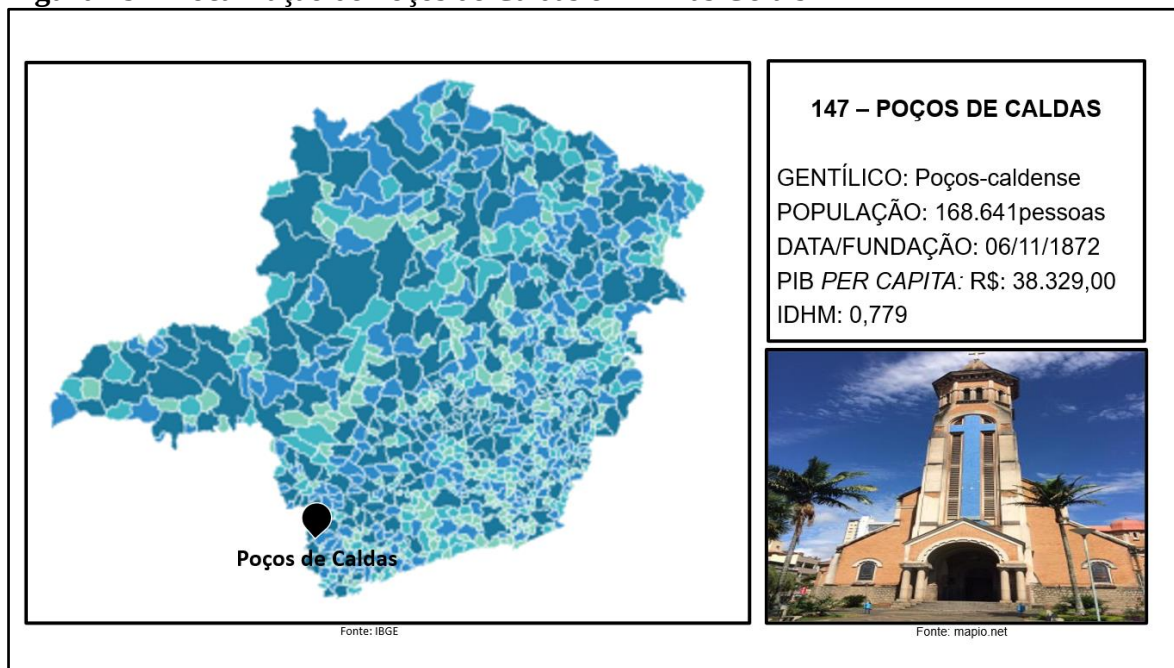
Poços de Caldas é uma cidade de polo comercial e industrial, contendo mais de 14 empresas de grande porte voltadas para mineração, extração de bauxita e produtos alimentícios (laticínios). Conforme dados do IBGE em 2018, o salário médio mensal era de 2,4 salários mínimos. Pertence ao bioma da Mata Atlântica e a malha rodoviária principal é composta pelas BR's 146 e 459.

Na educação tem o IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) de 6,3 e IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) de 5,0.

No ensino superior tem universidades públicas e privadas como: Instituto Federal do Sul de Minas, Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, *campus* da Universidade Federal de Alfenas, e instituições privadas como; Centro Universitário Uninter; Faculdade Pitágoras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Unifenas - Faculdade de Farmácia, sendo também considerada polo universitário.

As emissoras de TV da região são: TV Poços, TV afiliada da rede Globo (EPTV sul de Minas), Rede Alterosa (SBT) rede Record, Rede Minas e TV Cultura. E os jornais impressos são: Mantiqueira, Jornal de Notícias, Jornal de Poços, Jornal da Cidade e Folha Popular.

Figura 29 – Localização de Poços de Caldas em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

3.1.22 Juiz de Fora

Juiz de Fora é uma cidade situada no interior do estado de Minas Gerais, na Mesorregião da Zona da Mata Mineira, a 283 km da capital Belo Horizonte. Sua população estimada conforme o IBGE é de 573.285 habitantes, sendo então o quarto município mais populoso de Minas Gerais e o 36º do Brasil.

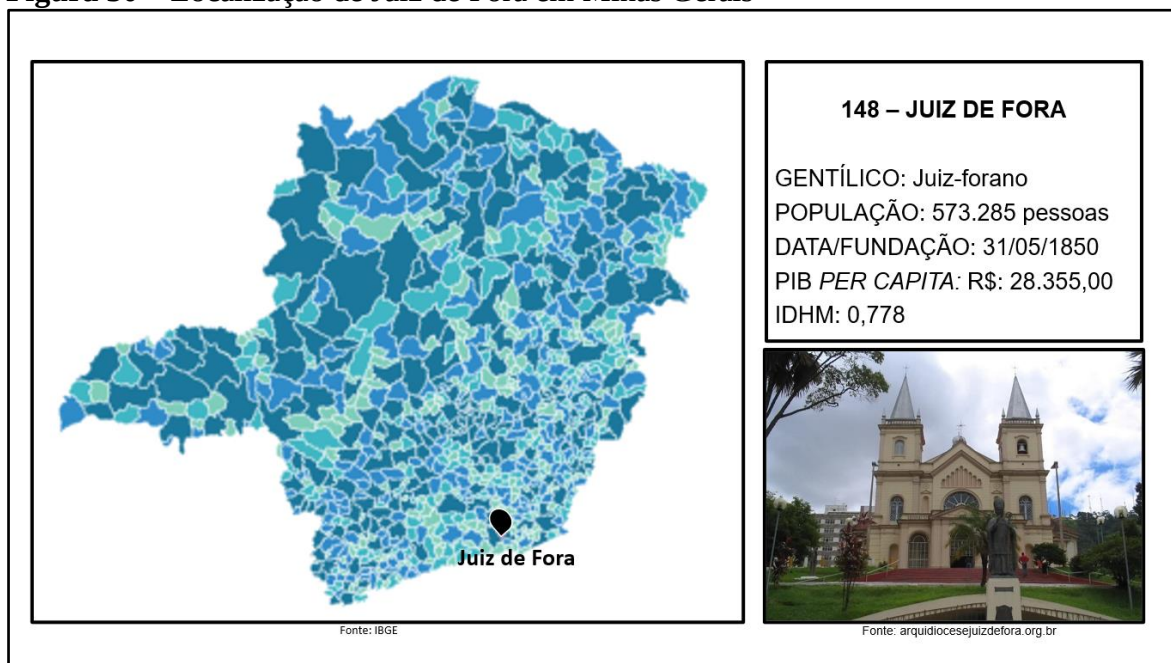
A versão mais conhecida de sua etimologia é que o nome seja uma referência a um juiz de fora, magistrado nomeado pela Coroa Portuguesa para atuar onde não havia juiz de direito, que se hospedou por pouco tempo em uma fazenda da região, passando esta a ser conhecida como a Sesmaria do Juiz de Fora.

A cidade faz parte do eixo industrial das cidades próximas à BR-040 e das próximas à BR-116. O município possui fácil acesso à BR-040 para Brasília e Rio de Janeiro; BR-267 para Porto Murinho; MG-353 para Rio Pomba e Piraúba; e MG-133 para Rio Pomba e Coronel Pacheco.

Em 2018, o salário médio mensal era de 2,5 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 30,2%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 29,9% da população nessas condições.

Na área educacional Juiz de Fora é considerado um polo universitário. Tem o IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) de 5,6 e o IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) de 4,1. No ensino superior conta com a Universidade Federal de Juiz de Fora, considerada a segundo melhor universidade do estado de Minas Gerais e 14ª posição entre as universidades brasileiras segundo *ranking* internacional em 2018 e o Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, além das instituições privadas como: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora, Faculdade Doctum, Universidade Presidente Antônio Carlos, Faculdade do Sudeste Mineiro.

Figura 30 – Localização de Juiz de Fora em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

As emissoras de TV são: TV afiliada à rede Globo, TV Integração, Alterosa (SBT) e Rede Record. Os jornais impressos são: JF hoje, Tribuna de Minas e Diário regional. E as rádios que se destacam são: Globo, AM 910, Itatiaia FM e a rádio Universitária- UFJF.

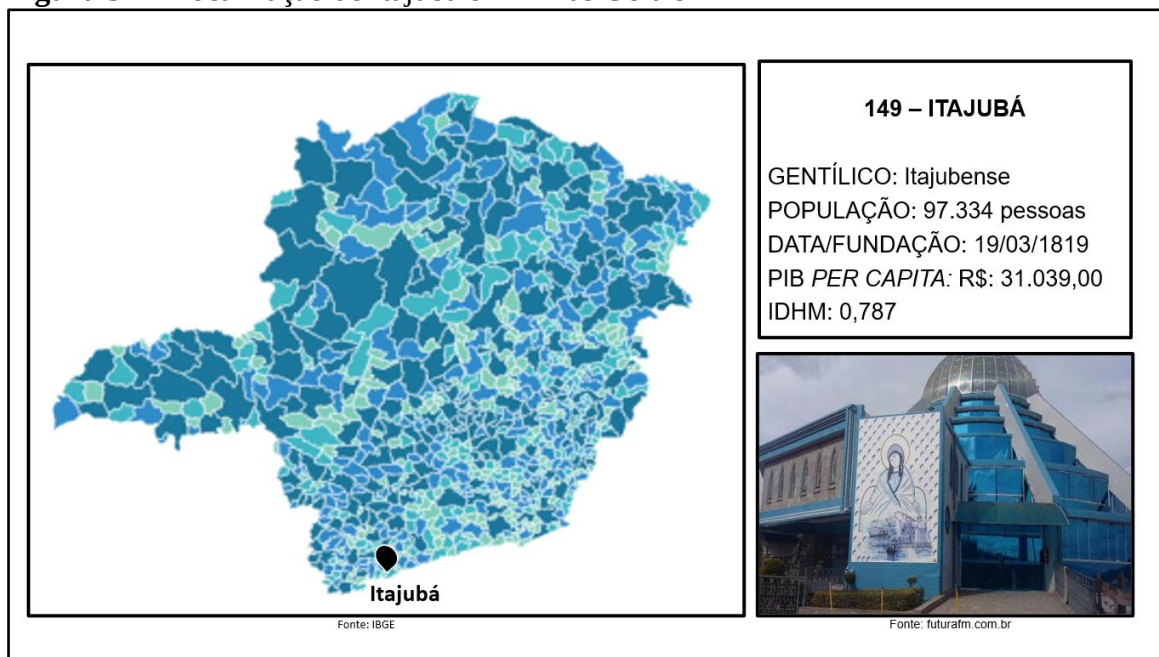
3.2.23 Itajubá

Itajubá é um município brasileiro no estado de Minas Gerais, localiza-se no sul mineiro e tem a população estimada de 97.334 habitantes, faz parte do território que pertence à bacia hidrográfica do rio Sapucaí, incluída na mesorregião do Sul e Sudoeste de Minas.

Em 2018, o salário médio mensal era de 2,9 salários mínimos. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é 0,787. Apresenta 90,5% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 50,1% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 40,3% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio).

No que diz respeito à educação, Itajubá tem o IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) de 7,0 e o IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) de 4,5. Tem 998 docentes no ensino fundamental e médio registrados em 69 escolas públicas de ensino fundamental e médio. Com aproximadamente 10.426 matrículas no ensino fundamental e 3.484 matrículas no ensino médio.

Figura 31 – Localização de Itajubá em Minas Gerais



Fonte: Elaborada pelo autor

No ensino superior Itajubá é também reconhecida por ter um sistema de ensino universitário. Possui oito estabelecimentos de ensino superior: Universidade Federal de Itajubá, Faculdade de Medicina de Itajubá, Escola de Enfermagem Wenceslau Braz, Centro

Universitário de Itajubá, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Sul de Minas, Universidade Presidente Antônio Carlos, Universidade Norte do Paraná e Faculdade de Tecnologia Internacional.

Itajubá possui emissoras de rádio AM/FM, são elas: rádio Unifei, rádio Itajubá, rádio Jovem FM, rádio Panorama, rádio Max FM e rádio Futura FM e um sistema de comunicação pela Internet chamado TV Itajubá. Também há veículos de comunicação impressos, como as revistas Guia da Mantiqueira - Itajubá e Região, Charme e It's Itajubá. Há também na cidade dois jornais semanais: O Sul de Minas, com mais de 70 anos de existência, e o Itajubá Notícias.

As cidades apresentadas nesta seção fazem parte da rede de pontos do ALiB no estado de Minas Gerais. Ainda que estejam situadas no mesmo estado, tais cidades podem se diferenciar quanto as questões econômicas, sociais, culturais e linguísticas. Embora Minas Gerais, como já dito anteriormente, possuam 12 regiões intermediárias em que se situam as localidades não são elas que demarcam as áreas linguísticas. Por ser um dos maiores estados brasileiros em extensão territorial, Minas recebe diversas influências dos estados que limita geograficamente.

Nas regiões situadas ao Norte do estado recebe influência linguística do estado da Bahia e na região Sul dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, como já apontadas por Nascentes (1953) e Zágari (1998). O que provavelmente explicaria que mesmo fazendo parte do mesmo estado os indivíduos das cidades de Januária, Janaúba, Teófilo Otoni, situadas no Norte Mineiro falam diferentes daqueles que moram nas cidades de Itajubá, Passos, São João Del Rei, situadas no sul de Minas. Algumas cidades por estarem na área setentrional do estado tende a receber influência linguística do falar baiano e o mesmo ocorre com as cidades localizadas na área meridional que recebe influência do falar mineiro e paulista (Cf. Nascente, 1953; Zágari, 1998).

E a seguir, na seção 4, apresentamos o quadro teórico que dá sustentação às análises a serem apresentadas nesse estudo.

4 QUADRO TEÓRICO – CIÊNCIAS DA VARIAÇÃO

Sociolinguística e Dialetoлогия se tem considerado até certo ponto sinônimas uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a Sociolinguística, a Dialetoлогия reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade linguística.

(SILVA-CORVALÁN, 1988, p.08).

Nesta seção apresentamos os aportes teóricos que embasam a análise e propiciam a compreensão da distribuição geográfica e o comportamento das vogais médias em posição pretônica em Minas Gerais. Para esta pesquisa adotamos o modelo teórico da Dialetoлогия Pluridimensional e da Sociolinguística Variacionista.

No quadro da Dialetoлогия discutimos a noção de dialeto, a de isoglossas, abordamos as fases dos estudos dialetais no Brasil, os atlas linguísticos brasileiros, inclusive o *Atlas Linguístico do Brasil*, proposta da divisão das áreas dialetais do Brasil e de Minas Gerais, conforme Nascentes (1953) e Zágari (1998) com a finalidade de situar as áreas do estudo. E no quadro da Sociolinguística discutimos a variação e a mudança linguística.

4.1 DIALETOLOGIA

A Dialetoлогия, segundo Cardoso (2010, p. 15), “é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. A Dialetoлогия preocupa-se, essencialmente, em estabelecer limites geográficos de certos usos linguísticos.

O *Atlas Linguistique de La France* (ALF) (GILLIÉRON; EDMOND, 1901-1910), publicado entre 1902 e 1910, do francês Jules Gilliéron é visto como um marco para os estudos dialetológicos. O ALF contou com apenas um inquiridor, Edmond Edmont, que, em quatro anos, de 1896 a 1900, realizou 700 entrevistas em 639 locais diferentes. O ALF inaugurou a Geografia Linguística enquanto método da Dialetoлогия que passou a ter o estudo cartográfico dos dialetos.

Coseriu (1982, p. 79) define a Geografia Linguística como

o método dialectológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados. (COSERIU, 1982, p. 79).

O método da Geolinguística tem como base a elaboração de cartas geográficas, mapas ou atlas linguísticos. E os atlas linguísticos apresentam os dados que foram documentados, observando um ou mais fenômenos linguísticos possibilitando que se tracem isoglossas que determinem a extensão de cada traço dialetal. Concordamos com Coseriu (1982) quando ele afirma que a Geografia Linguística é um método e não uma ciência e consiste no levantamento de dados com a aplicação de questionários previamente elaborados, em uma rede de pontos que, ao serem analisados, resultam na apresentação dos dados através da cartografia.

No que tange à Geolinguística, Câmara Jr. (1999, p. 94) afirma que é “uma técnica mais moderna de pesquisa na área da Dialectologia e consiste no levantamento de mapas da distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal”. Enquanto a Geolinguística é considerada um método, pois organiza e sistematiza a pesquisa, a Dialectologia é considerada a Ciência, pois se refere ao conjunto de conhecimentos sistematizados, relativos a uma ordem de fenômenos que permitem um saber resultante da posse de informações sobre variados assuntos.

A Dialectologia monodimensional, conhecida como Dialectologia tradicional, priorizou em seus métodos e técnicas as áreas isoladas, tipo de informantes NORMs (*non mobile, older, rural, males*)¹³. Cf. CHAMBERS E TRUDGILL, 1994, p. 33) e/ou HARAS (homem, adulto, rurícola, analfabeto, sedentário. Cf. ZÁGARI, 1998, p. 33). No entanto, com os avanços dessa ciência da variação, a Dialectologia passa por um processo de redefinição e reformulação de seus princípios teóricos, assim como da atualização de seus métodos e técnicas como a inclusão de áreas não isoladas como as áreas urbanas, modificação do tipo de informante como a inclusão, sistemática, dos dois sexos, da dimensão social (faixa etária, sexo, classe social, escolaridade).

A partir desse processo de redefinição e reformulação de seus princípios teóricos surge a Dialectologia Pluridimensional, assim denominada por Thun (1998, p. 787) que a define como:

(...) parte da ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades de um lado e falantes de outro. Dentro desta ciência geral, à DP corresponde à parte da macroanálise. Não deixa de ser uma “geolinguística”, porque a DP não pode renunciar à variação diatópica, que garante a macroanálise. (THUN, 1998, p. 787).

¹³ Homem, idoso, rural, sedentário.

A Dialetoologia Pluridimensional busca estabelecer relações entre a diatopia (geográfica) e as interferências de outros tipos de variação, como a diageracional (idade), a diastrática (classes), a diassexual (sexo), a diafásica (estilo). Além de trabalhar com a documentação e análise de fenômenos linguísticos bem como com mapeamento em cartas linguísticas que virão a constituir atlas linguísticos, a Dialetoologia sempre considerou a existência da heterogeneidade linguística.

A variação diatópica diz respeito a uma diversidade linguística regional ou geográfica, que está relacionada às diferenças dos espaços geográficos seja uma região, cidade, estado, país. Os itens lexicais como *bergamota* (Rio Grande do Sul), *mexerica* (Pernambuco), *tangerina* (Rio de Janeiro) designam a mesma fruta cítrica em diferentes estados brasileiros.

A variação diageracional é de suma importância para podermos comparar as divergências existentes entre o falar dos jovens e dos idosos. A partir dessa comparação é possível observar as diferenças que separam as gerações quanto a um determinado fenômeno linguístico. Com a faixa etária dos informantes existe a possibilidade de relacioná-la com as demais variáveis consideradas o que explora o caráter pluridimensional das informações cartografadas.

Embora falte à tradição dialetológica o controle cartográfico da variação diassexual, os dialetólogos hoje se interessam por essa variação, pois a partir dessa se pode observar as diferenças na variante falada por mulheres e homens.

A classificação dos informantes segundo a idade não oferece dificuldades e se apresenta como um procedimento menos complexo. Mas em se tratando da variação diastrática a classificação social é uma noção complexa que tem levado à identificação dos usuários da língua segundo “fatores tais como trabalho, renda familiar, educação e habitação” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 87).

Cardoso (2016, p.10) diz que “toda fala é fásica, isto é, se realiza dentro de um estilo e enquanto houver situações comunicativas e intenções expressivas diferentes, haverá variação fásica, o que significa dizer que sempre existe para o falante a possibilidade de selecionar entre vários registros”.

Cardoso (2016) explica que tal variação,

(...) se apresenta, por conseguinte, como mais elementar do que os demais tipos de variação e exatamente por esta razão geral é digna de ser estudada pela dialectologia, ciência da variação linguística. [...] Levar em consideração a variação diafásica significa poder seguir com mais precisão os caminhos da propagação de uma inovação e, simultaneamente, os processos de fixação ou de repulsa da inovação. (CARDOSO, 2016, p. 10).

A Geolinguística assume outros parâmetros que não o diatópico ao tomar em consideração variáveis sociais, mas permanece diatópica, pois a finalidade essencial da Dialetoлогия é estudar a variação geolinguística.

Cardoso (1998, p. 415) enfatiza que a Geolinguística “deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados areais”. Assim, a Dialetoлогия e especificamente os estudos geolinguísticos deixam de apresentar-se numa visão exclusivamente diatópica e passam a exibir, também cartograficamente, dados de natureza social.

4.1.1 Conceitos básicos

Neste trabalho, como já dito anteriormente, investigamos as vogais médias pretônicas nas falas dos informantes de 23 localidades do estado de Minas Gerais. E como Minas Gerais possui uma diversidade dialetal expressiva, recorreremos a Chambers e Trudgill (1994, p. 19) que fornecem várias definições de dialeto como:

(...) um sub-padrão, de baixo status, geralmente uma forma rústica da língua, comumente associada aos camponeses, à classe trabalhadora, ou a outros grupos com falta de prestígio. Dialeto é também um termo que é costumeiramente aplicado às formas de uma língua, particularmente àquelas faladas nas partes mais isoladas do mundo, que não têm forma escrita. E dialetos são também frequentemente considerados como algum tipo de (normalmente errôneo) desvio de uma norma – como aberração de forma correta ou padrão de uma língua. Neste livro não adotaremos nenhum desses três pontos de vista. Partiremos, pelo contrário, da ideia de que todos os falantes são de ao menos um dialeto - de que o inglês padrão é, por exemplo, um dialeto tão claro como qualquer outra forma de inglês – e de que não tem nenhum sentido supor que um dialeto qualquer é linguisticamente superior a outro. (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 19). (tradução nossa).¹⁴

¹⁴ “Una forma de lengua subestándar, de nivel bajo, generalmente una forma rústica, que a menudo se asocia a los campesinos, a la clase trabajadora y a otros equipos considerados necesitados de prestigio. Dialecto es también un término que es a menudo aplicado a las formas de una lengua, particularmente aquellas habladas en los rincones más aislados del mundo, que no tiene forma escrita. Y dialectos son también considerados como algún tipo de (normalmente equivocado) desvío de una norma – como aberración de forma correcta o padrón de una lengua [...] no adoptaremos ningún de estos tres puntos de vista. Partiremos, por lo contrario, de la idea de que todos los hablantes lo son de por lo menos de un dialecto – de que el inglés padrón es, por ejemplo, un dialecto tan claro como cualquier otra forma de inglés – y que no hay ningún sentido en suponer que un dialecto cualquiera sea lingüísticamente superior a otro.”.

Falantes de uma mesma língua apresentam diferenças nos seus modos de falar, de acordo com o lugar em que estão (variação diatópica), com a situação de fala ou registro (variação diafásica) ou, ainda, com o seu nível socioeconômico (variação diastrática). Assim temos o dialeto como uma variante linguística por possuir características fonológicas, morfológicas sintáticas e semânticas.

Conforme Coseriu (1982, p. 11-12)

Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros dessa família ou constituem famílias menores dentro da família maior. (COSERIU, 1982, p. 11-12).

Uma língua pode-se dividir em inúmeras variedades dialetais, desde as mais abrangentes como a língua portuguesa falada em Portugal, na África e a língua portuguesa falada no Brasil até às subvariedades mais específicas - a exemplo dos grupos dialetais que se inclui no norte mineiro, outro grupo no triângulo mineiro, outro grupo na região metropolitana de Belo Horizonte - ou falares, como identifica Zágari (1998).

O falante nativo do dialeto da região Norte de Minas Gerais compreende perfeitamente aquilo que diz o falante nativo do dialeto da região Sul de Minas, e vice-versa. Portanto, esse é um atributo observável em relação aos dialetos ora discutidos e, como tal, deve ser considerado na noção que aqui se busca estabelecer.

Existem propriedades intrínsecas a cada um desses dialetos (Norte e Sul de Minas) que permitem aos seus respectivos falantes reconhecerem-se como pertencentes a uma ou a outra variedade linguística. Esse conjunto de propriedades é que determina a variação linguística entre os diferentes dialetos do PB. Assim, o conjunto de atributos específicos intrínsecos a um dialeto é que estabelece a sua diferença em relação a outro.

Geograficamente, a distância entre as duas regiões (Norte e Sul de Minas) e a proximidade de cada uma de estados que apresentam uma maneira de falar diferente, como São Paulo, em relação à região Sul, e Bahia, em relação à região Norte, ajudam a denunciar os aspectos que permitem diferenciar os dialetos.

“Do ponto de vista puramente linguístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidências de traços linguísticos fundamentais” (CÂMARA Jr. 2007, p.115), esses traços linguísticos usados para a classificação dos dialetos de uma determinada língua são preferencialmente os traços fonológicos e os morfológicos, uma vez que a fonologia

e a morfologia “são aspectos de uma língua mais estáveis, mais sistemáticos e mais característicos de sua fisionomia” (CÂMARA Jr, 2007, p.116). Sem a coincidência de tais traços linguísticos, não se pode estudar a existência de um dialeto, mas sim de uma língua diferente.

No entanto, alguns estudos linguísticos delinearão e/ou estabeleceram áreas dialetais a partir do léxico fazendo uso do banco de dados do Projeto ALiB. Ribeiro (2012), considerando 13 questões da área semântica de jogos e diversões infantis do QSL, traçou isoglossas que delimitem o *Falar Baiano* (Cf. NASCENTES, 1953) em 34 localidades de cinco estados brasileiros - Bahia, Sergipe, Tocantins, Goiás e Minas Gerais. Romano (2015) investigou o *Falar Sulista* (Cf. NASCENTES, 1953) em 108 localidades nos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a partir de 05 questões do QSL. Em continuidade, ainda na área dos falares que envolvem o estado de Minas Gerais, Santos (2016) pesquisou o *Falar Fluminense* (Cf. NASCENTES, 1953) em 26 localidades situadas nos estados de Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais.

A Dialectologia brasileira optou pela utilização do termo *falar* em vez de se valer do termo *dialeto*. Tal orientação epistemológica é seguida de perto por Rossi (1963) em o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e por Zágari (1998) que a partir dos dados do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al., 1977) apresentou três falares na diversificação linguística do território de Minas Gerais: (i) um *falar baiano* (localizado na região norte do estado), (ii) *falar mineiro* (localizado na região metropolitana de Belo Horizonte - capital – e sul do estado), (iii) *falar paulista* (localizada no triângulo mineiro – oeste do estado).

Elia (1962, p 64) diz que:

Os falares resultam de uma *expansão* da língua comum, que vai tomando colorações locais de acordo com as condições geo-humanas de cada região. Não apresentam uma *superposição* de línguas, como se deu com os dialetos românicos na Europa, mas o alargamento da mesma língua comum, que vai ocupando os espaços vazios ou rarefeitos de um território progressivamente colonizado (...). Por isso é comum e legítimo aludir a dialetos franceses, italianos ou espanhóis, mas a essa denominação é preferível, entre nós, o termo falar. (ELIA, 1962, p 64).

No que se refere, ainda, ao termo falar, enquanto variante, observamos que Dubois et al. (2004 [1973]) apresentam quatro tipos de falar:

O falar é uma forma da língua utilizado num grupo social determinado ou como signo de pertencer ou da vontade de pertencer a este grupo social: o falar patoá é rural e utilizado para as atividades campesinas; o falar corrente é neutro e pode ser empregado em todas as circunstâncias; o falar culto é o signo de certo nível de instrução ou de cultura, ao contrário do falar popular. Cada um destes falares (para não assinalar senão os principais) possui regras sintáticas e vocábulos que lhe são específicos e muitos outros que são comuns a muitos falares da língua ou mesmo a todos. (DUBOIS et al., 2004 [1973], p.266).

Ferreira e Cardoso (1994, p. 16) dizem que:

dialetos é como um feixe de isoglossas que somadas mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras. Essa relativa homogeneidade, demonstrada pelo conjunto de isoglossas, leva ao entendimento de que não existem limites rígidos entre as línguas, considerando que toda língua histórica é constituída por um conjunto de dialetos. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 16).

As isoglossas são linhas que unem pontos da mesma particularidade linguística sendo elas fonéticas, morfológicas, sintáticas ou léxicas. As isoglossas ainda delineiam contrastes e apontam semelhanças linguísticas socioculturais.

E conforme Dubois et al. (2004 [1973], p. 354):

isoglossa é a linha ideal que separa duas áreas dialetais que oferecem para um traço dado formas ou sistemas diferentes. A isoglossa (ou linha de isoglossa) é representada num mapa linguístico por uma linha que separa os pontos em que se encontra um traço dado daqueles em que este não se encontra. [...]. Um conjunto de isoglossas superpostas ou próximas é chamado de feixe de isoglossas e marca limites ou fronteiras linguísticas. (DUBOIS et al., 2004 [1973], p. 354).

Com base em Chambers e Trudgill (1994), as isoglossas, quanto à natureza dos fatos linguísticos, podem-se dividir em isófonas, isoléxicas e gramaticais: i) Fônica (isófonas) - é a isoglossa delineada e estabelecida através de elementos fonéticos que demarca a fronteira entre as regiões em que se realiza determinado traço fonético (Ex.: retroflexa alveolar [ɭ]; ii) Léxica (isoléxica) - é a isoglossa delineada com base em elementos lexicais. Demarca as regiões em que determinada palavra é preferida em detrimento de outra para denominar o mesmo objeto (Ex.: denominações de tangerina - tangerina/mexerica/pocã/maricote; iii) Morfológicas (isomorfa) - são as que apresentam diferenças paradigmáticas, flexionais e derivacionais entre duas regiões (Ex.: tratamento do interlocutor - tu/você); iv) Sintática - são aquelas que se referem a alguns aspectos da construção das orações (Ex.: estruturas com próclise - me dê um cigarro / estrutura com ênclise - dê-me um cigarro).

4.1.2 As fases dos estudos dialetais no Brasil

Os estudos dialetais no Brasil costumam ser divididos em cinco fases: i) 1ª fase, abrange o período de 1826 a 1920; ii) 2ª fase, abrange o período de 1921 a 1952; iii) 3ª fase, abrange o período de 1953 a 1996; iv) 4ª fase, abrange o período de 1996 a 2014; v) 5ª fase, abrange o período de 2014 aos dias atuais. Essas fases são propostas por estudiosos como Nascentes (1953), Ferreira e Cardoso (1994), Mota e Cardoso (2006) e Teles (2018), que consideraram como marcos os estudos dialetológicos e as produções de cunho lexicográfico, monográfico, elaboração de atlas regionais, publicação do atlas linguístico do Brasil e trabalhos dialetais.

Nascentes (1953) propõe duas fases para os estudos dialetológicos. A primeira fase da Dialetologia no Brasil proposta pelo autor se inicia em 1826, quando Domingos Borges de Barros publica o estudo sobre o português na obra de Balbi (1826) e termina em 1920 com a obra *O dialeto Caipira* (AMARAL, 1920). A publicação da obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, finaliza a primeira fase e inicia a segunda fase dos estudos dialetais no Brasil.

Os trabalhos produzidos na primeira fase direcionam-se para o estudo do léxico e de suas especificidades no português do Brasil. Essas obras são dicionários, vocabulários e léxicos regionais como, por exemplo: a) *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, 1879, de José Jorge Paranhos da Silva (SILVA, 1879 *apud* CARDOSO, 2010); b) *Dicionário de brasileirismos*, 1912, de Rodolfo Garcia (GARCIA, 1912 *apud* CARDOSO, 2010).

Na segunda fase, temos os estudos monográficos que demarcam área dialetais, como *O dialeto caipira* (AMARAL, 1920), em algumas cidades do estado de São Paulo, *O linguajar carioca de 1922* (NASCENTES, 1922), sobre o falar do Rio de Janeiro, *A língua do Nordeste* (MARROQUIM, 1934), sobre os falares de Alagoas e Pernambuco. São obras que descrevem a língua portuguesa nos aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos e lexicais de regiões brasileiras.

A terceira fase dos estudos dialetais¹⁵ proposta por Ferreira e Cardoso (1994) começa com o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952 que constitui a Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa, com o objetivo de elaborar o Atlas Linguístico do Brasil, e finaliza com o projeto de elaboração de um Atlas linguístico do Brasil. Ainda em 1952, Antenor Nascentes publica o

¹⁵Além do Decreto 30.643 foi lançada no mesmo ano a Portaria 536, de 26 de maio que trouxe instruções referentes à regulamentação do Decreto. A introdução de uma nova visão sobre os fenômenos de variação linguística no Brasil se deve aos trabalhos de Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Nelson Rossi e outros. Esses autores foram responsáveis pela implantação de um novo momento da Dialetologia brasileira.

primeiro volume das *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* em 1958, o segundo volume em 1961, que estabelece passos fundamentais para o início do trabalho dialetológico no Brasil.

A terceira fase também é marcada por publicações de diversos atlas estaduais e regionais, como, por exemplo: a) *Atlas prévio dos falares baianos (APFB)*, 1963, de Rossi; b) *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (EALMG)*, 1977, de Ribeiro et al.; c) *Atlas linguístico da Paraíba (ALPB)*, 1984, de Aragão e Menezes; d) *Atlas linguístico de Sergipe (ALS)*, 1987, de Ferreira et al.; e) *Atlas linguístico do Paraná (ALPR)*, 1990/1994, de Aguilera.

A quarta fase proposta por Mota e Cardoso (2006) começa em 1996, com a constituição do Comitê Nacional durante o Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, que oficializa a elaboração do atlas linguístico do Brasil. É uma fase que “coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional (...) que predominou na geolingüística hoje rotulada de tradicional” (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 21).

A inclusão da quarta fase se deu pelo novo cenário encontrado nos estudos dialetais: i) a implementação de linhas de pesquisa em Geolinguística no ensino superior; ii) o aumento do número de atlas linguísticos publicados ou em processo de elaboração iii) a incorporação de novas dimensões (diastrática, diageracional e diagenérica) à pesquisa dialetológica em seu conjunto, princípios implementados pelo advento e integração da teoria sociolinguística, abandonando-se a visão monodimensional.

Teles (2018) propõe uma quinta fase dos estudos dialetológicos e o encerramento da quarta fase com a publicação do *Atlas linguístico do Brasil*, em 2014. Teles (2018) argumenta que,

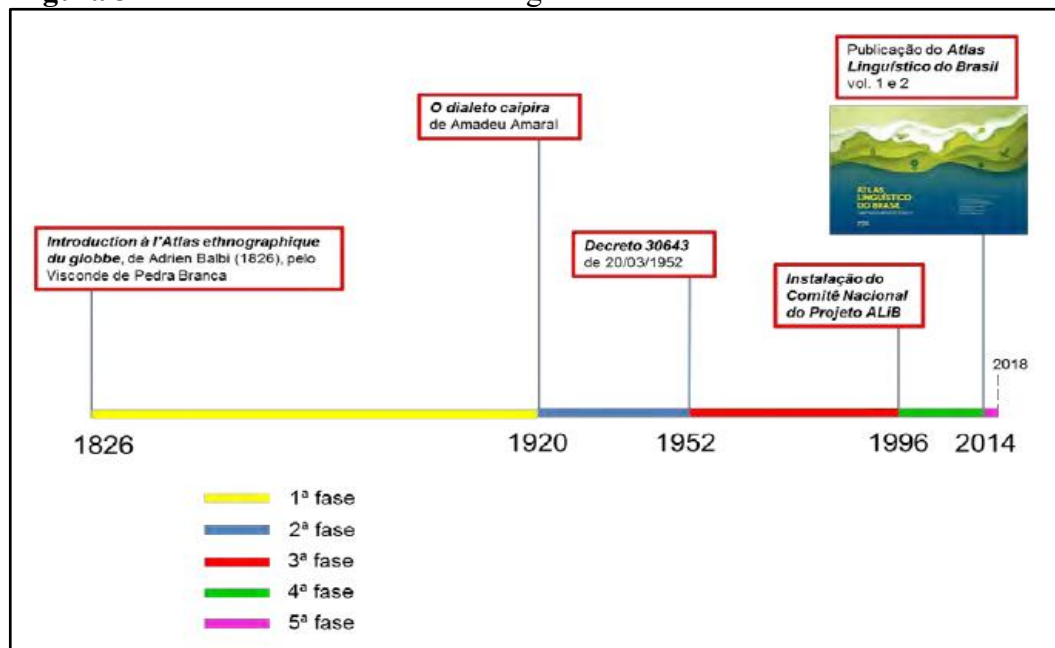
de lá para cá, independentemente de iniciar-se – ou não – uma nova fase, é indiscutível a argumentação de que esse é um marco da Geolinguística brasileira: tanto pelo fato de inúmeros trabalhos terem sido desenvolvidos, desde então, a partir do seu conteúdo, quanto pela extensão alcançada, seja pela disponibilização do atlas em bibliotecas não apenas das Universidades integrantes do Projeto, seja pela divulgação em âmbito nacional que o atlas teve a partir de telejornais de coberturas locais e nacionais, além de uma série composta de vários programas, abordando praticamente todas as áreas de estudos linguísticos que o ALiB contempla. (TELES, 2018, p. 79-80).

Nas áreas de fonética, morfossintaxe e léxico foram produzidos com os dados do Projeto ALiB mais de 100 estudos, entre monografias, dissertações e teses.

As pesquisas na área da fonética, na qual este trabalho está inserido, contemplam os fenômenos de variação das vogais pretônicas, vogais postônicas, róticos, palatalização do /t, d/

diante de /i/, prosódia, /S/ em coda silábica, palatalização de /l/ diante de /i/, ditongos e ditongação, monotongação, africatação do /t, d/ precedidos de /j/, variação entre as consoantes /b/ e /v/. A Figura 32 mostra as cinco fases dos estudos dialetológicos no Brasil.

Figura 32 – Fases dos estudos dialetológicos no Brasil



Fonte: Teles (2018, p.81)

4.1.3 Proposta da divisão das áreas dialetais do Brasil e de Minas Gerais

O linguajar carioca de 1922 de Nascentes (1922), apresenta características do português do Rio de Janeiro e uma proposta de divisão dialetal do Brasil. É com base nas ideias do autor de divisão dialetal do Brasil que formulamos a hipótese central deste trabalho, que é verificar se se confirma a divisão de Minas Gerais em áreas dialetais, a partir do uso das vogais médias pretônicas, com dados do Projeto ALiB.

Nascentes (1922) propõe a primeira divisão dialetal em 1922: Dialeto Nortista (Amazonas, Pará, litoral dos estados, desde o Maranhão até a Bahia); Fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Sul de Minas, Distrito Federal); Sertaneja (Mato Grosso, Goiás, Norte de Minas, sertão dos estados litorâneos, desde o Maranhão até a Bahia); Sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Triângulo Mineiro).

Na primeira divisão o autor tinha percorrido pequena parte do território nacional. Já em 1933 Nascentes (1953) percorre todo o Brasil, do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá e após algumas reflexões e com o intuito de discriminar melhor Minas Gerais faz uma nova divisão.

Assim, numa nova edição de *O linguajar carioca*, Nascentes (1953) propõe dois falares (Norte e Sul) e seis subfalares (Amazônico, Nordestino, Baiano, Fluminense, Mineiro, Sulista):

O que caracteriza estes dois grupos é a cadência e a existência de pretônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em mente. Basta uma singela frase ou uma simples palavra para caracterizar as pessoas pertencentes a cada um destes grupos. Eles estão separados por uma zona que ocupa uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país. Esta zona se estende, mais ou menos, da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Baía, até a cidade de Mato Grosso, no Estado do mesmo nome, passando cerca de Teófilo Otoni, Minas Novas, Bocaiúva, Pirapora, serra da Mata da Corda, Carmo do Paranaíba, rio Paranaíba, rio São Marcos, Arrepêditos, Santa Luzia, Pirenópolis, rio das Almas, Pilar, foz do rio Araçuaia, Cuiabá e Mato Grosso. (NASCENTES, 1953, p.25).

No *falar Norte* temos os subfalares: *Amazônico* (Acre, Amazonas, Pará, Parte do Goiás que vai da foz do Aquidauana à serra do Estrondo); *Nordestino* (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, e a parte de Goiás que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaíba).

No *falar Sul* temos os subfalares: *Baiano* (Sergipe, Bahia, Minas [Norte, Nordeste, Noroeste]), Goiás (parte que vem das nascentes do Parnaíba, seguindo pelas serras Javari, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrepêditos); *Fluminense* (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Minas Gerais (Mata e parte do Leste); *Mineiro* (Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais); *Sulista* (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas [Sul e Triângulo], Goiás [Sul] e Mato Grosso).

A proposta de Nascentes (1953) estabelece, a partir de dados coletados, uma divisão dialetal que se distingue pelas vogais pretônicas e pela entoação. O *falar Norte* possui como base a realização das vogais pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ] e no *falar Sul* ocorrem as vogais pretônicas fechadas [e] e [o].

Em matéria de linguagem o nosso país pode dividir-se em duas grandes regiões: Norte, do Amazonas e do Pará até a Bahia, e Sul, do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul. [...] A maior diferença entre estas pronúncias está nas vogais e na entoação. A pronúncia nortista admite muitos casos de vogal aberta antes do acento tônico. Ex.: *sêtembro, môreno*. Na pronúncia carioca, assim como na sulista em geral, só existem vogais abertas antes do acento, nos seguintes casos: quando se trata de diminutivos, ex.: *pázinha, pêzinho, pôzinho*; quando se trata de compostos, ex.: *cajá-manga, cipó-chumbo*; quando se trata de advérbios em *mente*, derivados de adjetivos com vogal tônica aberta, ex.: *belamente, fortemente*. (NASCENTES, 1965, p. 39).

A Figura 33 ilustra os subfalares brasileiros descritos por Nascentes (1953).

Figura 33 – Mapa dos seis subfalares brasileiros segundo Nascentes (1953)

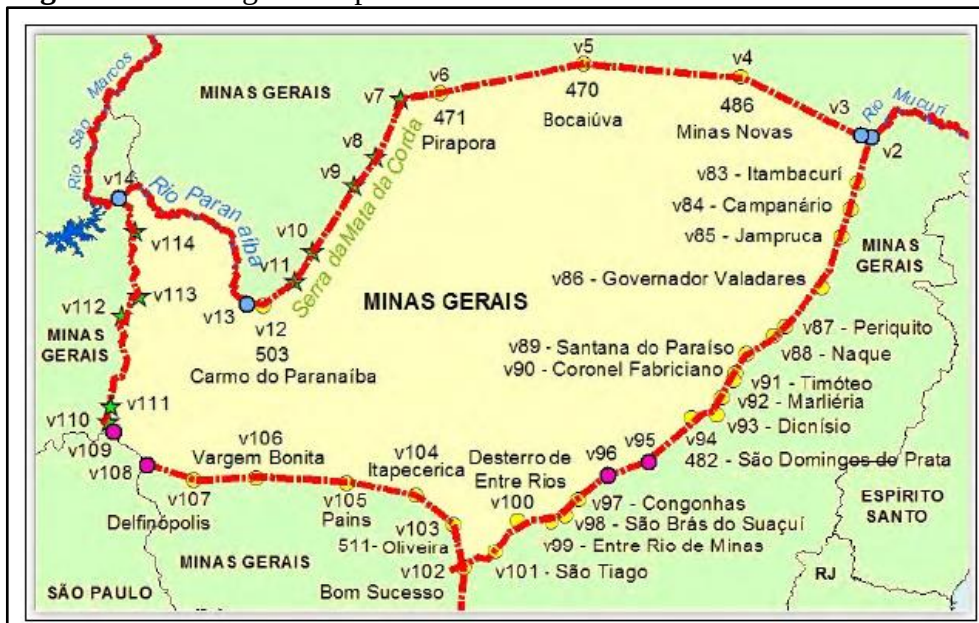


Fonte: Nascentes (1953, p. 19)

Teles (2018) em sua tese, *Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* formuladas por Antenor Nascentes, utiliza os recursos das geotecnologias associados à pesquisa documental à luz da Cartografia contemporânea e da Geolinguística para reproduzir e registrar as propostas feitas por Nascentes nos dois estudos: a divisão dialetal descrita em *O Linguajar Carioca* (NASCENTES, 1953) e os pontos de pesquisa sugeridos por ele em *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (NASCENTES, 1958; 1961). Teles (2018) produziu cartogramas representativos do falar sul em que mostra os subfalares - baiano, fluminense, mineiro e sulista – que perpassam Minas Gerais.

O subfalar fluminense compreende os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, e parte de Minas Gerais. Em Minas Gerais o limite do subfalar fluminense passa pelas cidades de Itambacuri, Campanário, Jampruca, Governador Valadares, Periquito, Naque, Coronel Fabriciano, Marliéria, Dionísio, São Domingos da Prata, Congonhas, São Brás do Suaçuí, Entre Rios de Minas, São Tiago, Ibiturana, Timóteo, Bom Sucesso, Cruzília, Itamonte, Baependi.

Figura 36 - Cartograma representativo do subfalar mineiro



Fonte: Teles (2018, p. 427)

O subfalar mineiro compreende a região central do estado de Minas Gerais. O limite do subfalar mineiro passa pelas cidades de Pirapora, Bocaiúva, Minas Novas, Itambacuri, Campanário, Jampruca, Santana do Paraíso, Itambacuri, Campanário, Jampruca, Governador Valadares, Periquito, Naque, Coronel Fabriciano, Marliéria, Dionísio, São Domingos da Prata, Congonhas, São Brás do Suaçuí, Entre Rios de Minas, São Tiago, Ibiturana, Timóteo, Bom Sucesso, Cruzília, Itamonte, Baependi, Itapeçerica, Oliveira, Pains, Vargem Bonita, Delfinópolis, Carmo do Paranaíba.

Figura 37 - Cartograma representativo do subfalar sulista



Fonte: Teles (2018, p. 429)

O subfalar sulista compreende os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, região sul de Goiás as regiões sul e triângulo de Minas Gerais.

O limite do subfalar sulista passa pelas cidades de Delfinópolis, Vargem Bonita, Itapequerica, Oliveira, Pains, Bom Sucesso, Ibiturana, Cruzília, Baependi, Itamonte.

Figura 38 – Mapa final do registro cartográfico da divisão dialetal de Nascentes (1953)



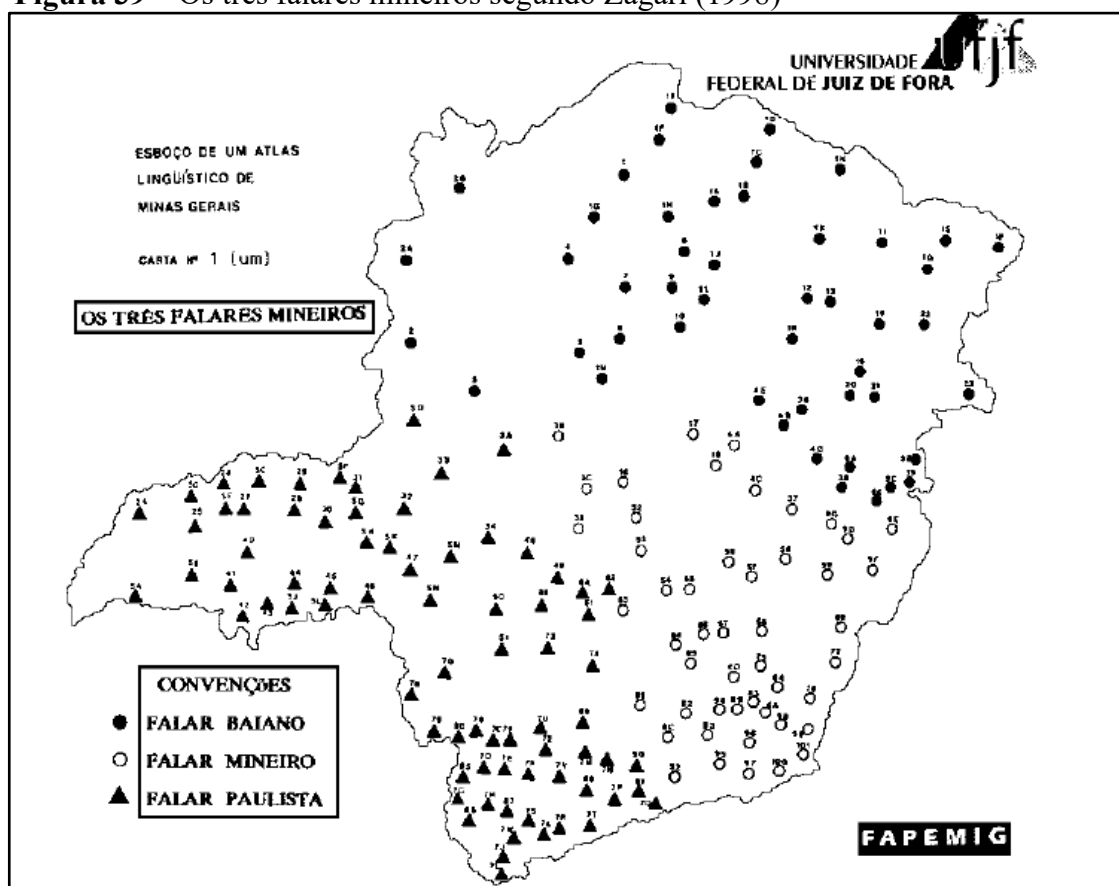
Fonte: Teles (2018, p. 432)

A proposta de Teles (2018) é fornecer à comunidade linguística um produto cartográfico confiável, atualizado e de fácil consulta com base na proposta de Nascentes (1953).

Enquanto Nascentes (1953) propôs a divisão dialetal em Minas Gerais em 4 subfalares, Zágari (1998), sugeriu uma divisão dialetal do estado de Minas Gerais em três falares, a partir de uma pesquisa direta, *in loco*, executada em 116 municípios mineiros através de conversação dirigida, mediante questionário previamente elaborado.

Vejamos a Figura 39, que ilustra essas fronteiras geográficas:

Figura 39 – Os três falares mineiros segundo Zágari (1998)



Fonte: Zágari (1998, p. 46)¹⁶

Zágari (1998), ao demarcar as fronteiras geográficas linguísticas desses falares, demonstra em que locais e regiões os fenômenos linguísticos ocorrem:

¹⁶ A carta sobre “Os três falares mineiros” foi produzida por Mário Roberto Lobuglio Zágari com os dados do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al., 1977) e publicado pela primeira vez no livro *A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas* de 1998, organizado por Vanderci Aguilera.

- (i) um *falar baiano* que, partindo do norte, vai até a linha no sentido leste-oeste, abarcando as localidades de Mantena, Galiléia, Governador Valadares, Nacip Rydan, Água Boa, São Sebastião do Maranhão, Itamarandiba, Várzea da Palma, João Pinheiro, terminando em Paracatu. Caracteriza-se esse falar pela predominância das vogais pretônicas baixas, como [ɔr'valu], [se'renu], a presença da africada [tʃ] antecedendo a vogal alta [i], como em ['mũtʃu], ['otʃu] (...).
- (ii) um *falar paulista* que, partindo do sul do estado, na cidade de Passa Vinte e, rumando para o norte, pega Liberdade, Andrelândia, Lavras, Oliveira, Pará de Minas, Divinópolis e, dobrando para o oeste, vai até Vazante, passando por Despacho, Dolores do Indaiá, São Gotardo, Patos de Minas e São Gonçalo do Abaeté, englobando, portanto, todo o Triângulo e a região sul do estado. Distingue esse falar, e é sua marca inconfundível nas Gerais, o [r] retroflexo (...).
- (iii) um *falar mineiro* (utilizando-se a nomenclatura de Antenor Nascentes) preso entre essas duas áreas que (...) desfaz constantemente os ditongos [aj], [ej] e [ow] quando não finais e faz surgirem outros, quando finais e antecidos de sibilante: [a'xoys], ['fajs], ['nojs]. (ZÁGARI, 1998, p. 34-35).

Zágari (1998) descreve três falares em Minas Gerais e confirma que as vogais médias pretônicas são, na maioria das vezes, utilizadas como um dos critérios para distinção dos falares mineiros. O autor ressalta que o *falar baiano* que está na área setentrional do estado possui a predominância das vogais abertas, como em *s[ɛ]reno* e *[ɔ]rvalho*, em relação aos *falares paulista e mineiro*.

Então, tanto para Nascentes (1953) como para Zágari (1998), as vogais médias pretônicas possuem importância nas propostas de divisões dialetais, tanto do Brasil quanto no estado de Minas Gerais, no que tange às demarcações desses falares. Assim na proposta de Nascentes (1953) temos quatro subfalares: 1) *baiano*, 2) *fluminense*, 3) *mineiro* e 4) *sulista* que perpassam as regiões de Minas Gerais. E na proposta de Zágari (1998) temos três falares: 1) *baiano*, 2) *mineiro* e 3) *paulista* que estão inseridos distintamente em três áreas de Minas Gerais. Cada um destes falares diz respeito a uma área geográfica do estado de Minas Gerais. No Quadro 3, a seguir, temos as propostas dos falares nas regiões geográficas.

Quadro 3 – Propostas dos falares nas áreas geográficas

PROPOSTA DE NASCENTES (1953)		PROPOSTA DE ZÁGARI (1998)	
Subfalares	Áreas geográficas do Brasil	Falares	Áreas geográficas de Minas Gerais
Falar Baiano	Sergipe, Bahia, <u>parte de Minas</u> e parte Goiás.	Falar Baiano	Norte, Noroeste e Vales Jequitinhonha/Mucuri
Falar Fluminense	Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, <u>Minas Gerais (Mata e parte do Leste)</u>	Falar Mineiro	Zona da Mata, Rio Doce
Falar Mineiro	Centro, Oeste e <u>parte do Leste de Minas Gerais</u>		Central, centro-oeste
Falar Sulista	São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, <u>Minas (Sul e Triângulo)</u> , Goiás (Sul) e Mato Grosso	Falar Paulista	Triângulo Mineiro, Sul de Minas

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Nascentes (1953) e Zágari (1998)

O *subfalar baiano* descrito por Nascentes (1953) na sua proposta de divisão dialetal do Brasil corresponde às regiões de Sergipe, Bahia, Minas Gerais (regiões Norte, Nordeste e Noroeste) e parte de Goiás. E o *falar baiano* proposto na divisão dialetal de Minas Gerais por Zágari (1998) corresponde às regiões Norte, Noroeste e Vales do Jequitinhonha/Mucuri. Na proposta dos autores o (*sub*) *falar baiano* corresponde a toda a parte setentrional do estado.

Os *subfalares fluminense e mineiro* propostos por Nascentes (1953) compreendem os estados: Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e Minas Gerais (Zona da Mata e parte do Leste). Por sua vez, o *falar mineiro* na proposta de Zágari (1998) engloba os *subfalares fluminenses e mineiro* e corresponde às áreas geográficas de Minas: Zona da Mata, Rio Doce, Central, Centro-Oeste. Os espaços demarcados pelos falares propostos por Nascentes (1953) e Zágari (1998) correspondem às mesmas regiões geográficas no estado de Minas Gerais.

As áreas geográficas de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Triângulo Mineiro e Sul de Minas), Goiás (Sul) e Mato Grosso fazem parte do *subfalar sulista* na proposta dialetal de Nascentes (1953). Na proposta de Zágari (1998) para Minas Gerais as áreas geográficas do Triângulo Mineiro e do Sul de Minas correspondem ao *falar paulista*. Assim, tanto na proposta de Nascentes (1953), quanto na proposta de Zágari (1998) as regiões geográficas mineiras do Triângulo Mineiro e Sul de Minas correspondem ao mesmo falar.

Após relacionarmos esses falares a partir das duas propostas de divisões em áreas dialetais e situarmos esses falares nas regiões geográficas de Minas Gerais verificamos a importância da proposta de Nascentes (1953) quando estabelece uma grande divisão linguística no Brasil com os *falares do Norte e falares do Sul*, tomando como base “a cadência e a existência de protônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em mente” (NASCENTES, 1953, p. 25). É por esse caminho que Zágari (1998) propôs a divisão dialetal em Minas Gerais, acentuando também a relevância das vogais pretônicas.

4.1.4 Os Atlas linguísticos

Os atlas linguísticos reúnem informações linguísticas (de natureza fonética, morfológica, sintático ou lexical) e registram a distribuição do fenômeno principalmente no viés da variação diatópica. Os atlas não oferecem, somente, mera e volumosa coleção de dados linguísticos, mas podem fornecer informações sobre as zonas de uso, áreas de difusão, vias de penetração e fases evolutivas desses mesmos dados. O principal mérito dos atlas está na possibilidade que oferecem de se visualizarem a distribuição geográfica de determinado fenômeno linguístico e a de delimitar a sua extensão.

Os estudos dialetológicos avançaram ao longo do tempo no que tange à geolinguística dimensional e pluridimensional. No Brasil os atlas também evoluíram nesse sentido e vários atlas linguísticos regionais foram publicados desde a década de 1960 com aspectos metodológicos específicos ou influenciados pela metodologia do Projeto ALiB a partir de 1996.

Romano (2013)¹⁷ no texto *Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão* traça um panorama sobre a pesquisa dialetológica no Brasil, descreve a situação dos atlas linguísticos regionais brasileiros e agrupa os atlas quanto aos projetados, implementados, em andamento, não publicados (teses de doutoramento) e publicados.

Os atlas regionais publicados foram: i) *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) publicado em 1963 por Nelson Rossi; ii) *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG) publicado em 1977 por José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antonio Pereira Gaio; iii) *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALP) publicado em 1984 por Maria do Socorro Silva Aragão e Cleusa Palmeira Bezerra de Menezes; iv) *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS) publicado em 1987 por Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Nelson Rossi, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg; v) *Atlas Linguístico do Paraná* (ALP) publicado em 1994 por Vanderci de Andrade Aguilera; vi) *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (ALERS) publicado em 2002 (Volume I) e 2011 (Volume II) coordenado por Walter Koch, com a colaboração de Mário Klassmann (UFRGS), Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS), José Luiz da Veiga Mercer (UFPR), Oswaldo Furlan (UFSC), Hilda Gomes Vieira (UFSC) e Felício Wessling Margotti (UFSC); vii) *Atlas linguístico sonoro do Estado do Pará* (ALiSPA) publicado em 2004 e organizado em CD-ROM por Abdelhak Razky; viii) *Atlas Linguístico de Sergipe II* (ALS II) publicado em 2005 por Suzana Alice Cardoso; ix) *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (ALMS) publicado em 2007 por Dercir de Gomes de Oliveira com a colaboração de Albana Xavier Nogueira, Aparecida Negri Isquerdo e Maria José Gomes; x) *Atlas Linguístico do Estado do Ceará* (ALECE) publicado em 2010 por José Rogério Fontenele Bessa; xi) *Atlas Linguístico do Amapá* (ALAP) publicado em 2017 por Abdelhak Razky, Celeste Maria da Rocha Ribeiro e Romário Duarte Sanches.

A metodologia de um atlas linguístico é constituída pela rede de pontos, o perfil dos informantes e o questionário linguístico. A rede de pontos dos atlas é definida pelo pesquisador de acordo com a área a ser investigada. O APFB, por exemplo, pesquisou 50 localidades, o ALS, 15 localidades e o ALERS, 275 localidades.

O número de informantes também varia de acordo com a proposta de cada atlas como no caso do APFB, 100 informantes sendo dois por localidade, e o ALERS que entrevistou 294 nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Embora os números de informantes variem entre os atlas, a faixa etária entre jovem e idoso, o nível de instrução entre analfabeto e

¹⁷ Romano atualizou o texto em 2018 que foi apresentado no V CIDS e publicado em 2020 no livro *Contribuições de estudos geolinguísticos para o português brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso* com o título *Desdobramentos, desafios e perspectivas da geolinguística pluridimensional no Brasil*.

universitário e o sexo masculino e feminino são fatores selecionados para a coleta dos dados. A estratificação é característica da pluridimensionalidade que só passou a ser sistematicamente seguida por influência da metodologia do ALiB.

A coleta de dados é realizada através dos questionários previamente elaborados. As questões geralmente giram em torno de algumas áreas semânticas como: natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo, flora, fauna, corpo humano, família, habitação, utensílios domésticos, plantação, atividades sociais, culinária/alimentação, brinquedos e jogos infantis, religião e crenças, lendas e superstições, cultura, ciclos da vida.

A apresentação dos resultados se dá através de mapas e cartas linguísticas que em grande parte dos atlas são organizadas em cartas de identificação ou introdutórias, cartas léxicas, morfossintáticas, fonéticas, isoléxicas, isófonas.

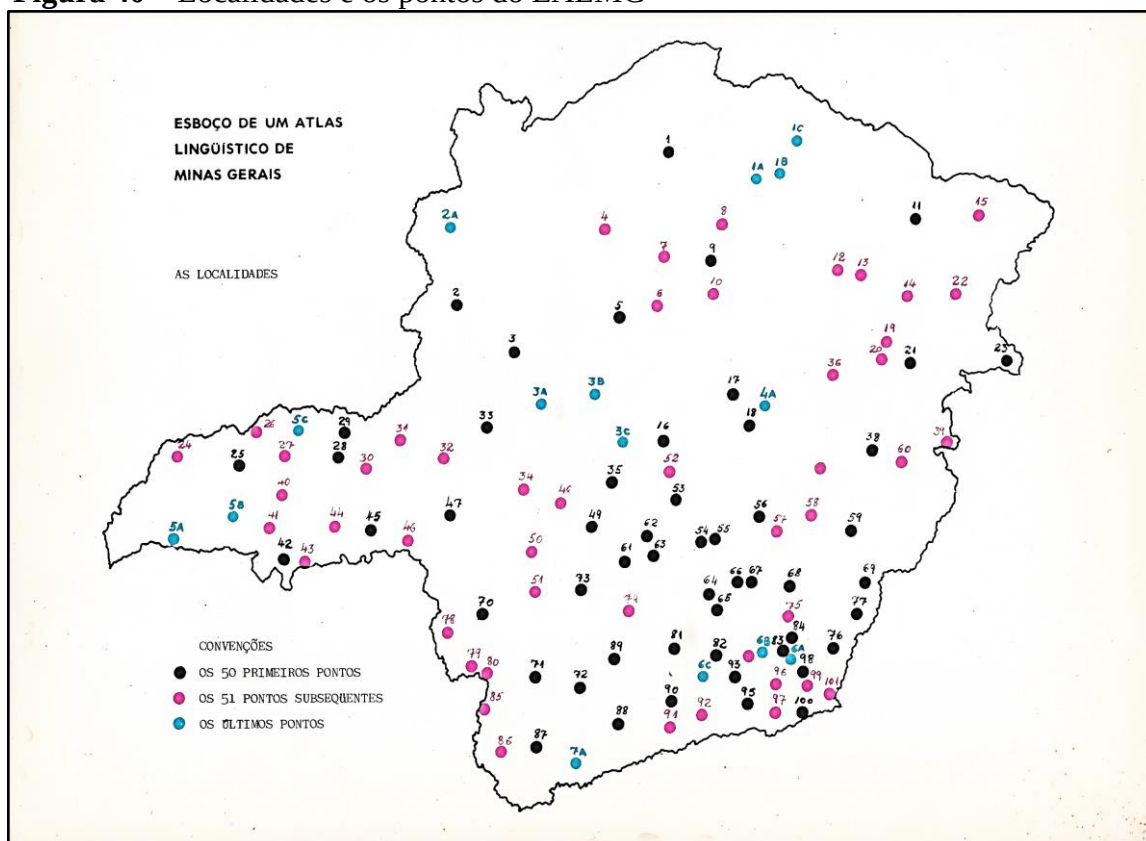
4.1.4.1 *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*

A ênfase ao EALMG (RIBEIRO et al., 1977) se dá pelo fato de o atlas investigar e mapear as vogais médias pretônicas (além de outros fenômenos linguísticos) e suas distribuições no estado de Minas Gerais através de cartas fonéticas e isófonas. Assim, é possível comparar os resultados do EALMG com os dados do ALiB no que diz respeito ao fenômeno investigado por essa pesquisa.

O *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG), publicado em 1977, pesquisou 116 localidades¹⁸ no estado de Minas Gerais. Foram entrevistados 116 informantes com faixa etária entre 30 e 50 anos, de nível de instrução entre analfabeto e primário completo, de sexo masculino e feminino¹⁹. O questionário constou de 415 questões, abrangendo os campos semânticos tempo, moradia, utensílios, alimentação, divertimentos, animais, topografia. O atlas contém 73 cartas linguísticas das quais 45 são onomasiológicas de caráter lexical e léxico-fonético e 28 cartas são de isófonas e de isoléxicas. Vejamos a Figura 40 que apresenta os pontos do EALMG (RIBEIRO et al., 1977):

¹⁸ A relação de Pontos e Localidades do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* se encontra no Anexo A.

¹⁹ Não houve o controle sistemático das variáveis sociais, pois os informantes poderiam ser homens ou mulheres com a idade entre 30 e 50 anos. No entanto, quase todos os informantes são homens, tendo em alguns pontos informante do sexo feminino.

Figura 40 – Localidades e os pontos do EALMG

Fonte: EALMG (RIBEIRO et al., 1977, p. 85)

Os pontos do EALMG (RIBEIRO et al., 1977) foram selecionados em três etapas distintas com critérios diferentes. Os 50 primeiros pontos (preto) com base na questão histórica, na distribuição espacial e na densidade demográfica das localidades. Os 51 pontos subsequentes (rosa) foram selecionados a partir de critério linguístico baseado em hipóteses fonéticas e lexicológicas levantadas a partir dos resultados dos pontos anteriores. Os últimos 15 pontos (azul) foram selecionados para diminuir alguma dúvida ou outra, “ou quando o inquérito por correspondência alterava planos já traçados” (RIBEIRO et al., 1977, p. 29).

O Projeto ALiB no estado de Minas Gerais possui 23 pontos, 21 dos quais em comum com alguns dos 116 pontos do EALMG (RIBEIRO et al., 1977). No Quadro 4 temos os pontos inseridos nos falares em Minas (Cf. Zágari, 1998).

QUADRO 4 – Pontos em comum entre o Projeto ALiB e o EALMG

PONTOS DO PROJETO ALiB E DO EALMG		
FALARES EM MINAS Zágari (1998)	23 PONTOS ALiB	116 PONTOS EALMG
FALAR BAIANO	(127) Januária	(1) Januária
	(128) Janaúba	(1A) Janaúba
	(129) Pedra Azul*	(sem ponto correspondente)
	(130) Unaí	(2A) Unaí
	(131) Montes Claros	(9) Montes Claros
	(132) Pirapora	(5) Pirapora
	(133) Teófilo Otoni	(21) Teófilo Otoni
FALAR MINEIRO	(134) Diamantina	(17) Diamantina
	(138) Belo Horizonte	(54) Belo Horizonte
	(139) Ipatinga*	(sem ponto correspondente)
	(142) Ouro Preto	(66) Ouro Preto
	(143) Viçosa	(75) Viçosa
	(145) São João del-Rei	(81) São João del-Rei
	(146) Muriaé	(76) Muriaé
FALAR PAULISTA	(148) Juiz de Fora	(95) Juiz de Fora
	(135) Uberlândia	(28) Uberlândia
	(136) Patos de Minas	(33) Patos de Minas
	(137) Campina Verde	(5B) Campina Verde
	(140) Passos	(70) Passos
	(141) Formiga	(73) Formiga
	(144) Lavras	(89) Lavras
	(147) Poços de Caldas	(85) Poços de Caldas
	(149) Itajubá	(7A) Itajubá
*O EALMG não possui pontos que correspondam às localidades de Pedra Azul e Ipatinga. Os pontos 129 (Pedra Azul) e 139 (Ipatinga) fazem parte apenas da rede de pontos do Projeto ALiB		

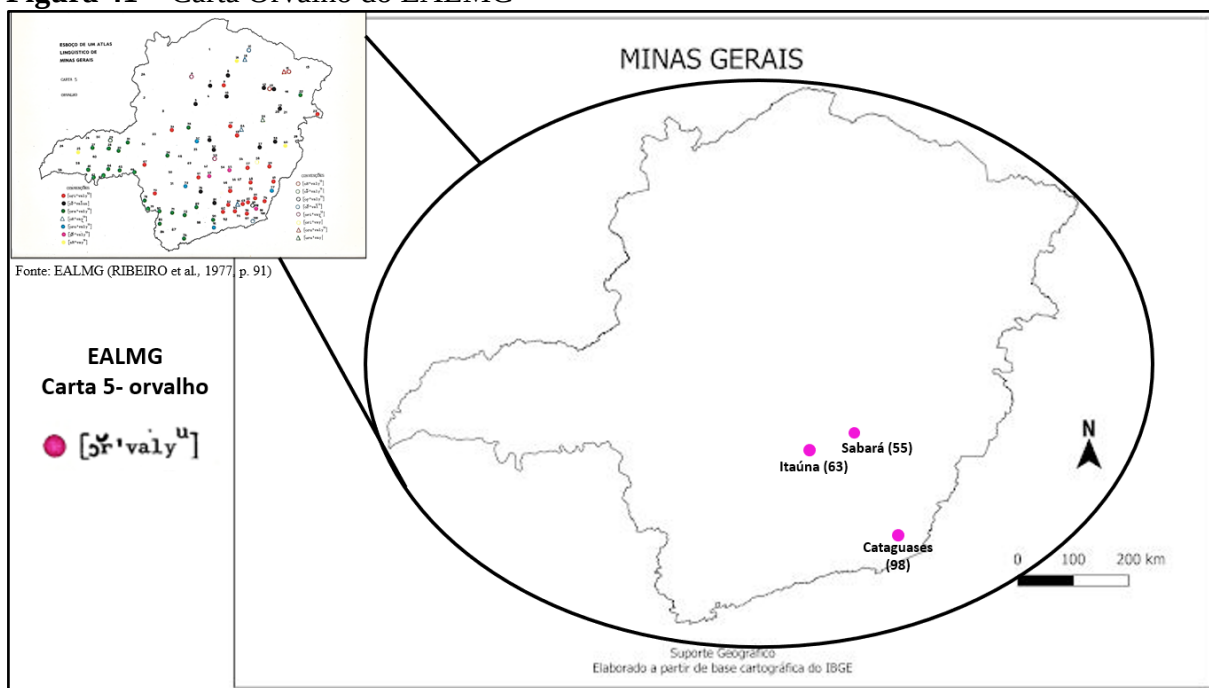
Fonte: Elaborado pelo autor com base na rede de pontos do Projeto ALiB e do EALMG.

O EALMG (RIBEIRO et al., 1977) contemplou cidades de pequeno, médio e grande porte. E os dados revelaram três falares no estado de Minas Gerais: o *falar baiano*, o *falar mineiro* e o *falar paulista* (descritos na subseção 4.1.3)

O atlas foi desenvolvido na Universidade Federal de Juiz de Fora e foi projetado para ser divulgado em quatro volumes, mas apenas o primeiro e único volume foi publicado em 1977. Com o falecimento do professor Mário Roberto Zágari em meados de 2010 e possíveis dificuldades da equipe, é provável que, infelizmente, os demais volumes do EALMG (RIBEIRO et al., 1977) não venham a ser publicados. O EALMG (RIBEIRO et al., 1977) produziu 78 cartas sendo 05 de identificação, 21 léxicas, 24 fonéticas, 03 isófonas e 25 isoléxicas.

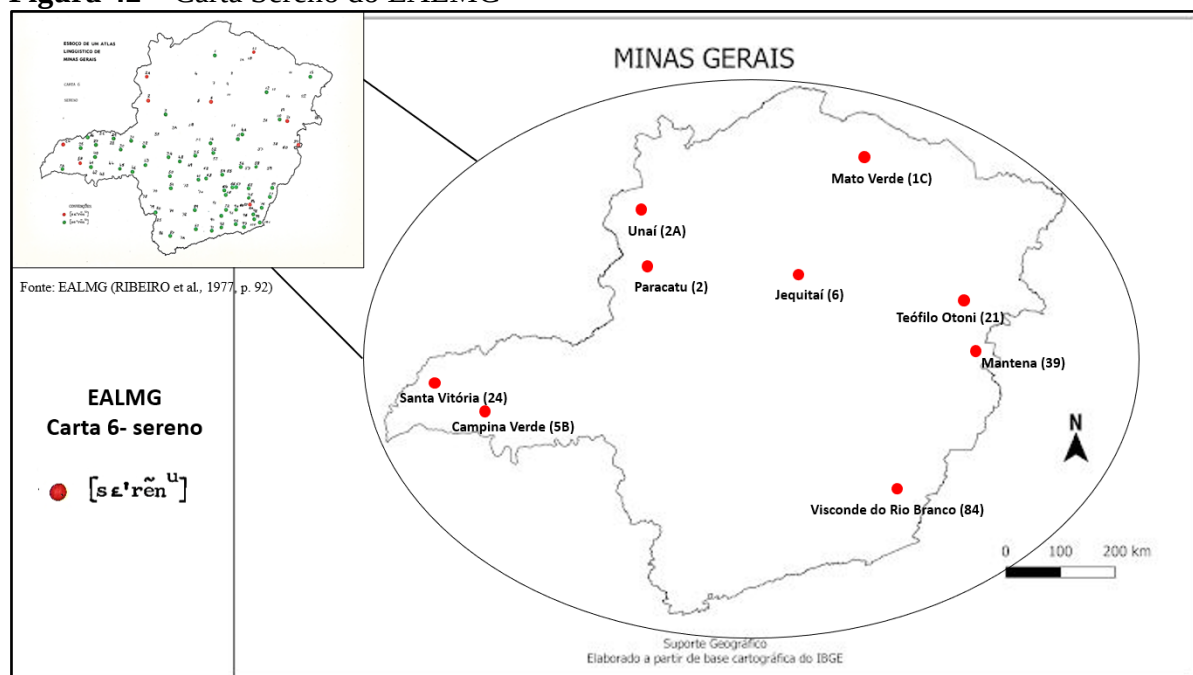
Com o intuito de estabelecer uma comparação dos dados do EALMG (RIBEIRO et al., 1977) com os dados do Projeto ALiB apresentamos as 6 cartas²⁰ fonéticas (**orvalho, sereno, mormaço, neblina, veranico e relâmpago**) e a carta isófona do [ɛ] e a do [ɔ] que dizem respeito às áreas demarcadas pelas vogais pretônicas que integram o conjunto de cartas do EALMG (RIBEIRO et al., 1977).

²⁰Conforme o IBGE um mapa ou uma carta deve apresentar orientação, sistema de projeção, sistema de referência para as coordenadas e escala para uma representação cartográfica. Já um cartograma representa informações quantitativas e qualitativas, de eventos geográficos, cartográficos e socioeconômicos, sem informação de caráter geográfico (direções, distâncias e áreas). Neste trabalho seguimos a nomenclatura do EALMG para especificar o esquema representativo do mapa de Minas Gerais.

Figura 41 – Carta Orvalho do EALMG²¹

Fonte: Adaptado do EALMG

Na Figura 41 temos a carta 5 do EALMG que mostra a distribuição da vogal aberta [ɔ] a partir do vocábulo **orvalho** na área meridional do estado. Foi registrado vogal aberta [ɔ] - com círculo preenchido de rosa - nas localidades de Sabará (55), Itaúna (63) e Cataguases (98).

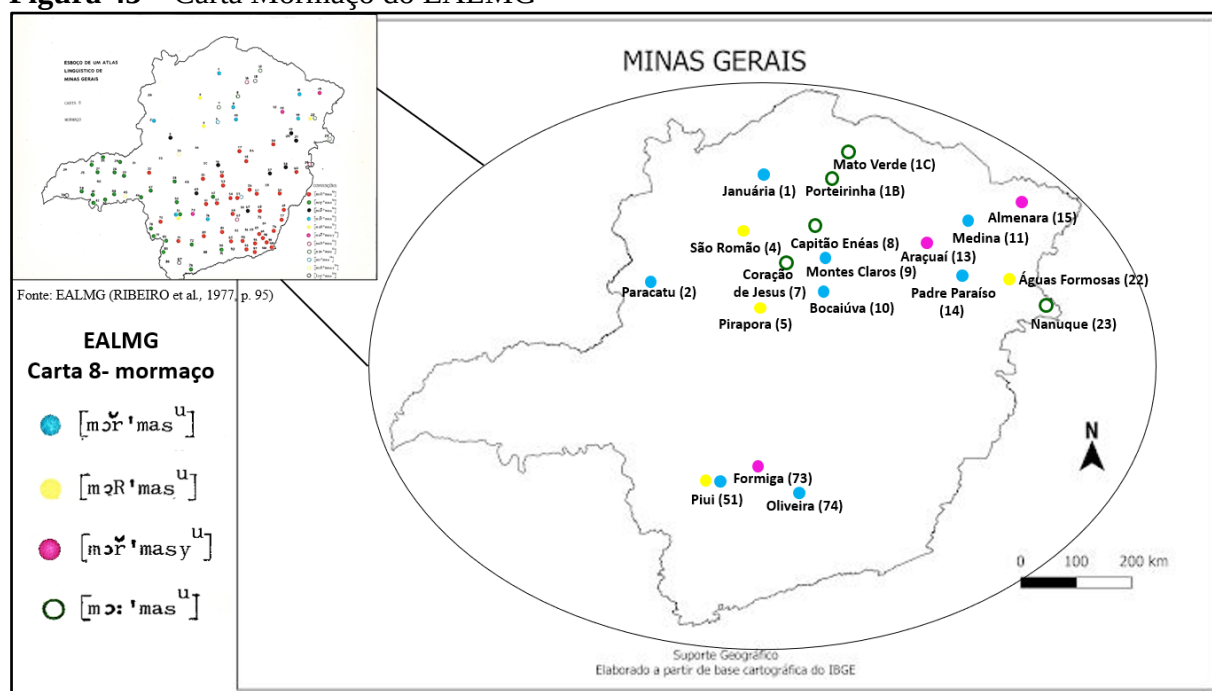
Figura 42 – Carta Sereno do EALMG

Fonte: Adaptado do EALMG

²¹ As cartas fonéticas (orvalho, sereno, mormaço, neblina, veranico e relâmpago) do EALMG estão na íntegra no anexo da tese.

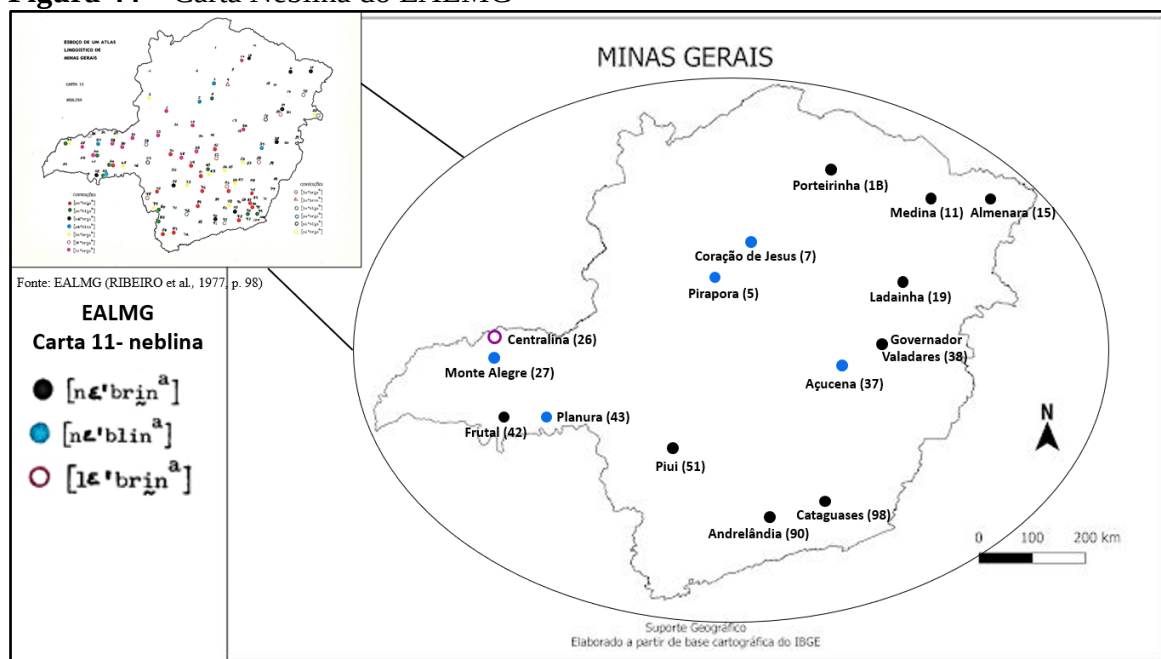
Na Figura 42 temos a carta 6 do EALMG que mostra a distribuição da vogal aberta [ɛ] a partir do vocábulo **sereno**. Foi registrado vogal aberta [ɛ] nas localidades, sinalizadas em vermelho, de Mato Verde (1C), Paracatu (2), Unaí (2A), Jequitaiá (6), Teófilo Otoni (21), Santa Vitória (24), Mantena (39), Campina Verde (5B), Visconde do Rio Branco (84).

Figura 43 – Carta Mormaço do EALMG



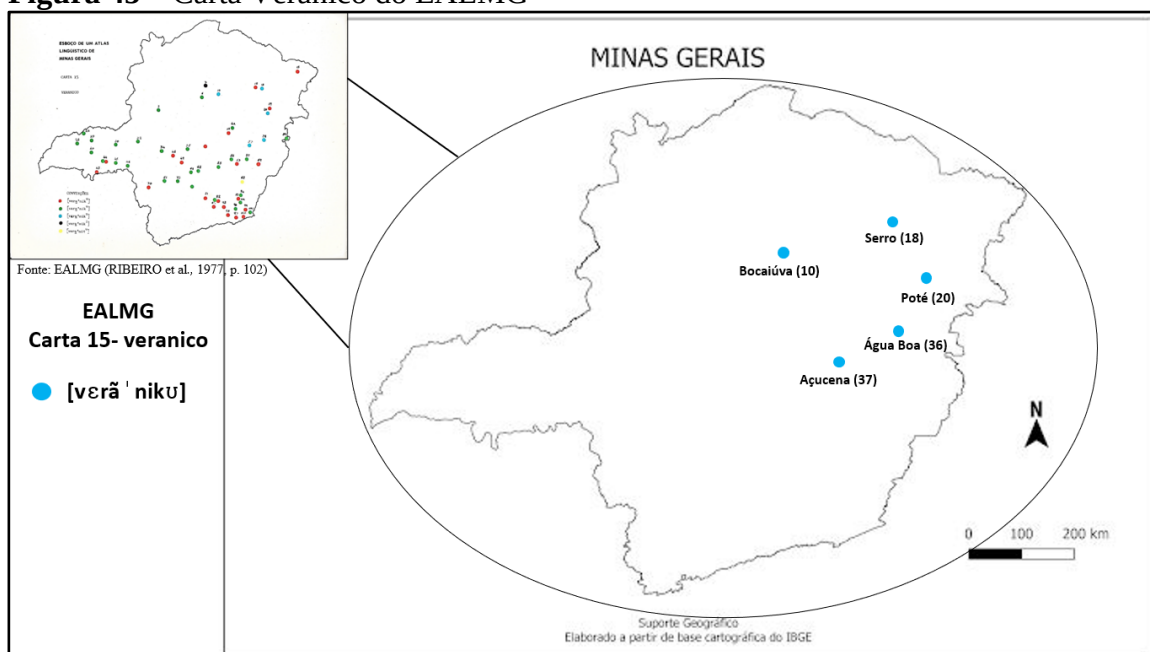
Fonte: Adaptado do EALMG

Na Figura 43 temos a carta 8 do EALMG que mostra a distribuição da vogal aberta [ɔ] a partir do vocábulo **mormaço**. Foi registrado vogal aberta [ɔ] nas localidades sinalizadas com círculo preenchido de azul (Januária (1), Paracatu (2), Montes Claros (9), Bocaiúva (10), Medina (11), Padre Paraíso (14), Piui (51), Oliveira (74)); círculo preenchido de amarelo (São Romão (4), Pirapora (5), Águas Formosas (22), Piui (51)); círculo preenchido de rosa (Araçuaí (13), Almenara (15), Formiga (73)); e círculo verde sem preenchimento (Porteirinha (1B), Mato Verde (1C), Coração de Jesus (7), Capitão Enéas (8), Nanuque (23)).

Figura 44 – Carta Neblina do EALMG

Fonte: adaptado do EALMG

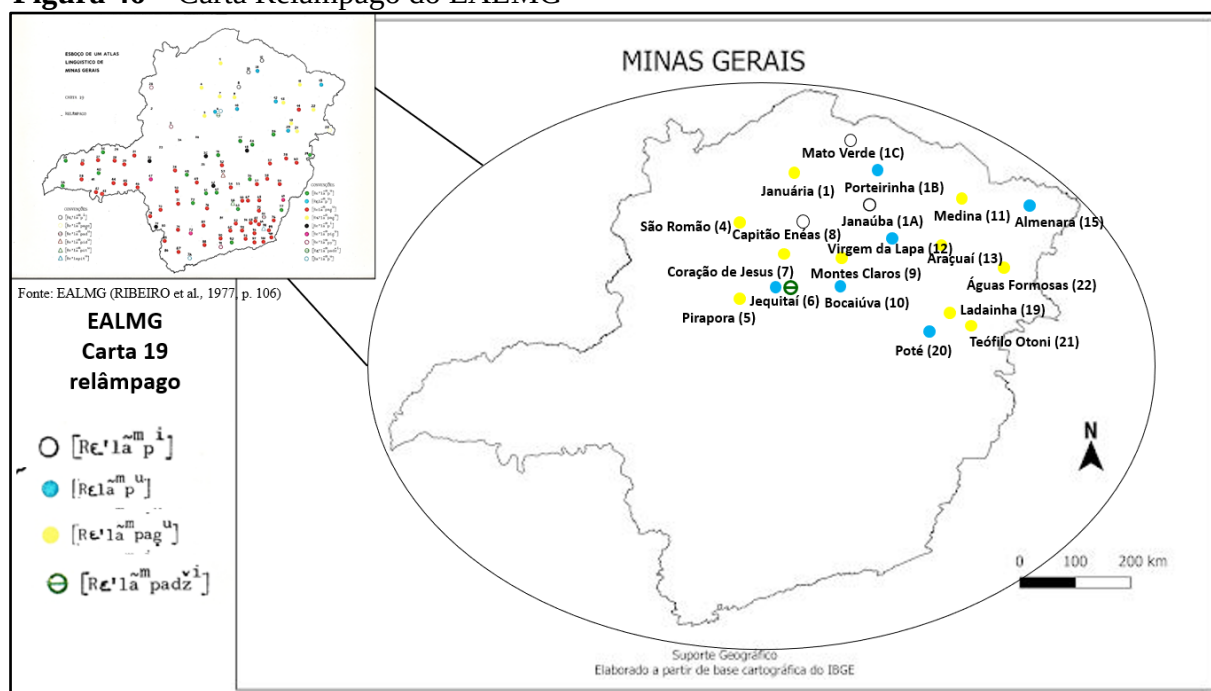
Na Figura 44 temos a carta 11 do EALMG que mostra a distribuição da vogal aberta [ɛ] a partir do vocábulo **neblina**. Foi registrado vogal aberta [ɛ] nas localidades sinalizadas com círculo preenchido de preto (Porteirinha (1B), Medina (11), Almenara (15), Ladainha (19), Governador Valadares (38), Frutal (42), Piui (51), Andrelândia (90), Cataguases (98)); círculo preenchido de azul (Pirapora (5), Coração de Jesus (7), Monte Alegre (27), Açucena (37), Planura (43)); e círculo rosa sem preenchimento (Centralina (26)).

Figura 45 – Carta Veranico do EALMG

Fonte: Adaptado do EALMG

Na Figura 45 temos a carta 15 do EALMG que mostra a distribuição da vogal aberta [ɛ] a partir do vocábulo **veranico**. Foi registrado vogal aberta [ɛ] nas localidades, sinalizado com círculo azul, de Bocaiúva (10), Serro (18), Poté (20), Água Boa (36), Açucena (37).

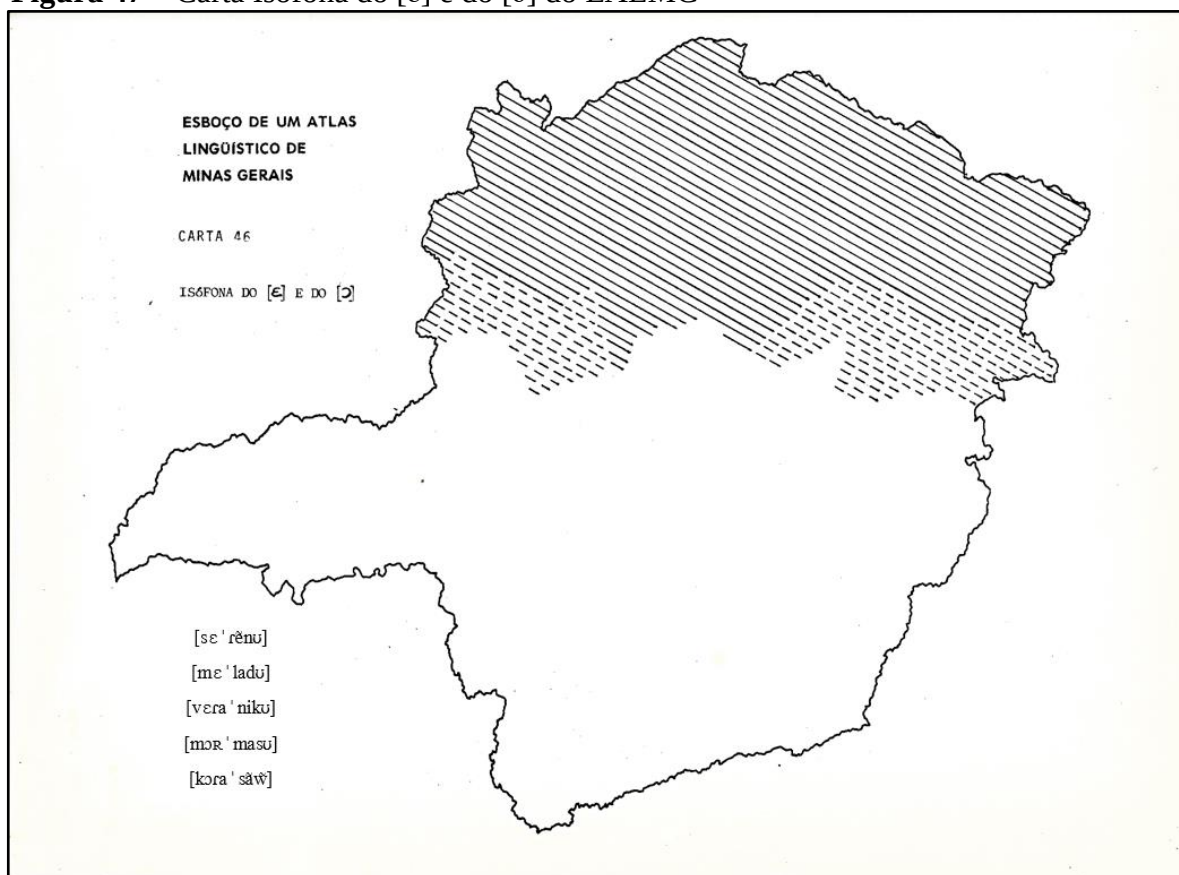
Figura 46 – Carta Relâmpago do EALMG



Fonte: adaptado do EALMG

Na Figura 46 temos a carta 19 do EALMG que mostra a distribuição da vogal aberta [ɛ] a partir do vocábulo **relâmpago**. Foi registrado vogal aberta [ɛ] nas localidades sinalizadas com círculo preenchido de amarelo (Janaúria (1), São Romão (4), Pirapora (5), Coração de Jesus (7), Montes Claros (9), Medina (11), Araçuaí (13), Ladainha (19), Teófilo Otoni (21), Águas Formosas (22)); círculo preenchido de azul (Porteirinha (1B), Jequitaiá (6), Bocaiúva (10), Virgem da Lapa (12), Almenara (15), Poté (20)); círculo preto sem preenchimento (Janaúba (1A), Mato Verde (1C), Capitão Enéas (8)); e círculo verde sem preenchimento (Jequitaiá (6)).

Figura 47 – Carta Isófona do [ɛ] e do [ɔ] do EALMG



Fonte: EALMG (RIBEIRO et al., 1977, p. 133)

Na figura 47 temos a carta fonética 46 que mostra a isófona da vogal aberta [ɛ] e vogal aberta [ɔ] distribuída pelo estado de Minas Gerais. A carta foi produzida a partir dos vocábulos **sereno, veranico, melado, mormaço e coração**. O método da elaboração da carta não está descrito no atlas e a legenda não explicita sobre a distribuição das vogais abertas e fechadas, o que pode dificultar a interpretação de quem não conhece o fenômeno. O espaço no mapa com linhas contínuas mostra a abertura das vogais [ɛ] e [ɔ]. Já o espaço com linhas seccionadas mostra a transição das vogais, ou seja, onde é registrado tanto as vogais abertas quanto as fechadas, enquanto a área em branco corresponde ao uso das vogais fechadas [e] e [o]. A partir da carta é possível afirmar que o estado de Minas Gerais possui duas áreas distintas. Uma área onde são registradas as vogais abertas [ɛ] e [ɔ], em posição pretônica, e outra área com a predominância das vogais fechadas [e] e [o].

4.1.4.2 Atlas Linguístico do Brasil

No Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, que, por iniciativa de Suzana Cardoso, ocorreu em novembro de 1996, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia se formou o Comitê Nacional para coordenar o Projeto Atlas Linguístico de Brasil (ALiB). Esse Comitê estava em consonância com o percurso dos estudos dialetais brasileiros e os envolvidos estavam ligados à área da Dialetologia e Sociolinguística. Surge daí a ideia de elaborar um atlas linguístico nacional. O Comitê Nacional foi constituído:

(...) pelos autores dos atlas regionais até então publicados — Suzana Alice Cardoso (escolhida como Presidente do Comitê), Jacyra Andrade Mota (Diretora Executiva), ambas da UFBA, Maria do Socorro de Aragão (UFPB/UFCE), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFMG) — e por um representante dos atlas em andamento — Walter Koch (UFRGS) — como Diretores Científicos. Em 2002, com a publicação do *ALERS*, Walter Koch passa a figurar como autor de atlas publicado, abrindo espaço para a inclusão de Aparecida Negri Isquerdo, como representante dos atlas em andamento. Com o falecimento de Walter Koch (em 2008) e de Mário Roberto Lobuglio Zágari (em 2010), passam a integrar também o Comitê Nacional Cleo Altenhofen (UFRGS), Felício Margotti (UFSC) e Ana Paula Rocha (UFOP). (MOTA; CARDOSO, 2012, p. 858).

O Comitê Nacional é o órgão que dirige e coordena todas as atividades do Projeto ALiB e é formado por uma Diretora Presidente, uma Diretora Executiva e, 11 Diretores Científicos. Atualmente o Comitê Nacional é composto por Jacyra Andrade Mota, como Diretora Presidente e Silvana Soares Costa Ribeiro, como Diretora Executiva, ambas da UFBA. E como Diretores Científicos conta com: Abdelhak Razky (UFPA), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Conceição Maria de Araújo (UFMA), Fabiane Cristina Altino (UEL), Felício Wessling Margotti (UFSC), Marcela Moura Torres Paim (UFRPE/UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC/UFPB), Marilúcia Barros de Oliveira (UFPA), Regiane Coelho Pereira Reis (UFMS), Valter Pereira Romano (UFSC), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL).

O objetivo do Projeto Atlas Linguístico do Brasil é “fornecer dados empíricos, sistematicamente recolhidos e analisados, para o conhecimento do português do Brasil”. E os objetivos específicos são:

1. Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
2. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.

3. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento — história, sociologia, antropologia, etc. — de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.

4. Oferecer, aos interessados nos estudos linguísticos, um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.

5. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica. (COMITÊ NACIONAL, 2001, p.16).

Na constituição da rede de pontos foram considerados alguns critérios de seleção e distribuição: a) a rede proposta por Nascentes (1958); b) a densidade demográfica; c) zonas dialetais já determinadas em pesquisas geolinguísticas anteriores; d) a distribuição espacial das localidades (critérios de equidistância e de densidade demográfica); e) a importância da localidade para o levantamento de bilinguismo e/ou diglossia.

Rede de pontos: A rede de pontos do Projeto ALiB está distribuída em todo o território brasileiro, com 250 pontos, incluindo 25 capitais. As capitais Brasília (DF) [1960] e Palmas (TO) [1989] foram excluídas em virtude das suas recentes criações, não permitindo, assim, a existência de, pelo menos, três gerações nascidas no local (Cf. Cardoso et al., 2014a). A região Norte tem 24 pontos; a região Nordeste, 78 pontos; a região Centro-Oeste, 24 pontos; a região Sudeste, 80 pontos e a região Sul, 44 pontos.

Perfil dos informantes: O Projeto ALiB entrevistou 1.100 informantes estratificados quanto ao sexo, faixa etária e nível de escolaridade: o sexo, constituído por homens e mulheres; a faixa etária, por informantes entre 18 e 30 anos e informantes entre 50 e 65 anos; e o nível de escolaridade, dividido entre o fundamental e o universitário (somente nas capitais).

Conforme Mota e Cardoso (2009, p. 247) para tornar o projeto viável foi necessário “limitar a oito o número de informantes, nas capitais de estado, e a quatro, nas demais cidades”. E também reduzir as faixas etárias dos informantes intermediária, entre 30 e 50 anos, “apesar da importância que se atribui, hoje, a essa faixa, em estudos de natureza sociolinguística, a partir da observação de seu comportamento, em determinadas comunidades, sensível ao prestígio atribuído às variantes e preocupado com uma norma mais próxima da considerada ideal ou culta”.

Questionários: Os dados foram obtidos com a aplicação de questionários linguísticos previamente organizados pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). O questionário fonético-fonológico (QFF) tem 155 questões para a obtenção de dados fônicos e da prosódia relativa à natureza de frases interrogativas, afirmativas e imperativas. O questionário semântico-lexical (QSL) tem 202 questões para os dados semânticos-lexicais que recobrem 14 áreas semânticas (acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crença, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana). O questionário morfossintático (QMS) tem 49 questões e explora as categorias gramaticais artigo, substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio. Os inquéritos ainda contemplam questões de pragmática, perguntas metalinguísticas, temas de discursos semidirigidos e texto para leitura.

O *Atlas Linguístico do Brasil*, que reúne dados de 25 capitais de estado, foi publicado em dois volumes em 2014, por Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, Jacyra Andrade Mota, Vanderci de Andrade Aguilera, Maria do Socorro Silva de Aragão, Aparecida Negri Isquerdo, Abdelhak Razky, Felício Wessling Margotti, Cléo Vilson Altenhofen.

O volume I – Introdução – apresenta capítulos sobre a história do Atlas Linguístico do Brasil; o atlas linguístico do Brasil e a geolinguística brasileira; a rede de pontos; percursos metodológicos: questionários e informantes; a metodologia e a sua aplicação no campo; a cartografia dos dados e os instrumentos metodológicos.

O volume II – Cartas Linguísticas – faz preceder a série de cartas de cartas introdutórias; cartas fonéticas; cartas semânticas-lexicais; cartas morfossintáticas.

Cartas Introdutórias - o conjunto das cartas introdutórias é constituído de 10 cartas: regiões geográficas, Brasil político, hidrografia, vias de comunicação e terminais, rede de pontos, rede de pontos das regiões norte, nordeste, sudeste, sul e centro-oeste.

Cartas Fonéticas - o conjunto das cartas fonéticas possui 46 cartas e são apresentadas as vogais médias pretônicas e em posição postônica não final, consoantes em coda silábica /R/ e /S/, palatalização da consoante lateral /l/, oclusivas /t, d/ diante da vogal alta [i], entoação de frases assertivas e interrogativas.

Cartas Semântico-Lexicais – o conjunto das cartas semântico-lexicais possui 106 cartas e se apresentam dados relativos às áreas semânticas do QSL do ALiB. As cartas relativas à variação semântico-lexical são dos tipos diatópicos gerais (com dados das 25 capitais) e cartas diatópicas regionais (com todas as variantes registradas). As denominações registradas nas capitais e nas regiões brasileiras referem-se a: *granizo*, *orvalho*, *neblina*, *tangerina*, *penca de*

banana, extremidade de inflorescência da bananeira, aipim, mandioca, galinha d'angola, libélula, bicho de goiaba, pernilongo, prostituta, cigarro de palha, cambalhota, bolinha de gude, estilingue, brinquedo de empinar (com e sem varetas), amarelinha, bala, sutiã, ruge, semáforo.

Cartas Morfossintáticas – o conjunto das cartas morfossintáticas possui 7 cartas e com dados relativos à flexão de número, do substantivo *degrau* e do indefinido *menos*, distribuição diatópica dos pronomes pessoais *tu* e *você*, utilização do verbo *ter* com valor existencial.

As cartas apresentam informações diatópicas (referente às capitais de estado, nas regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste), algumas cartas, também de caráter diastrático (escolaridade fundamental e universitária), diageracional (faixa etária I e II) e diassexual (informantes masculinos e femininos).

A Dialetoлогия não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma sexo, idade, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal. São, assim, duas diretrizes, dois caminhos, no exame do fenômeno linguístico, que se identificam nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico. Os estudos dialetais se iniciam apresentando considerações de natureza diatópica para, a seguir, examinar aspectos com implicação sociolinguística e concluir com uma visão do que vem sucedendo aos estudos geolinguísticos no Brasil.

A Dialetoлогия e a Sociolinguística, disciplinas historicamente separadas, confluem para uma geolinguística ampliada que se pode chamar oportunamente “Dialetoлогия pluridimensional” (DP) e que se define como parte da ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades de um lado e falantes de outro. Dentro desta ciência geral, à DP corresponde à parte da macroanálise. Não deixa de ser uma “geolinguística”, porque a DP não pode renunciar à variação diatópica, que garante a macroanálise. (THUN, 1998, p.787).

4.2 SOCIOLINGUÍSTICA

Como citado anteriormente, para analisar o processo variável das vogais médias pretônicas, utilizamos alguns dos princípios da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação de Labov (2008 [1972]).

Segundo Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]), os dois princípios básicos para o estudo da língua, conforme a Sociolinguística, é deixar de identificar a estrutura linguística como homogênea e entender que as gramáticas nas quais uma mudança linguística ocorre representam gramáticas de comunidade de fala.

Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125) pontuam também que a associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. “A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas”. Os autores explicam ainda que fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações atribuídas a um ou outro apenas, mesmo que bem construídas, falharão em explicar as regularidades que podem ser observadas nos estudos empíricos do comportamento linguístico. Assim, a Sociolinguística se pauta na relação língua-sociedade e entende a língua como um sistema de regras variáveis, em que a atualização das regras dependerá das circunstâncias linguísticas e não linguísticas em que o falante de uma comunidade estiver inserido.

Para Labov (2008 [1972]), a língua é uma forma de comportamento social, a manifestação da maneira de conviver de pessoas que vivem em uma determinada comunidade social, de modo que não há uma Linguística que não seja uma Sociolinguística, pois, segundo ele, a língua só pode ser concebida em interação, dentro de um contexto social.

A Sociolinguística postula que as línguas variam e mudam em razão de fatores internos e externos que nelas interferem. As mudanças linguísticas ocorrem a partir da escolha dos falantes de formas alternantes, ou seja, é sempre precedida de variação; contudo o fato de formas alternantes ocorrerem em um mesmo tempo não quer dizer que culminarão em mudança, sendo que as formas variantes podem flutuar por tempo indeterminado. Em razão desses dois aspectos da língua, a Sociolinguística Variacionista ocupa-se das duas vertentes, a mudança e a variação linguística.

4.2.1 Variação e mudança linguística

Labov (2008 [1972], p. 21) explica que “(...) não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”. Ele ainda diz que “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 2008 [1972] p. 188). Conforme

o autor, “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (LABOV, 2008 [1972], p. 225).

Em uma comunidade de fala, as variantes linguísticas podem se apresentar de três modos: estereótipos, marcadores e indicadores. Os estereótipos são variantes socialmente marcadas, etiquetadas de maneira ostensiva pela sociedade. Essas formas recebem uma forte estigmatização pelos grupos que as censuram. Os marcadores são formas linguísticas que apresentam uma distribuição social e uma diferenciação estilística. São variações que podem permanecer abaixo do nível de consciência social. Quando os marcadores sociolinguísticos entram na consciência social, eles geralmente são estigmatizados e se convertem em estereótipos. Os indicadores são variantes que apresentam uma diferenciação por idade ou grupo social, mas não sugerem nenhuma variação estilística e se limitam a assinalar uma diversificação social, sem interferência da avaliação subjetiva.

O pressuposto básico do estudo da variação é o princípio de que a heterogeneidade linguística não é aleatória, mas é regulada, em princípio, por um conjunto de regras, as quais são variáveis e funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente, o uso de uma ou de outra das formas variantes.

Na visão laboviana, as variáveis linguísticas podem ser analisadas de formas distintas: a) como variáveis dependentes, que se realizam por interferência de outros fatores; b) como variáveis independentes, que podem ser vistas como fenômenos que interferem no uso da variável dependente, que podem não apenas ser linguísticos, mas também sociais.

A variação linguística atinge vários componentes da língua como o: a) Fonético-fonológico em que ocorre a variação das vogais médias pretônicas $[e] \sim [\varepsilon]/[o] \sim [\mathcal{O}]$ (fenômeno investigado nessa tese); b) Morfossintático em que ocorre a variação entre a presença e a ausência do plural ($s \sim \emptyset$ - como morfema de plural) ou entre os pronomes $tu \sim você$; como ocorre em sujeito nulo $\sim$ sujeito explícito: $(\emptyset)$ *chegou e ele chegou*; d) Semântico Lexical como ocorre em *mandioca e aipim*. A partir da variação em um dado tempo, é perceptível, em intervalos de tempo distintos, a seleção de um elemento linguístico em detrimento do outro, constituindo, assim, a mudança linguística, o que confirma a dinamicidade das línguas.

Para Moreno Fernández (1998, p. 45),

o desenvolvimento da mudança, observado em determinado momento e em falantes de gerações distintas, oferece uma imagem dinâmica em tempo aparente, que permite projetar como será essa mudança no futuro, enquanto se passa o tempo real. (MORENO FERNÁNDEZ (1998, p. 45). (tradução nossa)²².

Os sociolinguistas vêm tentando traçar um perfil da mudança em progresso e um perfil da variação estável através da combinação dos resultados das variáveis sociais. Isto porque os fatores sociais têm desempenhado um papel importante na formulação de princípios gerais de variação e eles, às vezes, podem ajudar a prever a direção e o caminho da mudança linguística.

Como já dito, a variação corresponde a duas ou mais formas linguísticas que podem ocorrer no mesmo contexto, tendo o mesmo valor referente. A variação pode ocorrer no eixo diastrático, diatópico, diamésico, diafásico, ou seja: a) variação diastrática, que se refere ao patamar social que o falante da língua ocupa; b) variação diatópica, referente a lugares ou regiões; c) variação diamésica, que ocorre entre a língua falada e a escrita; d) variação diafásica, que corresponde à variação individual de cada falante e ocorre levando-se em consideração a sua escolha linguística, que vai ser determinada conforme o lugar social onde ele está inserido no momento que faz uso da fala.

A mudança é gradual, contínua e, sempre, precedida de um período de transição entre formas variantes, que coexistem e/ou concorrem. Aqui, surge uma distinção importante entre formas variantes estáveis e formas variantes em progresso. Segundo Labov (2008 [1972]), as formas variantes estáveis se alternam ou coexistem no sistema (na língua) por tempo indeterminado. As formas variantes em progresso são concorrentes – inicialmente, elas coexistem na língua; em seguida, uma das formas é preferida à outra, que se torna “obsoleta”, configurando mudança linguística.

Na variação estável temos correlações regulares com as classes sociais e estilos dos falantes, correlação com o sexo. Nem sempre na variação estável há estigmatização das formas de menor prestígio e auto-correção à procura da variante de maior prestígio por membros de diferentes grupos sociais. No entanto, na mudança em curso temos a representação linear, com maior incidência da variante inovadora entre os mais jovens, com decréscimo progressivo em direção aos indivíduos mais velhos ou maior incidência da variante conservadora entre os mais velhos evidenciando uma grande diferença entre mais jovens e mais velhos.

²²El desarrollo del cambio, observado en un momento determinado y en hablantes de generaciones distintas, ofrece una imagen dinámica en <<tiempo aparente>> que permite proyectar cómo será ese cambio en el futuro, conforme vaya transcurriendo el <<tiempo real>>.

De acordo com Labov (2008 [1972]), uma maneira de conhecer as mudanças linguísticas, que se processaram em determinada língua, é estudar as mudanças em progresso. Esse recurso baseia-se na teoria do uniformitarismo, segundo a qual as línguas são regidas por leis (princípio da uniformidade). Essa teoria propõe que as forças e restrições internas que impulsionam as mudanças linguísticas em curso sejam idênticas às que impulsionaram as mudanças já concluídas. Contudo, problemas históricos não são resolvidos com a mesma facilidade com que questões sincrônicas da linguagem são descritas ou explicadas, porque as informações contidas nos documentos são, frequentemente, fragmentárias, sobretudo, as de natureza fonética e social. Apesar disso, podemos fornecer algumas interpretações plausíveis através de princípios que tenham fundamento empírico e, assim, iluminar o passado através do presente, assim como iluminamos o presente através do passado.

A Sociolinguística se propõe resolver os cinco problemas ou teorias centrais (WEINREICH; LABOV e HERZOG, 2006 [1968]) que são os condicionamentos, a transição, o encaixamento, a avaliação e a sua implementação:

i) O problema dos fatores condicionantes: deve-se identificar quais os conjuntos de mudanças possíveis e quais são os condicionantes dessas mudanças e da direção que elas podem tomar;

ii) O problema da transição: o pesquisador deve descobrir como se dá a mudança de uma determinada estrutura para outra. Labov (2008 [1972]) ressalta que a questão de identificar a transição entre dois estágios quaisquer da mudança é um problema linguístico interno, ou seja, verificar como se deu a transição, como a estrutura A passou para a estrutura B;

iii) O problema do encaixamento: o problema do encaixamento tem dois aspectos: a mudança é vista como encaixada numa matriz de outras mudanças linguísticas e também como encaixada num complexo social, correlacionada com mudanças sociais. Assim, o pesquisador precisa identificar como a mudança está encaixada na estrutura interna da língua e no sistema de relações sociais;

iv) O problema da avaliação: há um importante componente social neste problema, pois o pesquisador deve mostrar como os membros da comunidade de fala reagem à mudança em progresso e descobrir que informação expressiva as variantes veiculam, ou seja, a identificação das reações subjetivas dos falantes com relação à mudança;

v) O problema da implementação: deve-se explicar por que a mudança ocorreu num tempo e lugar particulares e não em outros. Pode haver fatores sociais profundamente implicados no problema da implementação. Verificar os fatores linguísticos e sociais que motivaram a mudança é o problema mais difícil de ser resolvido.

A inserção ou encaixamento, a avaliação e a implementação requerem análises de dados empíricos quando a mudança está em curso.

As mudanças podem ocorrer de cima para baixo e de baixo para cima. As mudanças de cima para baixo são introduzidas pela classe social dominante, em geral conscientemente, tornando-se uma forma de prestígio. Normalmente, representa empréstimos a outra comunidade de fala que tem maior prestígio, segundo a classe dominante. Tais empréstimos não atingem imediatamente o padrão vernáculo da classe dominante ou de outra classe social, mas aparecem, em princípio, no discurso cuidado, refletindo um dialeto superposto aprendido após a aquisição do vernáculo.

As mudanças de baixo para cima aparecem inicialmente no vernáculo e representam ação dos fatores linguísticos internos. Inicialmente e durante a maior parte do tempo de seu desenvolvimento, elas se processam sem que os falantes tenham consciência da inovação. Somente quando as mudanças estão quase completas é que os membros da comunidade as percebem.

4.2.2 Estudo da mudança em tempo real e tempo aparente

A consolidação da Sociolinguística Variacionista foi consequência de estudos desenvolvidos por William Labov, na década de 1960, na ilha de Martha's Vineyard (1963) e na cidade de Nova York (1966), que contribuíram para a Teoria da Variação. Labov (2008 [1972]) investigou a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ - em palavras como *right* e *house*, respectivamente, na ilha de Martha's Vineyard, localizada no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos. Ao estudar os ditongos centralizados Labov concluiu que a centralização dos ditongos pesquisados é uma marca de identidade dos moradores da ilha.

Outra pesquisa importante desse estudioso foi o estudo do *r* pós-vocálico falado em Nova Iorque, mais especificamente nas lojas de departamento da cidade. Para a análise foram consideradas duas variantes: a presença ou a ausência da consoante *r* em posição pós-vocálica. Segundo o autor, a ausência do *r* era estigmatizada e a presença do segmento era considerada uma variante de prestígio. Os resultados das análises dos dados mostraram que entre os empregados que trabalhavam na loja de *status* superior, havia uma tentativa em realizarem a variante de prestígio que, neste caso, era a presença do *r* pós-vocálico, pelo fato de que a variável linguística *r* é um diferenciador social em todos os níveis de fala de Nova Iorque.

Labov (2008 [1972]) concebia a variação linguística como fenômeno sistemático que se dava através do entrelaçamento de fatores linguísticos e sociais, o que contrariava os

estruturalistas americanos, já que estes afirmavam que a observação da mudança linguística não deveria ser feita em seu processo de implementação, mas apenas em seus resultados. Por isso, buscou-se apreender o tempo real e o tempo aparente, uma espécie de projeção. A ideia crucial do tempo aparente é que “as diferenças no comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes num determinado momento refletiriam diferentes estágios do desenvolvimento histórico da língua” (CHAMBERS; TRUDGIL, 1980, p. 165). Esses autores mostraram que:

A validade do [tempo aparente] depende crucialmente da hipótese de que a fala das pessoas de 40 anos hoje reflete diretamente a fala das pessoas há 20 anos atrás e pode, portanto, ser comparada com a fala das pessoas de 20 anos de hoje, para uma pesquisa da difusão da mudança linguística. As discrepâncias entre as falas das pessoas de 40 e 20 anos são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos vinte anos que separam os dois grupos. (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 165).

A comparação da linguagem de pessoas de diferentes faixas etárias pode revelar diferentes estágios de uma língua. Essas evidências foram denominadas de tempo aparente por Labov (2008 [1972]). No entanto, o estudo da mudança é mais satisfatório se os fenômenos forem investigados no tempo real, através da comparação da linguagem da mesma amostra em dois pontos diferentes no tempo.

No estudo com o tempo real, comparamos a maneira como as pessoas falam, em um ponto no tempo, com a maneira como elas falavam outro ponto no tempo. Distanciados por uma década, ou uma geração, ou cem anos mais tarde. Olhamos para a variação dentro das comunidades ao longo de um período de muitos anos (até mesmo de séculos). Já no estudo com o tempo aparente, basta comparar o discurso dos indivíduos de diferentes idades em um ponto no tempo e em uma comunidade de fala.

Para o estudo da mudança em tempo real o pesquisador pode desenvolver um estudo em painel em que registra as falas dos mesmos indivíduos da pesquisa anterior sobre um determinado fenômeno com a da pesquisa atual em que apontará uma mudança ontogenética ou gradação etária, ou seja, a mudança ou estabilidade do fenômeno na vida do indivíduo. Ou desenvolver um estudo de tendência que registra as falas de outros informantes com o mesmo perfil dos registrados na pesquisa anterior que apontará a existência de uma mudança na comunidade.

A compreensão da mudança linguística, portanto, só pode ser eficaz a partir da compreensão do processo social em que a comunicação está inserida. De acordo com Labov (2008 [1972]):

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p. 21).

Dessa forma, o autor explica que o processo de mudança linguística pode ser considerado em três estágios:

Na sua origem, uma mudança é uma das inúmeras variações confinadas ao uso de algumas pessoas. Na sua propagação, a mudança é adotada por números tão amplos de falantes que ela passa a contrastar com a forma mais antiga ao longo de uma ampla frente de interação social. No seu término, a mudança alcança regularidade pela eliminação de variantes concorrentes. (LABOV, 2008 [1972], p. 152).

4.2.3 Variáveis extralinguísticas

Através da combinação dos resultados das variáveis sociais os sociolinguistas vêm tentando traçar um perfil da mudança em progresso e um perfil da variação estável. Isto porque os fatores extralinguísticos (sexo, faixa etária, grau de instrução, nível socioeconômico, redes sociais etc.) têm desempenhado um papel importante na formulação de princípios gerais de variação, e eles, às vezes, podem ajudar a prever a direção e o caminho da mudança linguística. É nesse sentido que também analisamos a fala de nossos informantes. Para isso, algumas considerações sobre as variáveis sociais são necessárias.

Em situações de variação estável, as mulheres, via de regra, tendem a usar as formas de prestígio, o que pode ser verificado em situações formais da fala. Por outro lado, nas mudanças em que o uso de uma forma padrão passa a ser substituída por outra, os homens, em sua maioria, tendem a usá-la, enquanto as mulheres, em geral, lideram as mudanças em direção às formas de prestígio (Cf. CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 97-8). Além disso, Labov (2008 [1972], p. 78), afirma que "na maioria das mudanças linguísticas, as mulheres estão à frente dos homens na proporção de uma geração".

Labov (2008[1972]), entre outros, constatou que os fenômenos referentes à forma padrão são encontrados nas falas das mulheres, e que as mulheres, portanto, utilizam menos a forma não padrão. Entretanto, Labov (1981) reconheceu que essa propensão das mulheres para as formas de maior prestígio (no sentido do uso do padrão normativo) é limitada às sociedades em que as mulheres desempenham um papel ativo e participativo na vida pública.

Ainda em relação à variável sexo, os resultados dos trabalhos realizados pelos sociolinguistas sobre as comunidades rurais e as da periferia dos grandes centros urbanos

(capitais e grandes metrópoles) apontam para resultados bastante distintos dos observados nas sociedades urbanas industrializadas, uma vez que, nas comunidades rurais brasileiras, os homens tendem a liderar os processos de mudança em direção às formas de prestígio. Isto se deveria ao fato de eles terem mais contato com o mundo exterior, com os grandes centros urbanos, porque se acham mais integrados ao mercado de trabalho. Por sua vez, as mulheres, na maioria das vezes limitadas ao universo doméstico e ao trabalho na roça, tendem a conservar a fala rural, bem distante do padrão urbano culto.

A explicação sociocultural baseada no sexo sobre algumas diferenças linguísticas entre as mulheres e os homens mostra que as mulheres tendem à necessidade de marcar o *status* social por aparência, comportamento e/ou desempenho linguístico. As mulheres também tendem a sofrer menos pressão intergrupar do que os homens, pois elas possuem menos participação fora de casa em redes sociais ou participação de menor grau de coesão (no entanto são elas que vão ao posto de saúde levar os filhos ao médico, vacinar, reuniões na escola...) e de ter um maior papel na socialização dos filhos o que busca a norma mais aceitável (Cf. Chambers; Trudgill, 1994 [1980]).

O fato de possuírem menor poder econômico do que os homens, as mulheres acabam desenvolvendo um comportamento mais cauteloso. É a partir dessa diferença de poder e *status* em relação aos homens que as mulheres tendem a preferir as normas de prestígio, apresentar uma pontuação mais alta em testes para análise de insegurança linguística e superestimar o uso da variante de prestígio.

Os estudos que tratam da mudança linguística atestam que o linguajar pode variar de acordo com a faixa etária dos falantes, o que significa que os indivíduos que constituem uma comunidade apresentam, conforme a sua idade, diferentes características de fala, dependendo do(s) grupo(s) a que eles pertencem e a que se associam, da habilidade que possuem para pôr em prática as normas linguísticas da sociedade etc.

Contudo, observar apenas as diferentes faixas etárias não é suficiente para se analisar a mudança em progresso: “É preciso distinguir as diferenças etárias que indicam mudanças linguísticas daquelas diferenças que simplesmente caracterizam a linguagem de jovens e velhos e se repetem em qualquer geração” (PAIVA; SILVA, 1998, p.353).

É natural que pessoas com idade avançada utilizem certas estruturas linguísticas que os jovens não usam mais. Isso pode ocorrer ou porque essas estruturas caíram em desuso, ou porque os mais jovens as alteraram em algum aspecto linguístico. O que se pode notar é a preferência dos mais velhos pela preservação das variantes mais antigas, e dos mais jovens, por sua inovação.

Nesse sentido, em relação à faixa etária, o padrão curvilíneo mostra a variação estável com as faixas etárias intermediárias, apresentando as formas inovadoras com uma maior frequência de uso. Já na mudança em progresso, “a distribuição seria inclinada, com os mais jovens apresentando a maior frequência de uso das formas inovadoras” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 91). No entanto, a tendência depreendida dos resultados da faixa etária deve ser confirmada pelos resultados de outras variáveis sociais.

O desenvolvimento de determinada variante é, portanto, indicado pela sua utilização pelo grupo mais jovem. Para tanto, devem ser analisadas as realizações dos informantes jovens em relação às realizações dos informantes adultos. Caso os informantes mais novos estejam realizando mais uma determinada variante do que os informantes mais velhos, há indício de mudança em progresso.

Os indivíduos com nível de escolaridade mais elevado teriam uma fala mais próxima à norma padrão, enquanto a fala de indivíduos com nível de escolaridade mais baixo se distanciaria desse padrão. A escola tende a fazer com que o indivíduo marque na sua fala algum aspecto normativo, interferindo, assim, no uso da língua. Por terem um contato maior com a cultura letrada e com o uso da variedade padrão da língua, supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas típicas de falantes pouco ou não escolarizados.

As redes sociais são agrupamentos de relacionamento dos indivíduos estabelecidos na vida cotidiana. Tais redes variam de um indivíduo para outro e são constituídas por ligações de diferentes tipos, que envolvem graus de parentesco, amizade e ocupação (ambiente de trabalho), por exemplo. Se o número de pessoas que se conhecem em uma rede for grande, mais alta será a densidade dessa rede; quanto menor o número de pessoas, mais baixa será a densidade da rede. À primeira rede, denomina-se rede densa; à segunda, chamamos de rede frouxa.

Na rede densa o indivíduo possui mais densidade de contato, os contatos fora da rede são superficiais, e há menos chances de ser sistematicamente exposto a inovações de fora. Enquanto na rede frouxa o indivíduo está mais aberto às mudanças e às inovações a partir de fora da rede.

Em sua pesquisa Milroy (1980, p. 17) observou:

(...) casos de variação vocálica no vernáculo de Belfast (Irlanda) e verificou que o emprego das variantes só poderia ser explicado, no que se refere ao componente social, pela estrutura da rede, uma vez que características como bairro e *status* social eram as mesmas para os informantes considerados. Com as redes sociais, conhecem-se padrões e conflitos das comunidades, o que possibilita ao investigador “dar conta das diferenças sistemáticas no uso da linguagem entre indivíduos e entre subgrupos da população os quais, em termos de *status* social, são homogêneos. (MILROY, 1980, p. 17). (tradução nossa).²³

Milroy (1980) ressalta a importância do contato linguístico, através do sistema de redes sociais dos indivíduos, para a compreensão dos fenômenos de variação e de mudança linguística. No que tange à questão das redes temos a uniplex e multiplex. Na primeira os indivíduos se relacionam de única forma, já na segunda, multiplex os indivíduos se relacionam em diversas situações.

A Sociolinguística Variacionista provê estudos empíricos que se contrapõem a posicionamentos políticos e ideológicos excludentes com base nas diferenças linguísticas, aspecto que marca um diferencial dessa perspectiva em relação a noções prescritivas tradicionais da gramática normativa. O modelo teórico variacionista propõe sistematizar a variação própria das línguas. Daí os esforços de quantificação, o tratamento estatístico dos dados na busca de uma regularidade, empenhados por essa perspectiva.

A Dialetoлогия e a Sociolinguística têm como objeto de estudo a variação da língua, porém diferenciam em relação ao método de análise adotado em suas pesquisas. A Dialetoлогия utiliza-se do método da geolinguística, de base eminentemente cartográfica, através da qual se elaboram mapas dialetais, também chamados de cartas linguísticas (fonética, morfológica, sintática, lexical, entre outros). A Sociolinguística utiliza-se, especificamente, para a análise da variação e da mudança, do modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação – de base quantitativa – embora utilize também o método qualitativo.

A Dialetoлогия Pluridimensional tem se favorecido dos aportes teóricos da Sociolinguística Variacionista, principalmente no que tange aspectos extralinguísticos sobre os estudos das línguas. Nesse aspecto não se pode estudar a linguagem humana sem considerar os fatores de natureza social como o sexo, a faixa etária, a escolaridade, a profissão, a rede social, a classe social. Assim, entendemos que as concepções da Geolinguística combinadas às da

²³Vowel variation cases in the Belfast (Ireland) vernacular and found that the use of variants could only be explained, with regard to the social component, by the structure of the network, since characteristics such as neighborhood and social status were the same for informants considered. With social networks, patterns and conflicts of communities are known, which allows the researcher to account for the systematic differences in the use of language between individuals and between subgroups of the population which, in terms of social status, are homogeneous.

Sociolinguística podem possibilitar um conhecimento mais acertado dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução.

Após a apresentação do quadro teórico, descrevemos, a seguir, a metodologia através da qual conduzimos nossa investigação sobre as vogais médias pretônicas no falar de Minas.

5 METODOLOGIA

Em toda a pesquisa dialetal existe um antes, um durante e um depois. Tem-se, pois, a fase de preparação, de execução e de análise. É preciso definir o antes, ter coragem para o durante, paciência e gosto para o depois.

(FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 9).

Nesta seção descrevemos e apresentamos os métodos utilizados para compor e descrever a amostra da pesquisa, a partir das falas dos mineiros: a rede de pontos do estado de Minas Gerais e quais as localidades que constituem a rede em que investigamos o fenômeno; as perguntas elaboradas e as respostas obtidas utilizadas a partir dos questionários Fonético-Fonológico e Semântico Lexical (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001)²⁴; o número de informantes estratificados em sexo e faixa etária; o processamento dos dados das variáveis linguísticas e extralinguísticas.

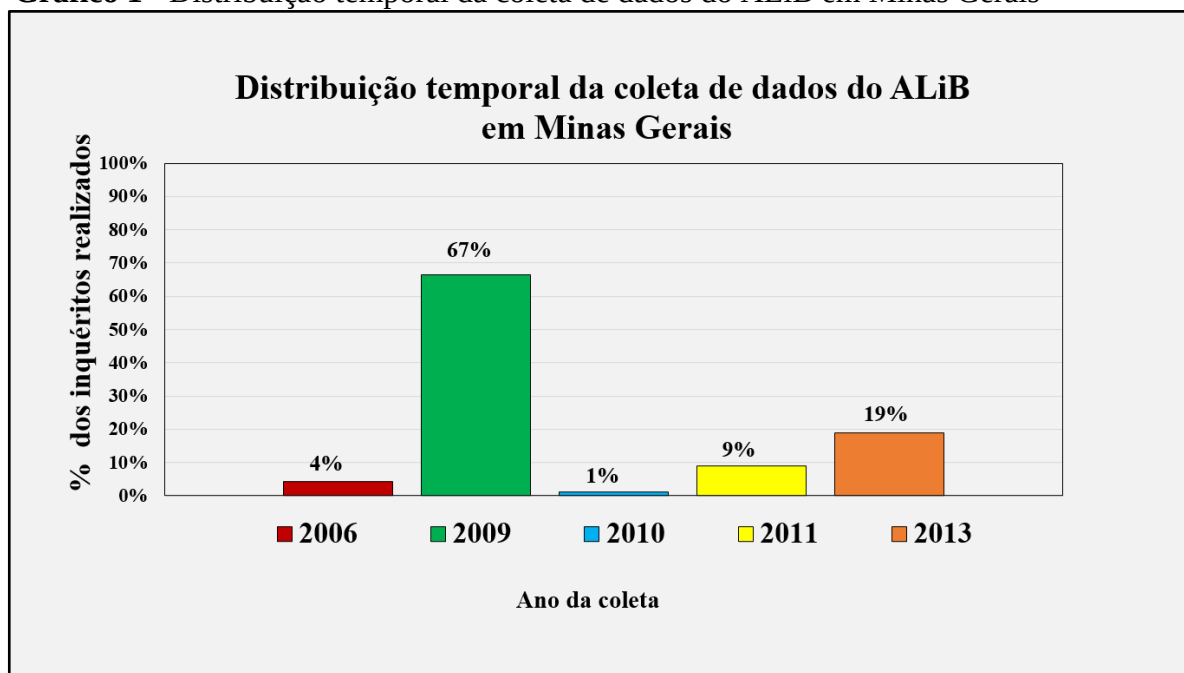
5.1 O CORPUS DA PESQUISA

O *corpus* desta pesquisa é fornecido por 92 informantes distribuídos em 23 localidades de Minas Gerais. A amostra possui 7.178 ocorrências, sendo 4.175 das vogais médias anteriores, em posição pretônica, e 3.003 das médias posteriores, em posição pretônica, a partir das respostas dos informantes dadas aos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical.

As falas dos informantes foram registradas por meio de fita cassete e minidisc. As entrevistas no estado de Minas Gerais possuem uma média de duas horas e aconteceram entre os anos de 2006 a 2013, sendo que a grande parte ocorreu no ano de 2009. Em seguida as gravações foram transcritas grafematicamente e foneticamente por bolsistas do Projeto ALiB e revista pelo pesquisador interessado.

No Gráfico 1 temos a distribuição temporal da coleta de dados do ALiB em Minas Gerais.

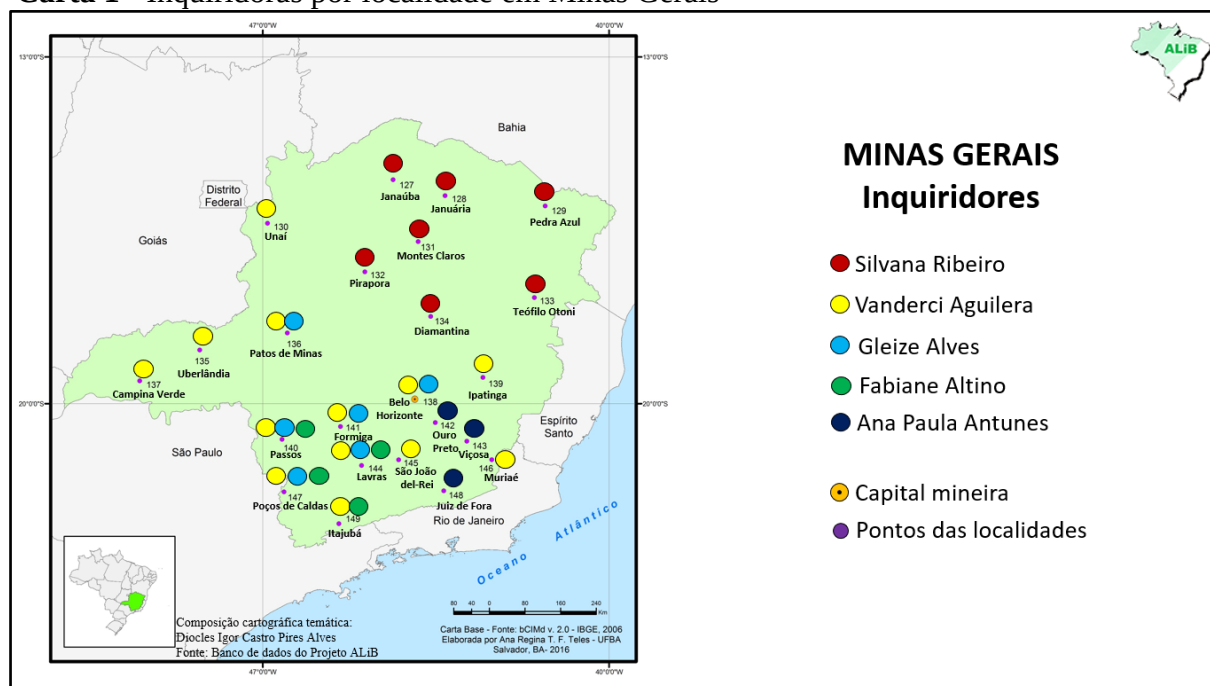
²⁴ O questionário completo do ALiB se encontra na página virtual do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (<https://alib.ufba.br>) no item Publicação – Questionário ALiB 2001 ou na parte de instrumentos metodológicos no volume 1 do livro Atlas Linguístico do Brasil: introdução publicado pela EDUEL em 2014 (CARDOSO et al, 2014, p.135).

Gráfico 1 - Distribuição temporal da coleta de dados do ALiB em Minas Gerais

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do ALiB

A coleta de dados do ALiB em Minas Gerais ocorreu entre os anos de 2006 a 2013. No ano de 2006 foram coletados quatro inquéritos na localidade de Belo Horizonte. Em 2009 foram coletados 60 inquéritos em 16 localidades mineiras: Januária, Janaúba, Pedra Azul, Unaí, Montes Claros, Pirapora, Teófilo Otoni, Diamantina, Uberlândia, Patos de Minas, Campina Verde, Formiga, Lavras, Poços de Caldas. Neste ano foram entrevistados também três informantes em Passos e um em Ouro Preto. No ano de 2010 foi entrevistado um informante complementar em Passos. Já no ano de 2011 foram coletados dez inquéritos: quatro em Itajubá, quatro em São João del Rei e dois em Ouro Preto. E no ano de 2013 foram coletados treze inquéritos: quatro em Viçosa, quatro em Muriaé, quatro em Juiz de Fora e um em Ouro Preto.

A coleta de dados foi realizada através dos questionários por pesquisadores do Projeto ALiB. As pesquisadoras Silvana Ribeiro, Vanderci de Andrade Aguilera, Greize Alves da Silva, Fabiane Altino, Ana Paula Antunes Rocha foram as principais inquiridoras da rede de pontos de Minas Gerais. Vejamos a Carta 1 que mostra as inquiridoras por localidade em Minas Gerais.

Carta 1 - Inquiridoras por localidade em Minas Gerais

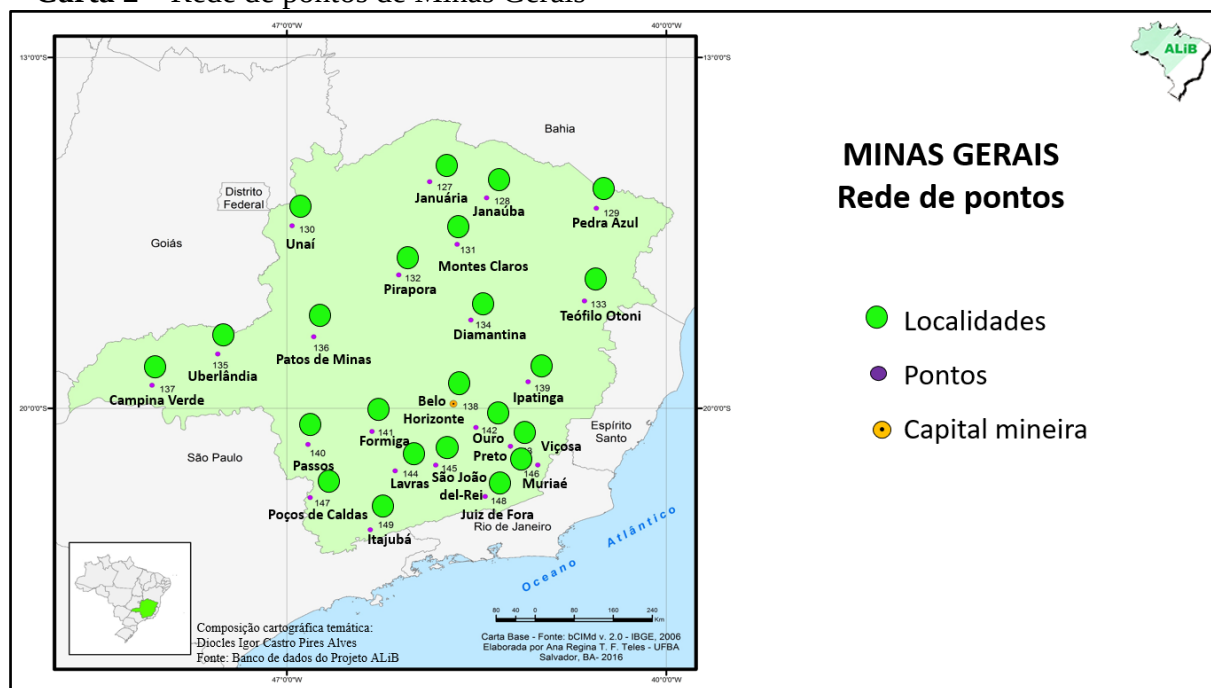
Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados do ALiB

5.1.1 A rede de pontos

Esta pesquisa investiga a fala de 23 localidades,²⁵ que fazem parte da rede pontos do Projeto ALiB distribuídas em todo estado de Minas Gerais.²⁶ As localidades investigadas foram: Janaúria (127), Janaúba (128), Pedra Azul (129), Unai (130), Montes Claros (131), Pirapora (132), Teófilo Otoni (133), Diamantina (134), Uberlândia (135), Patos de Minas (136), Campina Verde (137), Belo Horizonte (138), Ipatinga (139), Passos (140), Formiga (141), Ouro Preto (142), Viçosa (143), Lavras (144), São João del-Rei (145), Muriaé (146), Poços de Caldas (147), Juiz de Fora (148), Itajubá (149). Na Carta 2, temos a distribuição de pontos do ALiB em Minas Gerais.

²⁵ As 23 localidades de Minas Gerais que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB e que constituem o *corpus* desta pesquisa estão descritas na seção 3.

²⁶ Por questões técnicas os pontos 142 (Ouro Preto), 145 (São João del-Rei) e 148 (Juiz de Fora) não foram utilizados na análise quantitativa dos fatores sociais de faixa etária e sexo (subseções 6.1, 6.2). No entanto, os informantes dessas localidades foram utilizados na análise diatópica, linguística e comparativa das cartas do EALMG (RIBEIRO et al., 1977) com os dados do ALiB (subseção 6.3).

Carta 2 – Rede de pontos de Minas Gerais

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados do ALiB

5.1.2 Os questionários

Para esta pesquisa selecionamos o questionário fonético-fonológico (QFF), considerado mais monitorado e em contexto mais tenso, que tem 159 questões para a obtenção de dados fônicos e o questionário semântico-lexical (QSL) que tem 202 questões para os dados semânticos-lexicais que recobrem 14 áreas semânticas e é considerado menos tenso, pois as perguntas são diferentes, provocam respostas mais longas e diálogos informais, então as respostas são mais livres e provocam mais diálogo entre o informante e o documentador e, nesses diálogos, há menos monitoramento²⁷.

As perguntas do questionário fonético-fonológico foram formuladas para verificar os processos fonético-fonológicos que ocorrem no PB como a monotongação, ditongação, palatalização, variação dos róticos bem como a variação das vogais pretônicas. O questionário fonético-fonológico possui 159 questões das quais utilizamos 48 questões para obtenção dos vocábulos investigados, além de 11 questões de prosódias. Vejamos alguns exemplos:

²⁷ O primeiro inquérito para a constituição do *corpus* desta pesquisa na rede de pontos no estado de Minas Gerais foi realizado no dia 16 de setembro de 2006, em Belo Horizonte (ponto 138), e o último inquérito foi realizado no dia 27 de junho de 2013, em Muriaé (ponto 146).

- a) Questão 04 do QFF – Televisão (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 07)

INQ.: Como se chama aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?

INF.: T[ε]l[ε]visão.

Informante 4: mulher, faixa II, ensino fundamental de Uberlândia/MG

- b) Questão 107 do QFF – Procissão (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 15)

INQ.: Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?

INF.: Pr[o]cissão.

Informante 3: homem, faixa II, ensino fundamental de Poços de Caldas/MG

- c) Questão 119 do QFF – Coração (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 16)

INQ.: Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoas morre?

INF.: C[ɔ]ração.

Informante 1: homem, faixa I, ensino fundamental de Montes Claros/MG

- d) Questão 145 do QFF - Presente (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 18)

INQ.: Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?

INF.: Pr[ε]sente.

Informante 1: homem, faixa I, ensino fundamental de Januária/MG

No questionário semântico lexical as perguntas foram formuladas para verificar a variação lexical a partir de temas como: ciclos da vida, fenômenos atmosféricos, acidentes geográficos, fauna, jogos e diversões infantis, alimentação e cozinha. É um questionário que permite respostas mais livres e busca verificar os diversos contextos lexicais como na questão 138 “Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?” em que podemos obter sovina, seguro, miserável, entre outros. Ou na questão 198 – “Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?” – em que podemos obter rotatória, retorno, redondo, entre outras. O questionário semântico lexical possui 202 questões das quais utilizamos 70 questões no contexto das vogais médias pretônicas para obtenção dos vocábulos investigados. Vejamos alguns exemplos:

- a) Questão 08 do QSL – Relâmpago (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 21)

INQ.: Como se chama um clarão que surge no céu em dias de chuva?

INF.: R[e]lâmpago.

INQ.: Já ouviu outro nome?

INF.: Ah o povo aqui eis fala: deu [i]stralô, caiu um raio.

Informante 4: mulher, faixa II, ensino fundamental de Patos de Minas/MG

- b) Questão 21 do QSL – Nevoeiro/Cerração/Neblina (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 22)

INQ.: Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

INF.: O s[ε]reno né?

INQ.: Sereno também?

INF.: É.

INQ.: Tem outro nome pra isso, não?

INF.: Tem aqui na baixada custuma ficá. Cê desce e num vê nada. Fica uma nuvem uma fumaçona de s[ε]reno. s[ε]reno que o povo fala. E depois vai ficando tudo molhadinha as graminhas, as folha.

Informante 2: mulher, faixa I, ensino fundamental de Pedra Azul/MG

- c) Questão 107 do QSL – Corcunda (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 30)

INQ.: Como se chama a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim (*mímica*)?

INF.: C[o]rcunda.

Informante 1: homem, faixa I, ensino fundamental de Itajubá/MG

- d) Questão 200 do QSL – Lotação (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 38)

INQ.: Como se chama a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

INF.: L[ɔ]tação

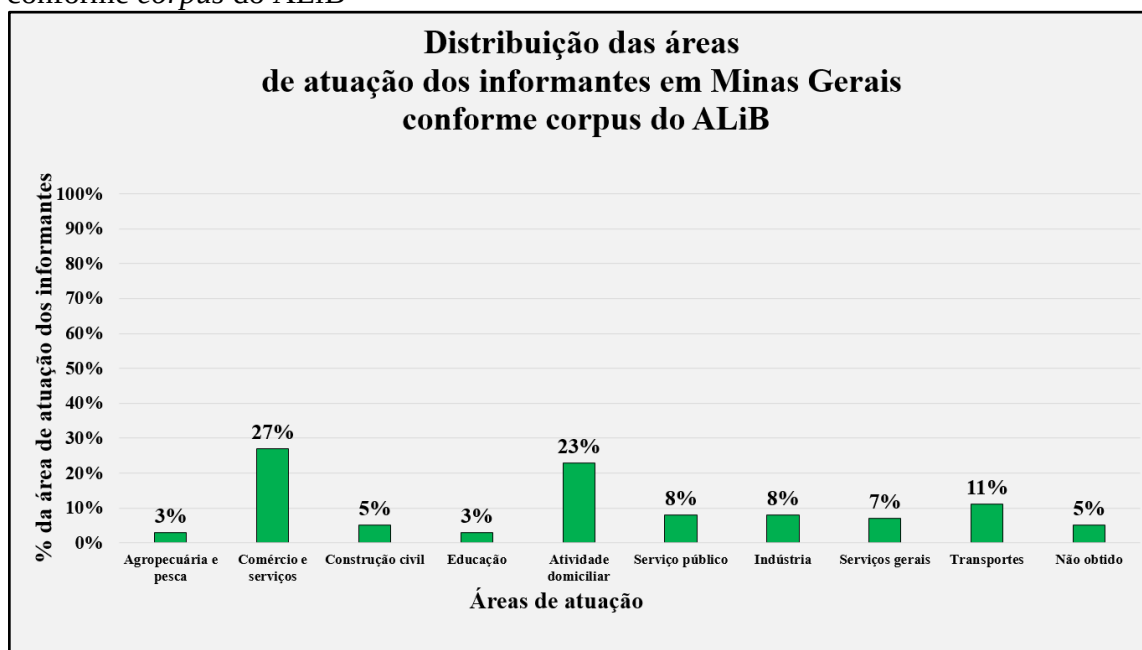
Informante 3: homem, faixa II, ensino fundamental de Janaúba/MG

5.1.3 Os informantes

A pesquisa é constituída, como já dito anteriormente, por 92 informantes pertencentes a 23 localidades mineiras que foram estratificados da seguinte forma: 04 informantes por localidades; 46 informantes do sexo masculino e 46 informantes do sexo feminino; 46 informantes da faixa etária I que estão entre as idades de 18 anos a 30 anos e 46 informantes da faixa etária II que estão entre as idades de 50 anos a 65 anos, sendo que todos os informantes possuem o nível de escolaridade de ensino fundamental²⁸.

Com o intuito de promover uma visualização do perfil do informante, no gráfico 2 temos a distribuição das áreas de atuação dos informantes em Minas Gerais.

Gráfico 2 – Distribuição das áreas de atuação dos informantes em Minas Gerais conforme *corpus* do ALiB



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do ALiB

As áreas de atuação dos informantes de Minas Gerais foram organizadas com base no volume 2 do *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014b, p.28) e foram distribuídas da seguinte forma: Agropecuária e pesca: lavrador, pescador; Comércio e serviços: frentista de posto, recepcionista, mensageiro de hotel, cabelereiro, manicure, costureira, vendedor, embaladora de aguardente, ambulante, florista, cozinheira, auxiliar de cozinha, merendeira, garçom, garçonete; Construção civil: pedreiro, servente de pedreiro, encanador, pintor,

²⁸No APÊNDICE A temos o quadro que mostra o perfil dos informantes por localidade como o sexo, a idade, o grau de escolaridade, a profissão, a ocupação e o estado civil.

eletricista; Educação: estudante; Atividade domiciliar: Dona-de-casa, babá, empregada doméstica, auxiliar de limpeza, diarista, faxineira, arrumadeira, jardineiro; Serviço público: porteiro, vigilante, agente operacional, agente de endemias, fiscal de obra e urbanismo; Transportes: motorista, taxista, motoboy, motaxista, ajudante de caminhão, charreteiro turístico, auxiliar de transporte; Indústria: mecânico, metalúrgico, auxiliar de metalúrgica, auxiliar de produção; Serviços gerais.

5.2 As variáveis

No momento da elaboração desta pesquisa ouvimos todos os áudios, selecionamos e transcrevemos foneticamente todos os itens que possuíam a vogal média pretônica e, posteriormente, esses itens foram codificados de acordo com os ambientes fonológicos, morfológicos e sociais que atuavam sobre eles, coerentemente com o caráter variacionista desta pesquisa.

Para a seleção dos fatores analisados levamos em consideração alguns estudos realizados sobre as vogais pretônicas como os de Bisol (1981), Silva (1989), Viana (2008), Dias (2014), Tondineli (2014), entre outros que foram apresentados na seção 2 e a chave de codificação do Projeto ALiB²⁹ sobre as pretônicas nas capitais brasileiras.

Como já mencionado anteriormente, a variável dependente desta pesquisa são as vogais médias orais, em posição pretônica. Para isso verificamos o contexto em que ocorre o abaixamento e a manutenção da vogal pretônica anterior como em p[ɛ]cado e em r[e]torno e da vogal posterior como em c[ɔ]ração e c[o]meço.

Assim realizamos os testes no programa *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), com a finalidade de elaborar a chave de codificação com as variáveis independentes, que são elas: i) variáveis linguísticas: posição da vogal pretônica, tipo de sílaba, contexto vocálico seguinte tônico, contexto vocálico seguinte átono, contexto consonantal precedente – ponto de articulação, contexto consonantal seguinte – ponto de articulação; ii) variáveis sociais: sexo e faixa etária; iii) variáveis linguístico-discursiva: tipo de questionário; iv) variável diatópica: localidade do informante.

²⁹ A chave de codificação dos dados foi elaborada e utilizada por Mota e Lopes para a elaboração das cartas referentes as vogais pretônicas (Cartas F01 V1, F01 V2) do ALiB (Cardoso et al, 2014) e tem sido desde então utilizada por pesquisas que analisam as vogais pretônicas.

5.2.1 Variáveis linguísticas

Pretendemos a partir das variáveis linguísticas verificar os contextos nos quais há a ocorrência das variantes [e] ~ [ɛ], [o] ~ [ɔ] e averiguar quais variáveis favorecem a regra de abaixamento.

As variáveis linguísticas foram selecionadas com base nas seguintes hipóteses: a) o abaixamento ou a manutenção das vogais médias [e] e [o] depende dos segmentos que antecedem ou precedem a vogal média pretônica analisada; b) os segmentos que compõem a sílaba pretônica contextual a da sílaba subsequente, bem como a sílaba tônica subsequente, podem favorecer a aplicação da regra de abaixamento; c) a altura da vogal tônica - média e baixa - favorece o abaixamento das vogais médias altas em posição pretônica, sobretudo, se a vogal tônica for uma média baixa; d) o abaixamento ocorre com mais regularidade em palavras em que a sílaba tônica é nasal do que em palavras cuja sílaba tônica é oral; e) a regra de abaixamento se aplica com mais frequência em sílabas leves do que em sílabas pesadas.

A seguir, apresentamos as variáveis linguísticas³⁰ que foram selecionadas para a realização deste estudo.

a) Posição da vogal pretônica

A variável da posição da vogal pretônica em relação à tônica tem como finalidade analisar se a vogal tônica exerce alguma influência sobre a vogal pretônica. Para isso consideramos as adjacências da sílaba pretônica. Propomos então, duas distâncias:

- Sílaba contígua à tônica – **seguro/sorriso**
- Sílaba não contígua à tônica – **pernilongo/rotatória**

b) Tipos da sílaba pretônica

A variável tipo de sílaba pretônica em que se encontra a vogal pretônica tem como finalidade mostrar se as sílabas pesadas favorecem o abaixamento de [e] e de [o], e se as sílabas leves desfavorecem o abaixamento. Consideramos dois tipos de sílabas:

³⁰Os exemplos citados nesta seção foram retirados do *corpus* deste estudo. Destacamos em negrito a vogal média pretônica e sublinhamos os contextos em análise. Os asteriscos indicam que não encontramos nenhuma ocorrência no contexto proposto, pois os dados não apresentaram a presença da vogal na posição pretônica.

- Sílabas leves (CV, CCV) – rebojo/soluço, prefeito/trovoadá
- Sílabas pesadas (CVC, CCVC) – bermuda/gordura, */prostituta

c) Contexto vocálico seguinte tônico

Consideramos nesta variável a altura da vogal tônica que pode favorecer o abaixamento das vogais médias altas em posição pretônica. Assim, a vogal tônica aberta pode atuar sobre o abaixamento e a vogal tônica fechada, por sua vez pode estar relacionada à manutenção.

Consideramos para a análise as vogais orais e nasais/nasalizadas:

- Vogal [i] – ferida/sorriso
- Vogal [e] – vereda/começo
- Vogal [ɛ] – presépio/moleque
- Vogal [a] – pecado/borracha
- Vogal [ɔ] – negócio/xodó
- Vogal [o] – pescoço/coroa
- Vogal [u] – bermuda/soluço
- Vogal [ĩ] – menino/dormindo
- Vogal [ẽ] – setembro/novembro
- Vogal [ẽ̃] – relâmpago/programa
- Vogal [õ] – demônio/colombo
- Vogal [ũ] – legume/corcunda

d) Contexto vocálico seguinte átono

A variável contexto vocálico seguinte átono tem como a finalidade de verificar a vogal inacentuada da sílaba imediatamente seguinte. Para isso consideramos para a análise as vogais orais e nasais/nasalizadas. Assim, pretendemos analisar a atuação dessas vogais sobre as vogais pretônicas.

- Vogal [i] – pern~~i~~longo/vomitar
- Vogal [e] – redem~~u~~inho/começando
- Vogal [ɛ] – televisão/(*)³¹
- Vogal [a] – rezadeira/lotação
- Vogal [ɔ] – (*) / promoção
- Vogal [o] – (*) / borboleta
- Vogal [u] – intermunicipal/procurar
- Vogal [ẽ] – desdentado/(*)
- Vogal [ẽ̃] – pernambucano/(*)
- Vogal [ũ] – perguntar/costumam

³¹ O asterisco (*) indica que não foi encontrado nos dados vocábulos referentes ao contexto.

e) Contexto consonantal precedente: ponto de articulação

A variável contexto consonantal precedente é relevante no comportamento das vogais pretônicas, uma vez que cria condições diferenciadas quanto ao ponto de articulação.

- Bilabial [p, b, m] – pecado, borracha, morreu
- Labiodental [f, v] – ferida, velotrol, vomitar
- Dentoalveolar [t, d, s, n, r] – tesoura, presente, dormindo, sorriso, inocente
- Palatal/Alveopalatal [ɲ, ʃ, ʒ] – amanhecer, xodó, geleia
- Velar [k, g] – questão, gogó
- Róticos [h, X] – relâmpago

f) Contexto consonantal seguinte: ponto de articulação

O contexto fonológico seguinte é importante para analisar a ocorrência do processo de abaixamento das vogais em posição pretônica. Assim, pretendemos com essa variável verificar se esse contexto favorece a regra do abaixamento, isto é, se favorece a realização das vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ] na sílaba pretônica. Consideramos os fatores que podem favorecer o abaixamento:

- Bilabial [p, b, m] – menopausa, neblina, cometa
- Labiodental [f, v] – defunto, sovaco
- Dentoalveolar [t, d, s, n, r, l] – botar, bodoque, pescoço, veneziana, ferida, gelatina
- Palatal/Palatalizada [ʎ, ʒ, tʃ, dʒ] – colher, primogênito, coletivo, redimunho.
- Velar [k, g] – proqurar, gogó
- Róticos [h, X] – tornozelo, abortar

5.2.2 Variável linguístico-discursiva

A variável linguístico-discursivo selecionada foram os dois questionários do Projeto ALiB.

a) Tipos de questionários

Consideramos o questionário fonético-fonológico (QFF) para averiguar se ocorre variação em contexto de tensão em relação à fala mais monitorada, pois há perguntas mais objetivas e o questionário semântico-lexical (QSL) para verificar o comportamento das vogais

pretônicas em situações menos tensa, mais livres em que são permitidas várias respostas para a mesma pergunta.

- QFF – Fala (+) tensa
- QSL – Fala (–) tensa

5.2.3 Variáveis Sociais

Consideramos as variáveis sociais na análise do processo em estudo a partir dos pressupostos da sociolinguística variacionista e nos pautamos nas variáveis sociais sexo e faixa etária. Como o modo de falar de cada indivíduo pode sofrer influências das diferenças sociais investigamos quais variáveis sociais favorecem a realização do abaixamento da vogal pretônica.

As variáveis sexo e faixa etária dos informantes foram selecionadas a partir dos pressupostos teóricos, seguindo a metodologia do Projeto ALiB e com base nas seguintes hipóteses: a) Será que o abaixamento de [e] e de [o] ocorre mais no falar de indivíduos do sexo masculino do que no do sexo feminino, podendo ser a vogal média alta uma forma de prestígio? b) Será que por evidenciar tendência dos mais jovens em privilegiar as pronúncias mais inovadoras a faixa etária II (entre 50 a 65 anos) realiza com mais frequência o abaixamento de [e] e de [o] do que os falantes mais jovens (entre 18 e 30 anos)?

a) Sexo do informante

As pesquisas sociolinguísticas têm apontado que o sexo masculino tende a ser mais conservador do que o sexo feminino no que se refere à variação linguística. Assim, consideramos os seguintes fatores:

- Sexo masculino – 40 homens
- Sexo feminino – 40 mulheres

b) Faixa etária do informante

As escolhas lexicais e os contextos linguísticos característicos de cada faixa etária podem diferenciar a fala de uma pessoa jovem à de uma pessoa idosa. A partir da faixa etária buscamos apreender o tempo real no tempo aparente como uma projeção. Assim, as diferenças no comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes podem em determinado momento refletir diferentes estágios do desenvolvimento histórico da língua. Consideramos os seguintes fatores:

- Faixa etária I (entre 18 e 30 anos) – 40 indivíduos mais jovens
- Faixa etária (entre 50 a 65 anos) – 40 indivíduos mais velhos

5.2.4 Variável diatópica

A variável diatópica selecionada segue a metodologia do Projeto ALiB e faz parte da rede de pontos do estado de Minas Gerais. Assim, a escolha das localidades dos informantes teve como finalidade verificar a distribuição das vogais em Minas Gerais.

a) Localidades dos informantes

- | | |
|------------------------|--------------------------|
| ➤ Januária (127) | ➤ Ipatinga (139) |
| ➤ Janaúba (128) | ➤ Passos (140) |
| ➤ Pedra Azul (129) | ➤ Formiga (141) |
| ➤ Unaí (130) | ➤ Ouro Preto (142) |
| ➤ Montes Claros (131) | ➤ Viçosa (143) |
| ➤ Pirapora (132) | ➤ Lavras (144) |
| ➤ Teófilo Otoni (133) | ➤ São João del-Rei (145) |
| ➤ Diamantina (134) | ➤ Muriaé (146) |
| ➤ Uberlândia (135) | ➤ Poços de Caldas (147) |
| ➤ Patos de Minas (136) | ➤ Juiz de Fora (148) |
| ➤ Campina Verde (137) | ➤ Itajubá (149) |
| ➤ Belo Horizonte (138) | |

5.3 Critérios adotados para a seleção dos dados

Para investigarmos as vogais pretônicas, adotamos alguns critérios que se fizeram necessários para a codificação e o processamento estatísticos dos dados:

- Selecionamos em Belo Horizonte apenas os informantes de nível fundamental. Como as localidades do interior só possuem informantes de ensino fundamental, os informantes universitários da capital foram retirados da amostra;
- Consideramos três repetições iguais de um mesmo item por um mesmo informante;
- Consideramos os vocábulos compostos emitidos como simples, quando ocorreu a elisão entre a vogal final do primeiro vocábulo e a inicial do segundo, como em *elétrico* – ferrelétrico e *obrigado* – muitobrigado. Deixamos de considerá-los quando o primeiro vocábulo conservou a sua estrutura fônica, como em quebra-molas;
- Desprezamos as vogais nasais e as nasalizadas, como em montar e p[ẽ]neira.

- Desprezamos os diminutivos e advérbios em -mente, porque, em geral, os derivados mantêm o timbre da vogal tônica da palavra primitiva, como em ovelha/ovelhinha e forte/fortemente;
- Desprezamos os contextos como os de hiato, como em beata, e os de vogal média aberta seguida de /S/, em coda silábica, como em escola-iscola;
- Desprezamos as pretônicas provenientes de ditongos, como em beijar e ouvido;
- Desprezamos os casos de epêntese, como em p(e)neu e ad(e)vogado;
- Desprezamos os casos em que o vocábulo já se encontra na elaboração das questões, como em estrela (Cf. QSL, questão 29 – De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?).
- Rodamos as vogais médias anteriores separadas das vogais posteriores, quando selecionamos os dados para o programa estatístico.

5.4 Processamento estatísticos dos dados

A Sociolinguística Variacionista preocupa-se em estudar a heterogeneidade do sistema linguístico. Para realizar esse tipo de estudo, a teoria lança mão da análise quantitativa. Assim, a quantidade é responsável por caracterizar a sistematicidade da variação linguística.

Para trabalhar com números, probabilidades e estatísticas isto é, realizar o processo de quantificação dos dados, há a possibilidade de utilizar programas computacionais, como o *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que foi criado especialmente para trabalhar com dados de variação linguística.

O *Goldvarb X* é uma ferramenta estatística muito utilizada na análise de regras variáveis em estudos de cunho sociolinguístico. De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 85) a significância estatística é “essencialmente um modo de estimar a probabilidade de se obter determinada distribuição de dados pressupondo certas características quanto à natureza da fonte de onde os dados foram extraídos”. A prática normal do trabalho estatístico é estabelecer um valor de 0,05 ou 0,01 como critério de significância, que implica rejeitar a hipótese nula quando ela tem menos de uma chance em vinte ($p < 0,05$) ou menos de uma chance em cem p ($< 0,01$) de ser verdadeira.

A esse respeito, os autores asseveram que, primeiramente, é preciso definir a variável linguística, o que consiste também na identificação das variantes. Para isso, também é necessário definir o envelope de variação, estabelecendo os contextos onde a variação pode ocorrer ou não.

Ao concluir a rodada, o *Goldvarb X* apresenta os percentuais que mostram a tendência de a variável dependente ocorrer em determinado contexto, sendo, também por meio dos pesos relativos, que o pesquisador poderá confirmar o efeito da variável dependente nos contextos selecionados. Dessa forma, quando mais próximo o peso relativo estiver de um, mais favorecedor é o fator no contexto, mas se o peso estiver perto de zero, o fator será desfavorecedor. Se o percentual estiver próximo de 0,50, que se refere ao ponto neutro, isso mostrará que o fator não favoreceu e também não desfavoreceu a aplicação da regra.

Após seleção dos dados, controlamos as variáveis sociais sexo (masculino e feminino) e faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), codificamos os dados das vogais obtidos e rodamos no programa estatístico *Goldvarb X*, com a finalidade de analisar os valores percentuais e os pesos relativos com que ocorre o fenômeno e quais variáveis linguísticas e sociais favorecem a ocorrência de vogais pretônicas médias abertas.

Pretendemos “descrever os fatores investigados, deixando claro quais deles obtiveram significância e também quais deles deram resultados sem significância” (GUY; ZILES, 2007, p. 215). Tratamos os dados no programa estatístico e em seguida explicamos os padrões e as particularidades, a partir dos resultados quantitativos obtidos. Com esses resultados, mostramos informações para responder ao máximo de perguntas e para auxiliar em futuras pesquisas sobre o fenômeno aqui investigado.

Expostos os procedimentos metodológicos desta pesquisa, na seção a seguir, procedemos à análise quantitativa e qualitativa dos dados.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a dialetologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal.

(CARDOSO, 2010, p. 25).

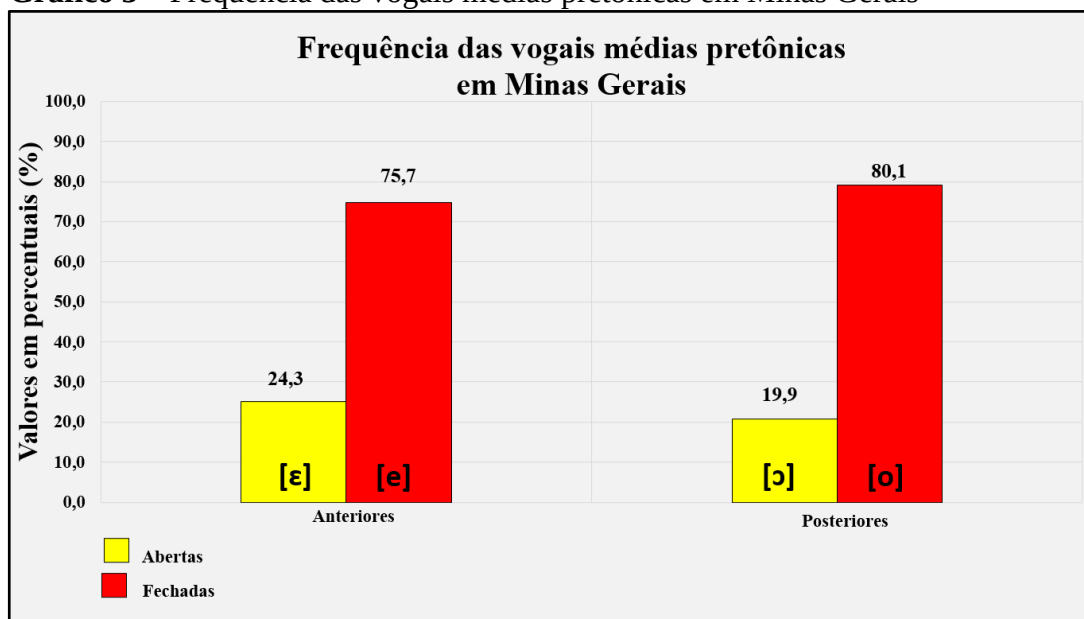
Nesta seção, analisamos o abaixamento das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores a partir do quadro teórico da Dialetologia Pluridimensional e da Sociolinguística Variacionista, com base nos resultados obtidos pelo programa estatístico *Goldvarb X*.

Em seguida traçamos um paralelo entre vogais médias pretônicas nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil e na carta da isófona do [ɛ] e do [ɔ] do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, com a finalidade de verificar possíveis mudanças em tempo real de curta duração em relação às vogais médias pretônicas no território mineiro.

Para discutir e descrever as ocorrências encontradas nas falas dos informantes, recorreremos aos inquéritos do ALiB das 23 localidades que fazem parte da rede de pontos do estado de Minas Gerais.

No estado de Minas Gerais registramos, a partir das falas dos informantes, o uso das vogais médias pretônicas abertas e fechadas em todas as localidades investigadas. No Gráfico 3, temos a frequência dessas vogais³²:

³² As cores dos gráficos foram utilizadas com base nas cartas F01 V1 e F1 V2, sobre as vogais médias anteriores e posteriores em posição pretônica nas capitais, do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014b), a cor vermelha representando as vogais fechadas [e, o] e a cor amarela as vogais abertas [ɛ, ɔ].

Gráfico 3 – Frequência das vogais médias pretônicas em Minas Gerais

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborado pelo autor

De acordo com o Gráfico 3, vemos que em Minas Gerais as vogais médias pretônicas fechadas [e, o] prevalecem em relação às vogais pretônicas médias abertas [ɛ, ɔ]. Nas vogais anteriores encontramos a frequência de 24,3% para a vogal aberta [ɛ] e 75,7% para a vogal fechada [e]. Encontramos 1.015 dados para a vogal aberta [ɛ] e 3.160 dados para a vogal fechada [e]. Os resultados para as vogais posteriores também se aproximam em porcentagem em relação às vogais anteriores. Para a vogal aberta [ɔ] obtivemos 19,9% e para a vogal fechada [o] a frequência de 80,1%. Foram 597 dados para a vogal aberta [ɔ] e 2.406 dados para a vogal fechada [o]. Assim, obtivemos um total de 7.178 dados, sendo 1.612 (22,4%) para as vogais abertas [ɛ, ɔ] e 5.566 (77,6%) para as vogais fechadas [e, o].

Apresentamos os resultados e análise do abaixamento da vogal anterior [e] e em seguida da vogal posterior [o] a partir das variáveis investigadas: i) variáveis linguísticas: posição da vogal pretônica, tipo de sílaba, contexto vocálico seguinte tônico, contexto vocálico seguinte átono, contexto consonantal precedente – ponto de articulação, contexto consonantal seguinte – ponto de articulação; ii) variáveis sociais: sexo e faixa etária; iii) variáveis linguístico-discursiva: tipo de questionário e; iv) variável diatópica: localidade do informante. Analisamos as variáveis com significância e sem significância apresentadas pelo *Goldvarb X* que atuam na realização do abaixamento da vogal oral anterior e posterior.

A seguir, procedemos à análise da vogal [ɛ], para a qual realizamos os cálculos estatísticos e observamos a distribuição de cada um dos ambientes controlados.

6.1 Análise da vogal [ɛ]

Para esta variável os dados foram codificados e submetidos ao programa *Goldvarb X* da amostra de 23 localidades da rede de pontos do ALiB, de um total de 92 informantes.

A partir das respostas ao questionário fonético-fonológico e ao questionário semântico-lexical, registramos 4.175 ocorrências das vogais médias anteriores, em posição pretônica, 3.160 (75,7%) das quais se realizaram como médias fechadas e 1.015 (24,3%), como abertas.

Vejamos a Tabela 1³³:

Tabela 1 – Frequência das vogais médias anteriores

Vogais médias anteriores	Aplicação/Total	Porcentagem
Aberta [ɛ]	1.015/4.175	24,3%
Fechada [e]	3.160/4.175	75,7%

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

O programa *Goldvarb X* selecionou as variáveis na seguinte ordem: 1) Localidade do informante; 2) Contexto vocálico seguinte tônico; 3) Contexto consonantal seguinte: ponto de articulação, 4) Contexto consonantal precedente: ponto de articulação, 5) Contexto vocálico seguinte átono, 6) posição da vogal e; 7) faixa etária do informante. A rodada obteve o *input* de 0,010 e significância de 0,004 para a regra do abaixamento. Já os grupos de fatores eliminados nas rodadas de *step up* e *step down* pelo *Goldvarb X*, e que não mostraram significância estatística, foram: 1) Posição da vogal pretônica, 2) Tipo de sílaba, 3) Sexo do informante e 4) Tipo de questionário.

³³ Na análise das variáveis diatópica e linguística foram utilizados os dados extraídos das falas dos quatro informantes de ensino fundamental das cidades de Januária (127), Janaúba (128), Pedra Azul (129), Unaí (130), Montes Claros (131), Pirapora (132), Teófilo Otoni (133), Diamantina (134), Uberlândia (135), Patos de Minas (136), Campina Verde (137), Belo Horizonte (138), Ipatinga (139), Passos (140), Formiga (141), Ouro Preto (142), Viçosa (143), Lavras (144), São João del-Rei (145), Muriaé (146), Poços de Caldas (147), Juiz de Fora (148), Itajubá (149).

6.1.1 Variável diatópica

A variável diatópica³⁴ foi considerada pelo programa estatístico *Goldvarb X* como o fator de maior relevância para a vogal média anterior aberta.

6.1.1.1 Localidade do informante

A seleção desta variável foi baseada na Geolinguística que trabalha com a distribuição diatópica como um dos fatores de análise para o fenômeno no espaço. E que as regras fonológicas que se aplicam em áreas do Nordeste, determinando a abertura das vogais médias pretônicas (Cf. SILVA, 1989), aplicam-se também na área mineira do “falar baiano”, ou seja, a área setentrional de Minas.

Na Tabela 2, temos a distribuição diatópica da vogal [ɛ].

³⁴ No APÊNDICE B temos a carta 10 que apresenta as porcentagens de [ɛ] das localidades investigadas no mapa de Minas Gerais.

Tabela 2 – Distribuição diatópica da vogal [ɛ] em localidades mineiras

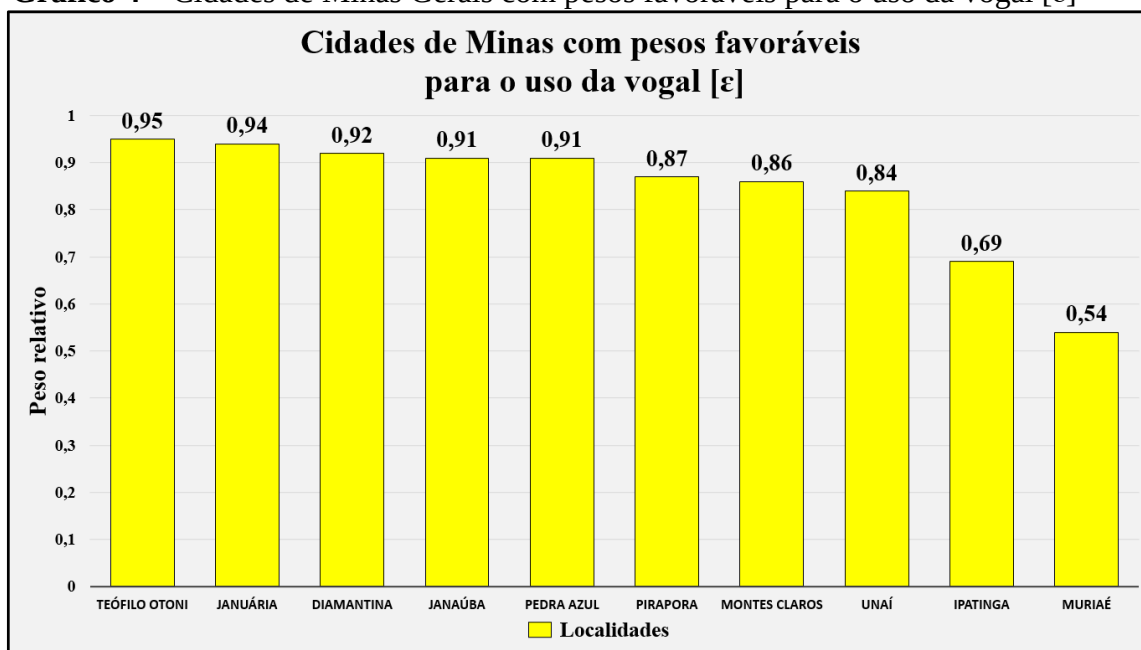
VOGAL [ɛ]				
Falares em Minas (Cf. Zágari, 1998)	Localidades	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
B A I A N O	Teófilo Otoni	96/177	54,3%	0,95
	Januária	97/183	53%	0,94
	Diamantina	88/164	53,7%	0,92
	Janaúba	87/175	50,9%	0,91
	Pedra Azul	86/177	48,6%	0,91
	Pirapora	82/185	44,3%	0,87
	Montes Claros	88/201	43,8%	0,86
	Unaí	73/188	38,8%	0,84
M I N E I R O	Ipatinga	58/195	29,7%	0,69
	Muriaé	45/183	24,6%	0,54
	Viçosa	40/177	22,6%	0,51
	Juiz de Fora	20/123	16%	0,42
	Ouro Preto	15/103	14,6%	0,41
	São João del-Rei	21/143	14,3%	0,39
	Belo Horizonte	14/198	7,1%	0,17
P A U L I S T A	Uberlândia	39/205	19%	0,46
	Patos de Minas	23/195	11,8%	0,34
	Itajubá	12/201	6%	0,16
	Poços de Caldas	11/198	5,6%	0,15
	Campina Verde	5/198	2,5%	0,06
	Passos	4/210	1,9%	0,05
	Formiga	4/198	2%	0,05
	Lavras	4/196	2%	0,05

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor
 Input: 0,010 - Significância: 0,004

A Tabela 2, mostra o peso relativo e a frequência da vogal média anterior aberta nas localidades do estado de Minas Gerais. Verificamos que as cidades, quanto ao peso relativo, apresentam desempenhos diferentes em relação ao uso da vogal [ɛ], em posição pretônica.

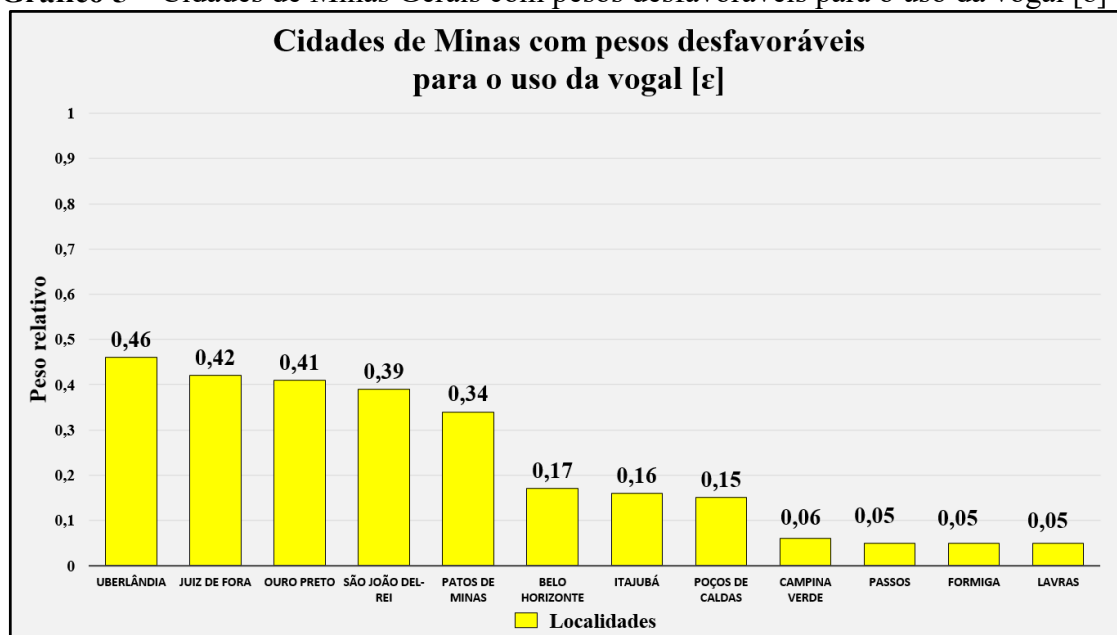
Os informantes em diversas cidades mais ao Centro e ao Sul do estado utilizam a vogal fechada [e], em posição pretônica, diferentemente dos informantes das cidades mais ao Norte do estado de Minas Gerais. Com base nesses resultados separamos em dois conjuntos as cidades que mais favorecem e menos favorecem o uso da vogal média anterior [ɛ], nos gráficos a seguir. No Gráfico 4, temos as Cidades de Minas Gerais que possuem peso relativo que favorece o uso da vogal [ɛ]. E no Gráfico 5 temos as cidades de Minas Gerais que possuem peso relativo que desfavorece o uso da vogal [ɛ].

Gráfico 4 – Cidades de Minas Gerais com pesos favoráveis para o uso da vogal [ɛ]



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborado pelo autor

Input: 0,010 - Significância: 0,004

Gráfico 5 – Cidades de Minas Gerais com pesos desfavoráveis para o uso da vogal [ɛ]

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborado pelo autor

Input: 0,010 - Significância: 0,004

Após a apresentação dos gráficos, averiguamos as cidades distribuídas em Minas Gerais e as dividimos em:

(i) Cidades que possuem pesos relativos altos, como Teófilo Otoni (0,95), Januária (0,94), Diamantina (0,92), Janaúba (0,91), Pedra Azul (0,91), Pirapora (0,87), Montes Claros (0,86), Unaí (0,84), Ipatinga (0,69) e Muriaé (0,54).

(ii) Cidades que possuem peso relativo baixo para o abaixamento da vogal [ɛ], como Uberlândia (0,46), Juiz de Fora (0,42), Ouro Preto (0,41), São João del-Rei (0,39), Patos de Minas (0,34), Belo Horizonte (0,17), Itajubá (0,16), Poços de Caldas (0,15), Campina Verde (0,06), Passos (0,05), Formiga (0,05), Lavras (0,05).

Viçosa (0,51) não foi incluída nos conjuntos de cidades que favorecem ou desfavorecem o abaixamento da vogal [ɛ], pois encontramos o peso relativo próximo da neutralidade

Verificamos que cidades situadas na parte setentrional do estado favorecem o abaixamento de [ɛ], como nas regiões Norte, Noroeste e Nordeste, onde temos Januária, Janaúba, Pedra Azul, Unaí, Montes Claros, Pirapora, Teófilo Otoni, Diamantina e Ipatinga com pesos relativos altos, o que demonstra o uso da vogal média anterior aberta em posição pretônica. Já as cidades situadas na parte meridional do estado, como na região Sul, Juiz de Fora, Passos, Formiga, Lavras, Poços de Caldas e Itajubá, possuem pesos relativos baixos para o abaixamento de [ɛ]. E o mesmo acontece na região central, em Belo Horizonte, Ouro Preto, São João del-Rei e no Triângulo Mineiro, como em Campina Verde e Uberlândia.

A regra do abaixamento está em 24% para todo o estado de Minas Gerais. Na área do falar baiano ela fica em torno de 50%. O resultado com todas as localidades de Minas Gerais dá um peso relativo de 0.90 para a cidade próxima a 50%. E essa frequência próxima a 50% diz respeito às cidades do falar baiano em Minas Gerais. Então todas as cidades do falar baiano favorecem o abaixamento. Já as cidades do falar mineiro, na parte sul do estado, possuem uma frequência abaixo de 15% e peso relativo bem baixo o que desfavorece o abaixamento.

Quando os dados são rodados no programa estatístico por área específica do estado os pesos relativos tendem a acompanhar a frequência, como na área do falar baiano em que apenas duas cidades passam a favorecer o abaixamento: Teófilo Otoni (0.68) e Januária (0.68). Mas quando os dados são rodados com todas as áreas de Minas, Teófilo Otoni e Januária ficam com peso relativo acima de 0.90 e as outras cidades da área do norte (falar baiano) passam a favorecer com pesos relativos altos.

Resumindo temos: i) Em todo o estado o abaixamento é de 24%, no Norte do estado fica em torno de 50% e no Sul o abaixamento fica numa média de 15%; ii) A cidade com frequência maior no estado é Diamantina (falar baiano) em torno de 50% e a frequência mais baixa é Poços de Caldas em torno de 2% (falar mineiro - divisa com São Paulo); iii) a cidade de Montes Claros (falar baiano) quando é rodada somente com as cidades do falar baiano apresenta uma frequência de 41% com peso relativo de 0.38. Mas quando é rodada com todas as cidades do estado a frequência é a mesma, mas o peso relativo sobe para 0.88; iv) A diferença no peso relativo se dá pela discrepância entre as frequências registradas nas cidades do estado mineiro que gira em torno de 2% a 54%. Sendo a regra de 24% o peso relativo fica acima do neutro e o dobro dessa frequência de 24% o programa entende como categórico; v) Em alguns trabalhos (GUIMARÃES, 2007; TONDINELI, 2015) que investigam as pretônicas em uma ou mais áreas em Minas Gerais também é possível verificar algumas discrepâncias em relação às cidades investigadas.

Zágari (1998) divide Minas Gerais em três falares e, ao demarcar as fronteiras geográficas linguísticas desses falares, o autor limita os locais e as regiões em que certos fenômenos linguísticos ocorrem. Temos, então, um *falar baiano*, que aparece de Leste a Oeste do Norte do estado que se caracteriza pela predominância das vogais pretônicas baixas; um *falar paulista*, que vai do Sul até o Triângulo Mineiro com o uso do [r] retroflexo; e um *falar mineiro*, que se encontra na região Central de Minas com a ausência dos ditongos [aj], [ej] e [ow] quando não finais e presença de outros quando finais e anteceditos de sibilante.

Percebemos que do ponto de vista das vogais médias pretônicas anteriores são dois falares em Minas Gerais. A área do Norte do estado, que Zágari (1998) e Nascentes (1953) chamam de *falar baiano*, possui a presença de vogais abertas. Já as áreas Central, Sul e Triângulo Mineiro, denominadas de *falar mineiro* e *falar paulista* têm a incidência maior de vogais fechadas. Encontramos, na parte setentrional do estado, as cidades mineiras de Januária, Janaúba, Teófilo Otoni, Diamantina com porcentagens acima de 50% em relação ao abaixamento da vogal [e]. Verificamos que: 1) As frequências correspondem ao peso relativo das cidades que favorecem o fenômeno do abaixamento; 2) Tais cidades estão mais próximas do estado da Bahia que da capital mineira Belo Horizonte; 3) A frequência se aproxima do resultado encontrado na tese *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador* de Silva (1989), de 59% para o abaixamento.

Ainda na parte setentrional chamamos a atenção para as cidades de Pirapora e Januária que são banhadas pelo Rio São Francisco. O Rio São Francisco por ser um rio perene e navegável foi no século passado a principal fonte de comunicação entre o Norte de Minas Gerais e a Bahia. A hidrovia era o único percurso viável para viajar, trabalhar e buscar novos recursos. Os navios a vapor (como ... a gás, diesel, etc.) foram responsáveis pelos transportes de passageiros e cargas e um possível intercâmbio linguístico entre o trecho de Pirapora e Januária, em Minas Gerais, e Carinhanha, Santana, Barra, Juazeiro, na Bahia. Talvez venha daí a abertura das vogais encontradas no Norte de Minas nessas localidades. Vejamos a Figura 48 que mostra o percurso do Rio São Francisco nas cidades mineiras e baianas.

Figura 48 – Mapa da bacia hidrográfica do Rio São Francisco



Na parte meridional do estado, as cidades de Uberlândia, Juiz de Fora, Ouro Preto, São João del-Rei, Patos de Minas, Belo Horizonte, Itajubá, Poços de Caldas, Campina Verde, Passos, Formiga, Lavras desfavorecem o abaixamento de [e].

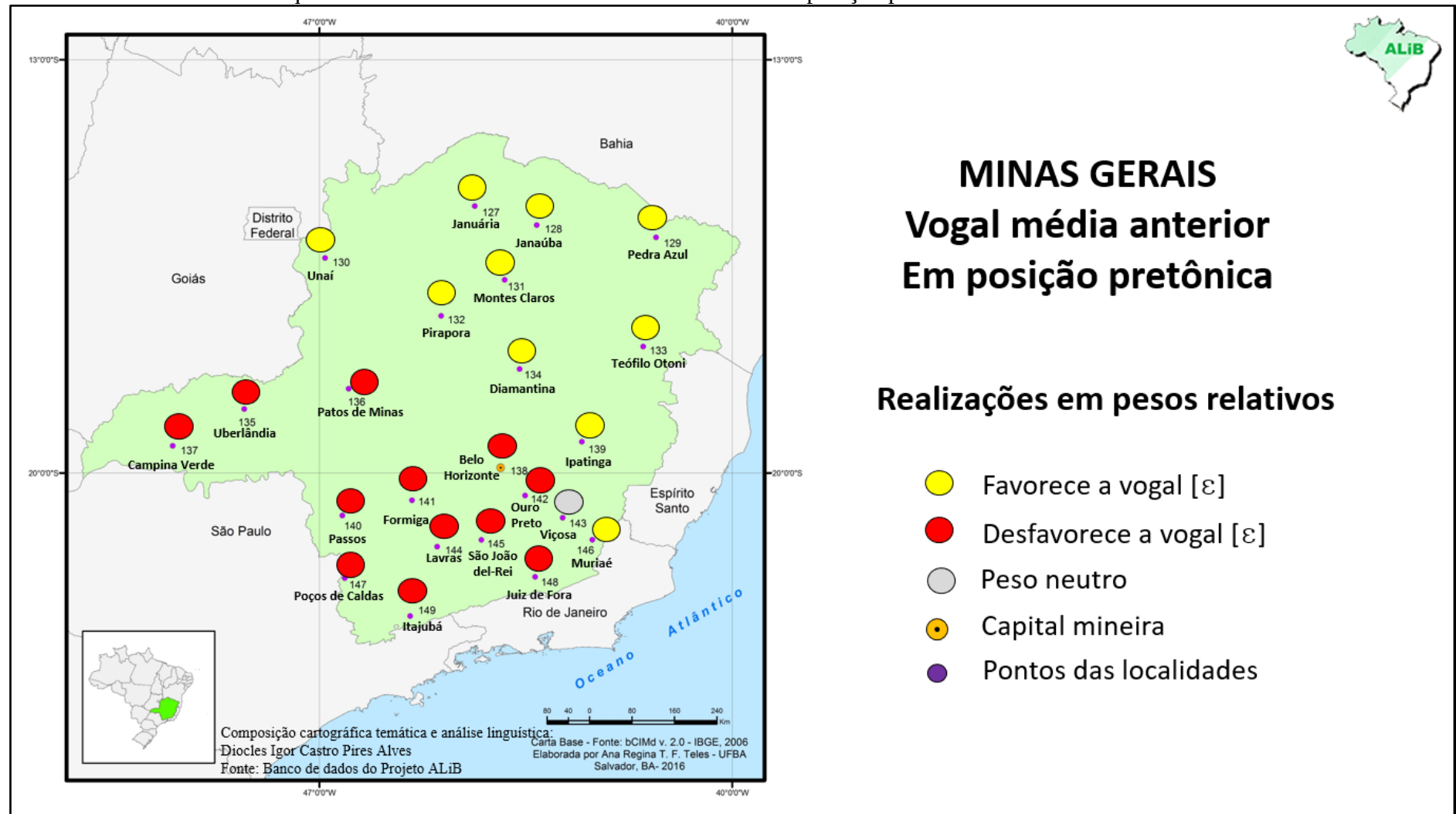
Embora estejam situadas na parte meridional do estado, os resultados encontrados nas cidades de Viçosa e Muriaé se aproximam aos das localidades do Norte. Então, na rodada final, após o resultado do programa estatístico consideramos as duas localidades como favoráveis e/ou próximas do ponto neutro para o abaixamento.

Averiguamos os inquéritos dos informantes para obter informações substanciais que pudessem interferir na abertura das vogais. Em Viçosa, assim como nas demais localidades, foram inqueridos quatro informantes: i) um homem jovem, jardineiro, com ensino fundamental completo e nascido em Viçosa, tendo pai nascido em Guaraciaba (40 km de Viçosa), mãe nascida em Porto Firme (30 km de Viçosa) e cônjuge nascida em Viçosa; ii) uma mulher jovem, doméstica, com ensino fundamental completo e nascida em Viçosa. Tem pai, mãe e cônjuge nascidos em Viçosa; iii) um homem mais velho, pedreiro, com ensino fundamental completo e nascido em Guaraciaba. Morou 8 anos no Rio de Janeiro, na década de 1970. Seus pais nasceram em Guaraciaba e cônjuge nascido em Ponto Firme; iv) mulher idosa, manicure, com ensino fundamental completo e nascida em Viçosa, embora tenha morado dois anos em São Paulo. Tem pai nascido em Viçosa, mãe em Taixeiros (13 km de Viçosa) e cônjuge em Viçosa.

Em Muriaé, os quatro informantes são: i) um homem jovem, recepcionista de hotel, com ensino fundamental completo e nascido em Muriaé. Tem pai nascido em Muriaé, mãe nascida no estado do Paraná, tendo vindo para Muriaé aos 15 anos de idade; ii) uma mulher jovem, costureira, com ensino fundamental incompleto e nascida em Muriaé. Tem Pai, mãe e cônjuge nascidos em Muriaé; iii) um homem mais velho, mecânico, com ensino fundamental incompleto e nascido em Muriaé, tendo morado três anos em Juiz de Fora dos 13 aos 16 anos de idade. Tem pai, mãe e cônjuge nascidos em Muriaé; iv) mulher idosa, doméstica, com ensino fundamental incompleto e nascida em Muriaé. Tem pai, mãe e cônjuge, também, nascidos em Muriaé.

Alguns fatores podem interferir nos resultados encontrados: informante nascido ou ter vivido por algum tempo em outra localidade, ter sido criado por pais nascidos em outra cidade e ter cônjuge de outra localidade. Em Viçosa, encontramos informantes que moraram por algum tempo em São Paulo e Rio de Janeiro, localidades em que é registrado o fechamento das vogais pretônicas. Vejamos a Carta 3 que mostra as cidades mineiras que favorecem e desfavorecem a abertura de /E/ em posição pretônica.

Carta 3 – Cidades mineiras que favorecem e desfavorecem a abertura de /E/ em posição pretônica



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Em Ribeiro et al. (1977), verificamos as cartas fonéticas 06 (sereno) e 11 (neblina) e encontramos nas localidades de Visconde de Rio Branco (ponto 84) e Cataguases (ponto 98), que fazem parte dos pontos do EALMG, a abertura da vogal [e] tanto para **s[ɛ]reno** quanto para **n[ɛ]blina**, respectivamente. E essas cidades estão próximas de Muriaé e Viçosa, numa distância aproximadamente entre 50 e 100 quilômetros, sendo a BR 265 a principal via de acesso entre elas.

Em sua tese sobre o *Estudo comparativo da variação das vogais médias pretônicas em falares mineiros*, Dias (2014) pesquisou três cidades mineiras: Ouro Branco - no falar mineiro; Piranga - no falar fluminense (Cf. Nascentes, 1953); e Machacalis - no falar baiano, (Cf. Zágari, 1998). A autora conclui que

Machacalis se mostra claramente diferente das outras cidades. Ouro Branco e Piranga apresentam os mesmos processos, mas há diferenças entre essas cidades: em Ouro Branco prevalece a manutenção, mesmo com vogal tônica favorecedora da abertura. Já em Piranga, o percentual de abertura nesse contexto é muito alto. Em Piranga, mostramos que há indícios de progressão da abertura no contexto de vogal tônica [ê], [ô], embora na regressão esse contexto não tenha se mostrado significativo. Piranga parece caminhar na direção de Machacalis. (DIAS, 2014 p. 352).

Piranga, mesmo estando no falar mineiro descrito por Zágari (1998), tende a se aproximar de Machacalis (no falar baiano) quanto à abertura da vogal. O mesmo ocorre em Viçosa e Muriaé, que fazem parte do falar mineiro e apresentaram peso relativo que tende a favorecer o abaixamento da vogal [e]. Além de se aproximarem nos resultados de abertura, tanto Viçosa quanto Muriaé são próximas geograficamente de Piranga. Enquanto Viçosa está a 56 quilômetros (via BR-482) de Piranga, Muriaé está a 140 quilômetros (via BR-482 e 356).

Com base em Cardoso (2021)³⁵

A diversidade linguística no Brasil tem de ser entendida segundo parâmetros que envolvem a natureza do povoamento, o grau de penetração no território nacional e as diferentes épocas em que se processou, a presença de correntes migratórias, a influência das populações indígenas existentes e subexistentes nas áreas e a contribuição africana nos longos e negros anos da escravidão e a partir de então. (CARDOSO, 2021, p. 41-42).

³⁵ O texto *Para uma delimitação de áreas dialetais no Brasil* é uma republicação dos melhores textos de Suzana Cardoso que se encontra no livro *Suzana Cardoso: um legado para a dialetologia* de 2021 organizado por AGUILERA, MOTA e OLIVEIRA.

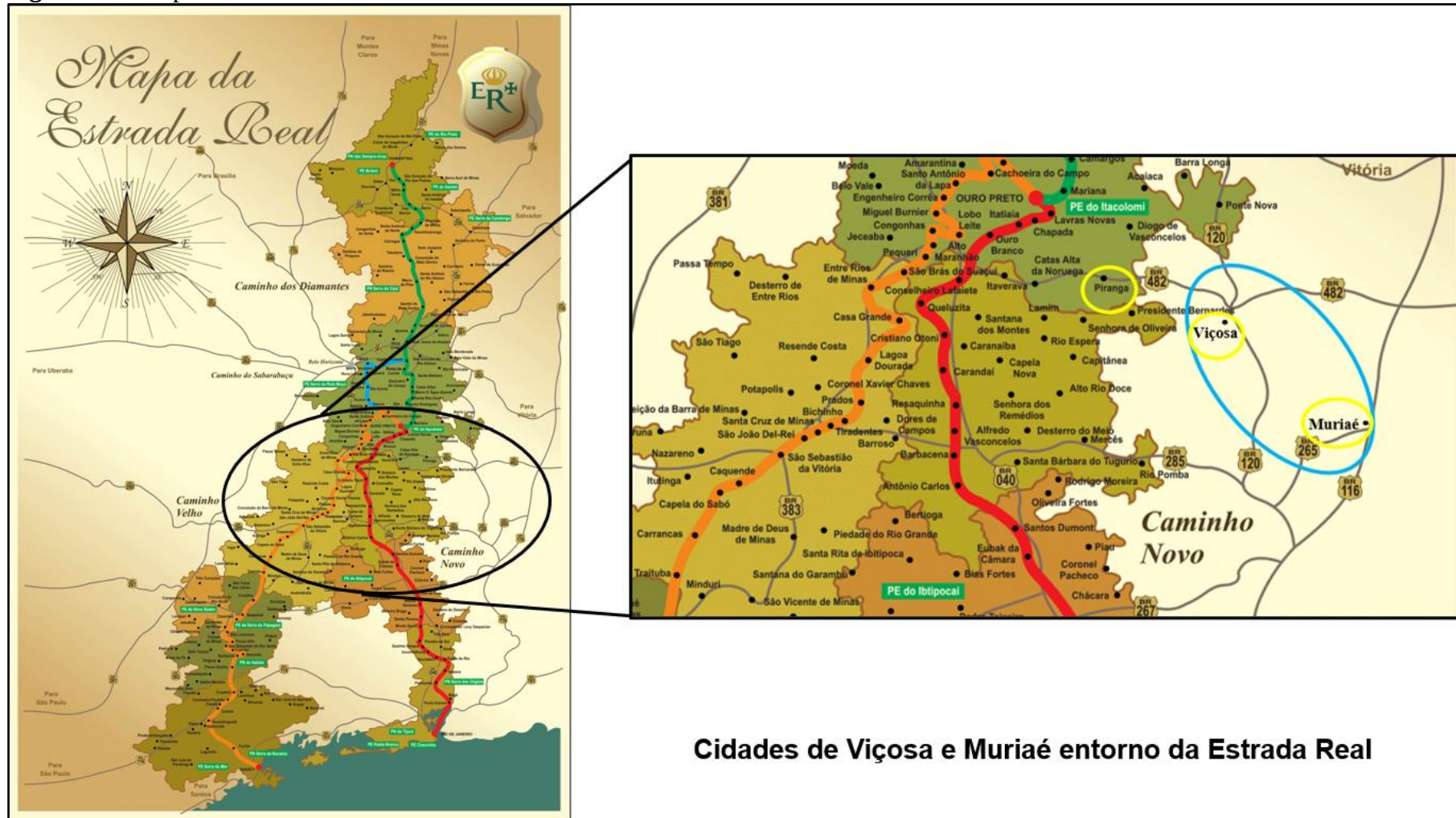
Então, com informações sobre o povoamento da região é possível entender ou apontar indícios do comportamento do fenômeno em uma dada comunidade. Viçosa é uma cidade essencialmente universitária, com destaque para a Universidade Federal de Viçosa, que é responsável pelo rápido crescimento e desenvolvimento da região. No final da década de 1970, com a federalização, a instituição passou a atrair pessoas em busca de emprego e trouxe estudantes e professores de diversos locais do País, promovendo o crescimento e expansão da cidade. Na década seguinte, houve novamente uma expansão do *campus* e esse processo provocou a migração da população rural para a cidade em busca de emprego, principalmente na área da construção civil. A população total da zona rural diminuiu, devido aos sucessivos desmembramentos e criação de municípios vizinhos, porém a população urbana aumentou. O processo de ocupação do espaço urbano da cidade está intimamente ligado à implantação da Universidade Federal de Viçosa. É uma cidade que atrai várias pessoas do Brasil e de outros países devido a eventos científico-acadêmicos que se realizam em torno da universidade.

Outro fator importante em Viçosa foi o avanço das ferrovias e com essa nova ligação entre a cidade de Viçosa e o litoral, chegaram à cidade as primeiras famílias que iriam formar a colônia libanesa e italiana do município. Também na mesma época chegaram os primeiros italianos, que eram em sua maioria artesãos, alfaiates, caldeireiros. Apesar de pequenos, juntamente com a população negra, esses núcleos participaram ativamente na formação de Viçosa.

Além das hidrovias e ferrovias, o surgimento de novas rodovias também são fatores importantes para que observe se há alguma influência no fenômeno. O fator importante que ocorreu em Muriaé foi, a partir da década 1960, a rodovia Rio-Bahia (BR-116). A abertura da estrada Rio-Bahia aumentou o grande fluxo de veículos trazidos pela nova rodovia e inseriu Muriaé entre as cidades de maior progresso da região; a mecânica automotiva começou a atingir grande expressão e o município passou a ser referência no ramo da retífica de motores. A BR-116 é uma rodovia longitudinal brasileira que tem início no município de Fortaleza, no estado do Ceará, e termina em Jaguarão, no Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai, sendo uma das principais rodovias de acesso ao estado da Bahia e Minas Gerais. Essa rodovia liga Muriaé a outros municípios mineiros que possuem abertura das vogais, como Governador Valadares (250 km) e Teófilo Otoni (430 km).

Questionamos, também, se a Estrada Real que começa em Dimantina na parte setentrional do estado mineiro e vai até o estado do Rio de Janeiro modificou ou contribuiu para a abertura das vogais nas cidades de Viçosa e Muriaé. Vejamos a Figura 49 que mostra o mapa da Estrada Real.

Figura 49 – Mapa da Estrada Real



Cidades de Viçosa e Muriaé entorno da Estrada Real

Fonte: Adaptado do Instituto Estrada Real (<https://institutoestradaareal.com.br>)

A Estrada Real surgiu no século XVIII quando a Coroa Portuguesa decidiu oficializar os caminhos para o trânsito de ouro e diamantes de Minas Gerais até os portos do Rio de Janeiro. As trilhas que foram delegadas pela realeza ganharam o nome de Estrada Real e foi formada por quatro caminhos: i) Caminho dos Diamantes (verde) – Inicia em Diamantina/MG, passa por Serro/MG, Santa Bárbara/MG e vai até Mariana/MG; ii) Caminho Novo (vermelho) – Inicia em Ouro Preto/MG, passa por Ouro Branco/MG, Barbacena/MG, Juiz de Fora/MG, Petropolis/RJ e vai até Rio de Janeiro/RJ; iii) Caminho Velho (laranja) – Inicia em São Bartolomeu/MG, passa por São João del Rei/MG, Aparecida/SP, Lorena/SP e vai até Paraty/RJ; iv) Caminho Sabarabuçu (azul claro) – Inicia em Cocais/MG, passa por Nova Lima/MG e vai até Glaura/MG. É, territorialmente, a maior rota turística do Brasil, com 1.630 km de extensão e conta com 179 municípios, sendo 163 em Minas Gerais, 8 em São Paulo e 8 no Rio de Janeiro.

A partir do mapa verificamos que a Estrada Real, que começa no norte de Minas, não influencia na abertura das vogais pretônicas nas cidades de Muriaé e Viçosa, tendo em vista que tais cidades estão no entorno do Caminho Novo.

Quando analisamos os resultados nas localidades investigadas, avaliamos que a variável diatópica é de suma importância neste trabalho, não somente por ser, conforme o *Goldvarb X*, o primeiro fator estatisticamente favorecedor do abaixamento de [e], mas por comprovar os dois falares do ponto de vista das vogais médias pretônicas: o falar das vogais abertas na parte setentrional e o falar das vogais fechadas na área meridional de Minas Gerais.³⁶

A seguir, analisamos as variáveis linguísticas.

6.1.2 Variáveis linguísticas

Pretendemos, a partir das variáveis linguísticas, verificar os contextos linguísticos nos quais há a ocorrência das variantes [ɛ] ~ [e] e averiguar quais variáveis favorecem a regra de abaixamento.

6.1.2.1 Contexto vocálico seguinte tônico

Consideramos nesta variável a altura da vogal tônica que pode favorecer o abaixamento das vogais médias altas em posição pretônica. A vogal tônica aberta pode atuar sobre o abaixamento e a vogal tônica fechada, por sua vez, pode estar relacionada à manutenção.

³⁶ No APÊNDICE B temos a carta 10 que mostra a frequência de /E/ em Minas Gerais.

A Tabela 3 apresenta os resultados referentes à influência que a vogal da sílaba tônica exerce no abaixamento da vogal [e] pretônica, conforme o grau de altura.

Tabela 3 – Abaixamento de [e], conforme o contexto vocálico seguinte tônico

VOGAL [ε]				
Vogal seguinte tônica	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo	Exemplo
Vogal [ε]	214/421	50,8%	0,95	pr[ε]s[ε]pio
Vogal [ẽ]	232/512	45,3%	0,91	s[ε]t[ẽ]bro
Vogal [a]	93/302	30,8%	0,81	p[ε]c[a]do
Vogal [ẽ]	169/600	28,2%	0,75	r[ε]l[ẽ]pago
Vogal [ũ]	5/71	7%	0,24	l[ε]g[ũ]me
Vogal [u]	4/59	6,8%	0,21	b[ε]rm[u]da
Vogal [õ]	6/104	5,8%	0,19	d[ε]m[õ]nio
Vogal [i]	20/368	5,4%	0,18	p[ε]rd[i]da
Vogal [e]	9/784	1,1%	0,04	p[ε]n[e]ra
Vogal [o]	2/267	0,7%	0,01	r[ε]t[o]rno

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,010 - Significância: 0,004

A Tabela 3 mostra quatro contextos vocálicos em que a vogal tônica favorece o abaixamento de [e]: a vogal oral média-baixa [ε], com peso relativo de 0,95, como em pr[ε]s[ε]pio; a vogal nasal média [ẽ], com peso relativo de 0,91, como em s[ε]t[ẽ]bro; a vogal oral baixa[a], com peso relativo de 0,81, como em p[ε]c[a]do; a vogal nasal baixa [ẽ], com peso relativo de 0,75, como em com[ε]ç[ẽ]do. A partir dos resultados encontrados vimos que as vogais [ε] e [a] e as vogais [ẽ] e [ẽ] em sílaba tônica favorecem o abaixamento de [e].

Silva (1989) defende que as médias pretônicas do dialeto baiano pareceram estar sujeitas a uma regra variável de harmonia vocálica em que a pretônica assimila o traço de altura ([+alto] ou [-alto]) da vogal da sílaba seguinte. A *Regra Categórica de Timbre* é a responsável pelo traço regional que caracteriza o dialeto baiano como pertencente à região norte e o diferencia do falar do Sul, ou seja, essa regra representa a predominância das variantes baixas. Silva

(1989), no estudo sobre as pretônicas no falar baiano, verificou que as vogais [ɛ], [ɔ], [a], [ẽ], [õ], [ẽ], favorecem o abaixamento de [e]. Araújo (2007), que estuda as pretônicas em Fortaleza/CE, mostra que os únicos contextos favorecedores do abaixamento de [e] são as tônicas baixas e as nasais não-altas.

Em Minas Gerais temos algumas pesquisas que apontam para um resultado próximo para o abaixamento de [e]. Em Pará de Minas, de acordo com Viana (2008), as vogais tônicas baixas orais e nasais favorecem o abaixamento de [e] em posição pretônica. Dias (2008) relata que, em Piranga, as vogais tônicas orais [ɛ], [ɔ], [a] foram as maiores responsáveis pelo abaixamento de [e], acompanhadas pelas vogais tônicas nasais [ẽ], [õ]. Na tese de Dias (2014) a vogal [a] e as vogais [ɛ], [ɔ] favorecem a abertura nas três cidades pesquisadas em Minas: Ouro Branco, Piranga e Machacalis. Em Machacalis que está na região Norte do estado, inserida no falar baiano, as vogais [ẽ], [õ] também favorecem o abaixamento de [e].

Os contextos vocálicos que não favorecem o abaixamento de [e] (Cf. Tabela 3) foram: a vogal nasal alta [ũ], com peso relativo de 0,24, como em l[e]g[ũ]me; a vogal oral alta [u], com peso relativo de 0,21, como em b[e]rm[u]da; a vogal nasal média [õ], com peso relativo de 0,19, como em d[e]m[õ]nio; a vogal oral alta [i], com peso relativo de 0,18, como em p[e]rd[i]da; a vogal oral média [e] com peso relativo de 0,04, como em p[e]n[e]ra; a vogal oral média-alta [o], com peso relativo de 0,01, como em r[e]t[o]rno.

Verificamos alguns casos em contextos não favorecedores (vogais altas orais ou nasais nas sílabas acentuadas) em que ocorrem o abaixamento. Para o caso da vogal alta oral [u] em sílaba tônica averiguamos quatro realizações do vocábulo *b[ɛ]rmuda* com a vogal pretônica aberta. Os dados foram detectados nas falas de três mulheres idosas de Diamantina (uma ocorrência), Januária (uma ocorrência), Teófilo Otoni e de um homem jovem de Janaúba (uma ocorrência).

No caso da vogal alta nasal [ũ] em sílaba tônica registramos cinco ocorrências da abertura da vogal em sílaba pretônica sendo duas ocorrências de *l[ɛ]gume* na fala de um homem mais velho de Pedra Azul, duas ocorrências de *r[ɛ]dimunho* na fala de uma mulher idosa de Januária e uma ocorrência de *p[ɛ]rgunto* na fala de um homem jovem de Montes Claros.

A vogal [õ] em sílaba tônica obteve seis ocorrências da abertura de [e] em sílaba pretônica para os vocábulos *d[ɛ]mônio* (duas ocorrências de uma mulher idosa de Januária) e

p[ɛ]rnilongo (2 ocorrências de um homem jovem de Unaí e 2 ocorrências de um homem mais velho de Diamantina).

A vogal **[e]** em sílaba tônica obteve nove ocorrências da abertura de [e] em sílaba pretônica para os vocábulos *p[ɛ]nera* (duas ocorrências de uma mulher jovem de Viçosa e uma ocorrência de uma mulher jovem de Pedra Azul), *anoit[ɛ]cer* (uma ocorrência de uma mulher jovem de Pedra Azul, uma ocorrência de um homem jovem de Pirapora, uma ocorrência de uma mulher jovem e uma ocorrência de um homem jovem de Diamantina), *amanh[ɛ]cer* (uma ocorrência de uma mulher idosa de Montes Claros). E para a vogal **[o]** em sílaba tônica foram obtidas duas ocorrências da abertura de [e] em sílaba pretônica para o vocábulo *r[ɛ]torno* (duas ocorrências de uma mulher idosa em Teófilo Otoni).

A abertura das vogais desses vocábulos ocorreu em localidades que favorecem o abaixamento de [e] (Cf. Tabela 2), na área do *falar baiano* (Cf. NASCENTES, 1953 e ZÁGARI, 1998), por informantes que nasceram e moram naquele lugar. As palavras repetidas pelo mesmo informante poderiam ser retiradas da amostra, no entanto rodamos no *Goldvarb X* dois grupos de vogais para confirmar os resultados encontrados na Tabela 3 sobre as vogais tônicas que favorecem o abaixamento. As Tabelas 4 e 5 mostram a altura da vogal e a cavidade bucal ou nasal que favorecem a abertura de [e].

Tabela 4 – Abaixamento de [e], conforme a altura da vogal tônica

VOGAL [ɛ]			
Altura da vogal tônica	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Baixas e médias baixas	591/1.516	39%	0,73
Altas e médias altas	367/2.288	16%	0,34

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,057 - Significância: 0,024

Tabela 5 – Abaixamento de [e], conforme a cavidade bucal e nasal da vogal tônica

VOGAL [ɛ]			
Cavidade bucal e nasal da vogal tônica	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Vogais Nasais	524/1474	35,5%	0,69
Vogais Orais	434/2330	18,6%	0,44

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,096 - Significância: 0,000

Como vimos a altura da língua na posição baixa (Cf. Tabela 4) e a cavidade nasal (Cf. Tabela 5) influenciam diretamente a emissão da vogal pretônica. Assim, a presença de uma vogal baixa, média baixa, nasal ou nasalizada na sílaba acentuada favorecem o uso da vogal baixa na sílaba em posição pretônica.

Alguns estudos veem o fenômeno como uma regra variável de harmonia vocálica em que um ou mais traços de uma vogal se propagam para outros segmentos vocálicos em um domínio. No entanto os vocábulos *b[ɛ]rmuda*, *p[ɛ]rnilongo* e *p[ɛ]rgunto* parecem sofrer abaixamento da vogal [e] em posição pretônica pelo arquifonema /R/. Esses dados corroboram os resultados encontrados nas pesquisas na área do *falar baiano* (GUIMARÃES, 2007, ALMEIDA, 2008, DIAS, 2014) que mostraram que tanto a sílaba pretônica fechada pelo arquifonema /R/, quanto a sílaba tônica constituída de /eN/ ou /oN/ favorecem o abaixamento.

Então, conforme os dados, temos alguns fatores que possivelmente interferem no abaixamento da vogal: i) o fator fonético, como em *pr[ɛ]s[ɛ]pio* – em que a vogal pretônica assimila o traço de altura da vogal tônica e, ao se harmonizarem, ficam com traços idênticos. Para que essa harmonização aconteça uma vogal assimila um traço de outra vogal e ambas passam a compartilhar o mesmo traço; ii) um fator analógico, como em *anoit[ɛ]cer*, em que uma palavra, ou um padrão linguístico qualquer, é alterado de maneira a se tornar semelhante, ou análogo, a um outro padrão da língua. A abertura ocorre no verbo *anoit[ɛ]cer* em que conserva a vogal aberta da palavra da flexão do verbo *anoit[ɛ]ce*.

6.1.2.2 Contexto consonantal seguinte: ponto de articulação

O contexto consonântico seguinte pode exercer influência no comportamento variável nas vogais médias pretônicas? Pode criar condições diferenciadas quanto ao ponto de articulação?

A realização da análise em contextos próximos à vogal pretônica tem como foco observar se o ponto de articulação da consoante pode influenciar na realização da vogal como aberta ou fechada. Desse modo, a partir da variável contexto consonantal seguinte - quanto ao ponto de articulação, será possível observar se algum grupo de consoante condiciona o abaixamento de [e].

Vejamos a Tabela 6 que traz os resultados do contexto consonantal seguinte quanto ao ponto de articulação.

Tabela 6 – Abaixamento de [e], conforme contexto consonantal seguinte: ponto de articulação

VOGAL [ɛ]				
Contexto consonantal seguinte	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo	Exemplos
Róticos	190/560	33,9%	0,84	p[ɛ]rfume
Dentoalveolar	419/1798	23,3%	0,69	m[ɛ]dalha
Velar	39/227	17,2%	0,49	p[ɛ]queno
Labiodental	32/349	9,2%	0,15	d[ɛ]ficiente
Bilabial	10/376	2,7%	0,04	n[ɛ]blina

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,010 - Significância: 0,004

Na Tabela 6, temos os resultados para o contexto consonantal seguinte - ponto de articulação que mostra dois grupos de consoantes que apresentam valores elevados para o abaixamento: i) os róticos [h], [x] com peso relativo de 0,84, como em p[ɛ]rnambucano, b[ɛ]rmuda, p[ɛ]rfume, p[ɛ]rguntar; ii) as consoantes dentais/alveolares [d, z], com peso relativo de 0,69, como em m[ɛ]dalha, d[ɛ]zembro, r[ɛ]serva. Mas, consideramos que somente os casos de b[ɛ]rmuda, p[ɛ]rfume, p[ɛ]rgunto mostram a influência da consoante /R/ para a abertura das vogais, já que a vogal da sílaba tônica desfavorece o abaixamento. Em todos os outros casos há a vogal da sílaba tônica que determina a abertura. O que vimos é que as consoantes podem influenciar em alguns casos, mas na maioria das vezes é a vogal que influencia o abaixamento.

Consideramos que os casos de *m[ɛ]dalha*, *d[ɛ]zembro* e *r[ɛ]serva* têm uma razão mais forte para sofrerem o abaixamento pelo contexto das vogais tônicas [a], [ɛ] e [ẽ] que a presença das consoantes seguintes às vogais pretônicas, como abordado na Tabela 3 sobre a vogal tônica.

A pesquisa de Almeida (2008) sobre as vogais médias pretônicas na cidade de Machacalis, na área do falar baiano, mostra que a consoante glotal [h] na sílaba seguinte da pretônica favorece o abaixamento de [e] como em *p[ɛ]rgunto*. Alves (2008) também concluiu que o travamento silábico por /R/ também é um fator favorecedor da realização da vogal média aberta anterior em posição pretônica em Belo Horizonte como em *div[ɛ]rsidade*. E o mesmo resultado foi encontrado por Araújo (2007), que estudou as pretônicas em Fortaleza, no Ceará, que mostra que a consoante [h] como em *mat[ɛ]rnal* é a principal favorecedora do abaixamento de [e]. No caso de *mat[ɛ]rnal* questionamos se de fato é influência do /R/, já que *mat[ɛ]ernal*

(palavra derivada) vem de *mat[ɛ]rno* (palavra primitiva). Assim na sílaba tônica se encontra uma vogal aberta e é frequente que a palavra derivada conserve a vogal da palavra primitiva.

Em Monte Carmelo, conforme Rezende (2013), se verificou que no contexto seguinte da pretônica em que se encontram o tepe – *diff[ɛ]rente*, a líquida – *int[ɛ]ligente* ou a nasal – *[ɛ]norme*, essas consoantes favorecem o abaixamento de [e]. No entanto, observamos que, em todos esses exemplos, se encontram, na sílaba tônica, vogais favorecedoras de abaixamento.

O contexto consonantal seguinte: pontos de articulação que desfavorecem o abaixamento de [e] foram: as consoantes velares [k, g], com peso relativo de 0,49, como em *s[e]guro*, *p[e]quena*; as consoantes labiodentais [f, v], com peso relativo de 0,15, como em *d[e]funto* e *f[e]vereiro*; as consoantes bilabiais [p, b, m], com peso relativo de 0,04, como em *cr[e]pusculo*, *c[e]bola*, *r[e]mando*.

Retiramos da rodada as consoantes palatais e as palatalizadas [ʃ, ʒ, tʃ, dʒ], pois registramos 64 ocorrências com os vocábulos *mexerica*, *desjejum*, *coletivo* e *velhaco*, e somente *v[ɛ]lhaco*, com apenas uma ocorrência, ocorreu com a abertura da vogal pretônica na área do falar baiano, em virtude da presença da vogal [a] na sílaba tônica seguinte e que também deriva da palavra *v[ɛ]lho*.

As consoantes velar, labiodental, bilabial permaneceram nas rodadas. Na presença da consoante velar [k] ocorreram 39 vogais abertas em posição pretônica para o vocábulo *p[ɛ]cado* em que 28 informantes de ambos os sexos e ambas as faixas etárias nas localidades que fazem parte da área do *falar baiano*. Na área sul do estado foram 04 informantes de Diamantina e Viçosa e os mais velhos de Ipatinga e Uberlândia. Já na presença da consoante labiodental [v] ocorreram 32 ocorrências das vogais abertas do vocábulo *tel[ɛ]visão* por informantes na área do *falar baiano*. E a consoante bilabial registrou a abertura das vogais em 10 ocorrências, sendo 06 do vocábulo *n[ɛ]blina* na fala de uma mulher idosa de Unaí, um homem mais velho de Pirapora, um homem mais velho de Teófilo Otoni, um homem jovem de Diamantina, uma mulher jovem de Diamantina e um homem mais velho de Diamantina, 02 ocorrências do vocábulo de *d[ɛ]mônio* por uma mulher idosa de Januária e 02 ocorrências dos vocábulos de *r[ɛ]mela* por um homem mais velho de Janaúba.

Nos dados encontrados com vogais abertas pretônicas, como em *pequeno*, *deficiente*, *neblina*, é o fator de nasalização (Cf. Tabela 5) da sílaba tônica que parece influenciar a abertura vocálica em vez da consoante seguinte. E nos casos como em *medalha* (metade de um denário, médio) e *reserva* (re + formativo latino -serv) poderia considerar o peso da etimologia. E ao observar um formativo com prefixo na origem a prefixação também pode ser considerada um

fator para a abertura das vogais.

6.1.2.3 Contexto consonantal precedente: ponto de articulação

As consoantes são aqui analisadas a fim de verificar a influência que os pontos de articulação podem exercer sobre as vogais no contexto consonantal precedente. A variável contexto consonantal precedente pode ser relevante no comportamento das vogais pretônicas, uma vez que cria condições diferenciadas quanto ao ponto de articulação. Para esta variável classificamos os contextos em: bilabial, dentoalveolar, labiodental, palatal/palatalizada, velar e glotal.

Tabela 7 – Abaixamento de [e], conforme o contexto consonantal precedente: ponto de articulação

VOGAL [ε]				
Contexto consonantal precedente	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo	Exemplo
Róticos	150/342	43,9%	0,86	r[ε] lâmpago
Bilabial	230/909	25,3%	0,68	p[ε] cado
Dentoalveolar	341/1771	19,4%	0,52	s[ε] tembro
Velar	24/137	17,5%	0,42	qu[ε] stão
Labiodental	47/371	12,7%	0,35	f[ε] rvendo

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,010 - Significância: 0,004

Conforme a Tabela 7, os fatores favorecedores para o abaixamento de [e] em contexto consonantal precedente às vogais pretônicas são: os róticos [h, x], com peso relativo 0,86, como em **r[ε]**lâmpago, **r[ε]**mela; bilabial [p, m], com peso relativo 0,68, como em **p[ε]**cado, **m[ε]**dalha.

Nos exemplos encontrados para as consoantes bilabiais [p, b] vimos que, assim como na tabela anterior, as vogais tônicas favorecem a abertura das vogais. Em relação aos róticos [h, x] temos os casos **r[ε]**d[i]munho e **r[ε]**torno que não possuem na sílaba seguinte ou na tônica uma vogal baixa ou nasal que possa influenciar no abaixamento da vogal pretônica.

O contexto consonantal precedente: ponto de articulação com peso relativo próximo à neutralidade foi das consoantes dentoalveolares [t, d, s, n, r, l], com peso relativo de 0,52, como

em **t**[e]soura, **d**[e]svio, **s**[e]guro, **n**[e]voeiro, **var**[e]jeira, **col**[e]tivo e as consoantes velares [k, g], com peso relativo de 0,42, como em **qu**[e]stão, **sangu**[e]ssuga. E as consoantes labiodentais [f, v], com peso relativo de 0,35, como em **f**[e]rida e **v**[e]stúgio desfavorecem o abaixamento de [e].

O contexto consonantal precedente parece indefinido na influência do abaixamento vocálico. Verificamos que em Minas são os róticos e as bilabiais (**r**[ε]lâmpago, **p**[ε]cado) que favorecem o fenômeno, em Fortaleza/CE (Cf. ARAÚJO, 2007) é a consoante velar (**qu**[ε]brar) e em Formosa/GO (Cf. GRAEBIN, 2008) são as consoantes labiodental, velar e glotal (**velado**, **querendo**, **redoma**). O que parece influenciar o abaixamento, conforme os dados analisados e exemplos extraídos das pesquisas, nessas áreas, são as vogais baixas, orais e nasais da sílaba acentuada.

6.1.2.4 Contexto vocálico seguinte átono

A variável contexto vocálico seguinte átono tem como finalidade verificar o tipo de vogal átona seguinte que assim como outros contextos fonéticos podem influenciar no abaixamento da vogal [e]. Validamos as mesmas hipóteses levantadas para a variável da vogal tônica e consideramos para a análise as vogais orais e nasais/nasalizadas. Vejamos a Tabela 8 que apresenta o contexto vocálico seguinte átono.

Tabela 8 – Abaixamento de [e], conforme contexto vocálico seguinte átono

VOGAL [ε]				
Vogal seguinte átona	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo	Exemplo
Vogal [ẽ]	32/79	40,5%	0,89	p[ε]rn[ẽ]bucano
Vogal [a]	12/31	38,7%	0,81	r[ε]z[a]deira
Vogal [ε]	17/61	27,9%	0,74	p[ε]r[ε]reca
Vogal [i]	20/160	12,5%	0,48	d[ε]f[i]ciente
Vogal [o]	5/52	9,6%	0,14	m[ε]n[o]pausa
Vogal [e]	3/295	1,0%	0,03	r[ε]d[e]munho

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,010 - Significância: 0,004

Na Tabela 8 temos três vogais átonas seguintes às pretônicas que favorecem o abaixamento de [e]: a vogal nasal [ẽ] com peso relativo 0,89, como em p[ɛ]m[ẽ]bucano; a vogal baixa[a] com peso relativo 0,81, como em r[ɛ]z[a]deira; a vogal média-baixa [ɛ] com peso relativo de 0,74, como em p[ɛ]r[ɛ]reca. Era esperado que as vogais átonas seguintes à pretônica [ɛ], [a], [ẽ] favorecessem o abaixamento de [e] como no contexto vocálico das vogais tônicas [ɛ], [a], [ẽ].

O caso do vocábulo *pernambucano* chama atenção pois possui três elementos que podem influenciar no abaixamento: a) a vogal imediatamente seguinte é baixa e nasal; b) a vogal tônica também é uma vogal baixa e nasal; c) e na sílaba da vogal pretônica ocorre o travamento silábico por /R/. Em *rezadeira* além da vogal imediatamente inacentuada ser baixa a palavra primitiva vem de *reza* cuja sílaba tônica é aberta. E no vocábulo *perereca* as sílabas inacentuadas também são abertas.

As vogais átonas seguintes à pretônica que desfavorecem o abaixamento de [e] são a vogal alta [i] com peso relativo 0,48, como em d[e]f[i]ciente; a vogal média-alta [o], com peso relativo 0,14, como em m[e]n[o]pausa; a vogal média-alta [e], com peso relativo 0,03, como em r[e]d[e]muinho.

As mesmas vogais – [ɛ], [a], [ẽ] –, que favoreceram o abaixamento de [e] no contexto vocálico seguinte átono, também favorecem no contexto seguinteônico, com exceção da vogal [ẽ] que favoreceu o abaixamento somente na vogal tônica.

O programa estatístico (*Goldvarb X*) não considerou relevante o agrupamento das variáveis do contexto vocálico seguinteônico e átono. Como demonstrado nas Tabelas 3 e 8 a vogal baixa ou média baixa seguinte à pretônica sendo tônica ou átona favorecem o abaixamento de [e].

Tabela 9 – Abaixamento de [e], conforme a tonicidade da vogal seguinte

VOGAL [ɛ]		
Tonicidade da vogal seguinte	Aplicação/Total	Porcentagem
Vogal tônica	769/3.143	24,5%
Vogal átona	189/661	28,6%

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

6.1.2.5 Posição da vogal pretônica

A variável da posição da vogal pretônica em relação à tônica tem como finalidade analisar se a vogal tônica exerce alguma influência sobre a vogal média baixa ou a vogal média alta. Para isso consideramos as adjacências da sílaba pretônica. A hipótese é de que as vogais contíguas tenham maior possibilidade de sofrer influência da tônica. Vejamos a Tabela 10:

Tabela 10 – Abaixamento de [e], conforme a posição da vogal pretônica

VOGAL [ε]				
Posição da vogal	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo	Exemplos
Sílaba contígua à tônica	685/3018	22,7%	0,64	m[ε]d[a]lha
Sílaba não contígua à tônica	31/450	6,9%	0,23	f[e]vereiro

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,010 - Significância: 0,004

A posição da vogal tônica que favorece o abaixamento de [e], segundo a Tabela 10, é a sílaba contígua à tônica com peso relativo 0,64. Foram 685 ocorrências para a abertura da vogal, o que corresponde a 22,7% dos vocábulos analisados. Dos vocábulos selecionados com a sílaba contígua à tônica temos *m[ε]dalha*, *p[ε]cado*, *pr[ε]séprio*, *r[ε]mela*, *s[ε]reno*, em que a sílaba tônica possui uma vogal baixa. E os não selecionados temos *f[e]vereiro*, *m[e]xerico*, *v[e]lotrol*, *sangu[e]ssuga*, *d[e]sdentado*, *d[e]ficiente*, *b[e]berrão*, *v[e]neziana*, *d[e]sjejum*, *d[e]vedor*.

Esse resultado em que a sílaba contígua à tônica favorece o abaixamento de [e] corrobora com os encontrados em Fortaleza por Araújo (2007), Monte Carmelo por Rezende (2013), Machacalis e Piranga por Dias (2014), e na mesorregião do Norte de Minas por Tondineli (2015) em que os índices percentuais e probabilísticos apontam a sílaba contígua à tônica como favorecedora do abaixamento.

A seguir, analisamos as variáveis sociais.

6.1.3 Variáveis sociais

Consideramos as variáveis sociais na análise do processo em estudo a partir dos pressupostos da sociolinguística variacionista e da metodologia do Projeto do ALiB e nos

pautamos nas variáveis sociais sexo e faixa etária. Como o modo de falar de cada indivíduo pode sofrer influências das diferenças sociais investigamos quais variáveis sociais favorecem a realização do abaixamento da vogal pretônica. E para isso hipotetizamos: a) Será que o abaixamento de [e] e de [o] ocorre mais no falar de indivíduos do sexo masculino do que no do sexo feminino, podendo ser a vogal média alta uma forma de prestígio? b) Será que por evidenciar tendência dos mais jovens em privilegiar as pronúncias mais inovadoras a faixa etária II (entre 50 a 65 anos) realiza com mais frequência o abaixamento de [e] e de [o] do que os falantes mais jovens (entre 18 e 30 anos)?

6.1.3.1 Faixa etária do informante

A partir da faixa etária buscamos apreender o tempo real no tempo aparente como uma projeção. Assim, as diferenças no comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes podem em determinado momento refletir diferentes estágios do desenvolvimento histórico da língua. Pretendemos verificar com a variável social faixa etária se há indícios de mudança em curso, isto é, a faixa etária II apresenta a maior frequência de uso da forma conservadora.

Tabela 11 – Abaixamento de [e], conforme faixa etária do informante

VOGAL [ɛ]			
Faixa etária	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Faixa etária II (50-65 anos)	522/1956	26,7%	0,54
Faixa etária I (18-30 anos)	436/1848	23,6%	0,45

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,010 - Significância: 0,004

A Tabela 11 traz os resultados da faixa etária do informante. Verificamos que a faixa etária II, com idade entre 50 a 65 anos, apresenta uma pequena diferença, com relação à faixa I, com índice muito próximo da neutralidade com peso relativo de 0,54. Enquanto a faixa etária I, com informantes entre 18 e 30 anos, desfavorece o abaixamento de [e], com peso relativo de 0,45.

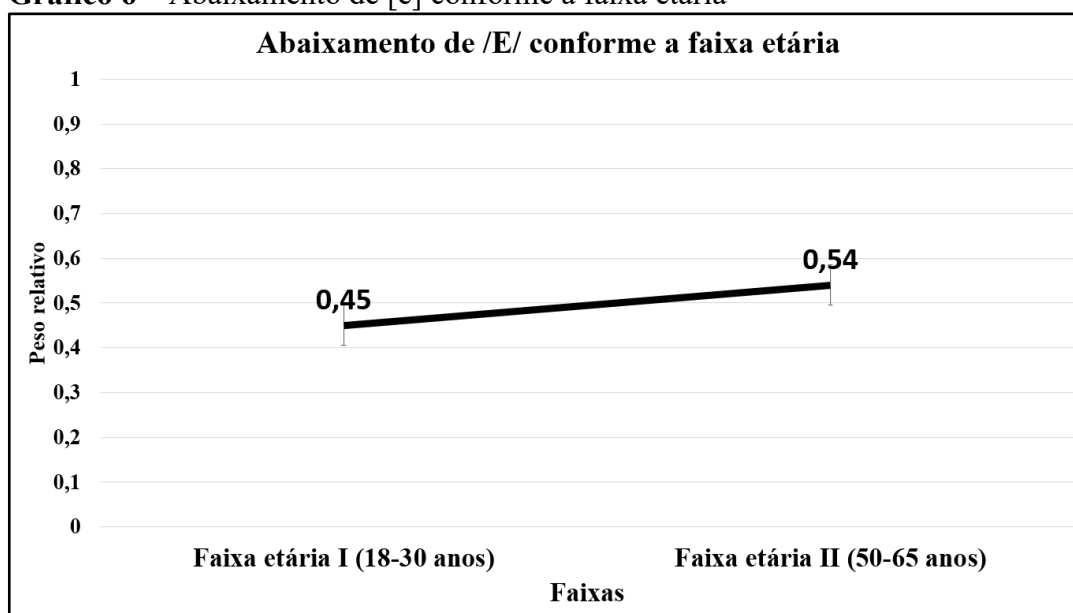
As regiões Sudeste e Sul são referências na questão econômica, social e midiática do país, pois possuem: o maior centro comercial, industrial e empresarial; as maiores redes de televisões, jornais e rádios; maior número de universidades públicas e privadas; cidades com

maior número de população e renda *per capita*. E nessas regiões, conforme o *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014b), foi registrado o predomínio das vogais fechadas, o que nos faz considerar que tais variantes detêm o maior prestígio.

O resultado encontrado mostra que os mais jovens tendem a conservar as vogais fechadas por serem formas de maior prestígio. É mister saber que existe uma possível diferença de escolha das variantes entre as faixas etárias distintas que não compromete a comunicação, pois, “com o correr do tempo, é provável que a forma nova seja adotada por todos” (NARO, 2008, p. 44).

Vejam os Gráfico 6 que ilustra o uso da vogal [ɛ], em posição pretônica, conforme a faixa etária:

Gráfico 6 – Abaixamento de [ɛ] conforme a faixa etária



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborado pelo autor

Input: 0,010 - Significância: 0,004

O Gráfico 6 indica um leve declínio entre os informantes das faixas etárias II e I. O resultado indica que a faixa etária I, ou seja, os jovens, estão deixando de abrir as vogais.

Com esse resultado isso pode indicar uma possível mudança em curso. Na ideia de projeção futura temos a possibilidade de que a abertura da vogal em sílaba pretônica tende a ser menos utilizada pelos informantes mais jovens. O progresso da vogal aberta [ɛ] só poderia ser indicado se fosse utilizada pela faixa etária mais jovem.

Na pesquisa de Araújo (2007), sobre as pretônicas em Fortaleza, somente os idosos apresentam índices positivos de probabilidade de aplicação do abaixamento de [ɛ], já que os mais jovens tendem a inibir a regra. Araújo (2007, p. 128) ainda ressalta que

à medida que aumenta a faixa etária, a possibilidade de ocorrer o abaixamento também aumenta. Entende-se que essa regularidade no comportamento linguístico dos fortalezenses representa um caso de gradação etária, já que os mais jovens em decorrência das exigências do mercado de trabalho atual sempre são mais cobrados no que se refere a padrões de comportamento do que os mais velhos que não precisam mais se submeter às pressões da sociedade moderna. Apesar de ter sido a única variável social selecionada, não se pode considerar determinante o efeito da faixa etária na aplicação da regra, uma vez que este grupo de fator foi selecionado em penúltimo lugar. (ARAÚJO, 2007, p. 128).

No estudo de Dias (2008) sobre o abaixamento de [e] em Piranga/MG a faixa etária mais jovem foi a que apresentou mais dados com a vogal média aberta na sílaba pretônica. Já na pesquisa desenvolvida por Dias (2014), em Ouro Branco, a abertura é pequena tanto para os jovens quanto para os adultos. A autora mostra que não há diferenças significativas entre a abertura de [e] em jovens e adultos. No estudo realizado por Viana (2008), na localidade de Pará de Minas que possui predominância de vogais fechadas, a variável faixa etária não foi considerada estatisticamente significativa e, por essa razão, não foi selecionada como favorecedora do processo.

6.1.3.2 Sexo do informante

Para esta variável trabalhamos com o sexo masculino e feminino, com o intuito de verificar se há uma mudança liderada pelas mulheres. Embora essa variável não tenha sido selecionada pelo *Goldvarb X*, a Tabela 12 mostra as porcentagens da variável sexo do informante.

Tabela 12 – Abaixamento de [e], conforme sexo do informante

VOGAL [ɛ]		
Sexo	Aplicação/Total	Porcentagem
Masculino	479/1871	25,6%
Feminino	479/1933	24,8%

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

O sexo parece ter efeito neutro sobre o fenômeno do abaixamento de [e], pois tanto o sexo masculino, quanto o sexo feminino não apresentam relevância na realização da vogal

aberta [ɛ]. O sexo masculino obteve uma frequência de 25,6% das vogais abertas com 479 das realizações, e para o sexo feminino a porcentagem foi de 24,8% com 479 das realizações.

Em situações de variação estável, as mulheres, via de regra, tendem a usar as formas de prestígio, o que pode ser verificado em situações formais da fala. Por outro lado, nas mudanças em que o uso de uma forma padrão é descartado, os homens, em sua maioria, tendem a usá-la, enquanto as mulheres, em geral, lideram as mudanças em direção às formas de prestígio. Além disso, Labov (2008 [1972], p. 78), afirma que "na maioria das mudanças linguísticas, as mulheres estão à frente dos homens na proporção de uma geração".

Em alguns trabalhos que consideram o sexo como variável social, há a afirmação de que quando uma variante inovadora é estigmatizada há uma tendência de as mulheres serem conservadoras; em contrapartida, quando a variante inovadora não sofre estigma há uma tendência em implementar a mudança, embora, este seja um ponto discutível na atualidade.

A diferença no comportamento entre sexo masculino e o sexo feminino já não vem sendo sinalizada como relevante para a variação das vogais no português do Brasil.

Tondineli (2015), que estudou as pretônicas na mesorregião do Norte de Minas, verificou que nenhum dos fatores sexo masculino e sexo feminino foi considerado significativo para o abaixamento de [e] em posição pretônica, sendo o sexo um fator neutro em relação ao processo, ambos com peso relativo de 0,50. A autora conclui que o abaixamento de [e] independe do sexo. Já nos estudos de Viana (2008), em Pará de Minas, em Minas Gerais, as informantes do sexo feminino realizaram a vogal [ɛ] com mais frequência na sílaba pretônica do que os homens.

6.1.3.3 Cruzamento faixa etária e sexo

Cruzamos as variáveis sociais com a finalidade de obter resultados mais completos para a faixa etária e o sexo do informante. Vejamos a Tabela 13 que mostra o resultado do cruzamento.

Tabela 13 – Abaixamento de [e], conforme cruzamento da faixa etária e sexo

VOGAL [ɛ]						
VARIÁVEIS	Faixas etárias					
Sexos	Faixa I (18 a 30 anos)			Faixa II (50 a 65 anos)		
	Aplicação/Total	%	P.R.	Aplicação/Total	%	P.R.
Masculino	231/892	25,9	0,51	248/979	25,3	0,52
Feminino	205/956	21,4	0,43	274/977	28	0,56

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,025 - Significância: 0,001

A Tabela 13, mostra os resultados do cruzamento para o abaixamento de [e] entre o sexo e a faixa etária. A mulher com idade entre 50 a 65 anos (faixa etária II) favorece um pouco mais o abaixamento de [e] e os homens e mulheres jovens não favorecem o processo.

Como já dito anteriormente, consideramos as variantes fechadas como as que detêm o maior prestígio, por serem as recorrentes nas regiões sul e sudeste do Brasil como mostra o *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al.,2014b). E, conforme o resultado exposto na Tabela 12, acreditamos que a faixa etária jovem tende a escolher a forma da vogal fechada, embora o resultado seja insuficiente para concluir considerando o valor baixo do peso relativo (próximo a média).

6.1.3.4 Cruzamento da variável diatópica e variável social

O intuito desses cruzamentos é verificar como se dá a abertura das vogais tanto por faixa etária, quanto por sexo, em cada localidade investigada.

Na Tabela 14, temos o cruzamento de localidade e a faixa etária.

Tabela 14 – Abaixamento de [e], conforme cruzamento de localidade e faixa etária

VOGAL [ɛ]						
VARIÁVEIS	Faixas etárias					
Localidades	Faixa I (18 a 30 anos)			Faixa II (50 a 65 anos)		
	Aplicação/Total	%	P.R.	Aplicação/Total	%	P.R.
Teófilo Otoni	40/84	47,6	0,91	56/93	60,2	0,98
Januária	46/81	56,8	0,94	51/102	50	0,94
Janaúba	42/86	48,8	0,91	47/89	52,8	0,92
Pirapora	36/91	39,6	0,82	46/94	48,9	0,92
Pedra Azul	43/89	52,8	0,92	43/88	48,9	0,90
Diamantina	48/80	60	0,96	40/84	47,6	0,89
Montes Claros	43/103	41,7	0,86	45/98	45,9	0,88
Unaí	33/79	41,8	0,88	40/109	36,7	0,83
Ipatinga	23/98	23,5	0,60	35/97	36,1	0,77
Viçosa	13/90	14,4	0,34	27/87	31	0,68
Uberlândia	10/93	10,8	0,27	29/112	25,9	0,62
Muriaé	19/90	21,1	0,46	26/93	28	0,62
Itajubá	4/106	3,8	0,09	8/95	8,4	0,24
Belo Horizonte	4/89	4,5	0,11	10/109	9,2	0,22
Poços de Caldas	4/107	3,7	0,10	7/91	7,7	0,20
Patos de Minas	17/95	17,9	0,51	6/100	6,0	0,17
Formiga	8/100	2,0	0,04	2/98	2,0	0,05
Lavras	8/98	2,0	0,04	2/98	2,0	0,05
Campina Verde	4/97	4,1	0,10	1/101	1,0	0,02
Passos	3/92	3,3	0,08	1/118	0,8	0,02

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,025 - Significância: 0,000

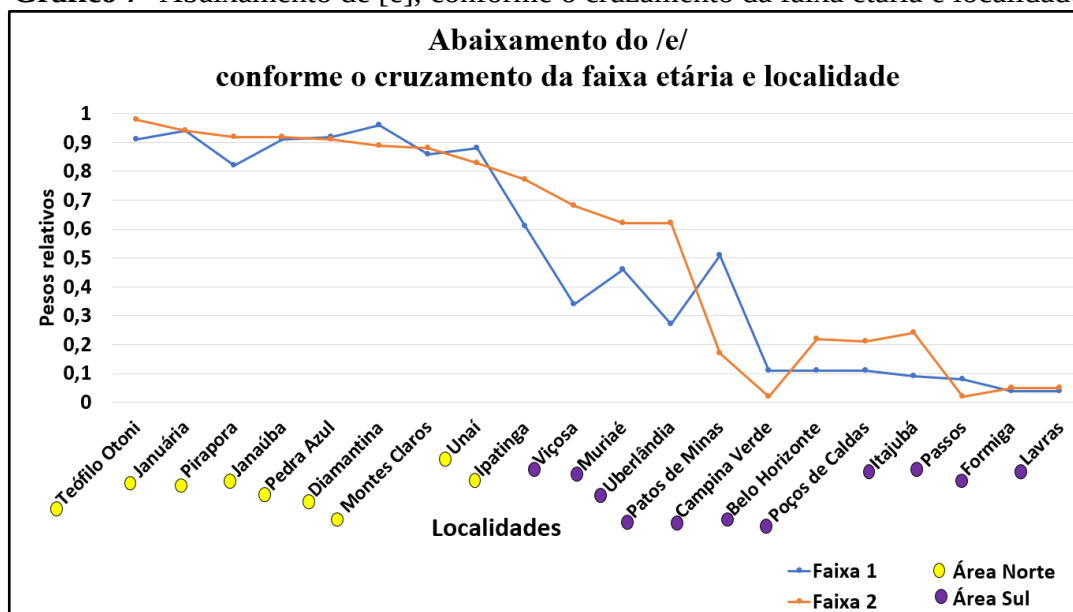
A Tabela 14, mostra o cruzamento da localidade com a faixa etária do informante e o resultado encontrado aponta três grupos de cidades no que diz respeito ao abaixamento de [e] quanto à faixa etária por localidades:

- (i) Nas cidades de Teófilo Otoni, Januária, Janaúba, Pirapora, Pedra Azul, Diamantina, Montes Claros, Unaí, Ipatinga que fazem parte da área setentrional do estado de Minas Gerais (consiste nas regiões Norte, Noroeste, Vales de Jequitinhonha/Mucuri) os jovens e os mais velhos favorecem o abaixamento de [e];
- (ii) Nas cidades de Itajubá, Belo Horizonte, Poços de Caldas, Patos de Minas, Formiga, Lavras, Campina Verde e Passos que fazem parte da área meridional do estado de Minas Gerais (consiste nas regiões Central, Sudeste, Sul, Triângulo Mineiro) tanto os jovens, quanto os mais velhos desfavorecem o abaixamento de [e];
- (iii) Nas cidades de Viçosa, Uberlândia e Muriaé apenas os mais velhos favorecem o abaixamento de [e].

A partir do cruzamento entre as localidades investigadas e a faixa etária do informante, confirmamos uma das principais hipóteses, a de que em Minas Gerais encontramos, sob o ponto de vista das vogais médias pretônicas, dois falares: i) na área setentrional, que favorece o abaixamento de [e], temos a abertura das vogais médias pretônicas; ii) e na área meridional, que desfavorece o abaixamento de [e], há o predomínio do fechamento das vogais médias pretônicas.

Outro dado interessante foi registrado nas cidades de Uberlândia (falar paulista), Viçosa (falar mineiro) e Muriaé (falar mineiro) em que apenas os mais velhos favorecem o abaixamento de [e]. Como se sabe, o contato com as mídias e a atuação no mercado de trabalho são hipóteses que podem explicar a maior manutenção da vogal na fala dos jovens. Sendo os jovens mais expostos à mídia, e, por consequência, à variante de prestígio, a incorporam na sua fala, talvez não de modo consciente, fazendo uso da variante característica dos grandes centros econômicos do país. Considerando que apenas os de faixa etária II favorecem o abaixamento é possível que nessas cidades haja indícios de mudança.

Vejamos o Gráfico 7 que mostra o comportamento das faixas etárias em relação ao abaixamento de [e] por localidades.

Gráfico 7 -Abaixamento de [e], conforme o cruzamento da faixa etária e localidade

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,025 - Significância: 0,000

Conforme o Gráfico 7, na área Norte do estado de Minas Gerais há indícios de uma estabilização da abertura da vogal, visto que as duas faixas etárias conservam o fenômeno do abaixamento. Já na área Sul do estado de Minas Gerais há indícios de que as vogais abertas em posição pretônica tendem a cair em desuso, pois as faixas etárias dos mais jovens e dos mais velhos preferem a variante de prestígio, da vogal fechada.

Embora esteja na área em que ocorre o fechamento das vogais médias pretônicas, os mais velhos das cidades de Viçosa e Muriae favorecem o abaixamento de [e], enquanto os jovens desfavorecem o processo, o que nos leva a concluir que o abaixamento em tais cidades tende a cair em desuso.

Vejamos a Tabela 15, que traz o cruzamento de localidade e sexo.

Tabela 15 – Abaixamento de [e], conforme cruzamento de localidade e sexo

VOGAL [ɛ]						
VARIÁVEIS	Sexos					
Localidades	Masculino			Feminino		
	Aplicação/Total	%	P.R.	Aplicação/Total	%	P.R.
Teófilo Otoni	47/95	49,5	0,93	49/82	59,8	0,96
Januária	48/90	53,3	0,93	49/93	52,7	0,94
Diamantina	43/82	52,4	0,93	45/82	54,9	0,92
Pedra Azul	39/82	47,6	0,91	47/95	49,5	0,91
Janaúba	44/84	52,4	0,92	45/91	49,5	0,90
Montes Claros	45/103	43,7	0,88	43/98	43,9	0,85
Unaí	34/87	39,1	0,86	39/101	38,6	0,84
Pirapora	49/101	48,5	0,91	33/84	39,3	0,82
Ipatinga	27/98	27,6	0,66	31/97	32	0,73
Muriaé	22/90	24,4	0,52	23/93	24,7	0,57
Viçosa	16/82	19,5	0,47	24/95	25,3	0,48
Uberlândia	20/93	21,5	0,51	19/112	17	0,42
Poços de Caldas	3/102	2,9	0,07	8/96	8,3	0,24
Belo Horizonte	5/101	5,0	0,11	9/97	9,3	0,23
Patos de Minas	18/96	18,8	0,50	5/99	5,1	0,16
Passos	2/105	1,9	0,05	2/105	1,9	0,05
Campina Verde	3/94	3,2	0,08	2/104	1,9	0,04
Formiga	2/90	2,2	0,04	2/108	1,9	0,04
Lavras	2/101	2,0	0,04	2/95	2,1	0,04
Itajubá	10/95	10,5	0,34	2/106	1,9	0,04

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,024 - Significância: 0,005

A Tabela 15, mostra o cruzamento da localidade com o sexo do informante e o resultado encontrado, assim como no observado no cruzamento entre a localidade e a faixa etária, aponta três grupos de cidades no que diz respeito ao abaixamento de [e] quanto ao sexo por localidade:

- (i) Nas cidades de Teófilo Otoni, Januária, Diamantina, Pedra Azul, Janaúba, Montes Claros, Unaí, Pirapora e Ipatinga que fazem parte da área setentrional do estado de Minas Gerais (consiste nas regiões Norte, Noroeste, Vales de Jequitinhonha/Mucuri) os homens e as mulheres favorecem o abaixamento de [e];
- (ii) Nas cidades de Viçosa, Uberlândia, Poços de Caldas, Belo Horizonte, Patos de Minas, Passos, Campina Verde, Formiga, Lavras e Itajubá que fazem parte da área meridional do estado de Minas Gerais (consiste nas regiões Central, Sudeste, Sul, Triângulo Mineiro) tanto as mulheres, quanto os homens desfavorecem o abaixamento de [e];
- (iii) Na cidade de Muriaé apenas as mulheres favorecem o abaixamento de [e].

Sendo assim, a partir do cruzamento entre as localidades investigadas e o sexo do informante encontramos em Minas Gerais duas áreas: i) na área setentrional, que favorece o abaixamento de [e], temos a abertura das vogais médias pretônicas abertas; ii) e na área meridional, que desfavorece o abaixamento de [e], há o predomínio do fechamento das vogais médias pretônicas.

Podemos constatar que no comportamento na área setentrional do estado prevalece um equilíbrio da abertura da vogal média pretônica em relação ao sexo dos informantes e a faixa etária. E sobre a área meridional do estado os resultados são inexpressivos para a abertura da vogal média pretônica em relação, também, ao sexo e a faixa etária. Já em Muriaé apenas as mulheres mais velhas é que favorecem o abaixamento.

6.1.4 Variáveis não selecionadas pelo *Goldvarb X*

As variáveis a seguir não foram selecionadas pelo programa *Goldvarb X*, no entanto, consideramos importante que essas sejam apresentadas. Sendo assim, serão discutidas a seguir os resultados referentes às porcentagens dadas pelo programa e depois mostraremos alguns cruzamentos realizados a partir dessas variáveis.

6.1.4.1 Tipo de sílaba

A variável tipo de sílaba em que se encontra a vogal pretônica tem como finalidade mostrar se as sílabas pesadas favorecem o abaixamento de [e] e se as sílabas leves o desfavorecem.

Tabela 16 – Abaixamento de [e], conforme tipo de sílaba

VOGAL [ɛ]			
Tipo de sílaba	Aplicação/Total	Porcentagem	Exemplo
Sílabas leves	821/3107	26,4%	pecado, presente
Sílabas pesadas	137/697	19,7%	vestígios, serviço

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

A Tabela 16 mostra as porcentagens dos tipos de sílabas. As sílabas leves do tipo CV e CCV obtiveram uma frequência de 26,4% das vogais abertas com 821 realizações no total de 3.107, como em p[ɛ]cado e pr[ɛ]sente. Já a sílaba pesada do tipo CVC a porcentagem foi de 19,7% das vogais abertas com 137 realizações no total de 697 como em b[ɛ]rmuda e v[ɛ]stígios.

Em seu trabalho sobre as pretônicas em Monte Carmelo em Minas Gerais, Rezende (2013) verificou que a sílaba pesada do tipo CVC (*Uberlândia*) são as que mais favorecem o abaixamento de [e]. Ao contrário de Dias (2008) que investigou o dialeto em Piranga, Minas Gerais, em que as sílabas que favorecem o abaixamento de [e] são as sílabas do tipo CV (*relógio*) e CCV (*profundo*).

6.1.4.2 Tipo de questionário

Consideramos o questionário fonético-fonológico (QFF) para averiguar se ocorre variação em contexto de tensão em relação à fala mais monitorada, pois há perguntas mais objetivas, e o questionário semântico-lexical (QSL) para verificar o comportamento das vogais pretônicas em situações menos tensa, mais livres em que são permitidas várias respostas para a mesma pergunta. O programa *Goldvarb X* não selecionou esta variável por não ser estatisticamente relevante.

Tabela 17 – Abaixamento [e], conforme tipo de questionário

VOGAL [ɛ]		
Questionários	Aplicação/Total	Porcentagem
QFF - Fala (+) tensa	560/2171	25,8%
QSL - Fala (–) tensa	398/1633	24,4%

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Na Tabela 17 temos a frequência em que ocorreram o abaixamento de [e] para os vocábulos selecionados conforme o tipo de questionário. Por ser estatisticamente não relevante, já que os valores são muito próximos, isto indica que não há diferença entre o QFF e o QSL quanto às vogais médias pretônicas, o que já era esperado.

O questionário fonético-fonológico (QFF), onde é possível que a fala seja mais tensa e mais monitorada obteve 25,8% dos 2.171 vocábulos coletados, como em *terreno, televisão, tesoura, fervendo, peneira, cebola, remando, seguro, prefeito, pernambucano, defesa, pecado, presente, perfume, reserva, bermuda* entre outros. E o questionário semântico-lexical (QSL) em que a fala é menos tensa, mais livre obteve 24,4% dos 1633 vocábulos selecionados, como em *relâmpago, sereno, cerração, neblina, dezembro, meleca, pernetta, menopausa, defunto, medalha, presépio, rezadeira, remela, negócio, gelatina* entre outros.

A seguir, a análise do abaixamento da vogal [ɔ].

6.2 Análise da vogal [ɔ]

A vogal /O/ teve o mesmo tratamento de /E/. A partir das respostas ao questionário fonético-fonológico e ao questionário semântico-lexical, registramos 3.003 ocorrências das vogais médias posteriores, em posição pretônica, 2.406 (80,1%) das quais se realizaram como médias fechadas e 597 (19,9%), como abertas.

Tabela 18 – Frequência das vogais médias posteriores

VOGAL [ɔ]		
Vogais médias posteriores	Aplicação/Total	Porcentagem
Aberta [ɔ]	597/3.003	19,9%
Fechada [o]	2.406/3.003	80,1%

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Sintetizando: o programa *Goldvarb X* selecionou as variáveis na seguinte ordem: 1) Localidade do informante; 2) Contexto vocálico seguinte tônico; 3) Contexto consonantal precedente: ponto de articulação, 4) Contexto consonantal seguinte: ponto de articulação, 5) Contexto vocálico seguinte átono. A rodada obteve o *input* de 0,057 e significância de 0,004 para a regra do abaixamento. Os grupos de fatores eliminados nas rodadas de *step up* e *step down* pelo *Goldvarb X*, e que não mostraram significância estatística, foram: 1) Posição da vogal pretônica, 2) Tipo de sílaba, 3) Tipo de questionário 4) Faixa etária do informante, e 5) Sexo do informante.

6.2.1 Variável diatópica

A variável diatópica foi considerada pelo programa estatístico *Goldvarb X* como o fator de maior relevância para a vogal média posterior aberta.

6.2.1.1 Localidade do informante

Na Tabela 19, temos a distribuição diatópica da vogal [ɔ].

Tabela 19 – Distribuição diatópica da vogal [ɔ] em localidades mineiras

VOGAL [ɔ]				
Falares em Minas (Cf. Zágari, 1998)	Localidades	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
B A I A N O	Diamantina	70/132	53%	0,94
	Januária	54/108	50%	0,92
	Teófilo Otoni	50/113	44,2%	0,91
	Pirapora	56/133	42,1%	0,89
	Montes Claros	52/125	41,6%	0,88
	Janaúba	49/118	41,5%	0,85
	Pedra Azul	49/122	40,2%	0,85
	Unaí	32/131	24,4%	0,71
M I N E I R O	Muriaé	28/127	18,1%	0,61
	Viçosa	21/125	16,8%	0,56
	Belo Horizonte	22/137	16,1%	0,52
	Ipatinga	21/148	14,2%	0,50
	São João Del-Rei	12/91	13,1%	0,45
	Ouro Preto	10/84	11,9%	0,41
	Juiz de Fora	7/90	7,8%	0,25
	Uberlândia	25/148	16,9%	0,55
P A U L I S T A	Patos de Minas	14/148	10,1%	0,38
	Itajubá	9/139	6,1%	0,23
	Lavras	4/136	2,9%	0,15
	Formiga	4/138	2,9%	0,11
	Campina Verde	4/143	2,8%	0,10
	Passos	3/150	2%	0,08
	Poços de Caldas	2/127	1,1%	0,02

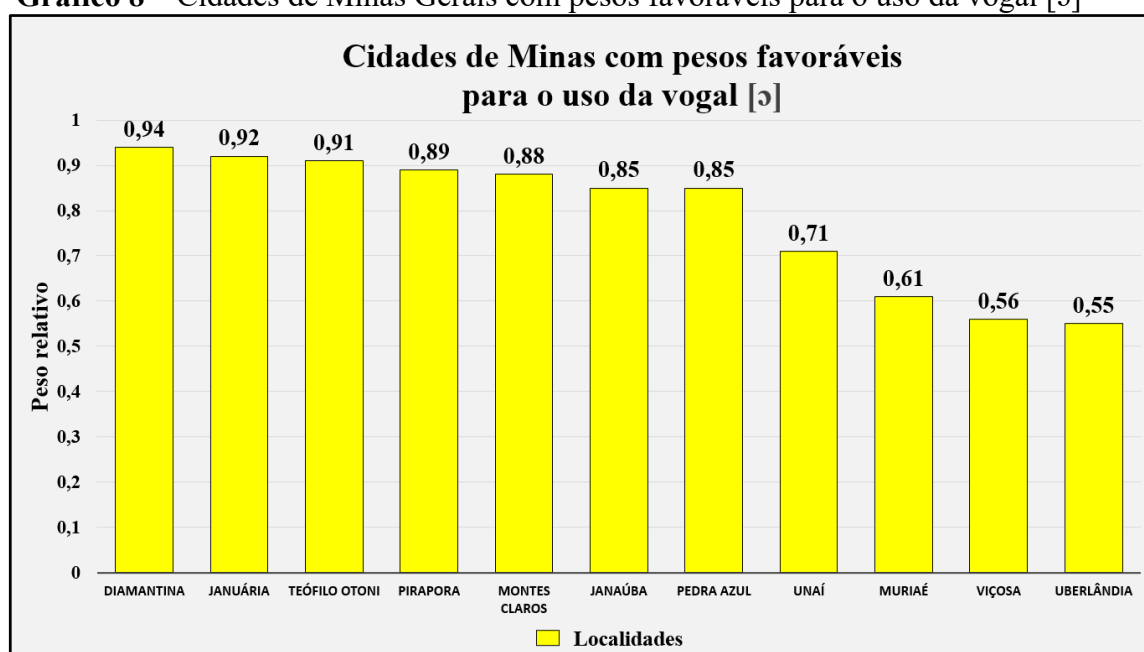
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,057 - Significância: 0,004

A Tabela 19 mostra o peso relativo e a frequência da vogal média posterior aberta nas localidades do estado de Minas Gerais.

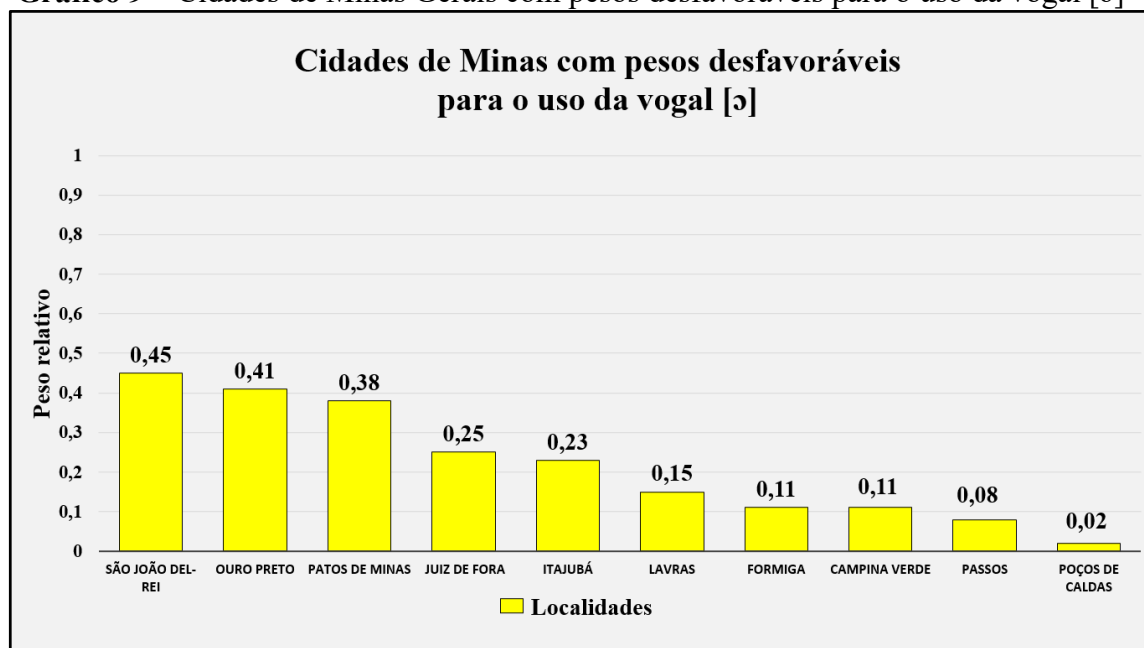
Os informantes em diversas cidades mais ao Centro e ao Sul do estado utilizam a vogal fechada [o], em posição pretônica, diferentemente dos informantes das cidades mais ao Norte do estado de Minas Gerais. Com base nesses resultados separamos em dois conjuntos as cidades que favorecem e desfavorecem o uso da vogal média posterior [ɔ], exibidos dos gráficos a seguir. No Gráfico 8, temos as Cidades de Minas Gerais que possuem peso relativo que favorecem o uso da vogal [ɔ]. E no Gráfico 9, temos as cidades de Minas Gerais que possuem peso relativo que desfavorecem o uso da vogal [ɔ].

Gráfico 8 – Cidades de Minas Gerais com pesos favoráveis para o uso da vogal [ɔ]



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborado pelo autor

Input: 0,057 - Significância: 0,004

Gráfico 9 – Cidades de Minas Gerais com pesos desfavoráveis para o uso da vogal [ɔ]

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborado pelo autor

Input: 0,057 - Significância: 0,004

Como consta nos gráficos, as cidades de Minas Gerais se distribuem em:

(i) Cidades com peso relativo que favorecem o abaixamento de [o], como Diamantina (0,94), Januária (0,92), Teófilo Otoni (0,91), Pirapora (0,89), Montes Claros (0,88), Janaúba (0,85), Pedra Azul (0,85), Unaí (0,71), Muriaé (0,61), Viçosa (0,56), Uberlândia (0,55);

(ii) Cidades com peso relativo que desfavorecem o abaixamento de [o], como São João del-Rei (0,45), Ouro Preto (0,41), Patos de Minas (0,38), Juiz de Fora (0,25), Itajubá (0,23), Lavras (0,15), Formiga (0,11), Campina Verde (0,10), Passos (0,08), Poços de Caldas (0,02).

As cidades de Belo Horizonte e Ipatinga não foram incluídas nos conjuntos de cidades que favorecem ou desfavorecem o abaixamento da vogal [o], pois encontramos o peso relativo próximo da neutralidade. Dessa forma temos na parte Norte do estado a abertura das vogais e na parte Sul do estado a prevalência das vogais fechadas, evidenciando duas áreas linguísticas do ponto de vista das vogais médias pretônicas. Essa concepção, conforme discutido anteriormente na análise da vogal [e], é baseado em Nascentes (1953) e Zágari (1998) que argumentam que em Minas temos um *falar baiano*, que abarca a parte setentrional do estado com a predominância das vogais baixas.

As localidades situadas na parte setentrional do estado de Minas Gerais favorecem o abaixamento de [o], com pesos relativos altos, o que demonstra o uso da vogal média posterior aberta em posição pretônica. Este resultado encontrado corrobora com a pesquisa sobre as pretônicas no Norte e Sul de Minas Gerais de Guimarães (2007) que diz:

Em relação à variedade dialetal do Norte de Minas, verificou-se pela observação dos dados que, naquilo que tange às vogais médias em posição pretônica, o sistema é um pouco mais complexo que aquele da região Sul. Embora haja a neutralização, processo fonológico através do qual as vogais médias perdem o contraste em sílabas átonas, observa-se a presença de vogal média-baixa. (GUIMARÃES, 2007, p. 85).

Já as localidades situadas na parte meridional do estado de Minas Gerais não favorecem o abaixamento de [o].

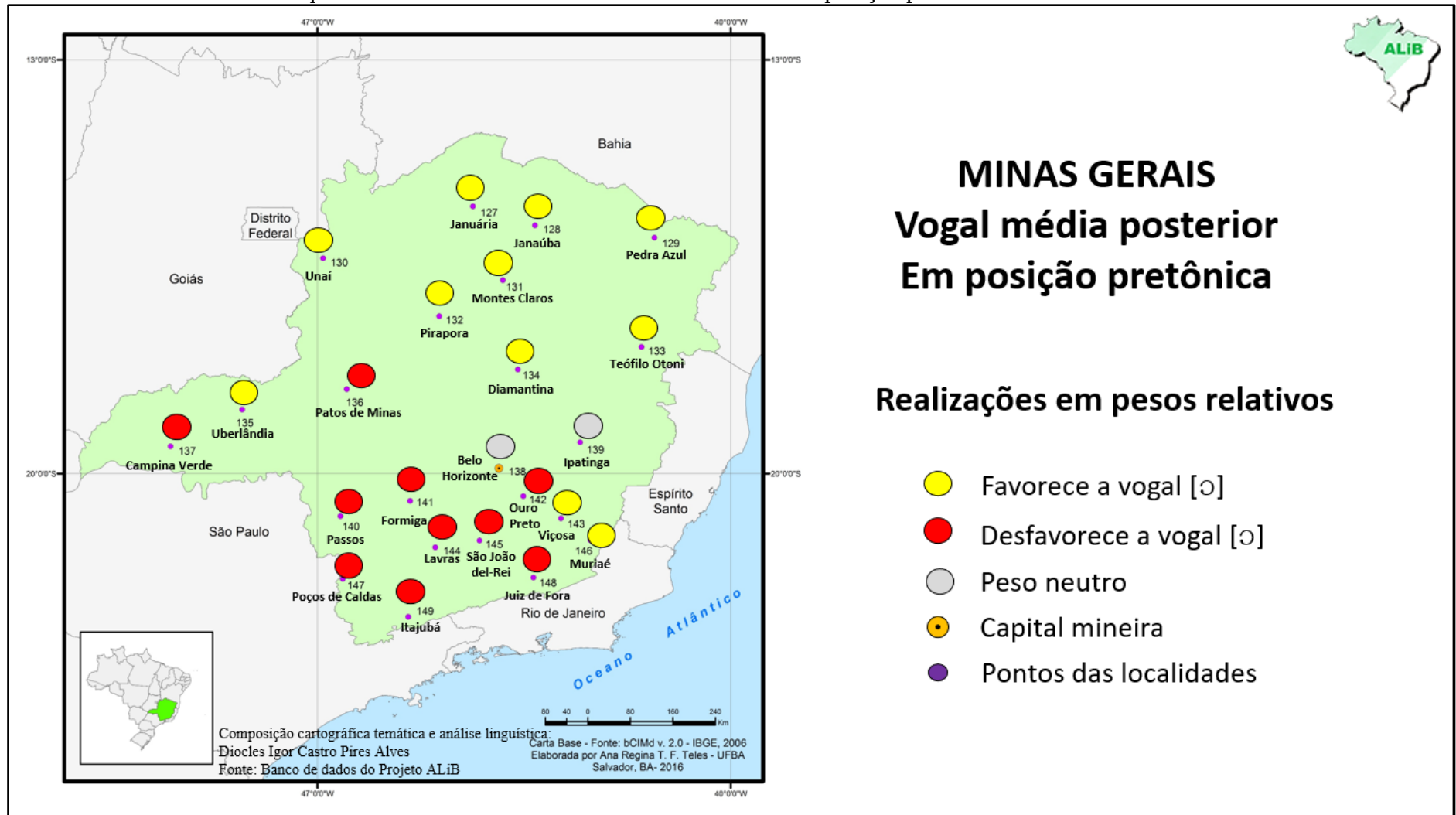
Embora estejam situadas na parte meridional do estado em que as cidades tendem a desfavorecer o abaixamento de [o], verificamos que as cidades de Uberlândia, Viçosa e Muriaé favorecem a abertura das vogais, o que contraria a concepção de que as cidades do Sul favorecem o fechamento das vogais (Cf. NASCENTES, 1953 e ZÁGARI, 1998).

Verificamos a carta fonéticas 05 (orvalho) do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG) e conforme Ribeiro et al. (1977) encontramos na localidade Cataguases (ponto 98), que faz parte dos pontos do EALMG, a abertura da vogal [o] para [ɔ]rvalho. Cataguases está numa distância aproximadamente de 60 quilômetros de Muriaé e 100 quilômetros de Viçosa, o que mostra uma abertura de vogais nessa área específica.

Dias (2014) pesquisou as pretônicas em três cidades mineiras (Ouro Branco, Piranga e Machacalis). A autora constatou que Machacalis, localizada ao norte do estado, favorece a abertura da vogal pretônica, enquanto Ouro Branco, localizada ao Sul, a desfavorece. Mas em Piranga, que está localizada na região Sul e próxima das cidades de Muriaé (± 50 quilômetros) e Viçosa (± 100 quilômetros), parece caminhar na direção de Machacalis, pois apresenta indícios de progressão da abertura da vogal.

Vejamos a Carta 4 que mostra as cidades mineiras que favorecem e desfavorecem a abertura de /O/ em posição pretônica.

Carta 4 – Cidades mineiras que favorecem e desfavorecem a abertura de /O/ em posição pretônica.



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

6.2.2 Variáveis linguísticas

A partir das variáveis linguísticas pretendemos verificar os contextos linguísticos nos quais ocorrem as variantes [o] ~ [ɔ] e averiguar quais variáveis favorecem a regra de abaixamento.

6.2.2.1 Contexto vocálico seguinte tônico

Nesta variável consideramos a altura da vogal tônica que pode favorecer o abaixamento das vogais médias altas em posição pretônica. Assim, a vogal tônica baixa pode atuar sobre outra vogal pretônica.

A Tabela 20 apresenta os resultados referentes à influência que a vogal da sílaba tônica exerce no abaixamento da vogal [o] pretônica, conforme o grau de altura.

Tabela 20 – Abaixamento de [o], contexto vocálico seguinte tônico

VOGAL [ɔ]				
Vogal seguinte tônica	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo	Exemplo
Vogal [ɔ]	64/116	55,2%	0,95	x[ɔ]d[ɔ]
Vogal[ẽ]	46/84	54,8%	0,93	n[ɔ]v[ẽ]bro
Vogal[ɛ]	81/177	45,8%	0,84	m[ɔ]l[ɛ]que
Vogal[a]	154/590	26,1%	0,66	c[ɔ]c[a]r
Vogal[ẽ]	78/311	25,1%	0,62	p[ɔ]c[ẽ]
Vogal[ũ]	12/66	18,2%	0,48	c[ɔ]rc[ũ]da
Vogal [i]	7/60	11,7%	0,35	d[ɔ]rm[i]do
Vogal [i]	32/294	10,9%	0,29	s[ɔ]rr[i]so
Vogal[u]	14/146	9,6%	0,23	s[ɔ]l[u]ço

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,057 - Significância: 0,004

A Tabela 20 mostra cinco contextos vocálicos em que a vogal tônica favorece o abaixamento de [o]: a vogal oral média-baixa [ɔ], com peso relativo de 0,95, como em x[ɔ]d[ɔ]; a vogal nasal média [ẽ], com peso relativo de 0,93, como em n[ɔ]v[ẽ]bro; a vogal oral média-baixa[ɛ], com peso relativo de 0,84, como em m[ɔ]l[ɛ]que; a vogal oral baixa [a], com peso relativo 0,66, como em c[ɔ]c[a]r; a vogal nasal [ẽ], com peso relativo de 0,62, como em p[ɔ]c[ẽ].

As Tabelas 21 e 22 mostram a altura da vogal e a cavidade bucal ou nasal que favorecem a abertura de [o].

Tabela 21 – Abaixamento de [o], conforme a altura da vogal tônica

VOGAL [ɔ]			
Altura da vogal	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Baixas e médias baixas	377/1194	31,6%	0,68
Altas e médias altas	192/1543	12,4%	0,35

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,115 - Significância: 0,000

Tabela 22 – Abaixamento de [o], conforme a cavidade bucal e nasal

VOGAL [ɔ]			
Cavidade bucal e nasal	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Vogais Nasais	144/524	27,5%	0,61
Vogais Orais	425/2213	19%	0,47

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,075 - Significância: 0,001

Como vimos a altura da língua na posição baixa (Cf. Tabela 21) e a cavidade nasal (Cf. Tabela 22) influenciam diretamente na realização vogal pretônica. Assim, a presença de vogal baixa, média baixa, nasal ou nasalizada na sílaba acentuada favorece o uso da vogal baixa na sílaba em posição pretônica.

A partir dos resultados encontrados vimos que as vogais orais [ɛ], [ɔ] e [a] e as vogais nasais [ẽ] e [ẽ̃] em sílaba tônica favorecem o abaixamento de [o]. Silva (1989), no dialeto de Salvador, diz que são esses contextos em que as vogais médias se tornam abertas, ou seja, elas recebem o traço [+baixo] com a *Regra Categórica de Timbre*. Em Araújo (2007), que estuda as pretônicas em Fortaleza - CE, os contextos favorecedores foram os mesmos encontrados por Silva (1989): as tônicas baixas e as nasais não-altas.

Algumas pesquisas em Minas Gerais apontam para um resultado próximo para o abaixamento de [o]. Em Pará de Minas (área do falar mineiro) de acordo com Viana (2008), as vogais tônicas orais [ɛ], [ɔ], [a] favorecem o abaixamento de [o]. O mesmo registrou Dias (2014) em Piranga e em Ouro Branco (área do falar mineiro) com as vogais tônicas orais [ɛ], [ɔ], [a] e em Machacalis (área do falar baiano), além das vogais baixas e médias baixas orais, também registrou as vogais tônicas nasais [ẽ], [õ] como favorecedoras do abaixamento.

Costa (2017) verificou no dialeto de Uberlândia (área do falar paulista) as vogais baixas [ɛ] e [ɔ] como favorecedoras do abaixamento de [e]. E Rezende (2013), em Monte Carmelo (área do falar paulista), observou que assim como ocorreu para a vogal [e], a análise de [o] revelou que as vogais nasais e as vogais médias baixas, em posição tônica, favorecem a realização do [ɔ] na sílaba pretônica, o que representa, o mesmo caso de harmonização vocálica.

Os resultados em que a vogal pretônica assimila o traço de altura da vogal tônica e, ao se harmonizarem, ficam com traços idênticos ou semelhantes (*xodó, toró, gogó, cotó, cocar, mocotó, bodoque*), corroboram com os encontrados nas pesquisas que investigaram os falares mineiros.

Os contextos vocálicos que não favorecem o abaixamento de [o]: a vogal nasal alta [ũ] com peso relativo de 0,48, como em c[ɔ]rc[ũ]da; a vogal nasal [ĩ], com peso relativo de 0,35, como em d[ɔ]rm[ĩ]do; a vogal oral alta [i], com peso relativo 0,29, como em s[ɔ]rr[i]so; a vogal alta [u] com peso relativo de 0,23, como em s[ɔ][u]ço.

Retiramos os contextos [o] e [e], pois não registramos a abertura de vogal pretônica tendo na sílaba tônica a vogal fechada.

Nos dados analisados, verificamos que alguns contextos fogem ao esperado e/ou apresentam um número baixo nas ocorrências. Para o caso da vogal nasal [ũ] tônica averiguamos nove realizações do vocábulo c[ɔ]rcunda com a vogal pretônica aberta em cidades que favorecem o abaixamento vocálico. Os dados foram detectados nas falas dos informantes de Januária (uma ocorrência – mulher idosa), Janaúba (duas ocorrências – homem e mulher jovem), Pedra Azul (uma ocorrência – homem jovem), Montes Claros (três ocorrências -

homens jovem e e mais velhos, mulher idosa), Diamantina (três ocorrências - homem jovem e mulheres jovem e mais velha), Viçosa (duas ocorrências - mulher jovem e homem mais velho).

No caso da vogal alta nasal [ĩ] em sílaba tônica registramos sete ocorrências de *d[ɔ]rmindo* para a abertura da vogal em sílaba pretônica em Ipatinga (mulher idosa), Unaí (mulher idosa), Pirapora (homem jovem), Teófilo Otoni (mulher jovem), Patos de Minas (homem e mulher jovem), e Muriaé (mulher idosa).

A vogal [i] em sílaba tônica obteve 32 ocorrências da abertura de [o] em sílaba pretônica para os vocábulos *s[ɔ]rriso*, *ado[ɔ]tivo* e *ass[ɔ]bio*, nas falas dos informantes dos sexos masculinos e femininos e nas faixas etárias jovens e mais velhos nas cidades do falar baiano (Januária, Janaúba, Unaí, Montes Claros, Pirapora, Teófilo Otoni, Diamantina).

E a vogal [u] obteve 14 ocorrências do vocábulo *s[ɔ]luço* registrados nos inquéritos por cinco jovens e nove indivíduos mais velhos entre homens e mulheres. A abertura das vogais desses vocábulos ocorreu em localidades que favorecem o abaixamento de [o] (Cf. Tabela 2), na área do *falar baiano* por informantes que nasceram e moram naquele lugar.

Os casos de *c[ɔ]rcunda* e *d[ɔ]rmindo*, parecem sofrer abaixamento da vogal [o] em posição pretônica pela presença do arquifonema /R/ e a influência da nasalização. O caso de *ad[ɔ]tivo* uma possível uma analogia com a palavra *ad[ɔ]tar*. Mas esse caso só se explica com a derivação. Adotivo e adotar têm a mesma raiz: *adot-*. Essa raiz já tem uma vogal aberta, ela não se abre pelo contexto.

Mas há casos para os quais ainda não temos uma resposta segura como *s[ɔ]luço* e *ass[ɔ]bio* que podem envolver um fator discursivo a partir da escolarização da escrita na área do falar baiano ou há um outro possível fator aqui atuando que para ser identificado depende de um número maior de dados.

6.2.2.2 Contexto consonantal precedente: ponto de articulação

Para esta variável classificamos os contextos: bilabial, dentoalveolar, labiodental, palatal/palatalizada, velar e glotal. As consoantes são analisadas a fim de verificar a influência que os pontos de articulação podem exercer sobre as vogais em posição pretônica. Vejamos a Tabela 23, que mostra os resultados para o contexto consonantal precedente.

Tabela 23 – Abaixamento de [o], conforme contexto consonantal precedente: ponto de articulação

VOGAL [ɔ]				
Contexto consonantal Precedente	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo	Exemplo
Velar	211/624	33,8%	0,73	c [ɔ]ração
Dentoalveolar	184/1028	17,9%	0,49	t [ɔ]mada
Labiodental	8/31	17,8%	0,48	f [ɔ]focar
Bilabial	119/549	17,8%	0,48	b [ɔ]doque
Glotal	8/119	6,7%	0,11	r [ɔ]tatória

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,057 - Significância: 0,004

Nos resultados na Tabela 23, o fator favorecedor para o abaixamento de [o] em contexto consonantal precedente são as consoantes velares [k, g], com peso relativo 0,73, como em **c**[ɔ]ração e **g**[ɔ]gó. Mas o que parece estar levando à abertura de casos como **g**[ɔ]gó é a vogal seguinte tônica aberta [ɔ], em palavras de duas sílabas, porque essas vogais ocasionam a abertura em inúmeros contextos de pretônicas (Cf., por exemplo, cotó, xodó).

O contexto consonantal precedente ponto de articulação que desfavorece o abaixamento de [o]: as consoantes dentoalveolares [t, d, s, r, l], com peso relativo de 0,49, como **t**[o]mada, **d**[o]rmindo, **p**[o]curar, **s**[o]vaco, **l**[o]tação; as consoantes labiodentais [v, f], com peso relativo de 0,48, como em **v**[o]mitar e **f**[o]focar; as consoantes bilabiais [b, p, m], com peso relativo de 0,48, como em **b**[o]doque, **b**[o]rrego, **p**[o]cam; e a glotal [h], com peso relativo de 0,01, como em **r**[o]tatória.

A consoante alveopalatal [ʃ] foi excluída da rodada por ter sido registrada em apenas duas ocorrências, como em **x**[ɔ]do e **ch**[ɔ]car. Os dois vocábulos com a vogal aberta na posição pretônica foram registrados na fala de um homem mais velho de Diamantina (**xodó**) e de uma mulher idosa de Uberlândia (**chocar**). Com relação à consoante palatal, não se esperava que esse contexto interferisse positivamente na regra de abaixamento, já que tem como característica articulatória o traço [+alto]. Além disso, a mesma alveopalatal - [ʃ] - de [ʃ]odó está em [ʃ]orar, e, nessas palavras, não desfavorece a manutenção de [o], nas áreas do Sul. Logo não se pode atribuir, linguisticamente, à alveopalatal [ʃ] a abertura. Mas esse ainda seria

um contexto pouco promissor para as vogais fechadas mesmo que não houvesse nenhuma ocorrência da vogal aberta.

Araújo (2007) observa que em Fortaleza/CE as probabilidades elevadas de abaixamento de [o] são favorecidos pelos contextos de alveolares, palatais e aspiradas, pois as consoantes apresentam um comportamento favorecedor da aplicação da regra. Araújo (2007, p 95) ainda ressalta que “as labiais, assim como as alveolares, têm como característica articulatória o traço [- alto], e, sendo assim, deveriam favorecer o abaixamento de /o/”. Sendo que labialidade vai em direção à vogal arredondada mais alta, favorecendo o processo de acomodação fonética pelo menor esforço articulatório.

Silva (2009) verificou, no falar de Teresina /PI, que as palatais precedentes favoreceram a realização de [ɔ] na posição pretônica, embora esse fator não esteja muito presente nos dados na pesquisa da autora. Silva (2009) também observou que com a consoante labial precedente, a vogal [o] tende a se manter como uma vogal média alta na sílaba pretônica.

No trabalho de Rezende (2013), que investigou as pretônicas em Monte Carmelo/MG, as consoantes alveopalatais também foram selecionadas como as mais favorecedoras do abaixamento de [o]. Os outros fatores selecionados na análise de Rezende (2013) foram as consoantes alveolares e as labiodentais. Costa (2017), na cidade de Uberlândia/MG, também verificou que as consoantes alveopalatais e as alveolares foram as que favorecem a aplicação da regra de abaixamento de [o].

Segundo Dias (2008), o ponto de articulação do contexto precedente não foi considerado estatisticamente significativo para o abaixamento de [o] em Piranga/MG e Ouro Branco/MG e, por essa razão, nenhum fator referente a essa variável foi selecionado como favorecedor do processo nos dois dialetos mineiros pesquisados. Vimos que não há uma uniformidade nos resultados encontrados na análise desse fator, os trabalhos que tratam sobre o fenômeno em questão apontam para condicionamentos distintos, expondo, a necessidade de relativização dos resultados.

Nos dados encontrados com abertura da vogal pretônica, como em *coração, tomada, fofocar, bodoque, e rotatória*, é a vogal baixa da sílaba tônica que parece influenciar a abertura vocálica e não a consoante precedente.

6.2.2.3 Contexto consonantal seguinte: ponto de articulação

A partir da variável contexto consonantal seguinte quanto ao ponto de articulação, será possível observar se algum grupo de consoante condiciona o abaixamento de [o].

Vejamos a Tabela 24 que traz os resultados do contexto consonantal seguinte quanto ao ponto de articulação.

Tabela 24 – Abaixamento de [o], conforme contexto consonantal seguinte: ponto de articulação

VOGAL [ɔ]				
Contexto consonantal seguinte	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo	Exemplo
Velar	70/144	48,6%	0,89	c[ɔ]c <u>ar</u>
Dentoalveolar	274/1043	26,3%	0,67	b[ɔ]t <u>ar</u>
Labiodental	42/217	19,4%	0,46	s[ɔ]v <u>aco</u>
Bilabial	53/385	13,8%	0,34	t[ɔ]m <u>ada</u>
Róticos	107/863	12,4%	0,30	c[ɔ]r <u>cunda</u>

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor
 Input: 0,057 - Significância: 0,004

De acordo com a Tabela 24, temos os resultados para o contexto consonantal seguinte: ponto de articulação, que mostra dois grupos de consoantes que favorecem o abaixamento de [o]: as consoantes velares [k, g], com peso relativo de 0,89, como em g[ɔ]gó, c[ɔ]car; as consoantes dentais/alveolares [t, d, s, n, r, l], com peso relativo de 0,67, como em b[ɔ]tar, b[ɔ]doque, in[ɔ]cente, t[ɔ]ró, c[ɔ]legas, c[ɔ]stela.

Para a variável contexto consonantal seguinte não nos parece que o traço [+alto] que caracteriza as consoantes velares [k] e [g] possa favorecer o abaixamento. Acreditamos que para os casos investigados como g[ɔ]gó, c[ɔ]car, ch[ɔ]car, m[ɔ]cotó é a forte atuação do ambiente vocálico favorecedor na aplicação da regra, uma vez que, seguida por velar, a realização da variante [ɔ] está ocorrendo na presença de vogal baixa na sílaba tônica.

Em relação às consoantes dental/alveolares é possível que a abertura seja devido à vogal tônica e não à consoante precedente. Os casos como emb[ɔ]tar, b[ɔ]doque, in[ɔ]cente, t[ɔ]ró, C[ɔ]legas, c[ɔ]stela são registrados com abertura da vogal pretônica e possuem como consoante seguinte uma dental/alveolar. Ressaltamos que em todos os casos temos na sílaba tônica uma vogal [a, ɔ, ε, ê] que influencia na abertura da vogal pretônica (Cf. Tabela 20).

Os contextos consonantais seguintes referentes ao ponto de articulação que desfavorecem o abaixamento de [o] foram: labiodentais [f, v], como em s[ɔ]vaco; bilabiais [p,

b, m], como em t[o]mada, e c[o]meta; róticos [h, x] como em t[o]rneira, g[o]rdua; palatal/palatalizadas [ʎ, ʝ, ʒ, tʃ, dʒ], como em c[o]lher (substantivo), m[o]chado, ad[o]tar.

6.2.2.4 Contexto vocálico seguinte átono

A variável contexto vocálico seguinte tem como finalidade verificar a altura da vogal subsequente átona seguinte que, assim como outros contextos fonéticos, podem influenciar no abaixamento da vogal [o]. Vejamos a Tabela 25, que apresenta o tipo de vogal átona seguinte.

Tabela 25 – Abaixamento de [o], conforme contexto vocálico seguinte átono

VOGAL [o]				
Vogal seguinte átona	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo	Exemplo
Vogal [a]	59/133	44,4%	0,81	r[ɔ]t[a]tória
Vogal [e]	5/23	21,7%	0,48	c[o]l[e]tivo
Vogal [i]	19/153	12,4%	0,31	m[o]d[i]ficando
Vogal[o]	11/187	5,9%	0,13	b[o]rb[o]leta

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,057 - Significância: 0,004

Conforme o resultado da Tabela 22, a vogal átona baixa [a] seguinte à pretônica favorece o abaixamento de [o], com peso relativo 0,89, como em r[ɔ]t[**a**]tória. Para a vogal [a] registramos 133 ocorrências em que 59 dos casos registrados foram para o abaixamento. Os dois casos registrados para a vogal átona [a] que favorece o abaixamento foram r[ɔ]t[**a**]tória e l[ɔ]t[**a**]ção. Em relação ao contexto vocálico seguinte átono, as vogais que favorecem o abaixamento de [e] são [ɛ], [a] e [ẽ].

A regra de abaixamento da média posterior pretônica é mais favorecida diante da vogal contextual baixa. Provavelmente, é o timbre dado pelo traço que influencia a regra do abaixamento das vogais. É possível que a tonicidade da vogal seja um fator forte para que ocorra a abertura vocálica, assim como o traço de altura da vogal seguinte à pretônica, posto que o abaixamento ocorre predominantemente no contexto de vogal baixa, independentemente de ser esta vogal tônica ou átona.

Neste contexto vocálico, em que a vogal seguinte átona pode influenciar no abaixamento de [o], as vogais [ɔ], [ẽ] e [ɛ] não entraram nas rodadas por não terem sido registradas em nenhum dado. É provável que tenhamos para essa variável um número limitado de dados pelo *corpus* desta pesquisa ser constituído pelas respostas dos questionários QFF e QSL.

Em Fortaleza/CE, na pesquisa de Araújo (2007), as vogais baixas [ɛ], [ɔ], [a], e as nasais não-altas [ẽ], [õ], [ẽ] exercem o papel de condicionadores mais relevantes no abaixamento de [o]. Estes ambientes já haviam sido apontados, na análise da variável contexto vocálico seguinte átono, como vogais que atuam favoravelmente na realização da vogal aberta [ɔ]. Quanto aos fatores favorecedores do abaixamento da vogal [ɔ], Alves (2008) encontrou, na cidade de Belo Horizonte/MG, a presença das vogais [ɔ], [a] em posição tônica e na sílaba imediatamente seguinte, sendo tais fatores que favorecem o abaixamento.

As vogais átonas seguintes às pretônicas que desfavorecem o abaixamento de [o] foram: a vogal média-alta [e], com peso relativo 0,48, como em c[o]l[e]tivo; a vogal alta [i], com peso relativo 0,31, como em m[o]d[i]ficando; a vogal baixa [o], com peso relativo 0,13, como em b[o]rb[o]leta.

Diferentemente das vogais anteriores, em que as mesmas vogais – [ɛ], [a], [ẽ] – favorecem o abaixamento de [e] no contexto vocálico seguinte átono eônico, nas posteriores são as vogais tônicas [ɛ], [a], [ẽ], [ẽ] e [ɔ] e nas átonas apenas a vogal [a] que favorecem a abertura vocálica.

O programa estatístico (*Goldvarb X*) não considerou relevante o agrupamento das variáveis do contexto vocálico seguinteônico e átono. Como demonstrado nas Tabelas 20 e 25 a vogal baixa ou média baixa seguinte à pretônica sendoônica ou átona favorecem o abaixamento de [e].

Tabela 26 – Abaixamento de [o], conforme a tonicidade da vogal seguinte

VOGAL [ɔ]		
Tonicidade da vogal seguinte	Aplicação/Total	Porcentagem
Vogalônica	461/2.186	21,1%
Vogal átona	108/551	19,6%

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,111 - Significância: 0,000

6.2.3 Variáveis não selecionadas pelo *Goldvarb X*

As variáveis a seguir não foram selecionadas pelo programa *Goldvarb X*, no entanto, consideramos importante que essas sejam apresentadas. Sendo assim, serão discutidos a seguir os resultados referentes às porcentagens dadas pelo programa e depois mostraremos alguns cruzamentos realizados a partir dessas variáveis.

6.2.3.1 Posição da vogal pretônica

A variável da posição da vogal pretônica em relação à tônica tem como finalidade analisar se a vogal tônica exerce alguma influência sobre a vogal média baixa ou a vogal média alta. Para isso consideramos as adjacências da sílaba pretônica. A hipótese é de que as vogais contíguas tenham maior possibilidade de sofrer influência da tônica. Vejamos a Tabela 27:

Tabela 27 – Abaixamento de [o], conforme posição da vogal pretônica

VOGAL [ɔ]			
Posição da vogal	Aplicação/Total	Porcentagem	Exemplo
Sílaba contígua à tônica	446/1729	20,5	c[ɔ]rrente
Sílaba não contígua à tônica	123/494	21,9	c[ɔ]ração

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

O programa *Goldvarb X* não selecionou esta variável como estatisticamente relevante, mas na Tabela 27 temos a frequência em que ocorre o abaixamento de [o] para os vocábulos selecionados conforme a sílaba contígua ou não contígua à tônica. No entanto, para o abaixamento de [e] a sílaba contígua à tônica favorece a abertura da vogal.

A sílaba contígua à tônica obteve 20,5% dos 1729 vocábulos coletados, como em c[ɔ]rrente, m[ɔ]lar, b[ɔ]tar, in[ɔ]cente, c[ɔ]tó, n[ɔ]vembro. E a sílaba não contígua à tônica obteve 21,9% dos 494 vocábulos selecionados como em r[ɔ]tatória, pr[ɔ]cissão, c[ɔ]ração, pr[ɔ]stituta, m[ɔ]cotó, pr[ɔ]curar. Em relação a posição da vogal para o abaixamento de [e], as vogais que favorecem o abaixamento de [e] são [ɛ], [a] e [ẽ].

Nas cidades de Monte Carmelo/MG (Cf. Rezende, 2013), Ouro Branco/MG (Cf. Dias, 2014) e Bocaíuva/MG (Cf. Tondineli, 2015) os dados investigados apontaram índices probabilísticos favorecedores para o abaixamento de [e] para a sílaba contígua à tônica. Estas localidades não fazem parte da rede de pontos do ALiB, no entanto estão situadas no *falar paulista, mineiro, e baiano*, respectivamente.

6.2.3.2 Tipo de sílaba

A variável tipo de sílaba em que se encontra a vogal pretônica tem como finalidade mostrar se as sílabas pesadas favorecem a realização do abaixamento de [o] e se as sílabas leves desfavorecem o abaixamento.

Tabela 28 – Abaixamento de [o], conforme tipo de sílaba

VOGAL [ɔ]			
Tipo de sílaba	Aplicação/Total	Porcentagem	Exemplo
Sílabas leves	526/2288	23%	cora ção pro curo
Sílabas pesadas	43/449	9,6%	Torneira

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

O *Goldvarb X* não selecionou essa variável tipo de sílaba como estatisticamente relevante. A hipótese para essa variável era que uma consoante após a vogal pretônica passa a agir sobre sua realização, talvez dificultando a harmonização vocálica.

A Tabela 28, mostra as porcentagens das sílabas leves e das sílabas pesadas. As sílabas leves do tipo CV e CCV obtiveram uma frequência de 23% das vogais abertas com 526 realizações no total de 2288, como em *coração, comilão, procuro, promoção*. E para as sílabas pesadas do tipo CVC e CCVC a porcentagem foi de 9,6% das vogais abertas com 43 realizações no total de 406 como em *torneira, dormindo, tornozelo*.

Conforme Araújo (2007), na cidade de Fortaleza/CE, as sílabas travadas por /R/ são as que mais privilegiam a realização de [ɔ], sendo seguidas de perto pelas sílabas travadas por /S/. Mas Araújo (2007) não descarta a influência da vogal baixa ou da vogal não alta nasal da sílaba seguinte. O mesmo não ocorreu em Dias (2008) e Viana (2008), que nos dialetos mineiros de

Piranga/MG e Pará de Minas/MG foram as sílabas leves que motivaram o abaixamento de [o] na sílaba pretônica.

6.2.3.3 Tipo de questionário

Consideramos o questionário fonético-fonológico (QFF) para averiguar se ocorre variação em contexto de tensão em relação à fala mais monitorada, pois há perguntas mais objetivas e o questionário semântico-lexical (QSL) para verificar o comportamento das vogais pretônicas em situações menos tensa, mais livres em que são permitidas várias respostas para a mesma pergunta.

Tabela 29 – Abaixamento de [o], tipo de questionário

VOGAL [ɔ]		
Questionários	Aplicação/Total	Porcentagem
QSL - Fala (–) tensa	295/1660	17,8%
QFF - Fala (+) tensa	274/1077	25,4%

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

O questionário semântico-lexical (QSL) em que a fala é menos tensa e mais livre obteve uma frequência de 25,4% com 274 dados de um total de 1077 vocábulos selecionados como em *toró*, *pocam*, *novembro*, *tornozelo*, *borralho*, *rotatória*, *moleque*, *corrente*, *colombo*, *mochado*.

Já o questionário fonético-fonológico (QFF) em que a fala, em geral, é mais tensa e monitorada obteve 17,8% de frequência. Em um total de 1660 vocábulos selecionados 295 foram registrados com vogais abertas como em *colher*, *colegas*, *dormindo*, *começo*, *vomitar*, *procuro* e *rodovia*.

6.2.3.4 Faixa etária do informante

A variável faixa etária não foi selecionada pelo *Goldvarb X* como estatisticamente relevante, não sendo possível verificar a probabilidade da regra de aplicação do abaixamento de [o]. Vejamos a Tabela 30, que mostra o número de ocorrências e a frequência das faixas etárias.

Tabela 30 – Abaixamento de [o], conforme faixa etária do informante

VOGAL [ɔ]		
Faixa etária	Aplicação/Total	Porcentagem
Faixa etária I (18-30 anos)	273/1312	20,8
Faixa etária II (50-65 anos)	296/1425	20,8

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Conforme a Tabela 30, a faixa etária I obteve uma frequência de 20,8%, pois foram registrados 273 casos de vogais abertas no total de 1312 dados. A mesma frequência foi registrada para a faixa etária II, sendo 296 casos de abaixamento no total de 1425 dados de vogais posteriores.

Nas pesquisas em Minas Gerais, somente Viana (2008), em Pará de Minas, constatou que as duas faixas etárias favorecem o abaixamento de [o], os informantes com até 25 anos de idade e os com mais de 60 anos.

6.2.3.5 Sexo do informante

Para esta variável trabalhamos com o sexo masculino e feminino, com o intuito de verificar se há uma mudança liderada pelas mulheres. Embora essa variável não tenha sido selecionada pelo *Goldvarb X*, a Tabela 31 mostra as porcentagens da variável sexo do informante.

Tabela 31 – Abaixamento de [o], conforme sexo do informante

VOGAL [ɔ]		
Sexo	Aplicação/Total	Porcentagem
Masculino	286/1319	21,7%
Feminino	283/1418	20%

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Conforme a Tabela 31, há uma semelhança entre o que ocorreu com o fator faixa etária e o que ocorre com o fator sexo. Assim, a variável sexo, não apresenta relevância estatística na

realização da vogal aberta [ɔ]. O sexo masculino obteve uma frequência de 21,7% das vogais abertas com 286 das realizações registradas, e para o sexo feminino a porcentagem foi de 20% com 283 dos dados obtidos.

Rezende (2013), em Monte Carmelo/MG, constatou que os informantes do sexo masculino foram os que mais realizaram a vogal média baixa, em posição pretônica, e foram considerados os favorecedores do abaixamento de [o]. Em sua pesquisa em Uberlândia/MG, Costa (2017) verificou que assim como ocorreu para a vogal /e/, para a vogal /o/, os homens também favoreceram a aplicação da regra de abaixamento. E, na mesorregião do Norte de Minas, Tondineli (2015), constatou que a faixa etária dos mais velhos favorece o abaixamento e que o fenômeno tende a cair em desuso.

6.2.3.6 Cruzamento de faixa etária e sexo

Consideramos a análise do cruzamento das variáveis sociais, pois os dados aparentemente sem significância também podem revelar alguma situação relevante a ser observada (Cf. GUY e ZILLES, 2007) e obter resultados mais completos para a faixa etária e sexo dos informantes. Vejamos a Tabela 32, que mostra o resultado do cruzamento.

Tabela 32 – Abaixamento de [o], conforme cruzamento da faixa etária e sexo

VOGAL [ɔ]						
VARIÁVEIS	Faixas etárias					
Sexos	Faixa I (18 a 30 anos)			Faixa II (50 a 65 anos)		
	Aplicação/Total	%	P.R.	Aplicação/Total	%	P.R.
Feminino	126/661	19,1	0,44	157/600	20,7	0,55
Masculino	147/651	22,6	0,51	139/668	20,8	0,47

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,112 - Significância: 0,005

A Tabela 32 mostra os resultados do cruzamento para o abaixamento de [o] entre o sexo e a faixa etária. Embora não seja uma probabilidade tão alta, apenas as mulheres mais velhas

tendem a favorecer o abaixamento de [o], ao contrário das mulheres jovens e dos homens jovens e os mais velhos que desfavorecem a abertura das vogais.

O resultado encontrado não é tão significativo, visto que o sexo é um fator diferenciador em qualquer caso de estratificação social estável e mudança em curso e que as mulheres em geral utilizam menos as variantes estigmatizadas e mais as variantes de prestígio do que os homens.

6.2.3.7 Cruzamento da variável diatópica e variável social

O intuito desses cruzamentos é verificar como se dá a abertura das vogais tanto por faixa etária, quanto por sexo, em cada localidade investigada. Na Tabela 33, temos o cruzamento das localidades e das faixas etárias.³⁷

³⁷ Os pontos 142 (Ouro Preto), 145 (São João del-Rei) e 148 (Juiz de Fora) não foram utilizados na análise quantitativa dos fatores sociais de faixa etária e sexo, pois a gravação não atendeu o requisito do trabalho.

Tabela 33 – Abaixamento de [o], conforme cruzamento de localidade e faixa etária

VOGAL [o]						
VARIÁVEIS	Faixas etárias					
Localidades	Faixa I (18 a 30 anos)			Faixa II (50 a 65 anos)		
	Aplicação/Total	%	P.R.	Aplicação/Total	%	P.R.
Montes Claros	18/60	30	0,79	34/65	52,3	0,94
Teófilo Otoni	19/53	35,8	0,87	31/60	51,7	0,92
Diamantina	41/71	57,7	0,95	29/61	47,5	0,92
Januária	27/50	54	0,95	27/58	46,6	0,91
Pirapora	28/68	41,2	0,89	28/65	43,1	0,89
Janaúba	23/63	36,5	0,83	26/55	47,3	0,88
Pedra Azul	22/61	36,1	0,82	27/61	44,3	0,88
Unaí	15/60	25	0,71	17/71	23,9	0,72
Uberlândia	10/68	14,7	0,44	15/80	18,8	0,65
Viçosa	10/71	17,1	0,49	12/66	18,2	0,64
Ipatinga	8/73	11	0,36	13/75	17,3	0,62
Muriae	10/65	18,5	0,52	16/90	17,8	0,58
Belo Horizonte	13/69	18,8	0,49	8/56	14,3	0,48
Itajubá	4/73	5,5	0,22	5/75	6,7	0,23
Patos de Minas	11/64	17,2	0,46	3/74	4,1	0,17
Formiga	1/70	1,4	0,06	3/68	4,4	0,17
Lavras	3/66	4,5	0,24	1/70	1,4	0,07
Campina Verde	3/76	3,9	0,13	1/67	1,5	0,07
Passos	3/62	4,8	0,23	1/88	1,1	0,04
Poços de Caldas	2/69	2,9	0,08	1/120	0,8	0,01

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,111 - Significância: 0,000

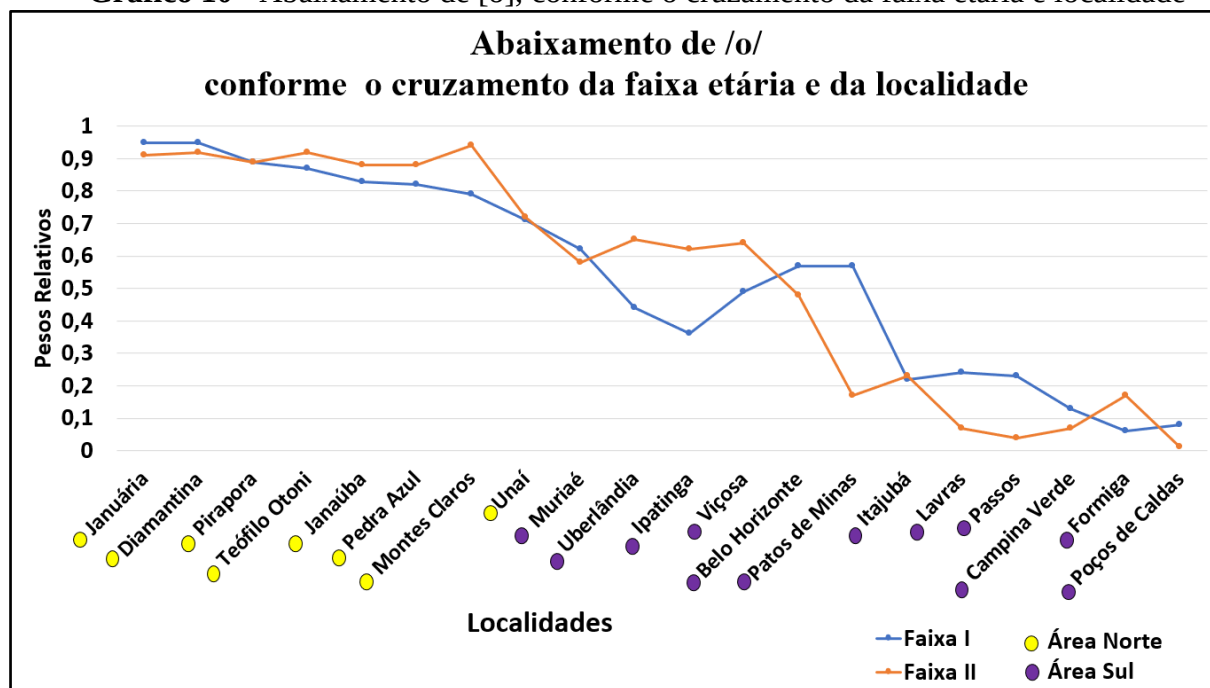
A Tabela 33, mostra o cruzamento da localidade com a faixa etária do informante e o resultado encontrado aponta três grupos de cidades no que diz respeito ao abaixamento de [o] quanto a faixa etária por localidades:

- (i) Nas cidades de Montes Claros, Teófilo Otoni, Diamantina, Januária, Pirapora, Janaúba, Pedra Azul e Unaí que fazem parte da área setentrional do estado de Minas Gerais (consiste nas regiões Norte, Noroeste, Vales de Jequitinhonha/Mucuri – inseridas no *falar baiano*, (Cf. NASCENTES, 1953 e ZÁGARI, 1998)), os jovens e os mais velhos favorecem o abaixamento de [o];
- (ii) Nas cidades de Uberlândia, Viçosa, Ipatinga e Muriaé que fazem parte da área meridional do estado de Minas Gerais (consiste nas regiões Sul e Triângulo Mineiro - inseridas no *falar mineiro e sulista/paulista*, (Cf. NASCENTES, 1953 e ZÁGARI, 1998)), apenas os mais velhos favorecem o abaixamento de [o];
- (iii) Nas cidades de Belo Horizonte, Itajubá, Patos de Minas, Formiga, Lavras, Campina Verde, Passos e Poços de Caldas que fazem parte da área meridional do estado de Minas Gerais (consiste nas regiões Central, Sudeste, Sul, Triângulo Mineiro – inseridas no *falar mineiro e sulista/paulista*, (Cf. NASCENTES, 1953 e ZÁGARI, 1998)), tanto os jovens, quanto aos mais velhos desfavorecem o abaixamento de [o].

Com o cruzamento entre as localidades investigadas e a faixa etária do informante confirmamos sob o ponto de vista das vogais médias pretônicas dois falares em Minas Gerais: i) na área setentrional, que favorece o abaixamento de [o], temos a abertura das vogais médias pretônicas abertas; ii) e na área meridional, que desfavorece o abaixamento de [o], há o predomínio do fechamento das vogais médias pretônicas.

As cidades de Uberlândia, Viçosa e Muriaé, que fazem parte da área sul de Minas Gerais em que existe maior influência das vogais fechadas, registraram a abertura das vogais. A faixa etária II dos mais velhos dessas cidades favorecem o abaixamento de [o]. Sendo os jovens mais expostos à mídia, e, por consequência, à variante de prestígio, a incorporam na sua fala, talvez não de modo consciente, fazendo uso da variante característica dos grandes centros econômicos do país. O contato com as mídias e a atuação no mercado de trabalho são hipóteses que podem explicar a maior manutenção da vogal na fala dos jovens.

Vejamos o Gráfico 10, que mostra o comportamento das faixas etárias em relação ao abaixamento de [o] por localidade.

Gráfico 10 - Abaixamento de [o], conforme o cruzamento da faixa etária e localidade

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,111 - Significância: 0,000

Assim como ocorreu na abertura das vogais anteriores, na área Norte do estado de Minas Gerais há indícios de uma estabilização da abertura da vogal, visto que as duas faixas etárias conservam o fenômeno do abaixamento. Já na área Sul do estado de Minas Gerais há indícios de que as vogais abertas, em posição pretônica, tendem a cair em desuso, pois as faixas etárias de jovens e os mais velhos preferem a variante de prestígio da vogal fechada.

Embora esteja na área em que ocorre o fechamento das vogais médias pretônicas, os mais velhos das cidades de Viçosa e Muriae favorecem o abaixamento de [o], enquanto os jovens desfavorecem o processo, o que nos leva a concluir que o abaixamento em tais cidades tende a cair em desuso.

Vejamos a Tabela 34, que traz o cruzamento de localidade e sexo.

Tabela 34 – Abaixamento de [o], conforme cruzamento de localidade e sexo

VOGAL [ɔ]						
VARIÁVEIS	Sexos					
Localidades	Masculino			Feminino		
	Aplicação/Total	%	P.R.	Aplicação/Total	%	P.R.
Diamantina	36/69	52,2	0,94	34/63	54	0,93
Januária	29/52	55,8	0,95	25/56	44,6	0,89
Janaúba	22/56	39,3	0,79	27/62	43,5	0,89
Montes Claros	25/62	40,3	0,88	27/63	42,9	0,89
Pedra Azul	16/53	30,2	0,78	33/69	47,8	0,88
Pirapora	32/72	44,4	0,90	24/61	39,3	0,86
Teófilo Otoni	31/63	49,2	0,92	19/50	38	0,85
Unaí	15/69	25,4	0,70	17/72	23,6	0,70
Uberlândia	13/73	17,8	0,56	12/75	16	0,53
Viçosa	8/76	10,5	0,37	14/61	23	0,71
Muriaé	17/80	21,2	0,64	11/75	14,7	0,50
Ipatinga	9/71	12,7	0,46	12/77	15,6	0,51
Belo Horizonte	7/59	11,9	0,39	12/64	21,2	0,48
Patos de Minas	9/69	13	0,42	5/69	7,2	0,35
Itajubá	5/74	6,8	0,21	4/74	5,4	0,22
Campina Verde	2/66	3,0	0,11	2/77	2,6	0,09
Lavras	3/166	4,5	0,22	1/70	1,4	0,07
Formiga	3/67	4,5	0,14	1/71	1,4	0,06
Passos	3/65	4,6	0,19	1/65	1,2	0,04
Poços de Caldas	3/67	4,5	0,14	2/122	1,6	0,03

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Input: 0,123 - Significância: 0,000

O resultado do cruzamento da localidade com o sexo do informante (Tabela 34), aponta quatro grupos de cidades no que diz respeito ao abaixamento de [o] quanto ao sexo por localidades:

- (i) Nas cidades de Diamantina, Januária, Janaúba, Montes Claros, Pedra Azul, Pirapora, Teófilo Otoni, Unaí e Uberlândia que fazem parte da área setentrional do estado de Minas Gerais (consiste nas regiões Norte, Noroeste, Vales de Jequitinhonha/Mucuri – *falar baiano*, (Cf. NASCENTES, 1953 e ZÁGARI, 1998)) os homens e as mulheres favorecem o abaixamento de [o];
- (ii) Nas cidades de Ipatinga, Belo Horizonte, Patos de Minas, Itajubá, Campina Verde, Lavras, Formiga, Passos e Poços de Caldas que fazem parte da área meridional do estado de Minas Gerais (consiste nas regiões Central, Sudeste, Sul, Triângulo Mineiro – *falar mineiro e paulista/sulista*, (Cf. NASCENTES, 1953 e ZÁGARI, 1998)) tanto as mulheres, quanto os homens não favorecem o abaixamento de [o];
- (iii) Na cidade de Viçosa (consiste na região sul de Minas - *falar mineiro/fluminense*, (Cf. NASCENTES, 1953 e ZÁGARI, 1998)), que faz parte da área meridional do estado, apenas as mulheres favorecem o abaixamento o abaixamento de [o];
- (iv) Na cidade de Muriaé (consiste na região sul de Minas - *falar mineiro/fluminense*, (Cf. NASCENTES, 1953 e ZÁGARI, 1998)), que faz parte da área meridional do estado, apenas os homens favorecem o abaixamento de [o].

As cidades de Uberlândia, Muriaé e Viçosa que fazem parte da área sul de Minas Gerais em que existe maior influência em relação às vogais fechadas registraram a abertura das vogais. Os informantes do sexo masculino de Uberlândia e Muriaé tendem a favorecer o abaixamento de [o]. E os informantes do sexo feminino de Viçosa tendem a favorecer o abaixamento de [o].

Com exceção das três cidades, podemos constatar que na área setentrional do estado prevalece um equilíbrio da abertura da vogal média pretônica em relação ao sexo dos informantes. E sobre a área meridional do estado os resultados são inexpressivos para a abertura da vogal média pretônica em relação ao sexo do informante.

Vejamos o Quadro 5, que mostra os resultados gerais da pesquisa.

QUADRO 5 – Resumo dos resultados para o abaixamento

RESUMO DOS RESULTADOS PARA O ABAIXAMENTO VOCÁLICO EM MINAS GERAIS			
<u>VARIÁVEIS</u>		Favorecem o abaixamento de [e] e de [o]	
		Dados do ALiB em Minas Gerais	Outras Pesquisas desenvolvidas em Minas Gerais
<u>DIATÓPICA</u>	Localidades	Teófilo Otoni, Januária, Janaúba, Pedra Azul, Pirapora, Montes Claros, Unaí e Diamantina (Falar baiano – Cf. Zágari, 1998) Ipatinga, Muriaé e Viçosa (Falar mineiro – Cf. Zágari, 1998)	Bocaiúva, Mirabela, Machacalis, Montes Claros, Januária, Janaúba, Brasília de Minas (Falar baiano – Cf. Zágari, 1998)
<u>LINGÜÍSTICAS</u>	Contexto vocálico seguinte tônico	[a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], [ẽ̃], [õ]	[a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], [ẽ̃], [õ]
	Contexto vocálico seguinte átono	[a], [ɛ], [ẽ]	[a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], [ẽ̃], [õ]
	Altura da vogal tônica	Baixas e médias baixas	Baixas e médias baixas
	Cavidade bucal e nasal da vogal tônica	Nasal	Nasal
	Contexto fonológico precedente	Róticos, bilabiais, velares	Fricativas, nasais, laterais, labiais, oclusivas, palatais, labiodentais, não coronais, anteriores e posteriores
	Contexto fonológico seguinte	Sílaba pretônica fechada pelo arquifonema /R/, dentoalveolares, velares	Sílaba pretônica fechada pelo arquifonema /R/, nasal, fricativa, oclusiva, tepe, líquidas
	Posição da vogal pretônica	Contígua à tônica	Contígua à tônica
	Tipo de sílaba	variável não selecionada pelo Goldvarb X	Sílaba pesada (REZENDE, 2013) Sílaba leve (COSTA, 2017)
<u>SOCIAIS</u>	Sexo do informante	variável não selecionada pelo Goldvarb X	Feminino (ALMEIDA, 2008; DIAS, 2014) Masculino (DIAS, 2008; COSTA, 2017)
	Faixa etária do informante	Mais velhos/50-65 anos	Adulto com mais de 49 anos (REZENDE, 2013) Jovem entre 15 a 30 anos (TONDINELI, 2015)
<u>LINGÜÍSTICO DISCURSIVO</u>	Tipo de questionário	variável não selecionada pelo Goldvarb X	Não utilizado

Fonte: Elaborado pelo autor

As investigações mostraram que os fatores que favorecem ou desfavorecem o uso da vogal [ɔ] nem sempre são os mesmos para a vogal [ɛ], ainda que as vogais sofram o mesmo processo de variação.

- Variável diatópica: as *localidades* na parte setentrional do estado que favoreceram o abaixamento de [e] e [o] foram Teófilo Otoni, Januária, Janaúba, Pedra Azul, Pirapora, Montes Claros, Unaí e Diamantina e na parte meridional nas localidades de Ipatinga e Muriaé. E Uberlândia (na área sul) que tende favorecer ligeiramente o abaixamento de [o].
- Variáveis linguísticas: i) o *contexto vocálico seguinte tônico* que favorece o abaixamento de [e] foram as vogais tônicas seguintes [ɛ], [ẽ], [a], [ẽ]. E para o abaixamento de [o] também registramos as vogais [ɛ], [ẽ], [a], [ẽ], além da vogal tônica seguinte [ɔ]; ii) o *contexto vocálico seguinte átono* que favorece o abaixamento de [e] foram as vogais átonas seguintes [ẽ], [a], [ɛ] e [ɔ]. E para o abaixamento de [o] registramos apenas a vogal [a]; iii) o *contexto consonantal precedente – ponto de articulação* que favorece o abaixamento de [e] foram os róticos e as bilabiais. E para o abaixamento de [o] apenas as consoantes velares; iv) o *contexto consonantal seguinte – ponto de articulação* que favorece o abaixamento de [e] foram os róticos e as dentoalveolares. E para o abaixamento de [o] as consoantes velares e as dentoalveolares; v) a *altura das vogais* baixas e médias baixas e as vogais *nasais* favorecem o abaixamento de [e] e de [o]; vi) a *posição da vogal pretônica* que favorece o abaixamento de [e] é a sílaba contígua à tônica. Para o abaixamento de [o] o *GoldVarb X* não selecionou esta variável; vii) o *tipo de sílaba* (CV, CCV, CVC, CCVC) e a *tonicidade da vogal seguinte* não foram selecionados pelo *GoldVarb X*.
- Variáveis sociais: i) a *faixa etária* que favorece o abaixamento de [e] é a faixa dos mais velhos (faixa II/50-65 anos). Já para o abaixamento de [o] a faixa etária não foi selecionada pelo *GoldVarb X*; ii) a partir do *cruzamento da faixa etária e do sexo* os homens mais velhos tendem a favorecer o abaixamento de [e] e as mulheres mais velhas tendem a favorecer o abaixamento de [o].
- Variável linguístico-discursiva: o tipo do questionário não foi selecionado pelo *GoldVarb X*

Em suma, os resultados encontrados nas falas dos informantes das localidades situadas na região Norte registraram as vogais abertas em posição pretônica. No entanto no Sul do estado

de Minas Gerais, as vogais médias pretônicas tendem a ser preservadas, ou seja, há uma tendência pela manutenção da vogal média fechada na parte meridional do estado.

O abaixamento ocorreu quando - assim como observado em outras pesquisas linguísticas: a) a vogal da sílaba subsequente à da vogal média pretônica for baixa e/ou média baixa; b) a sílaba pretônica for fechada pelo arquifonema /R/ e; c) a sílaba tônica for constituída por /eN/ ou /oN/. Então, a vogal pretônica tende a copiar o traço de altura da vogal tônica e/ou vogal imediatamente vizinha. Os contextos consonânticos precedentes e seguintes, também podem exercer influência, uma vez que criam condições diferenciadas no comportamento das vogais médias pretônicas.

Os fatores extralinguísticos não mostraram tão significativos na análise estatística, mas o fator diatópico apontou indícios relevantes do fenômeno corroborando os resultados com outras pesquisas já realizadas em áreas específicas, revelando ser mais um fenômeno diatópico que social.

A seguir, examinamos, numa visão diatópica e das duas sincronias, as vogais médias pretônicas a partir de um paralelo entre o EALMG (RIBEIRO et al., 1977) e os dados do ALiB.

6.3 EALMG E ALiB: DOIS MOMENTOS E O MESMO ESPAÇO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS

Para estabelecer uma comparação entre o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* – EALMG (Cf. RIBEIRO et al., 1977) e os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (Cf. COMITÊ NACIONAL ..., 2001) comparamos nos 21 pontos em comum na área de Minas Gerais alguns vocábulos que foram registrados nos inquéritos do ALiB, a partir das respostas dos informantes. De modo a verificar possíveis mudanças em tempo real de curta duração comparamos as cartas fonéticas - *orvalho*, *sereno*, *neblina*, *relâmpago*³⁸ e a isófona do [ɛ] e do [ɔ] do EALMG (RIBEIRO et al., 1977) com os dados do ALiB, registrados entre 2006-2013³⁹ para então averiguar se se confirma a divisão de Minas Gerais em duas áreas do ponto de vista das vogais médias pretônicas.

6.3.1 Análise comparativa entre o EALMG e o ALiB

³⁸ A carta fonética de *veranico* não é utilizada pois o vocábulo não foi registrado em nenhum inquérito do ALiB para Minas Gerais.

³⁹ Os dados do ALiB foram coletados em Minas Gerais entre os anos de 2006 e 2013.

Esta análise comparativa tem por objetivo confrontar as duas sincronias do português do Brasil falado em Minas Gerais: O EALMG (RIBEIRO et al., 1977) – sincronia 1- e os dados do ALiB (2006-2013) – sincronia 2. Partimos dos vocábulos documentados nas cartas fonéticas do EALMG (RIBEIRO et al., 1977), que mostram a distribuição das vogais médias pretônicas em Minas Gerais, e dos vocábulos registrados nos inquéritos de Minas Gerais do Projeto ALiB: *orvalho*, *sereno*, *neblina* e *relâmpago* para apresentar as coincidências e não coincidências.

Logo depois, apresentamos também, a carta isófona do [ɛ] e do [ɔ] e comparamos as duas sincronias registradas no EALMG (RIBEIRO et al., 1977) e no *corpus* do ALiB (2006-2013), com a finalidade de averiguar se houve mudança nas áreas das vogais abertas e das vogais fechadas. A seguir, apresentamos a discussão dos resultados obtidos a propósito do vocábulo *orvalho*.

6.3.1.1 Orvalho

A carta fonética *orvalho* mostra a distribuição do vocábulo no território mineiro com base nos resultados do EALMG (RIBEIRO et al., 1977, p. 91) e do ALiB, a partir da questão 20 do QSL do ALiB - *De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?* (COMITÊ NACIONAL, 2001 ..., p. 22) obtivemos a resposta *orvalho*.

A carta 5 mostra a distribuição das vogais médias pretônicas em Minas Gerais a partir do vocábulo *orvalho* em duas sincronias: EALMG (RIBEIRO et al., 1977) e ALiB.

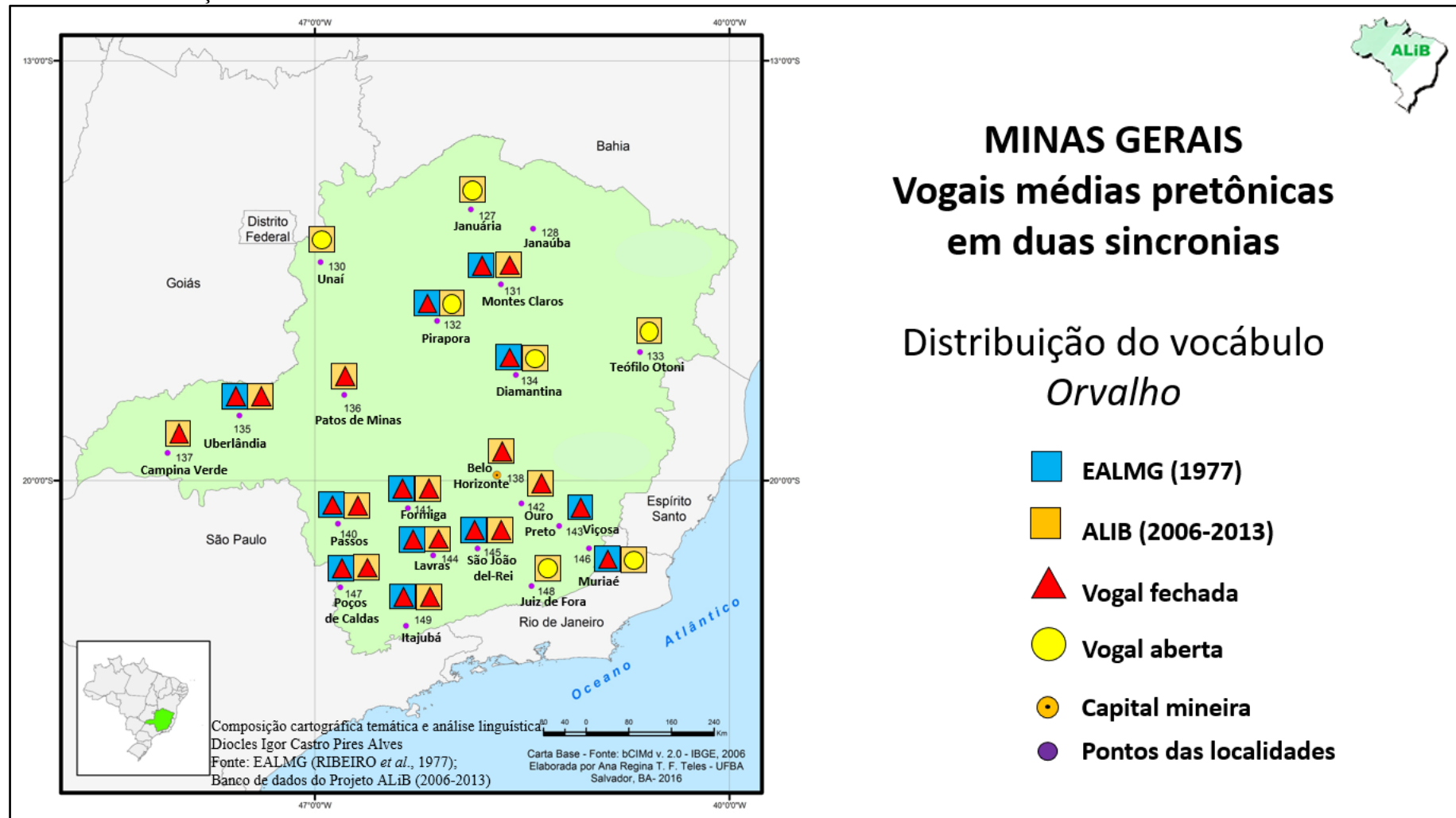
Em Minas Gerais, no EALMG (RIBEIRO et al., 1977), não se registrou a abertura da vogal para o vocábulo *orvalho* conforme as localidades investigadas. Já o fechamento das vogais foi encontrado nas localidades de Montes Claros, Pirapora, Diamantina, Uberlândia, Viçosa, Muriaé, Passos, Formiga, Lavras, Poços de Caldas, São João del-Rei e Itajubá.

No ALiB, encontramos as vogais abertas em Unaí, Januária, Janaúba, Pirapora, Teófilo Otoni, Diamantina, Muriaé e Juiz de Fora. E o fechamento das vogais registramos em Montes Claros, Campina Verde, Uberlândia, Patos de Minas, Belo Horizonte, Passos, Formiga, Ouro Preto, Viçosa, Lavras, São João del-Rei, Poços de Caldas, Lavras e Itajubá.

Registramos a abertura das vogais, a partir do vocábulo *orvalho*, somente com os dados do ALiB para as localidades investigadas. Já o fechamento das vogais, em relação às duas sincronias, coincide nas localidades de Montes Claros, Uberlândia, Passos, Formiga, Lavras, São João del-Rei, Viçosa, Poços de Caldas e Itajubá.

Nas localidades de Diamantina, Pirapora e Muriaé foi registrado o fechamento na sincronia 1 – EALMG (RIBEIRO et al., 1977) e, sincronia 2 – ALiB, registramos a abertura.

Carta 5 - Distribuição de *orvalho* nas duas sincronias: EALMG x ALiB



Fonte: Elaborada pelo autor

6.3.1.2 Sereno

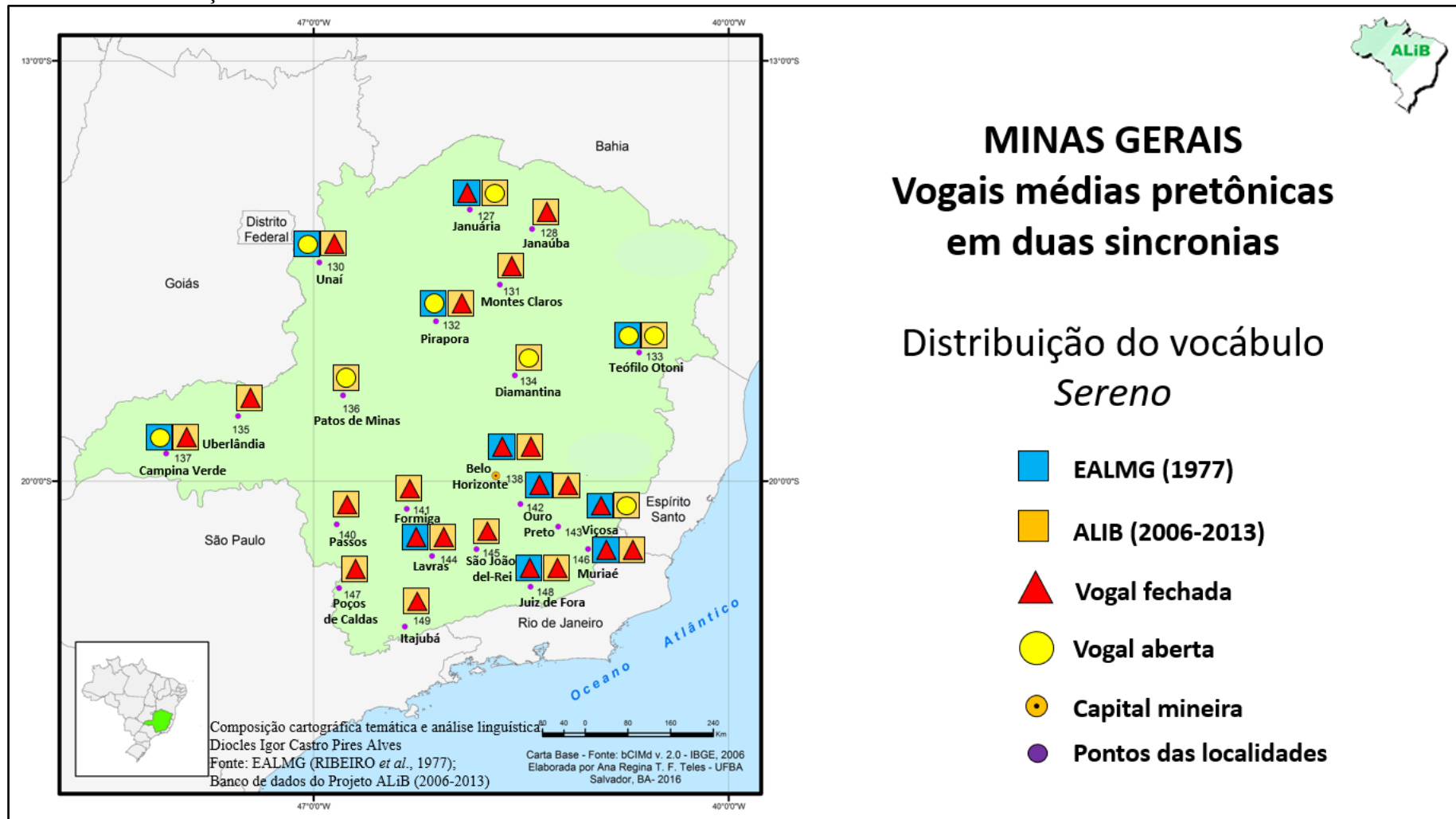
A carta fonética *sereno* mostra a distribuição do vocábulo no território mineiro com base nos resultados de Ribeiro et al. (1977, p. 92) e do ALiB. A partir da questão 20 do QSL do ALiB - *De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?* (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 22) obtivemos a resposta *sereno*.

A carta 6 mostra a distribuição das vogais médias pretônicas em Minas Gerais a partir do vocábulo *sereno* em duas sincronias: EALMG (RIBEIRO et al., 1977) e ALiB.

No EALMG (RIBEIRO et al., 1977) encontramos a abertura da vogal nas localidades de Unaí, Pirapora, Teófilo Otoni e Campina Verde. Já o fechamento da vogal apareceu em Januária, Belo Horizonte, Ouro Preto, Viçosa, Lavras, Muriaé e Juiz de Fora.

No ALiB registramos as vogais abertas em Januária, Teófilo Otoni, Diamantina, Patos de Minas, e Viçosa. Nas Localidades de Unaí, Janaúba, Montes Claros, Pirapora, Uberlândia, Campina Verde, Passos, Formiga, Belo Horizonte, Ouro Preto, Poços de Caldas, Lavras, São João del-Rei, Juiz de Fora, Muriaé e Itajubá registramos o fechamento das vogais.

Carta 6 - Distribuição de *sereno* nas duas sincronias: EALMG x ALiB



Fonte: Elaborada pelo autor

6.3.1.3 Neblina

A carta fonética *neblina* mostra a distribuição do vocábulo no território mineiro com base nos resultados de Ribeiro et al. (1977, p. 92) e do ALiB. A partir da questão 21 do QSL do ALiB - *Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?* (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 22) - obtivemos a resposta *neblina*.

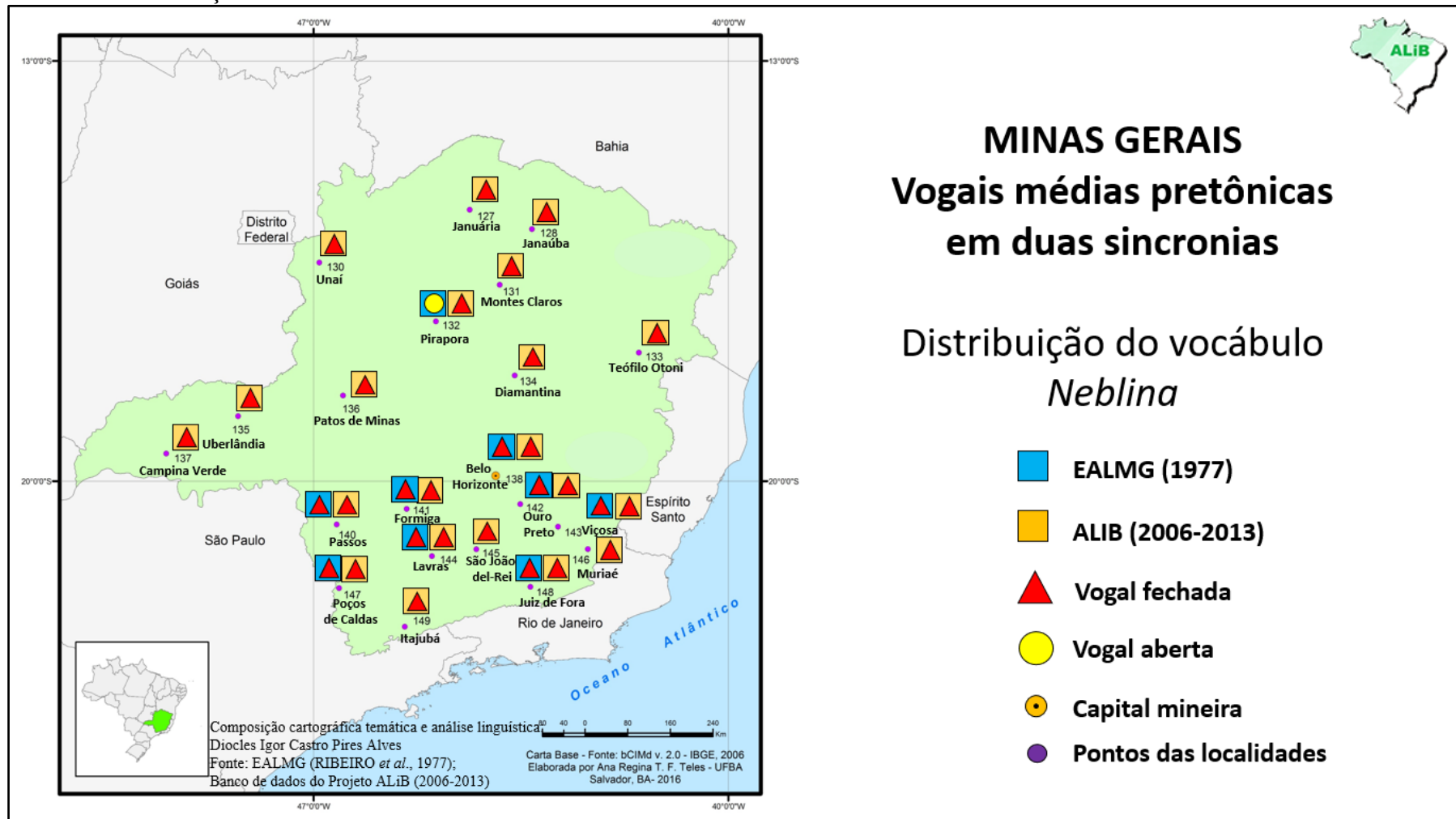
A carta 7 mostra a distribuição das vogais médias pretônicas em Minas Gerais a partir do vocábulo *neblina* em duas sincronias: (RIBEIRO et al., 1977) e ALiB.

Em Minas Gerais, no EALMG (RIBEIRO et al., 1977), registramos a abertura da vogal somente na localidade de Pirapora para o vocábulo *neblina*. Já o fechamento das vogais encontramos nas localidades de Belo Horizonte, Ouro Preto, Viçosa, Formiga, Passos, Lavras, Poços de Caldas e Juiz de Fora.

No ALiB, encontramos as vogais abertas nas localidades de Pirapora, Unaí, Diamantina e Teófilo Otoni. No que diz respeito às duas sincronias registramos o fechamento das vogais em Janaúba, Unaí, Montes Claros, Campina Verde, Uberlândia, Patos de Minas, Belo Horizonte, Passos, Formiga, Ouro Preto, Viçosa, Muriaé, Lavras, São João del-Rei, Poços de Caldas, Lavras, Juiz de Fora e Itajubá.

Registramos a abertura das vogais, a partir do vocábulo *neblina*, somente na carta *neblina* do EALMG (RIBEIRO et al., 1977). Já o fechamento das vogais, no que diz respeito às duas sincronias, detectamos nas localidades de Belo Horizonte, Ouro Preto, Viçosa, Passos, Formiga, Lavras Poços de Caldas e Juiz de Fora. Apenas na localidade de Pirapora no vocábulo *neblina* registramos a abertura vocálica (EALMG - RIBEIRO et al., 1977) e o fechamento da vogal (ALiB).

Carta 7 - Distribuição de *neblina* nas duas sincronias: EALMG x ALiB



Fonte: Elaborada pelo autor

6.3.1.4 Relâmpago

A carta fonética *relâmpago* mostra a distribuição do vocábulo no território mineiro com base nos resultados do EALMG (RIBEIRO et al., 1977, p. 106) e do ALiB. A partir da questão 08 do QSL do ALiB - *Como se chama um clarão que surge no céu em dias de chuva?* (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 21) obtivemos a resposta *relâmpago*.

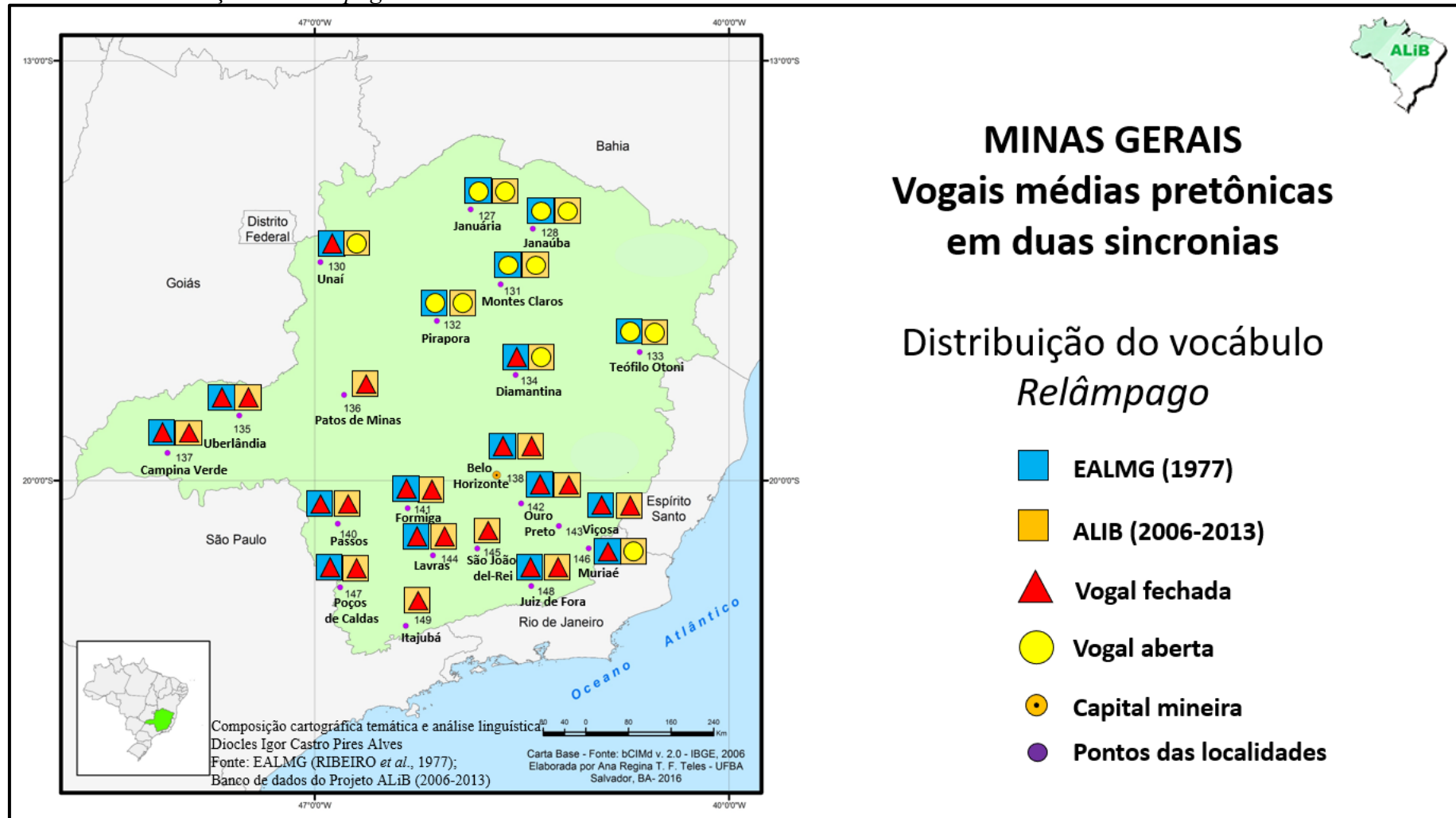
A carta 8 mostra a distribuição das vogais médias pretônicas em Minas Gerais a partir do vocábulo *relâmpago* em duas sincronias: EALMG (RIBEIRO et al., 1977) e ALiB.

No EALMG (RIBEIRO et al., 1977) encontramos a abertura da vogal nas localidades de Januária, Janaúba, Montes Claros, Pirapora e Teófilo Otoni. Já o fechamento da vogal apareceu em Unaí, Diamantina, Campina Verde, Uberlândia, Belo Horizonte, Ouro Preto, Viçosa, Muriaé, Passos, Formiga, Lavras, Poços de Caldas e Juiz de Fora.

No ALiB, registramos as vogais abertas em Januária, Janaúba, Montes Claros, Pirapora, Unaí, Teófilo Otoni, Diamantina e Muriaé. Já o fechamento das vogais foi documentado nas localidades de Campina Verde, Uberlândia, Patos de Minas, Belo Horizonte, Ouro Preto, Viçosa, São João del-Rei, Juiz de Fora, Passos, Formiga, Poços de Caldas, Lavras e Itajubá.

A abertura das vogais permaneceu nas duas sincronias nas localidades de Januária, Janaúba, Montes Claros, Pirapora e Teófilo Otoni. Já o fechamento ocorreu nas localidades de Belo Horizonte, Ouro Preto, Viçosa, Juiz de Fora, Campina Verde, Uberlândia, Passos, Formiga, Lavras e Poços de Caldas.

Carta 8 - Distribuição de *relâmpago* nas duas sincronias: EALMG x ALiB



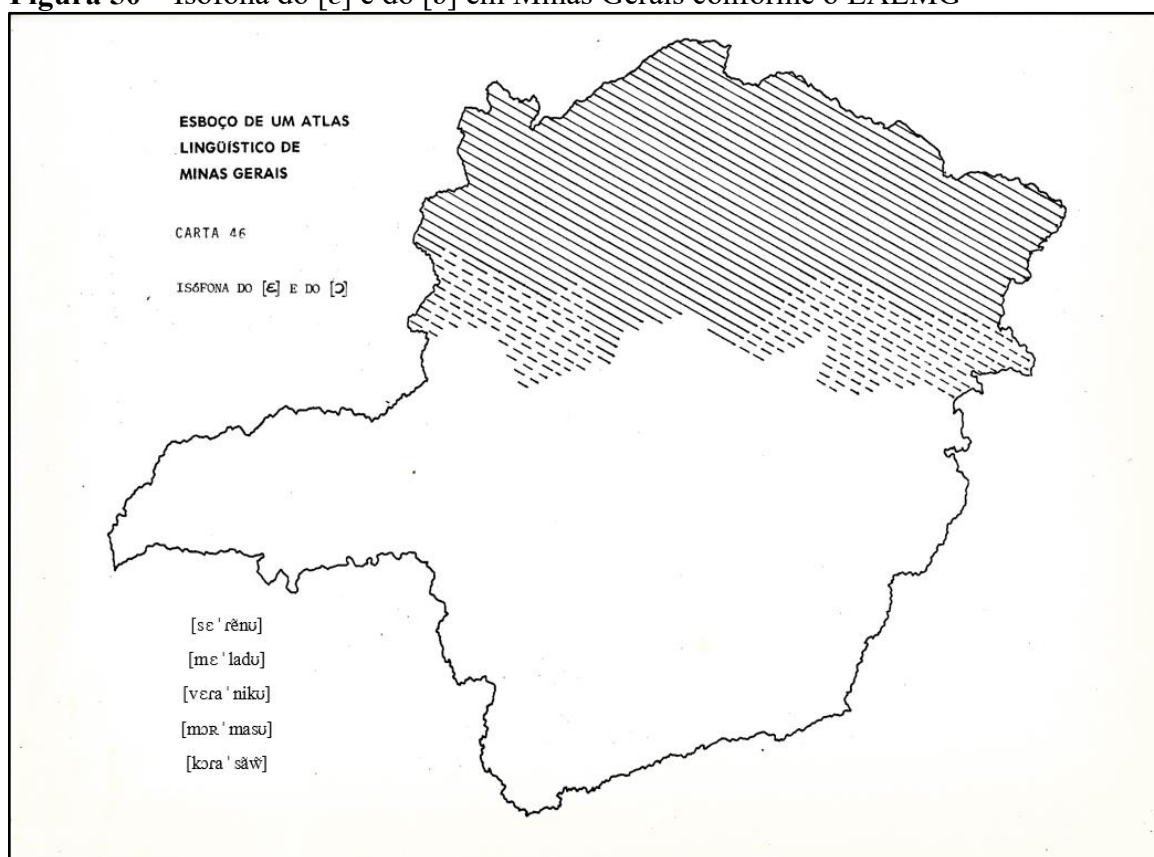
Fonte: Elaborada pelo autor

Passemos, a seguir, isófono do [ɛ] e do [ɔ].

6.3.1.5 Isófono do [ɛ] e do [ɔ]

Para traçar a isófono do [ɛ] e do [ɔ] da Carta 46, Ribeiro et al. (1977) utilizaram cinco vocábulos que possuem na sílaba pretônica as vogais médias [e, ɛ, o, ɔ]: *sereno*, *veranico*, *melado*, *mormaço* e *coração*. O volume publicado em 1977 do EALMG não traz o instrumento de coleta de dados anexo ao atlas ou a formulação da questão – questionário – bem como, notas explicativas nas cartas. Portanto, não se pode esclarecer como foi construída a isófono de [ɛ] e do [ɔ] em relação ao número de vocábulo em cada localidade, quantas vezes aparecem vogais abertas e/ou fechadas.

Figura 50 – Isófono do [ɛ] e do [ɔ] em Minas Gerais conforme o EALMG



Fonte: EALMG (RIBEIRO et al., 1977, p. 133)

Na Figura 50, temos a carta fonética 46 que mostra a isófono das vogais abertas [ɛ] e [ɔ] distribuídas pelo estado de Minas Gerais. O espaço no mapa com linhas contínuas mostra a abertura das vogais abertas [ɛ] e [ɔ]. Já o espaço com linhas seccionadas mostra a transição das

vogais, ou seja, onde é registrado tanto as vogais abertas quanto as fechadas, enquanto a área em branco corresponde ao uso das vogais fechadas [e] e [o].

Há uma área situada na parte setentrional do estado onde são registradas as vogais abertas [ɛ] e [ɔ] em posição pretônica e outra área na parte meridional do estado com a predominância das vogais fechadas [e] e [o].

Para construir a carta isófona do ALiB e verificar a distribuição do fenômeno das vogais em Minas Gerais selecionamos seis questões do questionário fonético-fonológico e seis questões do questionário semântico-lexical.

Do questionário fonético-fonológico foram utilizadas as respostas das questões:

“85 - O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras? colegas” (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 13);

“87 - Como se chama aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado? borracha” (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 13);

“92 - Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco? Pernambucano” (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 14);

“109 - Deixar de obedecer às leis de Deus é cometer o quê? pecado” (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p.15); “119 - Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre? coração” (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 16);

“145 - Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado? presente” (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 18).

Já do questionário semântico-lexical foram utilizadas as respostas das questões:

“08 - Como se chama um clarão que surge no céu em dias de chuva? relâmpago” (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 21);

“20 - De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama? sereno” (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 22);

“21 - Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso? neblina” (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 22);

“34 - Quais são os meses do ano? novembro” (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 24);

“107 - Como se chama a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim (*mímica*)? corcunda” (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 30);

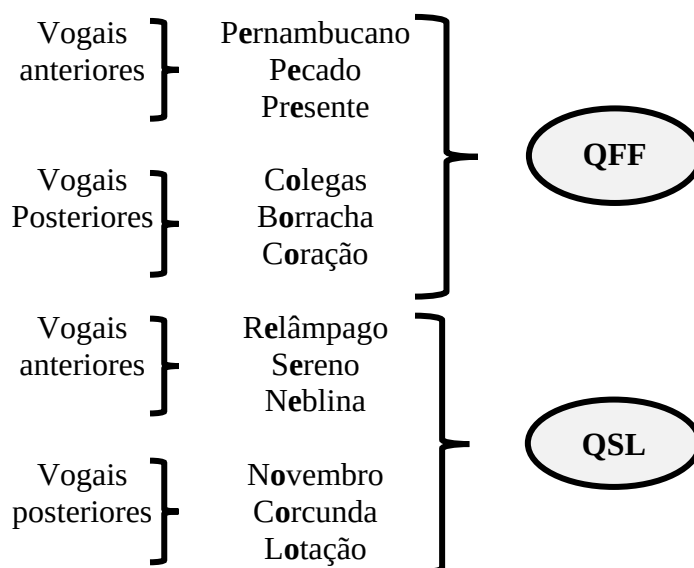
“200 - Como se chama a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade? lotação” (COMITÊ NACIONAL ..., 2001, p. 38).

Na elaboração da carta isófona com os dados do ALiB utilizamos alguns critérios para a seleção dos vocábulos:

- Vocábulos que foram utilizados na carta 46 - isófona do [ɛ] e do [ɔ] do EALMG (RIBEIRO et al., 1977): *sereno e coração*;
- Vocábulos que foram mapeados nas cartas fonéticas: carta 6 – *sereno*; carta 11 – *neblina* e; carta 19 – *relâmpago* do EALMG (RIBEIRO et al., 1977);
- Vocábulos registrados no questionário fonético-fonológico do ALiB (COMITÊ NACIONAL ..., 2001);
- Vocábulos registrados no questionário semântico-lexical do ALiB (COMITÊ NACIONAL ..., 2001);
- Vocábulos propensos ao favorecimento do abaixamento, conforme análise do /E/ e do /O/ nas subseções 6.1 e 6.2 desta seção;
- Vocábulos mais produtivos, isto é, que mais aparecem como respostas nas falas dos informantes mineiros nos inquéritos do ALiB;
- Vocábulos que se enquadram nas estruturas silábicas CV, CCV, CVC, CCVC;
- Vocábulos que contenham as duas vogais.

Os vocábulos *sereno* e *neblina*, embora selecionados, são interpretados pelos informantes como sinônimos de *orvalho* e *cerração*. Assim, encontramos em algumas localidades as duas formas ou na localidade que registramos *sereno* não registramos *orvalho*. Já os vocábulos, utilizados na elaboração da carta isófona do EALMG (RIBEIRO et al., 1977), *veranico*, *melado* e *mormaço*, não foram registrados nos dados do ALiB para os inquéritos de Minas Gerais. Os questionários do ALiB não possuem perguntas específicas que remetam às respostas com tais vocábulos.

Então, para a construção da carta isófona do [ɛ] e do [ɔ] com os dados do ALiB, para o estado de Minas Gerais, foram selecionados 12 vocábulos como se observa por meio da leitura da Figura 57 que segue:

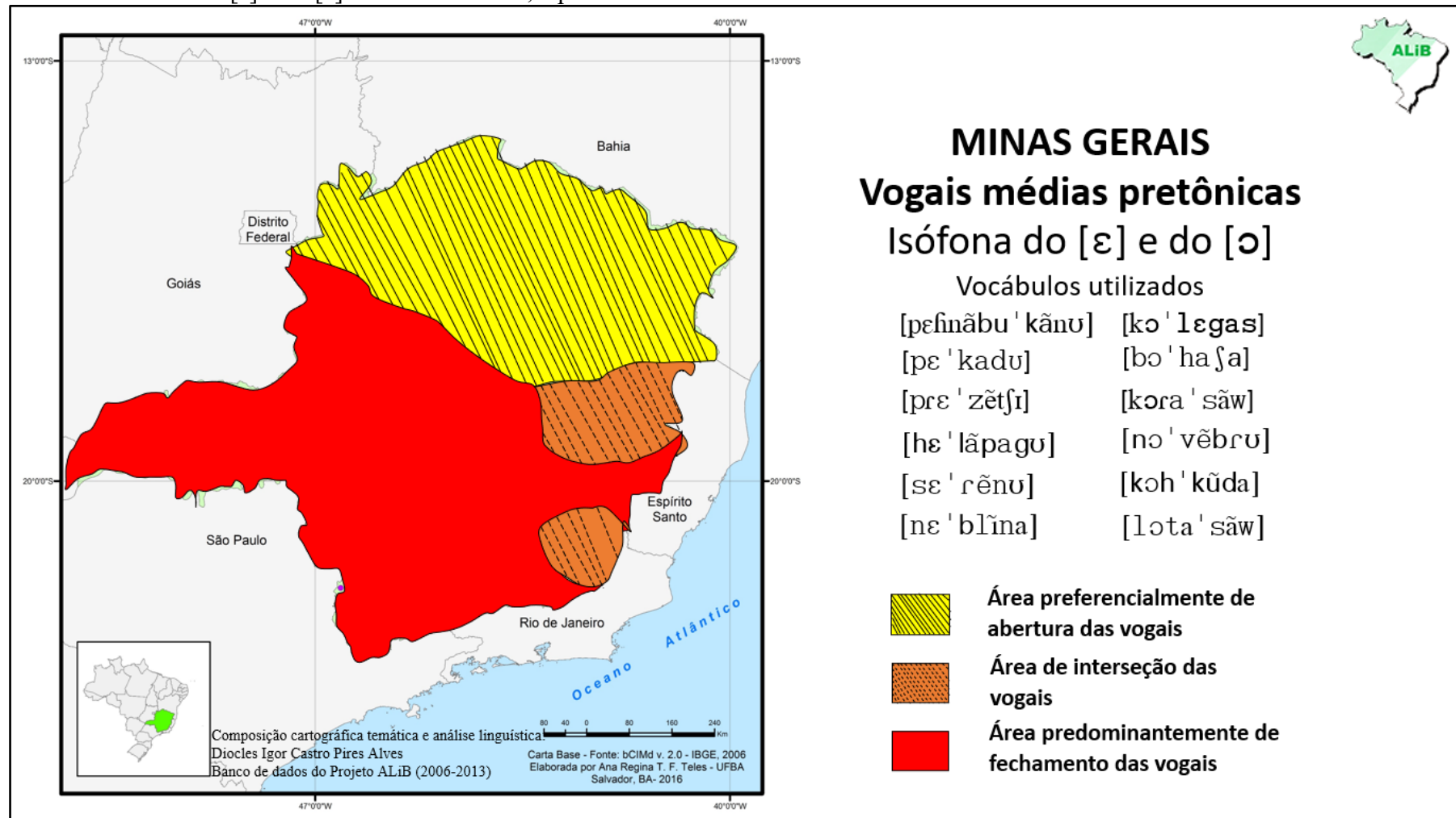
Figura 57 – Vocábulos Seleccionados

Fonte: Elaborado pelo autor

Com o foco em construir em cada localidade a área equivalente às vogais médias pretônicas, analisamos os inquéritos e retiramos os vocábulos das falas dos 4 informantes de cada localidade.

Quantificamos os vocábulos depois que registramos na fala dos informantes por localidade. O vocábulo *pecado*, por exemplo, apareceu na fala dos 4 informantes de Januária com a vogal aberta na posição pretônica. Assim, definimos que naquela localidade conforme o vocábulo *pecado* a vogal é aberta. No caso do vocábulo *neblina* em que registramos em três informantes a vogal fechada na sílaba pretônica, definimos que na localidade conforme o vocábulo *neblina* a vogal é fechada. E no caso do vocábulo *sereno* em que encontramos na fala de dois informantes com a abertura e de dois com o fechamento da vogal delimitamos como localidade que de acordo com o vocábulo *sereno* ocorreu tanto vogal aberta, quanto vogal fechada. E para concluir a localidade com doze vocábulos prevaleceu o que obteve maior quantidade da vogal aberta, fechada ou ambas variantes. Vejamos a Carta 9 que mostra a isófona do [ɛ] e do [ɔ] em Minas Gerais, a partir dos dados do ALiB.

Carta 9 - Isófona do [ɛ] e do [ɔ] em Minas Gerais, a partir dos dados do ALiB



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

Na Carta 9 temos a isófona da vogal aberta [ɛ] e vogal aberta [ɔ] distribuída pelo estado de Minas conforme os dados do ALiB. O espaço no mapa amarelo (linhas contínuas) mostra a abertura das vogais abertas [ɛ] e [ɔ]. Já o espaço laranja (linhas seccionadas) mostra a transição das vogais. Enquanto a área em vermelha (sem linhas) corresponde ao predomínio das vogais fechadas [e] e [o].

A Carta 9 da isófona do [ɛ] e [ɔ] confirma que o estado de Minas Gerais possui duas áreas distintas. Na área Norte do estado as vogais abertas [ɛ] e [ɔ] em posição pretônica e na área Sul temos a predominância da vogal fechada [e] e [o].

No que se refere à diatopia, ao compararmos a carta fonética 46 – Isófona do [ɛ] e do [ɔ] – do EALMG (RIBEIRO et al., 1977) com os dados do ALiB e do ponto de vista da comparação entre duas sincronias, verificamos um certo equilíbrio no uso das vogais médias pretônicas.

Após desenvolvermos a análise dos dados, passemos para a conclusão desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afirmação de Nascentes, retomando propostas anteriores, de que o Brasil, linguisticamente, pode repartir-se em dois grandes blocos – o do Norte e do Sul -, vista à luz de observações extraídas de dados resultantes da pesquisa sistemática que se vem desenvolvendo a partir da segunda metade do século XX sustenta-se ainda hoje.

(CARDOSO, 2021. p. 47)⁴⁰

Esta pesquisa investigou as vogais orais médias anteriores e posteriores, em posição pretônica, encontradas nas falas dos informantes de Minas Gerais. Verificamos como ocorreu o abaixamento das vogais médias em vocábulos como em p[ɛ]cado e c[ɔ]ração.

Pautamo-nos nos fundamentos teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional – em que analisamos a variável diatópica a partir do mapeamento geolinguístico do fenômeno no estado de Minas Gerais através da elaboração das cartas linguísticas com dados extraídos do Projeto ALiB – E na Sociolinguística Quantitativa – em que analisamos os fatores linguísticos (vogal tônica do vocábulo, contextos consonantais seguintes e precedentes – ponto de articulação, contexto vocálico – vogal imediatamente inacentuada, posição da vogal, tipo de sílaba), linguístico-discursivo (tipo de questionário) e sociais (faixa etária e sexo do informante).

E para compor nosso embasamento teórico utilizamos obras como as de Thun (1998), Cardoso (2010), Labov (2008 [1972]), Moreno Fernández (1998). E no que diz respeito aos falares encontrados em Minas Gerais utilizamos os pressupostos de Nascentes (1953), Ribeiro et al. (1977) e Zágari (1998). O desenvolvimento dessa pesquisa foi estimulado pelos estudos sistemáticos sobre as vogais médias pretônicas de vários autores, tais como: Mota (1979), Silva (1989), Viana (2008), Silva (2009), Rezende (2013), Fagundes (2015), Souza 2018, entre outros que foram importantes para ampliar o conhecimento sobre assunto.

Os dados coletados para análise foram extraídos das falas de 92 informantes de 23 localidades da rede de pontos de Minas Gerais do Projeto ALiB, a partir das respostas dos informantes dadas aos questionários fonético-fonológico e semântico lexical.

Foi levantado um total de 7.178 dados, sendo 1.612 (22,4%) para as vogais abertas [ɛ, ɔ] e 5.566 (77,6%) para as vogais fechadas [e, o]. Registramos 1.015 dados para a vogal aberta

⁴⁰ O texto *Para uma delimitação de áreas dialetais no Brasil* é uma republicação dos melhores textos de Suzana Cardoso que se encontra no livro *Suzana Cardoso: um legado para a dialetologia* de 2021 organizado por AGUILERA, MOTA e OLIVEIRA.

[ɛ] e 3.160 dados para a vogal fechada [e] e 597 dados para a vogal aberta [ɔ] e 2.406 dados para a vogal fechada [o].

A análise variacionista utilizada na pesquisa foi importante para mostrar que o fenômeno, de natureza linguística, tem suas implicações sociais. Consideramos as variáveis diatópica, linguística, linguístico-discursiva e social com a finalidade de averiguar o comportamento das vogais médias pretônicas.

Para a análise variacionista que segue os pressupostos labovianos (Cf. LABOV, 2008 [1972]), utilizamos o programa para análise estatística o *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) que forneceu os números percentuais, as probabilidades e a significância estatística e mostrou a tendência de a variável dependente ocorrer em determinado contexto, e confirmar o efeito da variável dependente nos contextos selecionados.

Os dados da pesquisa evidenciaram tanto no tempo aparente (ALiB) quanto no tempo real (ALiB x EAMLG) duas áreas dialetais e uma área de transição do ponto de vista das vogais médias pretônicas. A realização das vogais abertas é minoritária, mesmo nas cidades do falar baiano que lideram o abaixamento. Na área setentrional ocorre a abertura das vogais abertas e na área meridional o predomínio das vogais fechadas. Com exceção das cidades de Viçosa, Muriaé que, inseridas na área meridional, registraram a abertura da vogal, embora em frequência relativamente menor que as cidades inseridas na região Norte, o que consiste em uma zona de transição da vogal.

Em relação à altura da vogal tônica, confirmamos que as vogais médias baixas ou nasal favorecem a aplicação da regra de abaixamento das vogais pretônicas. Quanto ao contexto vocálico seguinte, em que temos a sílaba átona antes da tônica, verificamos que a maior probabilidade para que ocorra o abaixamento de [e] e [o] é quando nessa sílaba há a presença de uma vogal baixa. Os resultados da pesquisa mostram que o principal fator favorecedor para aplicação de regra de abaixamento das vogais médias pretônica [e] e [o] é o contexto onde há presença de uma vogal média pretônica baixa na sílaba tônica.

Vimos que, a partir dos dados do ALiB e de outras pesquisas sobre as vogais pretônicas (anteriores e posteriores), ainda não temos uma resposta precisa para o contexto consonantal que favorece a abertura vocálica. O resultado encontrado depende do *corpus* utilizado na pesquisa e os dados que são rodados no programa estatístico.

Quanto ao contexto consonantal precedente as consoantes bilabiais (**p**[ɛ]cado) e os róticos (**r**[ɛ]lâmpago) tendem a favorecer o abaixamento de [e]. Já as consoantes velares (**c**[ɔ]ração) tendem a favorecer o abaixamento de [o]. Em relação ao contexto consonantal seguinte o abaixamento de [e] foi favorecido pelas consoantes dental-alveolares (**m**[ɛ]dalha) e

os róticos (p[ɛ]rfume). E no caso da vogal [ɔ], em contexto consonantal seguinte, favorecem a abertura da vogal as consoantes velares (c[ɔ]car) e as consoantes dental-alveolares (b[ɔ]tar). Não temos elementos para dizer qual vogal ou consoante estão influenciando o abaixamento, quando não há traços comuns entre elas. Como é o caso de p[ɛ]rfume que ocorre “modificação sem motivo aparente”.

Na região Norte do estado de Minas Gerais, área do *falar baiano* (Cf. NASCENTES, 1953 e ZÁGARI, 1998), há indícios de uma estabilização da abertura da vogal, visto que as duas faixas etárias conservam o fenômeno do abaixamento. Já na região Sul do estado, área do *falar mineiro* (Cf. NASCENTES, 1953 e ZÁGARI, 1998), há indícios de que as vogais abertas em posição pretônica tendem a cair em desuso, pois as faixas etárias de jovens e os mais velhos preferem a variante de vogal fechada.

Verificamos que existem vocábulos que sofrem o abaixamento tanto na área aberta como na área fechada das vogais. No entanto existem outros vocábulos em que só ocorre a abertura vocálica na área aberta das vogais. Assim, há palavras em que a abertura da vogal ocorre nas duas áreas e há outras que só abrem a vogal pretônica na área aberta. Os elementos principais que influenciam no abaixamento da vogal são a vogal tônica baixa, média baixa e nasal e o travamento silábico de /R/.

O intuito desta pesquisa foi contribuir com os estudos dialetológicos e sociolinguísticos do Brasil como um todo, mas, em especial, do estado de Minas Gerais. Para isso, identificamos e descrevemos as vogais médias pretônicas e analisamos os fatores linguísticos e extralinguísticos que explicaram a presença do fenômeno investigado nas localidades estudadas a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. (org.). **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2005.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; OLIVEIRA, Josane Moreira (Orgs.). **Suzana Cardoso: um legado para a dialetologia**. Londrina: EDUEL; Salvador: EDUFBA, 2021.
- ALMEIDA, Edilene Maria Oliveira de. **Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco**. 2009. 151f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- ALMEIDA, Luciana de Fátima. **A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis**. 2008. 282f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- ALTENHOFEN, Cleo Vilson; KLASSMANN, Mario Silfredo (orgs.) **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.
- ALVES, Marlúcia Maria. **As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte: estudo da variação à luz da teoria da otimalidade**. 2008. 340f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- ALVES, Marlúcia Maria. **As vogais médias em posição tônica nos nomes do português brasileiro**. 1999. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Univesidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.
- AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira: gramática e vocabulário**. 4.ed. São Paulo: HUCITEC; INL, 1982 [1920].
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; MENEZES, Cleusa Palmeira de. **Atlas lingüístico da Paraíba**. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1, 2.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Atlas Linguístico da Paraíba. In.: AGUILERA, Vanderci de Aguilera (org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2005, p.75-100.
- ARAÚJO, Aluíza Alves de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista**. 2007. 152f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- AUGUSTO, Vera Lúcia Dias dos Santos. **Atlas Semântico-Lexical de Goiás**. 2012. 611f. 3 v. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BESSA, José Rogério Fontenele (coord.). **Atlas Linguístico do Ceará**. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BISINOTTO, Allyne Garcia. **O alicamento das vogais médias pretônicas**: um estudo do falar Ituiutabano. 2011. 118f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

BISOL, Leda. **Harmonização vocálica**. 1981. 333f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRITO, Roseanny Melo de. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM**. 2011. 297f. Vol I. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 2011.

BUSSE, Sanimar. **Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná**. 2010. 405f. 2.v Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

CALLOU, Dinah Isensee; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Caracterização de áreas dialetais no português do Brasil: Análise de duas variáveis. In: SÁ Jr, Lucrécio Araújo de; MARTINS, Marco Antônio. **Rumos da linguística brasileira no século XXI**: historiografia, gramática e ensino. São Paulo: Blucher, 2016.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Problemas de linguística descritiva**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2010 [1964]

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009 [1964].

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e de Gramática**: referente à Língua Portuguesa. 23 ed. Vozes: Petrópolis, RJ, 2002 [1986].

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001 [1970].

CAMPOY, Juan Manuel Hernández.; ALMEIDA, Manuel. **Metodología de la investigación sociolingüística**. Málaga: Editorial Comares, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice. Para uma delimitação de áreas dialetais no Brasil. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; OLIVEIRA, Josane Moreira (Orgs.). **Suzana Cardoso**: um legado para a dialetologia. Londrina: EDUEL; Salvador: EDUFBA, 2021.

CARDOSO, Suzana Alice. Dialetologia. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI Jr, Celso (orgs). **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A Geolinguística do português na România Nova**. Paris, Université Sorbone – Paris IV. Conferência de abertura do IV Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística, 2016.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil**: introdução. v.1. Londrina: Eduel, 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil**: cartas linguísticas 1. v. 2. Londrina: Eduel, 2014b.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialetoлогия e ensino-aprendizagem da língua materna. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. (Orgs.). **Documentos 2**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 97-107.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. A Geolinguística no Terceiro Milênio: Monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**. Ano 4, N. 2, 2006. Disponível em: <http://www.gelne.org.br/RevistaGelne/arquivos/artigos/art_34a01e3a7b2f8deaa71b52a3df2d54c0_12.pdf>. Acesso em 02 set. 2019.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Salvador: UFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). **Estudos linguísticos e literários**, n.5. Salvador, Instituto de Letras/UFBA, 1986, p. 47-59.

CARNEIRO, Dayana Rúbia. **O alçamento vocálico pretônico na cidade de Araguari-MG**. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

CASTRO, Elzimar César. de. **As pretônicas na variedade mineira juizdeforana**. 1990. 308f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994 [1980].

CHAVES, Idalena Oliveira. **Panorama dos estudos das vogais pretônicas no português do Brasil**: meta-análise das pesquisas desenvolvidas de 1980 a 2012. 2013. 212f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CEDERGREN, Henrietta J.; SANKOFF, David. Variable rules as a statistical reflection of competence. **Language**. v. 50, n. 2, p. 333-355, 1974.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, Eugênio. **A Geografia Linguística**. In: COSERIU, Eugênio. **O homem e sua linguagem**. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, Presença/São Paulo, Universidade de São Paulo, 1982.

COSERIU, Eugênio. **Sentido y tareas de la dialectología**. Cadernos de Lingüística, México, ALFAL, n.8, Instituto de Investigaciones Filológicas. 1982.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança linguística. Tradução Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; EDUSP, 1979.

COSTA, Priscila Marques. **As vogais médias pretônicas no falar de Uberlândia**: um estudo variacionista. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

CRUZ, Maria. Luiza de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas**. 2004. 119f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

D' AGOSTINO, Mari; PENNISI, Antonino. **Per una Modelli e rappresentazione della variabilità lingüística nell'esperienza dell'ALS**, Palermo: Centro Studi Filologici e Linguistici Siciliani; Istituto de filologia e Linguistica, Facoltà di Lettere e Filosofia, 1995.

DIAS, Marcelo Pires. **As vogais médias pretônicas nas capitais da região norte do Brasil**. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

DIAS, Melina Rezende. **Estudo comparativo da variação das vogais médias pretônicas em falares mineiros**. 2014. 374f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

DIAS, Melina Rezende. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco**. 2008. 296f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 2004 [1973].

FAGUNDES, Giselda da Rocha. **O abaixamento das vogais médias pretônicas em Belém/PA**: um estudo variacionista sobre o dialeto migrante maranhense frente ao dialeto falado de Belém/PA. 2015. 160f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará, 2015.

FELICE, Ana Carolina Garcia Lima. **Um estudo variacionista e fonológico sobre o alçamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense**. 2012. 148f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

FERREIRA, Carlota et al. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **A Dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota et al. **Diversidade do Português do Brasil**: estudos de dialectologia rural e outros. 2 ed. Salvador: Centro Editorial Didático da UFBA, 1994.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **Economia de Minas Gerais**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/economia-minas-gerais.htm>. Acesso em 02 de janeiro de 2021.

ELIA, Sílvio. **Dicionário Gramatical**. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. **Atlas Linguistique de La France**. 35 facs.Paris: Honoré Champion, 1902-1910, 1915.

GRAEBIN, Geruza de Souza. **A fala de Formosa/GO**: a pronúncia das vogais médias pretônicas. 2008. 243f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GUIMARÃES, Rubens Vinicius Martins. **Variação das vogais médias em posição pretônica nas regiões norte e sul de Minas Gerais**: uma abordagem à luz da Teoria da Otimidade. 2007. 212f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

GUY, Gregory Riordan; ZILES, Ana. **Sociolinguística quantitativa** – instrumento de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HISTÓRIA DE MONTES CLAROS. Disponível em: <http://montesclaros.com>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Januária**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/januaria/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Janaúba**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/janauba/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pedra Azul**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/pedra-azul/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Unaí**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/unai/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Montes Claros**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/montes-claros/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pirapora**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/pirapora/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Teófilo Otoni**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/teofilo-otoni/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Diamantina**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/diamantina/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Uberlândia**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Patos de Minas**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/patos-de-minas/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Campina Verde**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/campina-verde/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Belo Horizonte**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Ipatinga**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ipatinga/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Passos**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/passos/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Formiga**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/formiga/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Ouro Preto**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ouro-preto/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Viçosa**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Lavras**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/lavras/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **São João del-Rei**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-del-rei/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Muriae**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/muriae/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Poços de Caldas**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/pocos-de-caldas/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Juiz de Fora**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/juiz-de-fora/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Itajubá**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/itajuba/panorama>. Acesso em: 01 jul. 2020.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (orgs.) **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS**: Cartas Fonéticas e Morfossintáticas. 2. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William, WEINREICH, Uriel; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: social factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, William. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta (Ed.). **Variation omnibus**. Carbondale; Edmonton: Linguistic Research, 1981, p. 177-199.

LEMOES, Fernando Antônio Pereira. **O alicamento vocálico em dois falares mineiros**: o item e o indivíduo. 2018. 321f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

LOPES, Paulo Henrique. **Pretônicas na língua falada em Sergipe**: dados do Projeto ALiB. 2013. 103 f. Monografia (Graduação em Letras), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

LOPE-BLANCH, M. La sociolingüística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, M.; LOPE-BLANCH, M. (orgs.). **En torno a la sociolingüística**. México: UNAM, 1978.

LÓPEZ MORALES, Humberto. Hacia un concepto de la sociolingüística. In: ALVAR, Manuel; MORALES, Humberto López (Org.). **Estudios sociolingüísticos**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas. Centro de Lingüística Hispánica, 1978, p. 27- 44.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. 4 ed., Maceió: EDUFAL, 2008 [1934].

MEYERHOFF, Mirian. **Introducing sociolinguistics**. New York: Routledge, 2006.

MILROY, Lesley. **Language and social networks**. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

MOTA, Jacyra Andrade; OLIVEIRA, Josane Moreira de; PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa (organizadoras). **Contribuições de estudos geolinguísticos para o português brasileiro**: uma homenagem a Suzana Cardoso. Salvador: EDUFBA, 2020.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino Cardoso. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. São Paulo: **ALFA**, 2012, p. 855-870.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino Cardoso. A construção de um Atlas Lingüístico do Brasil: o percurso do ALiB. **SIGNUM Est. Ling.**, Londrina, v. 12, n. 1, p. jul. 2009, p. 237-256.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino Cardoso. Sobre a Dialectologia no Brasil: para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino Cardoso (Orgs.). **Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-26.

MOTA, Jacyra Andrade; LOPES, Paulo Henrique de Souza. Vogais médias pretônicas nas capitais brasileiras, com base nos dados do ALiB. In: MOTA, Jacyra A.; RIBEIRO, Silvana S. C.; OLIVEIRA, Josane M. de; **Atlas Lingüístico do Brasil: comentários às cartas lingüísticas 1. v. 3**. Londrina: Eduel, 2022 (no prelo).

MOTA, Jacyra Andrade; LOPES, Paulo Henrique de Souza. Os subfalares do Norte do Brasil e o traçado das vogais médias pretônicas. **Estudos Linguísticos Galega**. Volume especial I, 2018, p. 209-218.

MOTA, Jacyra Andrade. O que dizem os informantes do ALiB sobre as vogais pretônicas? In: Daniela de Souza Silva Costa; Dayme Rosane Bençal. (Org.). **Nos caminhos do Léxico**. 1ed. Campo Grande - MS: Ed. UFMS, 2016, p. 231-250.

MOTA, Jacyra Andrade. Dois momentos da geolinguística no Brasil APFB e ALiB. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., RIBEIRO, S. **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 509-518.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva; MOTA, Jacyra Andrade; MATOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Orgs.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, p. 321- 357.

MOTA, Jacyra Andrade. **Vogais antes de acento em Ribeirópolis – SE**. 1979. 290f. v. I e II. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1979.

NARO, Anthony. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 43-50.

NARO, Antony J. & VOTRE; Sebastião J. SWAVA. **Sistema SWAMINC/VARBRUL** (Manual do Usuário). Rio de Janeiro, UFRJ, 1980.

NASCENTES, Antenor. **O idioma nacional**. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa. 1958-1961. 2v.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr./jun, p.213-219, 1955.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca em 1922**. Rio de Janeiro: Sússekind de Mendonça, [192-].

NIE, N.H.; HULL, C.H.; JENKINS, J.G.; STEINBRENNER, K.; BENT, D.H. **Statistical package for the social sciences**. 2.ed. Chicago: McGraw-Hill, 1979. 675p.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. (Org.). **Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é diverso no universo**. Salvador: Quarteto, 2019.

PAIVA, Maria Cecília. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008, p. 33-42.

PEREIRA, Maria das Neves. **Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar**. 2007. 312f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL JANUÁRIA. Disponível em:
<<https://portal.januaria.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JANAÚBA. Disponível em:<<https://portal.janauba.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PEDRA AZUL. Disponível em:<<https://portal.montesclaros.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UNAÍ. Disponível em: <<https://portal.unai.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS. Disponível em:
<<https://portal.montesclaros.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRAPORA. Disponível em:
<<https://portal.pirapora.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TEÓFILO OTONI. Disponível em:
<<https://portal.teofilootoni.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DIAMANTINA. Disponível em:
<<https://portal.diamantina.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Disponível em:
<<https://portal.uberlandia.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PATOS DE MINAS. Disponível em:
<<https://portal.patosdeminas.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA VERDE. Disponível em:
<<https://portal.campinaverde.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Disponível em:
<<https://portal.belo Horizonte.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IPATINGA. Disponível em:
<<https://portal.ipatinga.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSOS. Disponível em:
<<https://portal.passos.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA. Disponível em:
<<https://portal.formiga.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. Disponível em:
<<https://portal.ouropreto.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VIÇOSA. Disponível em:
<<https://portal.vicosa.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAVRAS. Disponível em:
<<https://portal.lavras.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. Disponível em:
<<https://portal.saojoaodelrei.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MURIAÉ. Disponível em:
<<https://portal.muriae.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE POÇOS DE CALDAS. Disponível em:
<<https://portal.pocosdecaldas.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA. Disponível em:
<<https://portal.juizdefora.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJUBÁ. Disponível em:
<<https://portal.itajuba.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PRINCE, A; SMOLENSKY, P. **Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar**. Baltimore: The Johns Hopkins University, 1993.

RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha; SANCHES, Romário Duarte. **Atlas linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

RAZKY, Abdelhak. **Atlas linguístico sonoro do Estado do Pará** (ALiSPA 1.1). Belém: s/ed. 2004 (Programa em CD-ROM).

REIS, Regiane Coelho Pinheiro. **Atlas Linguístico Etnográfico da fronteira Brasil/Paraguai: um registro das línguas em contato**. 2013. 467f. 3 v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

REZENDE, Fernanda Alvarenga. **O processo variável do abaixamento das vogais médias pretônicas no município de Monte Carmelo-MG**. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

RIBEIRO, José et al. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. v.1, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”**. 2012. 793f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ROMANO, Valter Pereira. **Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão**. Entretextos, Londrina, v.13, nº 02, 2013, p. 203-242. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil**. 2015. 402f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. **Uma breve incursão pela fala culta recifense: vogais médias pretônicas à luz da Sociolinguística**. CALIGRAMA, Belo Horizonte, v. 17, n.2, p.7-30, 2012.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali and; SMITH, Eric. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando pelos caminhos do falar fluminense**. 2016. 200f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SILVA, Ailma do Nascimento. **As pretônicas no falar teresinense**. 2009. 236f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolinguística. Teoría y análisis**. Madri, Alhambra, 1988.

SILVA, Maria Emília Barcellos da. **Os estudos dialetológicos e o seu compromisso com o ensino**. Revista da ABF, Rio de Janeiro, v. II, n. 01, 2003, p. 75-93. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/abf/volume2/numero1>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

SILVA, Myrian Barbosa da. **Vogais pretônicas no Brasil**: uma proposta de descrição a partir de Salvador. São Paulo: Blucher, 2021. *E-book* Cf. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/journal-list>. Acesso em: 28 jul. 2021

SILVA, Myrian Barbosa da. **Uma possível história das pretônicas brasileiras**. Revista Linguística, Rio de Janeiro, v. 46, 2013, p. 121-138.

SILVA, Myrian Barbosa da. **As pretônicas no falar baiano**. 1989. 377f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, Thaís Cristófar. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA, Daiane Silva. **As vogais médias pretônicas na fala de Goiás com base nos dados do Projeto ALiB**. 2018. 144f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. **Cartografia e georreferenciamento na geolinguística**: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes. 2018. 485f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

TONDINELI, Patrícia Goulart. **A variação fonética das vogais médias pré e postônicas na variedade linguística de Montes Claros/MG**. 2010. 195f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010.

TONDINELI, Patrícia Goulart. **A variação das vogais médias pretônicas na mesorregião do norte de Minas sob a ótica da Teoria dos Sistemas Complexos**. 2015. 391f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2015.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In.: RAENDONCK, D. V. et al. l. (Orgs.). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, p. 367-409.

THUN, Harald. **Atlas linguístico diatópico y diastrático del Uruguay**. t.1. Kiel: Westensee-Verl., 2000.

THUN, Harald. A Dialectologia Pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (org.) **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. Pp.63-92.

TRUDGILL, Peter. Sexo e prestígio linguístico. In: AEBISCHER, Verena; FOREL, Claire (Orgs.). **Falas masculinas, falas femininas? Sexo e linguagem**. Tradução de CRUZ, Celene et al. São Paulo: Brasiliense, 1991.

TRASK, Robert Lawrence. **A dictionary of Phonetics and Phonology**. Universidade de Indiana: Routledge, 1996.

VIANA, Vanessa Faria. **As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística**. 2008. 146f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2008.

VIEGAS, Maria do Carmo (org.). **Minas é singular**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013.

VIEGAS, Maria do Carmo (org.). **Minas é plural**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

VIEGAS, Maria do Carmo. **O alçamento das vogais médias pretônicas e os itens lexicais**. 2001. 231f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais. 2001

VIEGAS, Maria do Carmo. **Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. 1987. 257f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. Os falares Mineiros: Esboço de um atlas linguísticos de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.) **A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas**. 1 ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998, v. 1, p. 31-54.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro 6 - Perfil dos informantes por localidade (continua)

NOME DA LOCALIDADE/CÓDIGO	Nº/NOME DO INFORMANTE		SEXO	IDADE	FAIXA ETÁRIA	GRAU DE ESCOLARIDADE	PROFISSÃO OCUPAÇÃO	ESTADO CIVIL
JANUÁRIA/127	01	MMLB	M	26	1	Fundamental incompleto	Servente de pedreiro	Solteiro
	02	VTO	F	18	1	Fundamental incompleto	Babá/Manicure	Solteiro
	03	WPS	M	59	2	Fundamental incompleto	Lavrador	Casado
	04	MAS	F	51	2	Fundamental incompleto	Embaladora de aguardente	Casada
JANAÚBA/128	01	CPS	M	28	1	Fundamental incompleto	Fruticultura	Solteiro
	02	MRD	F	29	1	Fundamental incompleto	Dona de casa/doméstica	Casada
	03	JAS	M	50	2	Fundamental incompleto	Lavrador	Casado
	04	AFL	F	60	2	Fundamental incompleto	Merendeira/lavradora	Casada
PEDRA AZUL/129	01	RBG	M	21	1	Fundamental incompleto	Serviços Gerais/Medição de área para empresa de energia	Solteiro
	02	MJS	F	25	1	Fundamental incompleto	Arrumadeira/Babá	Casada
	03	MASC	M	52	2	Fundamental incompleto	Pedreiro/Lavrador	Casado
	04	JRS	F	52	2	Fundamental incompleto	Funcionária da prefeitura (creche)	Casada
UNAÍ/130	01	VAMA	M	26	1	Fundamental incompleto	Serviços Gerais	Outro
	02	JLC	F	23	1	Fundamental incompleto	Dona-de-casa	Solteira
	03	VPS	M	65	2	Fundamental incompleto	Funcionário Público	Casado
	04	NLT	F	67	2	Fundamental incompleto	Dona-de-casa	Casado
MONTES CLAROS/131	01	TAO	M	23	1	Fundamental incompleto	Auxiliar de cozinha	Solteiro
	02	GGD	F	23	1	Fundamental incompleto	Vendedora ambulante	Casada
	03	JSMF	M	52	2	Fundamental incompleto	Funcionário público municipal/vigilante	Casado
	04	LPS	F	65	2	Fundamental incompleto	Serviços gerais	Divorciada
PIRAPORA/132	01	JFFM	M	27	1	Fundamental incompleto	Mecânico de bicicleta	Casado
	02	MRPL	F	24	1	Fundamental incompleto	Dona de casa	Casada
	03	CGSF	M	59	2	Fundamental incompleto	Fiscal de obra e urbanismo	Casada
	04	APS	F	54	2	Fundamental incompleto	Funcionária pública escola - portaria	Solteiro

Fonte: Dados do Projeto ALiB, elaborado pelo autor

APÊNDICE A – Quadro 6 - Perfil dos informantes por localidade (continuação)

NOME DA LOCALIDADE/CÓDIGO	Nº/NOME DO INFORMANTE		SEXO	IDADE	FAIXA ETÁRIA	GRAU DE ESCOLARIDADE	PROFISSÃO OCUPAÇÃO	ESTADO CIVIL
TEÓFILO OTONI/133	01	WLRS	M	19	1	Fundamental incompleto	Oficina (lavagem de carros/mecânica de veículos	Casado
	02	SRB	F	24	1	Fundamental incompleto	Desempregada/(babá)	Solteiro
	03	PFS	M	60	2	Fundamental incompleto	Motorista de táxi	Divorciado
	04	MPMC	F	51	2	Fundamental incompleto	Faxineira	Viúva
DIAMANTINA/134	01	LHO	M	21	1	Fundamental incompleto	Pintor de automóvel	Casado
	02	MJS	F	21	1	Fundamental incompleto	Dona de casa	Casada
	03	SFP	M	55	2	Fundamental incompleto	Auxiliar de transporte	Casado
	04	ASA	F	56	2	Fundamental incompleto	Costureira	Viúva
UBERLÂNDIA/135	01	ASF	M	23	1	Fundamental incompleto	Ajudante de metalúrgica	Casado
	02	LES	F	27	1	Fundamental incompleto	Dona-de-casa	Casada
	03	JS	M	49	2	Fundamental incompleto	Funcionário público municipal	Outro
	04	CMSF	F	57	2	Fundamental incompleto	Empregada doméstica	Solteiro
PATOS DE MINAS/136	01	JM	M	24	1	Fundamental incompleto	Auxiliar de produção	Solteiro
	02	HCSM	F	27	1	Fundamental incompleto	Empregada doméstica	Casado
	03	AR	M	51	2	Fundamental incompleto	Mototaxista	Casado
	04	MAFS	F	51	2	Fundamental incompleto	Auxiliar nos serviços de alimentação	Casada
CAMPINA VERDE/137	01	LAF	M	19	1	Fundamental completo	Frentista de posto	Solteiro
	02	SMSB	F	25	1	Fundamental completo	Recepcionista	Solteira
	03	NFB	M	43	2	Fundamental incompleto	Aposentado – mecânico/motorista	Casado
	04	NC	F	66	2	Fundamental Incompleto	Doméstica	Casado
BELO HORIZONTE/138	01	RLC	M	27	1	Fundamental completo	Motoboy	Outro
	02	CAS	F	24	1	Fundamental completo	Garçonete	Outro
	03	WN	M	56	2	Fundamental incompleto	Porteiro	Casado
	04	RMLF	F	53	2	Fundamental incompleto	Cozinheira	Outro

Fonte: Dados do Projeto ALiB, elaborado pelo autor

APÊNDICE A – Quadro 6 - Perfil dos informantes por localidade (continuação)

NOME DA LOCALIDADE/CÓDIGO	Nº/NOME DO INFORMANTE		SEXO	IDADE	FAIXA ETÁRIA	GRAU DE ESCOLARIDADE	PROFISSÃO OCUPAÇÃO	ESTADO CIVIL
IPATINGA/139	01	MAS	M	29	1	Fundamental incompleto	Mensageiro em hotel	Casado
	02	DLT	F	21	1	Fundamental incompleto	Não obteve	Casada
	03	EO	M	57	2	Fundamental incompleto	Metalúrgico	Casado
	04	MFBS	F	52	2	Fundamental incompleto	Não obteve	Casado
PASSOS/140	01	RFS	M	24	1	Fundamental incompleto	Garçom	Casado
	02	TSC	F	28	1	Fundamental incompleto	Garçonete	Solteira
	03	SCN	M	59	2	Fundamental incompleto	Motorista	Viúvo
	04	MACT	F	67	2	Fundamental incompleto	Dona-de-casa	Casada
FORMIGA/141	01	PHVA	M	21	1	Fundamental incompleto	Motoboy	Solteiro
	02	FFD	F	29	1	Fundamental incompleto	Auxiliar nos serviços de alimentação	Casado
	03	JTC	M	52	2	Fundamental incompleto	Motorista	Viúvo
	04	MA	F	50	2	Fundamental incompleto	Cozinheira	Divorciado
VIÇOSA/143	01	DLA	M	26	1	Fundamental completo	Jardineiro Praça de viçosa	Outro
	02	JALB	F	31	1	Fundamental completo	Doméstica	Casada
	03	EA	M	58	2	Fundamental incompleto	Pedreiro	Casado
	04	HCAR	F	54	2	Fundamental completo	Auxiliar de cabelereiro	Outro
LAVRAS/144	01	DVF	M	21	1	Fundamental completo	Serviços operacionais Prefeitura	Solteiro
	02	ARAM	F	31	1	Fundamental incompleto	Serviços Gerais	Casado
	03	ACJ	M	52	2	Fundamental incompleto	Funcionário público municipal	Casado
	04	RATS	F	59	2	Fundamental incompleto	Merendeira	Casado
MURIAÉ/146	01	MAP	M	21	1	Fundamental completo	Recepcionista hotel	Solteiro
	02	CSPD	F	25	1	Fundamental incompleto	Costureira	Casada
	03	SJS	M	56	2	Fundamental incompleto	Mecânico	Divorciado
	04	LS	F	57	2	Fundamental incompleto	Doméstica	Casada

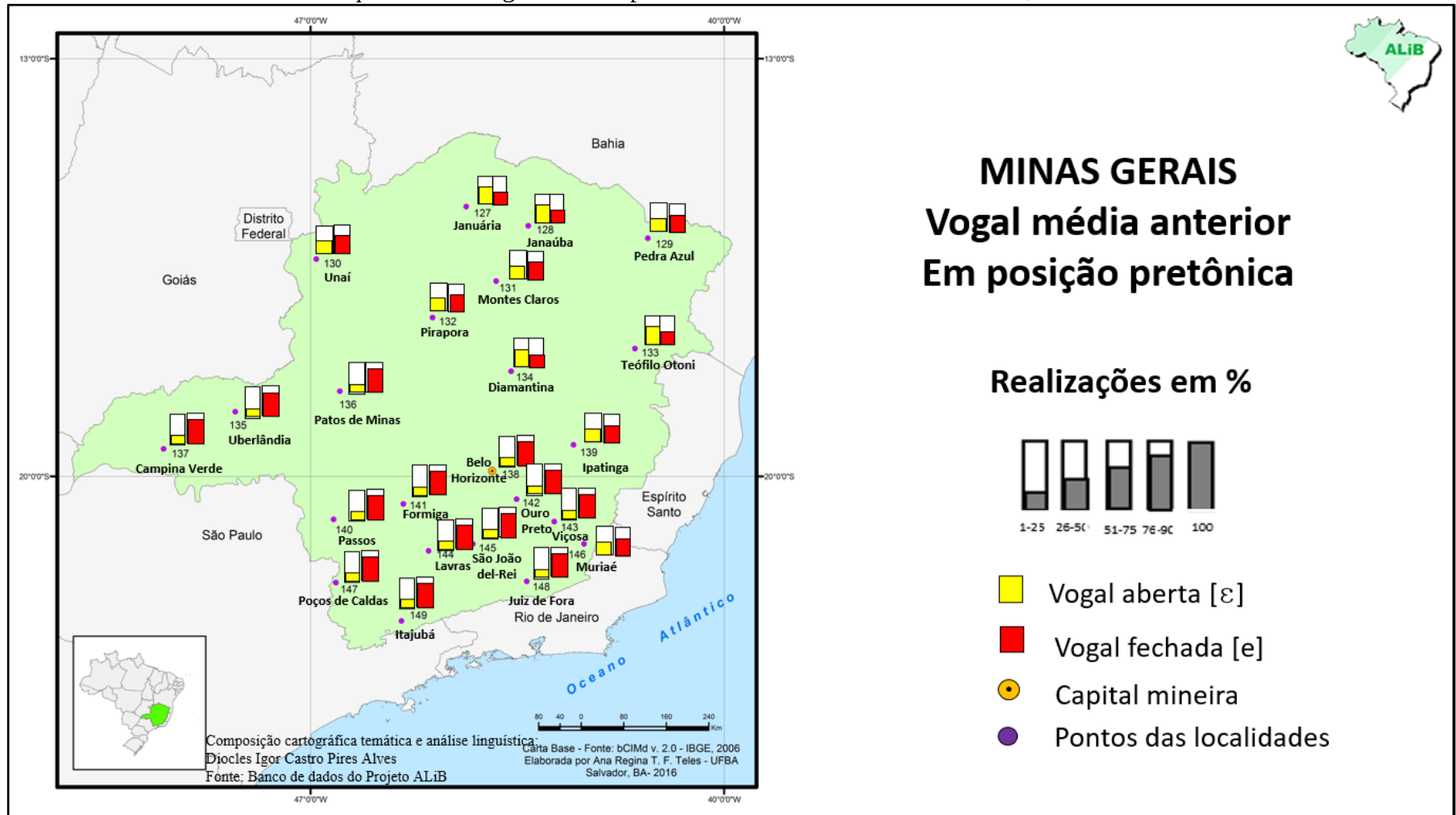
Fonte: Dados do Projeto ALiB, elaborado pelo autor

APÊNDICE A -Quadro 6 - Perfil dos informantes por localidade (conclusão)

NOME DA LOCALIDADE/CÓDIGO	Nº/NOME DO INFORMANTE		SEXO	IDADE	FAIXA ETÁRIA	GRAU DE ESCOLARIDADE	PROFISSÃO OCUPAÇÃO	ESTADO CIVIL
POÇOS DE CALDAS/147	01	BEM	M	30	1	Fundamental incompleto	Encanador para empresa	Casado
	02	PBB	F	23	1	Fundamental completo	Agente endemias (saúde)	Casada
	03	FCR	M	50	2	Fundamental incompleto	Charreteiro turístico da cidade	Casado
	04	DPV	F	65	2	Fundamental incompleto	Vendedora	Casada
ITAJUBÁ/149	01	OHSS	M	22	1	Fundamental completo	Recepcionista	Solteiro
	02	LASS	F	26	1	Fundamental incompleto	Dona de casa	Casada
	03	CRM	M	60	2	Fundamental incompleto	Office boy	Casado
	04	MGG	F	57	2	Fundamental completo	Auxiliar de limpeza	Viúva

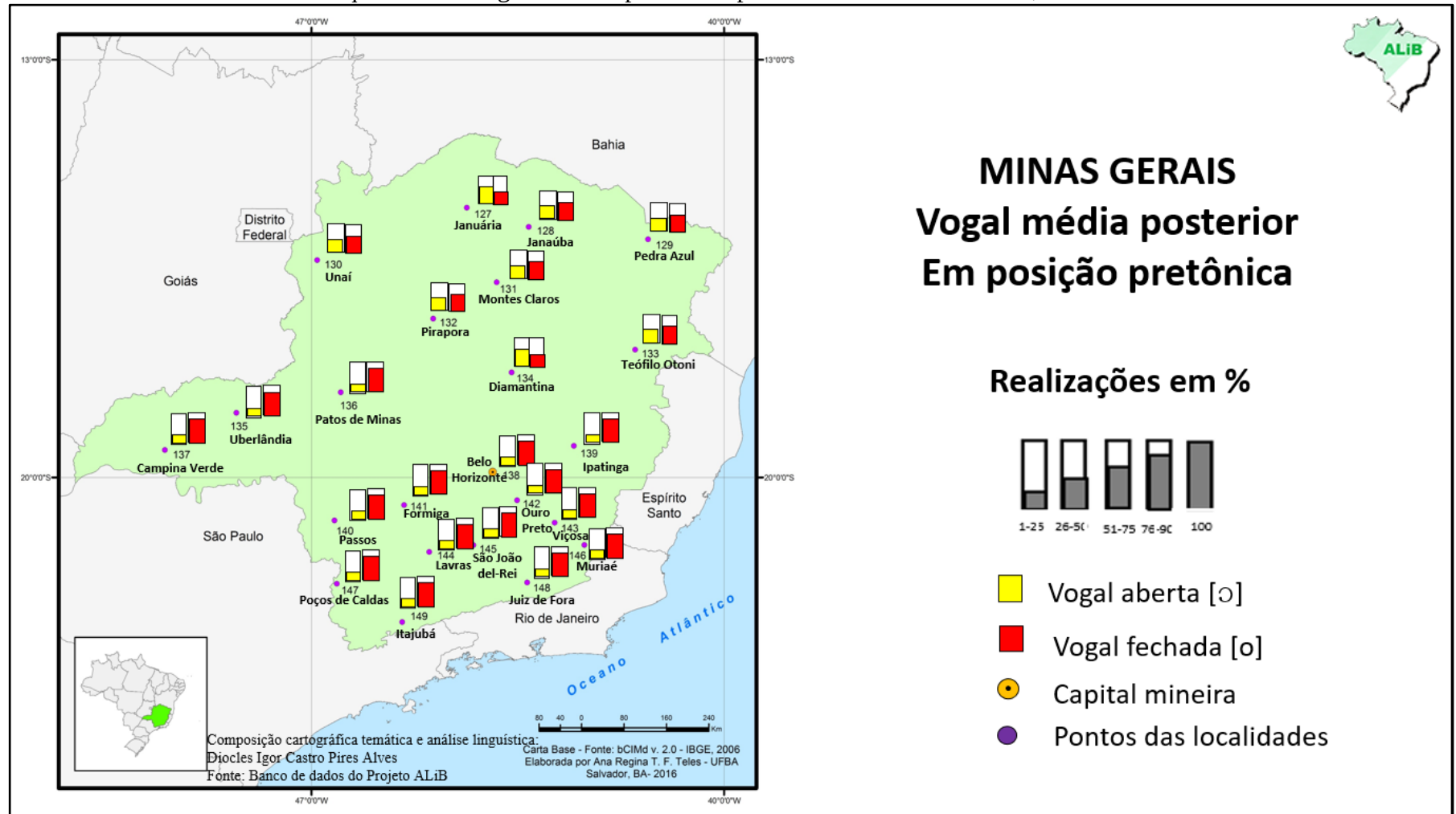
Fonte: Dados do Projeto ALiB, elaborado pelo autor

APÊNDICE B – Carta 10 - Frequência das vogais médias pretônicas anteriores em Minas Gerais, conforme ALiB



Fonte: Dados do Projeto ALiB, elaborada pelo autor

APÊNDICE C – Carta 11 - Frequência das vogais médias pretônicas posteriores em Minas Gerais, conforme ALiB



Fonte: Dados do Projeto ALiB, elaborado pelo autor

ANEXOS

ANEXO A – Quadro 7 - Pontos e localidades do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (continua)

PONTOS E LOCALIDADES DO ESBOÇO DE UM ATLAS LINGUÍSTICO DE MINAS GERAIS					
Pontos	Localidades	Pontos	Localidades	Pontos	Localidades
1	Januária	26	Centralina	51	Piuí
2	Paracatu	27	Monte Alegre	52	Cordisburgo
3	João Pinheiro	28	Uberlândia	53	Sete Lagoas
4	São Romão	29	Araguari	54	Belo Horizonte
5	Pirapora	30	Indianópolis	55	Sabará
6	Jequitaiá	31	Monte Carmelo	56	Itabira
7	Coração de Jesus	32	Patrocínio	57	Nova Era
8	Capitão Enéias	33	Patos de Minas	58	Timóteo
9	Montes Claros	34	São Gotardo	59	Caratinga
10	Bocaiúva	35	Pompéu	60	Galiléia
11	Medina	36	Água Boa	61	Divinópolis
12	Virgem da Lapa	37	Açucena	62	Pará de Minas
13	Araçuaí	38	Governador Valadares	63	Itaúna
14	Padre Paraíso	39	Mantena	64	Congonhas do Campo
15	Almenara	40	Prata	65	Conselheiro Lafaiete
16	Curvelo	41	Comendador Gomes	66	Ouro Preto
17	Diamantina	42	Frutal	67	Mariana
18	Serro	43	Planura	68	Ponte Nova
19	Ladainha	44	Veríssimo	69	Manhumirim
20	Poté	45	Uberaba	70	Passos
21	Teófilo Otoni	46	Sacramento	71	Alfenas
22	Águas Formosas	47	Araxá	72	Varginha
23	Nanuque	48	Dores do Indaiá	73	Formiga
24	Santa Vitória	49	Bom Despacho	74	Oliveira
25	Ituiutaba	50	Bambuí	75	Viçosa

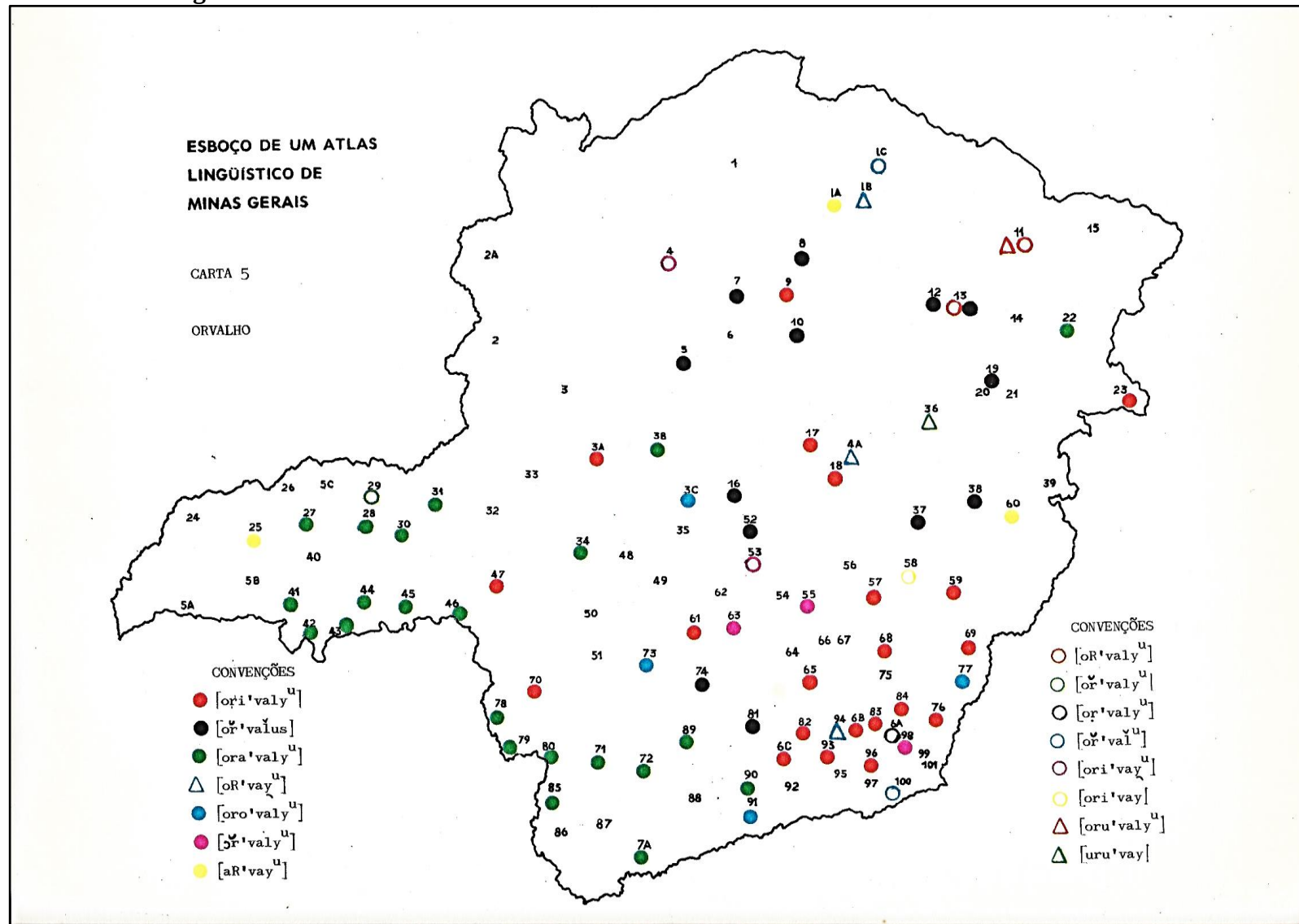
Fonte: Adaptado de Ribeiro et al. (1977)

ANEXO A – Quadro 7 - Pontos e localidades do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (conclusão)

PONTOS E LOCALIDADES DO ESBOÇO DE UM ATLAS LINGUÍSTICO DE MINAS GERAIS					
Pontos	Localidades	Pontos	Localidades	Pontos	Localidades
76	Muriaé	91	Liberdade	3A	São Gonçalo do Abaeté
77	Carangola	92	Olaria	3B	Barreiro Grande
78	São Sebastião do Paraíso	93	Santos Dumont	3C	Felixiândia
79	Guaxupé	94	Mercês	4A	Santo Antônio do Itambé
80	Muzambinho	95	Juiz de Fora	5A	Iturama
81	São João del-Rei	96	São João Nepomuceno	5B	Campina Verde
82	Barbacena	97	Mar de Espanha	5C	Tupaciguara
83	Ubá	98	Cataguases	6A	Silverânea
84	Visconde do Rio Branco	99	Leopoldina	6B	Rodeiro
85	Poços de Caldas	100	Além Paraíba	6C	Ibertioga
86	Ouro Fino	101	Pirapetinga	7A	Itajubá
87	Pouso Alegre	1ª	Janaúba		
88	Caxambu	1B	Porteirinha		
89	Lavras	1C	Mato Verde		
90	Andrelândia	2ª	Unaí		

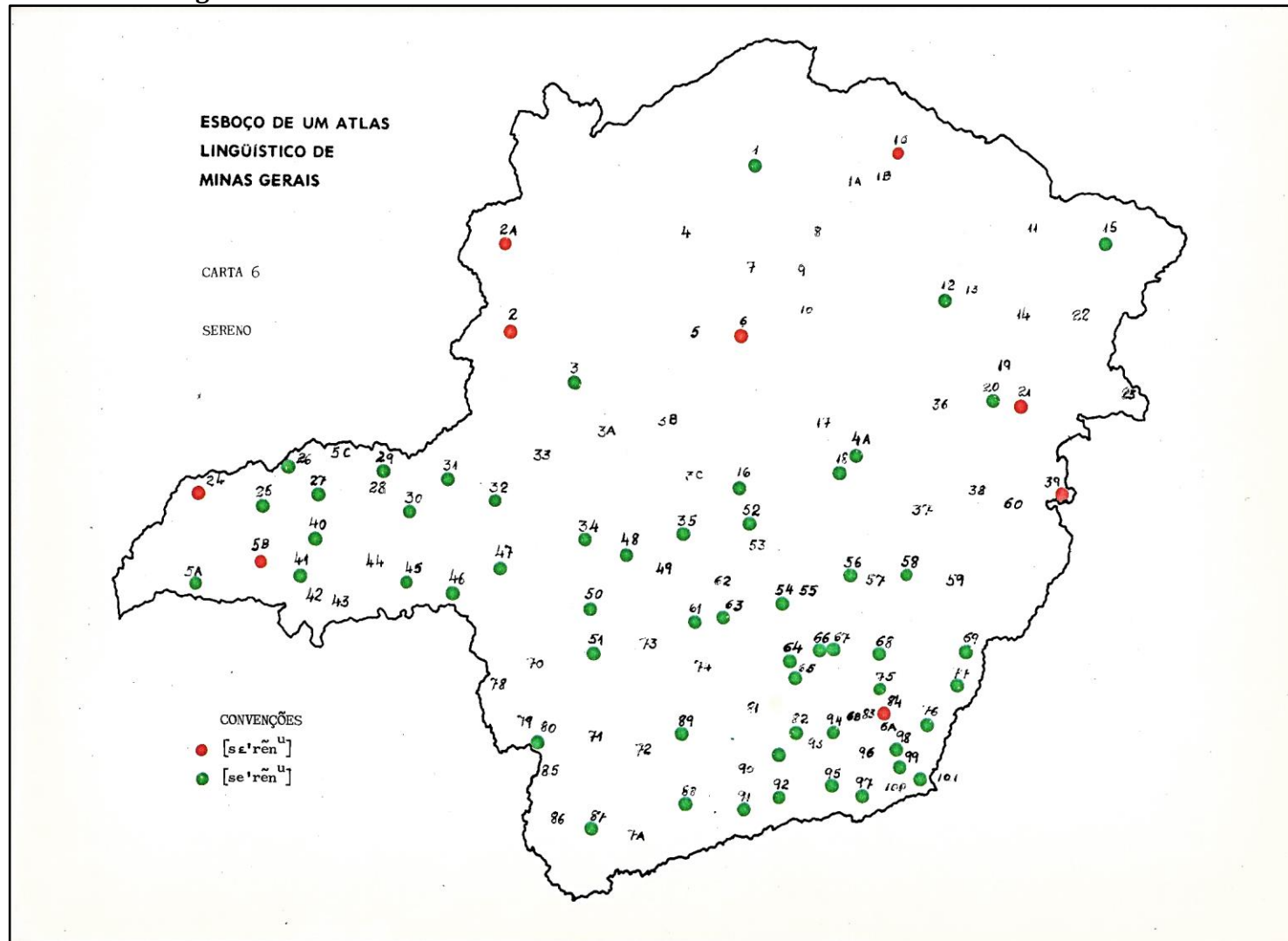
Fonte: Adaptado de Ribeiro et al. (1977)

ANEXO B – Figura 51 – Carta 5 do EALMG



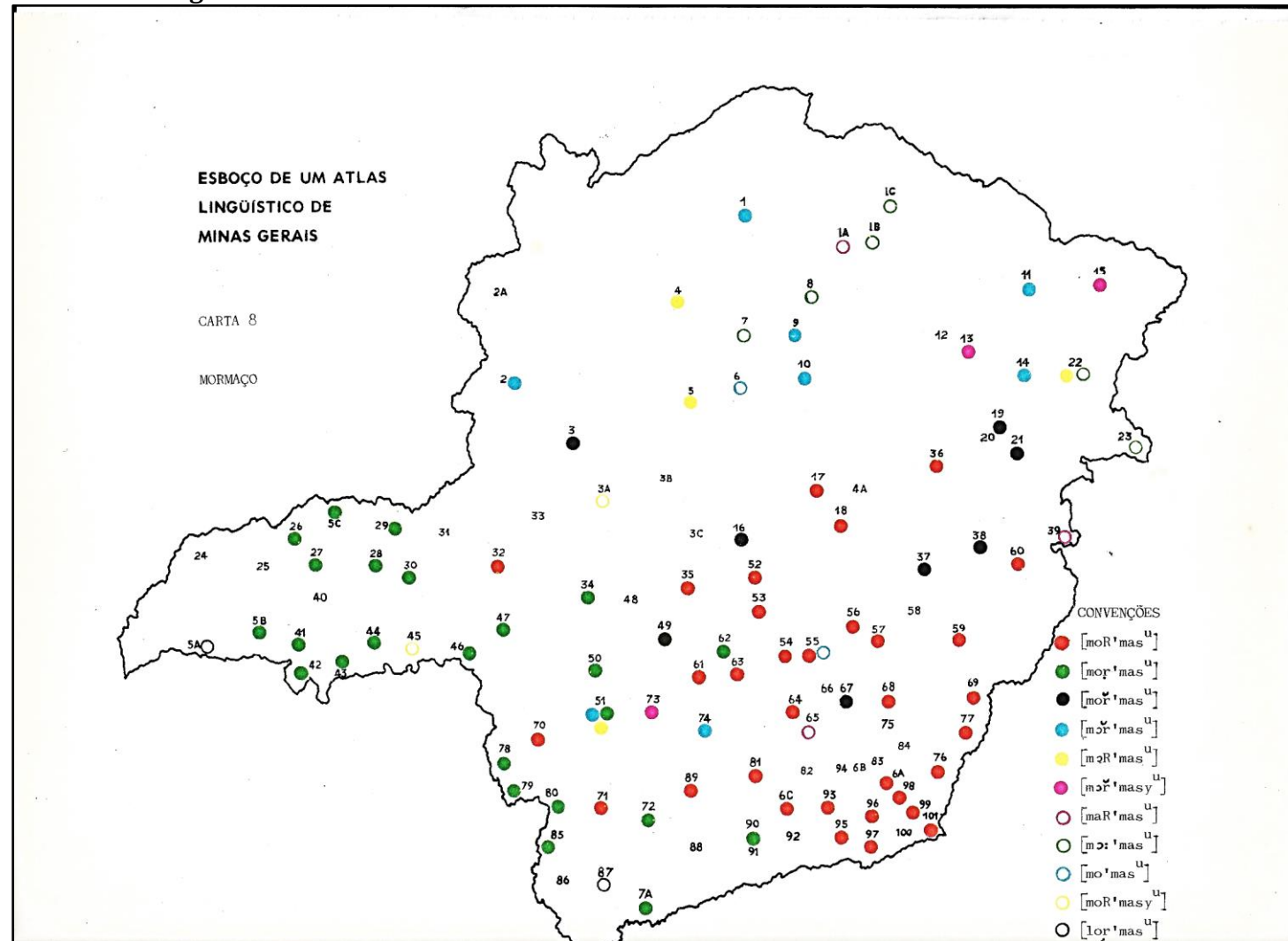
Fonte: EALMG (RIBEIRO et al., 1977, p. 91)

ANEXO C –Figura 52 – Carta 6 do EALMG



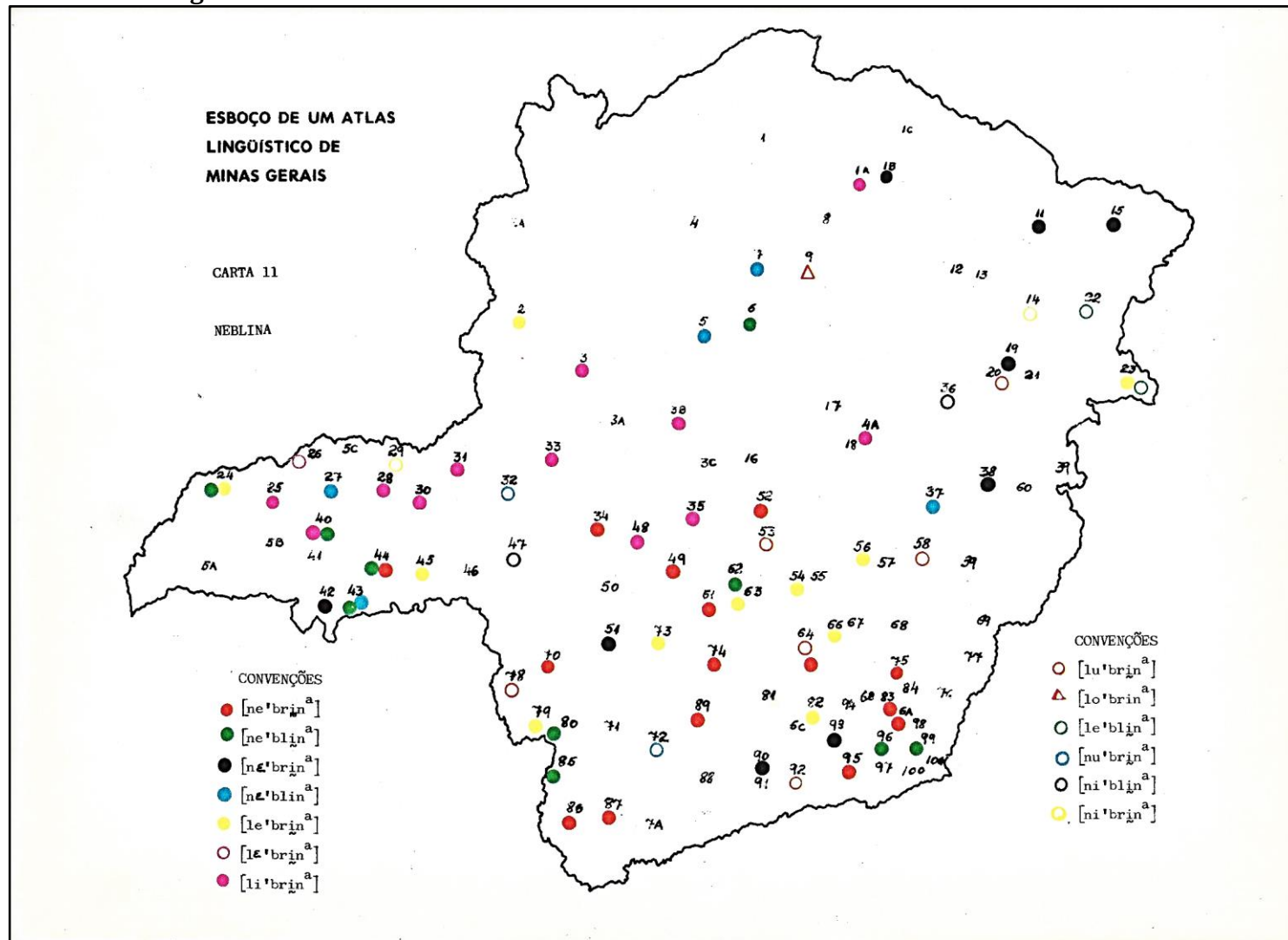
Fonte: EALMG (RIBEIRO et al., 1977, p. 92)

ANEXO D –Figura 53 – Carta 8 do EALMG



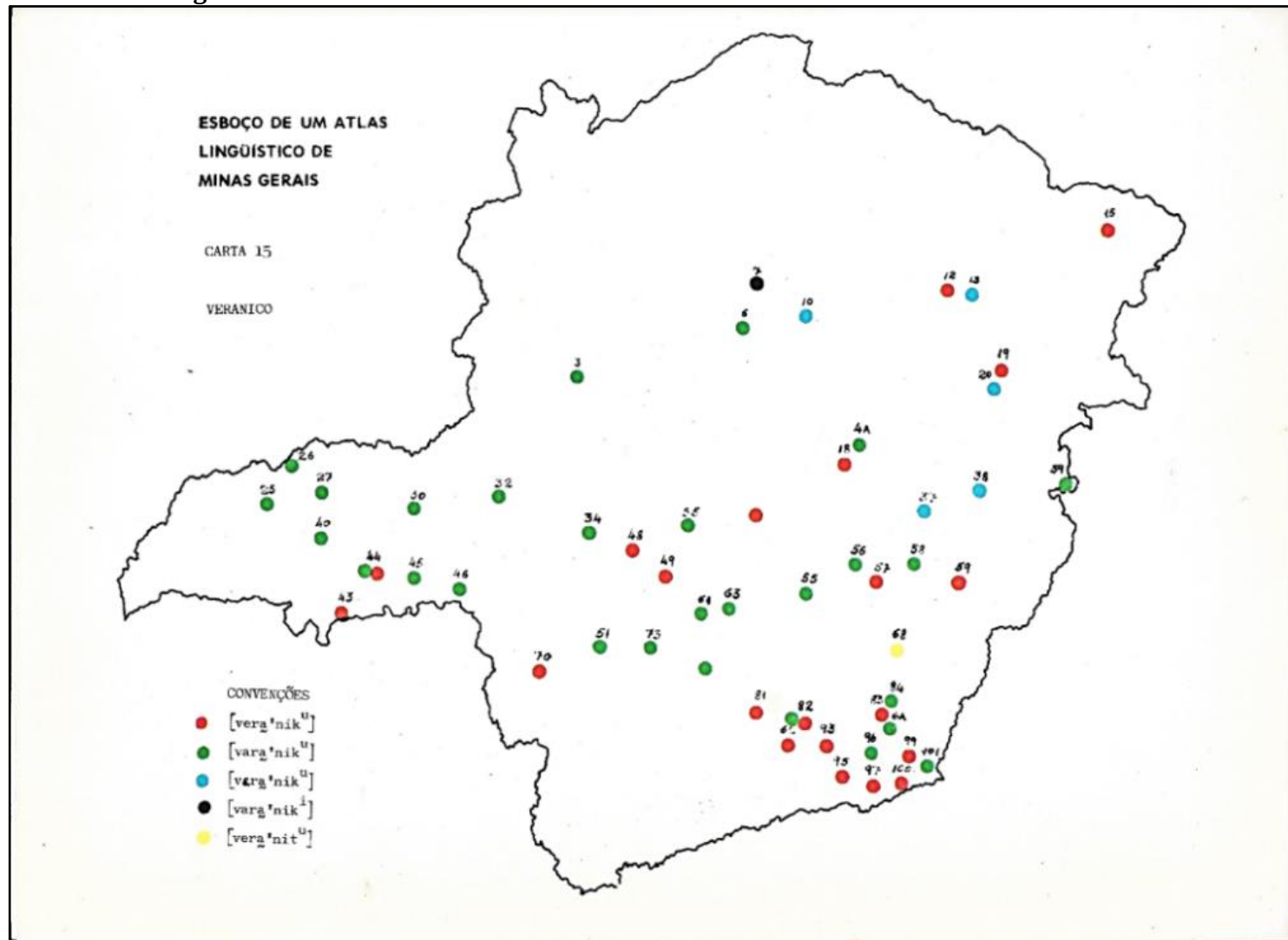
Fonte: EALMG (RIBEIRO et al., 1977, p. 95)

ANEXO E – Figura 54 – Carta 11 do EALMG



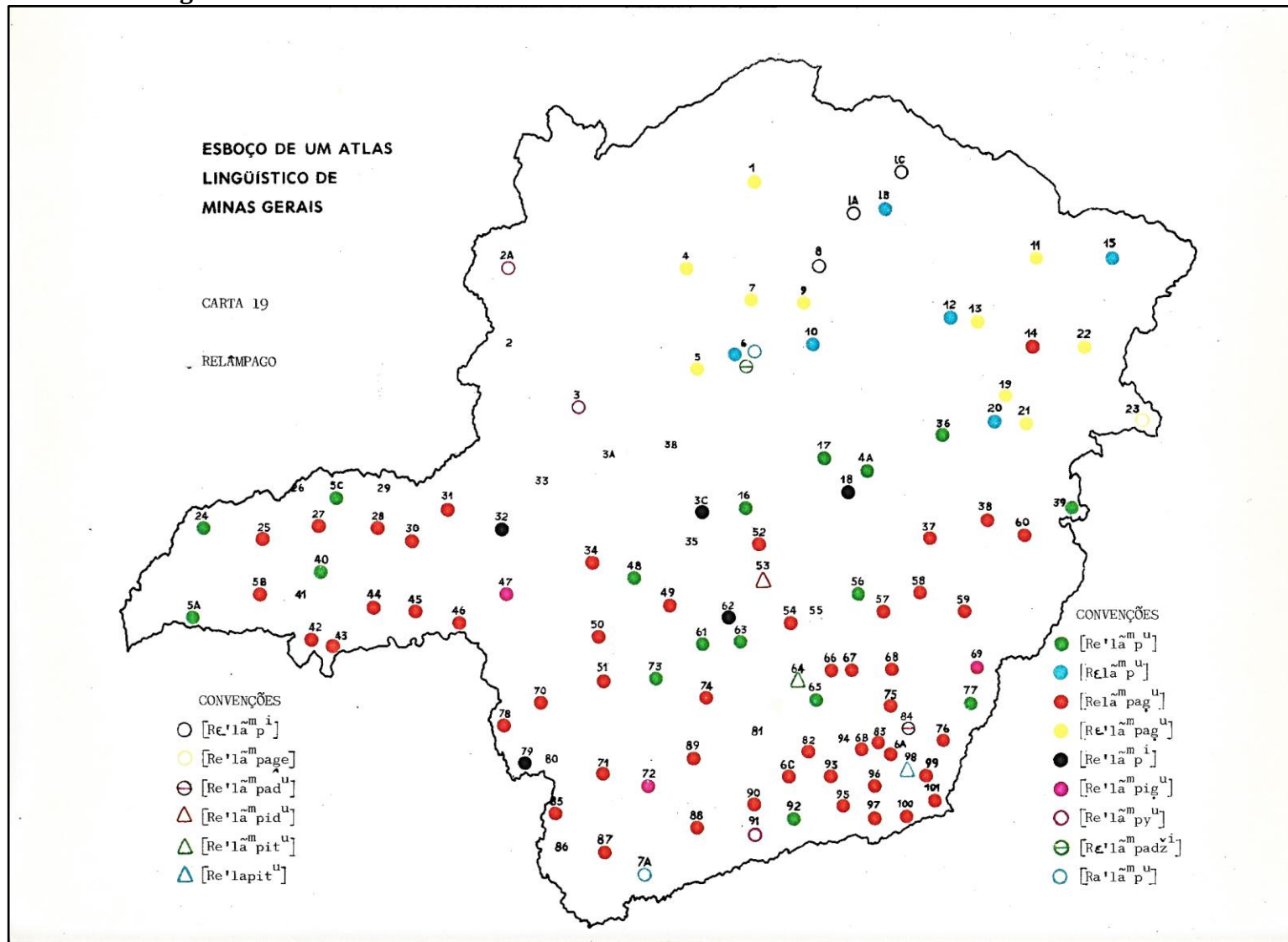
Fonte: EALMG (RIBEIRO et al., 1977, p. 98)

ANEXO G – Figura 55 – Carta 15 do EALMG



Fonte: EALMG (RIBEIRO et al., 1977, p. 102)

ANEXO H – Figura 56 – Carta 19 do EALMG



Fonte: EALMG (RIBEIRO et al., 1977, p. 106)